

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
DOUTORADO EM HISTÓRIA E CONEXÕES ATLÂNTICAS: CULTURAS E
PODERES

ELISANGELA COELHO MORAIS

**REPRESENTAÇÕES DAS RELAÇÕES ENTRE CRISTÃOS E NÃO-CRISTÃOS
NA *CHANSON DE ROLAND* E EM *FIERABRAS* DURANTE A MONARQUIA
CAPETÍNGIA DO SÉCULO XII**

**SÃO LUÍS
2023**

ELISANGELA COELHO MORAIS

**REPRESENTAÇÕES DAS RELAÇÕES ENTRE CRISTÃOS E NÃO-CRISTÃOS
NA *CHANSON DE ROLAND* E EM *FIERABRAS* DURANTE A MONARQUIA
CAPETÍNGIA DO SÉCULO XII**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Maranhão, como requisito parcial para obtenção do Grau de Doutor. Área de Concentração: História e Conexões Atlânticas: Culturas e Poderes.

Linha de Pesquisa: Linguagens, Religiosidades e Culturas.

Orientador(a): Profa. Dra. Adriana Maria de Sousa Zierer

**SÃO LUÍS
2023**

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a)
autor(a). Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Coelho Moraes, Elisângela.
REPRESENTAÇÕES DAS RELAÇÕES ENTRE CRISTÃOS E NÃOCRISTÃOS
NA CHANSON DE ROLAND E EM FIERABRAS DURANTE A
MONARQUIA CAPETÍNGIA DO SÉCULO XII / Elisângela Coelho
Moraes. - 2023.
282 f.

Orientador(a): Adriana Maria de Sousa Zierer.
Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em
História/cch, Universidade Federal do Maranhão, São Luis,
2023.

1. Cavalaria. 2. Chanson de Roland. 3. Fierabras. 4.
Islã. 5. Religiosidade. I. de Sousa Zierer, Adriana
Maria. II. Título.

ELISANGELA COELHO MORAIS

**REPRESENTAÇÕES DAS RELAÇÕES ENTRE CRISTÃOS E NÃO-CRISTÃOS
NA *CHANSON DE ROLAND* E EM *FIERABRAS* DURANTE A MONARQUIA
CAPETÍNGIA DO SÉCULO XII**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da
Universidade Federal do Maranhão, como requisito parcial para
obtenção do Grau de Doutor. Área de Concentração: História e
Conexões Atlânticas: Culturas e Poderes.

Linha de Pesquisa: Linguagens, Religiosidades e Culturas.

Orientadora: Profa. Dra. Adriana Maria de Sousa Zierer

Aprovada em 21 / 09 / 2023

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Adriana Maria de Sousa Zierer– (UFMA)

Profa. Dra. Rita de Cássia Mendes Pereira (UESB)

Profa. Dra. Luciana Eleonora Calado Deplagne (UFPB)

Profa. Dra. Ana Paula Tavares Magalhães (USP)

Profa. Dra. Ana Márcia Siqueira (UFC)

Profa. Dr. Lyndon de Araújo Santos (UFMA) (suplente)

Dedicatória

Dedico o fruto desta jornada, primeiramente, à minha família, meu alicerce. Expresso também minha gratidão a todos os meus amigos, professores e colegas de curso e dos grupos de pesquisa pelas trocas de experiência e conhecimento fundamentais para o meu crescimento intelectual.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me concedido a graça de concluir esse trabalho e à intercessão de Nossa Senhora de Nazaré.

Aos meus pais, Maria Tereza e José Maria, pelo apoio e incentivo em toda a vida pessoal e acadêmica.

Aos meus irmãos Elisabeth e Eduardo, por estarem ao meu lado em todos os momentos.

À minha orientadora Adriana Zierer, por sua sabedoria, conhecimento, incentivo e palavras inspiradoras levadas para a vida, que foram de vital importância na minha caminhada de pesquisadora e profissional.

A todos os professores do PPGHIS, que contribuíram com seu trabalho e exemplos de formadores e amigos;

Aos colegas da turma de Doutorado que me estimularam a me dedicar nas aulas e na pesquisa, E com suas palavras tranquilizavam e esclareciam as dúvidas nos momentos de inquietude.

Aos amigos do Grupo de Pesquisa HILL (História, Cultura Letrada e outras Linguagens) tanto dos que por lá passaram como os atuais membros, em especial à Prof.^a. Dra. Régia Agostinho, que desde a graduação foi modelo de dedicação e amor à literatura.

Aos companheiros do BRATHAIR, que de uma forma ou de outra trazem com suas pesquisas novas perspectivas de olhar o passado.

Por fim, gostaria de dar meus agradecimentos à CAPES, por seu apoio financeiro, e a todos que eu porventura tenha suprimido dessa lista, estejam certos de que suas contribuições enriqueceram esse trabalho e minha caminhada até aqui.

Há três caminhos para o fracasso: não ensinar o que se sabe, não praticar o que se ensina, não perguntar o que se ignora. ”

(São Beda)

LISTA DE QUADROS

Fig.	REFERÊNCIA	Pág.
1	Personagens convertidos em <i>Fierabras</i> e na <i>Chanson de Roland</i>	87

RESUMO

A pesquisa aqui apresentada, procura analisar como foram construídas representações discursivas acerca da relação entre cristãos e não-cristãos durante a monarquia Capetíngia na França do século XII , assim como sua consolidação se efetivou no imaginário social da época, para isso serão utilizadas duas canções de gesta: *La Chanson de Roland*, em duas versões, uma escrita entre o final do século XI e início do século XII, contida no Manuscrito de Oxford, e outra versão, do segundo quarto do século XII, escrita no Manuscrito de *Châteauroux*. A outra gesta utilizada é o texto contemporâneo a *Châteauxoux*, chamado *Fierabras*, onde vemos os mesmos personagens da *Chanson de Roland*, envolvidos no embate contra os sarracenos, liderados por Fierabras, de Alexandria e seu pai, o *al mirant* Balan, após estes terem saqueado a cidade de Roma e tomado as relíquias da Paixão de Cristo. Analisando esses escritos, utilizando os conceitos de representação, e alteridade percebemos as impressões dos cristãos sobre os islâmicos e as visões que estes têm sobre os cristãos, assim como as repercussões advindas desse encontro. Assim como a análise sob o ponto de vista decolonial encontramos fortes indícios dessas narrativas além do Atlântico, no território brasileiro sob várias manifestações culturais e de cunho religioso.

Palavras-chave: *Chanson de Roland*. Fierabras. Representação. Islã.

ABSTRACT

The research presented here seeks to analyze how discursive representations were constructed about the relationship between Christians and non-Christians during the Capetian monarchy in France in the 12th century, as well as how its consolidation took place in the social imagination of the time. gesture: *La Chanson de Roland*, in two versions, one written between the end of the 11th century and the beginning of the 12th century, contained in the Oxford Manuscript, and another version, from the second quarter of the 12th century, written in the Châteauroux Manuscript. The other gesture used is the text contemporary to Châteauroux, called *Fierabras*, where we see the same characters from the *Chanson de Roland*, involved in the clash against the Saracens, led by Fierabras, from Alexandria and his father, al mirant Balan, after they had sacked the city of Rome and taken the relics of the Passion of Christ. Analyzing these writings, using the concepts of representation and otherness, we understand the impressions of Christians on Islamists and the views they have on Christians, as well as the repercussions arising from this encounter. Just like the analysis from a decolonial point of view, we find strong evidence of these narratives beyond the Atlantic, in Brazilian territory under various cultural and religious manifestations.

Keywords: *Chanson de Roland* (The Song of Roland). *Fierabras*. Cavalry. Islam.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	6
RESUMO.....	9
INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO 1- CRISTÃOS E PAGÃOS E SUAS REPRESENTAÇÕES NA FRANÇA CAPETINGIA DO SÉCULO XII.....	17
1.1 Pagãos e Cristãos	17
1.2 Expansão Territorial e Religiosa franca na Espanha.....	21
1.2.1 Ismaelitas e Israelitas.....	27
1.3 As Cruzadas e “os inimigos”.....	38
1.4 Conhecimento e preconceito.....	41
1.5 Os “sarracenos”, o fim do mundo e sua presença na <i>Chanson de Roland</i>	46
CAPÍTULO 2- O CRISTÃO E “OUTRO” NA GESTA FIERABRAS.....	59
2.1 Inspiração através das <i>Razzia Sarracena</i>	59
2.2 O sarraceno pelos olhos cristãos.....	75
2.3 Conversão: para evitar a morte ou transformação genuína?.....	80
2.4 A Imagem da mulher sarracena: beleza e status produzem aceitação.....	92
2.5 Idolatria e Politeísmo.....	109
2.6 Recompensas e Punições.....	121
2.7 O “outro” se torna igual.....	130
CAPÍTULO 3- A CHANSON DE ROLAND E SEUS MANUSCRITOS: CONVERGÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS.....	149
3.1 Manuscrito <i>Châteauroux</i> : Uma leitura Cruzada da Época Carolíngia.....	149
3.1.1 <i>Châteauroux</i> x <i>Oxford</i> : Imagens do século XII sobre uma narrativa do século VIII.....	154
3.1.2 Combate ao Infiel: Missão Cruzada na Espanha.....	159
3.1.3 Os pares e o Mensageiro.....	162
3.2 Rei dos Francos, Reis Capetíngios.....	171
3.2.1 Fé e Simbolismo no Campo de Batalha.....	182
3.2.2 A Morte vem para todos.....	189
3.2.3 A cada um, sua recompensa.....	198
3.2.4 Exércitos Espelhados.....	205
3.2.5 Ocupação e Espólios de Guerra.....	213
3.2.6 Julgamento e Justiça.....	222
CAPÍTULO 4- AS NARRATIVAS CAROLÍNGIAS NA PENÍNSULA IBÉRICA E SUA CHEGADA AO NORDESTE BRASILEIRO.....	231
4.1 O Ciclo Carolíngio e sua expansão na <i>Hispania</i>	231
4.2 Carlos Magno e seus Pares em Portugal.....	240
4.3 Do outro lado do Atlântico, as narrativas rolandianas em terras brasileiras.....	244
4.4 Carlos Magno na Terra da Encantaria.....	255
CONSIDERAÇÕES FINAIS	260
REFERÊNCIAS.....	263

INTRODUÇÃO

O século XII, na França foi marcado pela consolidação da monarquia Capetíngia, assim como pelas incursões militares extraterritoriais, isto é, expedições armadas contra os chamados inimigos da Cristandade, conhecidas atualmente como Cruzadas¹, que envolviam povos de várias partes da Europa, objetivando libertar a Terra Santa.

Nesse contexto, intenciona-se demonstrar como essa dinâmica se transfigura nas narrativas sobre Carlos Magno escritas nesse período e como os inimigos são exibidos nesses textos, se suas características e ações tem alguma relação com o que comprovadamente se sabe sobre esses povos através de fontes cristãs, e de fontes por eles produzidas, pretende-se além disso, observar como a nobreza cristã é posta, assim como as lideranças não cristãs, em suas práticas políticas, simbólicas e religiosas.

Outro ponto notado será a participação feminina de ambos os lados dessa configuração narrativa, como elas eram vistas e quais os elementos as uniam e diferenciavam dentro de uma sociedade onde a voz e o poder eram masculinos.

No embate entre cristãos e não cristãos, os últimos têm suas representações² sociais colocadas sob um prisma negativo, desde estudos produzidos por intelectuais eclesiásticos, como nos escritos voltados para o público laico, entre elas, as narrativas cavaleirescas do século XII, conhecidas como romances de cavalaria, que de certa

¹ Guerra proclamada pelo papa em nome de Cristo e travada como iniciativa do próprio Cristo para recuperação da propriedade cristã ou em defesa da Cristandade contra inimigos externos ou internos. O movimento das Cruzadas, que era num certo sentido uma extensão da guerra que estava sendo travada contra os muçulmanos na Espanha e na Sicília, foi muito influenciado pelo conceito de Santo Agostinho de Hipona de violência divinamente autorizada, conceito esse que foi revigorado pelos reformadores papais durante a Questão das Investiduras. A Primeira Cruzada, pregada pelo papa Urbano II no Concílio de Clermont em 1095, tomou Antioquia em 1098 e Jerusalém em 1099, estabelecendo o principado de Antioquia, os condados de Edessa e Trípoli, e o reino latino de Jerusalém, os quais sobreviveram até 1291. Foi justificada com dois argumentos: a recuperação da herança de Cristo (Jerusalém e a Terra Santa à sua volta) e a defesa de irmãos cristãos no Leste contra o avanço muçulmano. Essa dupla causa foi peculiar das Cruzadas para o leste e desde o princípio deu-lhes o caráter de peregrinações. (LOYN,1991., p.110).

² Usando o conceito de representação de Roger Chartier, no âmbito das representações coletivas, onde o autor define representação como o processo intelectual pelo qual os indivíduos constroem suas concepções do mundo e da realidade ao seu redor, lhes atribuindo significados e construindo sentidos. Ele enfatiza que essa construção não é universal, mas sim influenciada por posições sociais específicas. As representações não são neutras ou objetivas, pois estão fundamentadas em interesses particulares. É importante destacar que a representação não é meramente imaginária, não se limitando ao âmbito individual ou psicológico. Grupos sociais constroem suas representações de acordo com demandas vitais e concretas, tornando-as esquemas perceptivos e construções geradas na vida coletiva. O autor concebe as representações como "construções do mundo", ou seja, formas simbólicas de apreensão da realidade socialmente vivida. É uma apreensão semântica da realidade, uma construção simbólica do mundo e dos significados atribuídos a ele (CHARTIER,1991, p. 173-191).

forma, desempenharam um papel significativo na formação da mentalidade da época e na disseminação de valores e crenças sociais.

Vale salientar que esses textos indiscutivelmente possuem importância tão significativa quanto outras fontes históricas para os acadêmicos contemporâneos. Até o século XIV, eles não eram considerados apenas literatura ou ficção, mas sim como registros históricos (STUCKEY, 2008, p.140).

Muitos desses romances mostravam a luta entre cristãos e islâmicos como uma batalha entre o bem e o mal, reforçando a ideia de que a Cristandade representava o ponto de luz, enquanto os islâmicos eram vistos como representantes do mal e das trevas. Essa representação foi utilizada como uma forma de persuadir e convencer aqueles que tinham acesso a essas histórias sobre qual lado deveriam apoiar.

Na Idade Média Central, as pessoas buscavam referências e modelos de comportamento através dessas narrativas. Os cavaleiros, geralmente retratados como corajosos, honrados e devotos à fé cristã, personificavam a virtude e o ideal de uma sociedade justa e piedosa. Eles lutavam em defesa da fé e da Igreja, representando assim o lado certo.

Por outro lado, os islâmicos eram frequentemente caracterizados como pagãos, bárbaros e cruéis. Os antagonistas muçulmanos eram retratados como ameaças à Cristandade, invadindo territórios cristãos e profanando símbolos sagrados. Essa representação dos islâmicos como os veículos do mal reforçava a visão de que a luta contra eles era uma batalha justa e necessária, em prol da defesa da fé cristã.

Segundo Beatriz Bissio, na sociedade islâmica temos uma separação espacial balizada, na polarizada relação entre a *ummah* (comunidade islâmica) e os estados circundantes a ela, essa visão dividiu o mundo civilizado conhecido em duas esferas: *dar al-Islam* (a casa do Islã) e *dar al-harb* (a casa da guerra), onde a *shariah* (lei islâmica) não era praticada. E para todo muçulmano, era uma obrigação expandir os limites da casa do Islã através do esforço (*jihad*), mesmo que fosse às custas da casa de guerra (MERI, 2006, 207), para assim conquistar novas terras e formar uma verdadeira civilização, a ditada pela Revelação do Profeta (BISSIO, 2013, p. 30).

Com o interesse de mostrar a causa cristã, as narrativas sobre Carlos Magno e as outras de temática semelhante, serviam não apenas como entretenimento, mas também como uma forma de propaganda para promover o pretexto cristão e unir as pessoas sob uma mesma bandeira.

No século XII, muitos escritos transcenderam a mera celebração da cavalaria e heroicidade. Devido à proeminência das Cruzadas na época e nos locais onde essas histórias surgiram, é possível que tivessem o propósito de instigar outros a se unirem a essas expedições. Durante a Primeira Cruzada, a promoção dessas campanhas tomou várias formas, geralmente com o papado liderando a difusão e pregação das Cruzadas, enquanto clérigos de menor hierarquia repetiam os discursos e orientações papais. Essa disseminação levava leigos a engajarem-se nessas campanhas perigosas.

Após a Primeira Cruzada, quase todas as expedições foram proclamadas por bulas papais. Contudo, a imagem popular das Cruzadas e seus líderes cavaleiros ultrapassou as fronteiras das declarações papais, penetrando diversos estratos da sociedade. Essa visão popular frequentemente se expressava em termos religiosos, mas não se limitava a discursos do Papa.

Não é coincidência que essas narrativas coloquem as Cruzadas em destaque e, em etapas posteriores, apresentem Carlos Magno como protagonista. Esses poemas refletem profundamente os valores, vivências e expectativas da sociedade da época, além de evidenciar uma contínua inquietação com as expedições militares e uma percepção subjacente da ameaça representada pelas forças islâmicas na Espanha e na Terra Santa (STUCKEY, 2008, p. 147), colocando esses povos como inimigos servidores do mal.

Ao enfatizar a superioridade moral e espiritual dos cristãos, esses romances de cavalaria buscavam inspirar o leitor a apoiar a causa cristã e combater os inimigos da fé. Nesse grupo de povos a serem combatidos, há uma amálgama de origens, culturas e línguas diferentes, entre eles um recebe destaque: os sarracenos.

No primeiro capítulo, podemos ver e compreender de certa maneira, quem seriam esses sarracenos, e porque os capetíngios voltam seus olhos e julgamentos para esses povos de origem islâmica que, ao lado dos judeus (menos destacados em virtude da Cruzada que privilegiava a ação contra os islâmicos), se tornam objetos de maior hostilidade e preconceito principalmente dentro do território francês.

Buscamos perceber o porquê dessa animosidade ao nos debruçarmos sobre textos e estudos produzidos sobre esses povos por cristãos durante o século XII e posteriormente, assim como notamos em menor escala textual, as impressões que os próprios muçulmanos tinham sobre os cristãos. Ao fazemos essa análise, observamos as conexões existentes entre o contato ocorrido pelo encontro dos cristãos e os

muçulmanos, aqui representados pelos sarracenos e que mais tarde também apareceram sobre a figura dos turcos e mouros.

Essa variedade de povos islamizados surgem de forma mais destacada no segundo capítulo quando analisamos *Fierabras*, um texto escrito ligado à estratégia de propaganda da Cruzada, que assim como a *Chanson de Roland*, traz o embate entre cristãos e sarracenos, *Fierabras* é de interesse por trazer em sua narrativa como personagem-título um sarraceno, que assim como grande parte dos personagens de destaque são não-cristãos.

Vendo detidamente o texto, apreendemos algumas percepções do que se pensava “ser sarraceno”, ideia na qual autor pauta as ações desses personagens se baseando em impressões de que geralmente se possuía sobre esse povo. Aqui também analisamos como funcionava a relação de alteridade cristã com relação aos não-cristãos, assim como as semelhanças com o trato daqueles que se convertiam ou traíam a sua crença.

Em sua estrutura narrativa *Fierabras* tem uma ligação com um manuscrito da *Chanson de Roland*, que nesse trabalho tem destaque analítico no terceiro capítulo sendo usada mais de uma versão, mas com o mesmo cerne narrativo, a Batalha de *Roncevaux*, um embate entre o exército franco e o exército sarraceno pelo território de Saragoça e pela supremacia religiosa da região. Os francos liderados por Carlos Magno trazem em suas fileiras, o conde Roland, exemplo de cavaleiro cristão, fiel a Deus, e ao rei, orgulhoso por sua posição e por seus companheiros.

Esse texto ganha grande notoriedade e por isso, recebe versões diversas, entre elas duas se destacam, a primeira contida no *Manuscrito de Oxford*, é a mais conhecida e divulgada por seu texto ser visto como o mais antigo (BÉDIER, 1923, p. I). Ele em sua essência prioriza o campo de batalha e as façanhas guerreiras, em consonância com os padrões de comportamento social da nobreza francesa do final do século XI e início do século XII, em o monarca do período, Louis VI, desejava mostrar seu reino forte e expansionista, e para isso, alia sua imagem a de Carlos Magno que aqui ganha ares de guerreiro, no estilo das gestas³ tradicionais, e os heróis eram hábeis com a espada e apresentavam poucas emoções.

³ As canções de Gesta francesas possuem como foco central a temática heroica, popularizadas em língua vulgar, encontram inspiração nas batalhas, ritos pagãos, lendas célticas e no ideal guerreiro. Segundo Erich Auerbach: “São obras dos fins dos séculos XI e XII, imbuídas do espírito de cavalaria dos tempos das primeiras cruzadas :espírito guerreiro, feudal, fanaticamente cristão, mistura paradoxal de cristianismo e imperialismo agressivo; espírito nascido no fim do século XI e que não existia antes. (AUERBACH ,1972, p. 115)

A outra edição da *Chanson* a ser trabalhada, é o *Manuscrito de Châteauroux*, produzido posteriormente ao de *Oxford*, no segundo quarto do século XII, momento em que a monarquia Capetíngia já estava consolidada e seus monarcas gozavam de prestígio junto a seus súditos, e que a sociedade já trazia algumas mudanças em relação às narrativas sobre Carlos Magno, inspiradas nos romances corteses, com maior destaque às interações de corte e de maior visibilidade da figura feminina, o que transparecerá de maneira evidente nessa nova versão de *Chanson*.

Mesmo com algumas mudanças, esta versão mantém o foco da narrativa mais antiga (*Oxford*), em que os “bons” cristãos combatem os “pagãos” maus, *Châteauroux* vem trazendo novos elementos e propostas de análise, podemos ver, fazendo a comparação entre as duas narrativas, as diferenças da visão imagética de elementos sociais como o rei, o cavaleiro, a dama e os “outros”.

Ao investigar os três textos vemos semelhanças com o que os povos islâmicos acreditavam o que era “ser cristão”, suas impressões e pré-julgamentos, assim como suas práticas político-religiosas divergiam das representações apresentadas nas gestas. Mas também percebemos que regras de convivência, e comportamentos sociais são semelhantes, e que as oposições são bem menos prementes do que as igualdades, que o “outro” não é tão diferente e oposto do que se pensava.

No capítulo quatro, usamos um novo olhar sob a Idade Média que é frequentemente estudada a partir de uma perspectiva eurocêntrica, que tende a marginalizar ou ignorar as experiências e contribuições de culturas não europeias durante esse período, mas buscaremos entender o medievo como um período globalmente interconectado, caracterizado por intensas trocas culturais, comerciais e intelectuais.

Como foi dito, todo o interesse por Carlos Magno, fortalecido pelas narrativas produzidas no período cruzado ultrapassam os limites de tempo e espaço, cruzando as barreiras de língua e território, chegando à Península Ibérica, esse é o tópico do quarto capítulo que traça o percurso das narrativas sobre Carlos Magno na Espanha e em Portugal, assim como suas repercussões no território, sua trajetória até o Brasil e por consequência ao nordeste brasileiro, sob diversas manifestações de cunho religioso e se modifica ao chegar ao Maranhão sob a figura do Tambor de Mina, religião afro-brasileira que incorpora entre seus “encantados”, personagens das narrativas presentes no nosso estudo, numa clara prova de conexão entre o Medievo e a contemporaneidade.

CAPÍTULO 1 - CRISTÃOS E PAGÃOS E SUAS REPRESENTAÇÕES NA FRANÇA CAPETINGIA DOS SÉCULOS XII:

1.1 Pagãos e Cristãos

A retórica de oposição entre cristãos e “pagãos”⁴ - aqui especificamente os seguidores de Allah - é um dos focos de atenção durante os séculos de ocorrência das Cruzadas, pode-se dizer, seguramente, que essa dicotomia vem de momentos anteriores.

Voltaremos a atenção para essa dinâmica e suas consequências nos modos de ser e reagir desses dois polos religiosos tão diferentes, mas que são, de certa maneira parecidos: cristãos e pagãos se encontraram diversas vezes no decorrer de todo o Medievo, tal contato influenciou a visão de um sobre o outro naquela temporalidade.

Inicialmente, veremos quem faz parte do grupo oposto aos cristãos, denominados de maneiras diversas e que têm como característica principal não acreditarem no Cristo (e por consequência, não seguirem as regras da Igreja Católica), dentro dessa “categoria” existe um plural e vasta gama de etnias, vindas de várias partes do globo, mas que aos olhos dos cristãos ocidentais, eram denominados por pagãos⁵:

Durante as Cruzadas, é comum associar os muçulmanos à imagem dos pagãos que “juram por seu deus Maomé, como afirma Jonh Tolan: A anônima *Gesta Francorum*, considerada por muitos estudiosos a mais antiga dessas crônicas, consistentemente se refere aos inimigos dos cruzados como “Pagãos” e por duas vezes seus líderes fazem juramentos por seu Deus “Machomet.” No entanto, além disso, tem pouco a dizer sobre quem são esses pagãos, quais são seus rituais religiosos, ou por que os cristãos estão justificados em tomar terras deles. Outros escritores cristãos sentiram a necessidade de explicar as Cruzadas, de colocar -los na história cristã e na escatologia como uma

⁴ O termo pagão será usado no trabalho como recurso de identificação dos não- cristãos, mas cabe aqui destacar sua acepção negativa e não aceita pela autora.

⁵ Para os seguidores do islã, essa denominação era específica dos povos idolatras e politeístas, que não faziam parte do povo do livro (ahl al-kitab أهل الكتاب;), religiões monoteístas ou aquelas que podem ser interpretadas como tal com uma revelação escrita no Corão seriam judeus, cristãos, sabeus, magos/zoroastristas), “[...] enquanto outras tradições religiosas, os ‘pagãos’, ou seja, geralmente idólatras e politeístas, são duramente rejeitados. Esta hierarquia existe tanto na teoria teológica quanto na prática jurídica e política: ‘pagãos’ não podem reivindicar o mesmo grau de tolerância concedido aos monoteístas não-muçulmanos que gozavam do status de minorias protegidas. A sua é, pelo menos em teoria, a escolha entre conversão, exílio e morte. Um importante diferença foi feita por estudiosos do direito em relação à etnia. Enquanto alguns estudiosos permitiram que os não árabes permanecessem politeístas, havia também uma tendência não permitir que cristãos e judeus árabes mantivessem suas religiões” T.A. (AKASOY, 2012, p. 207). Geralmente no Al Corão, o povo do livro que não acredita nas palavras do profeta é denominado infiel.

parte fundamental da longo e difícil luta contra o paganismo: uma luta, porém, que a Bíblia promete será no resultado na vitória cristã.
(TOLAN, 1999, p.99) T.A

Nos documentos pesquisados, aparecem árabes, além de turcos e mouros, mas de maneira mais recorrente a nomenclatura de sarracenos⁶, termo que aparece mais frequentemente com a ascensão do Islã, em que os escritores europeus na Idade Média usaram "Sarraceno" para referir-se a "árabe" ou "muçulmano", de acordo com o contexto.

Com os contatos dos Cruzados com os Seljúcidas e a ascensão dos otomanos, "Sarraceno" deu lugar a "Turk". À medida que a reconquista cristã avançava na Península Ibérica e nos ataques portugueses no Norte da África, "Sarraceno" no sentido de "árabe" foi substituído por "mouro". Viajantes ocidentais também passaram a usar "árabe" pejorativamente, referindo-se a "beduínos" e "salteadores". No final da Idade Média, "Sarraceno" caiu em desuso na Europa Ocidental.

Nas *Chansons de geste*, o termo era usado para descrever os oponentes muçulmanos dos cristãos. Essas obras influenciaram literaturas vernáculas, como espanhol, provençal, italiano, inglês e alemão, oferecendo uma visão não oficial dos muçulmanos na Idade Média. No entanto, a utilização de "sarraceno" pelos poetas dessa época não era sempre precisa nem clara, mas qual seria a diferença entre esses e os árabes?

Inicialmente nos ateremos ao termo árabes, que segundo Bernard Lewis, no livro *Os Árabes na História*, é um tanto complexa em sua definição atual:

O que é um árabe? A definição de expressões étnicas é extremamente difícil, e esta não é das mais fáceis. Uma das definições possíveis pode ser posta de lado de imediato. Talvez os Árabes constituam uma nação; não são por enquanto uma nacionalidade no sentido legal. Um indivíduo que se autodefine como árabe pode ser identificado no respectivo passaporte como nacional da Arabia Saudita, de um dos dois lemenes, do Iraque, da Síria, da Jordânia, do Sudão, da Líbia, da Tunísia, da Argélia, de Marrocos ou de qualquer outro do conjunto de estados de identificação árabe. Alguns desses estados — como e o caso da Arabia Saudita, da União dos Emirados Árabes, das Repúblicas Árabes da Síria e do Egito — adotaram mesmo a expressão *árabe* na sua nomenclatura oficial. Não obstante, os seus cidadãos não são

⁶ Segundo a Encyclopaedia do Islam: O termo "Sarraceno" (Do Fr. Sar (r) azin, Sar (r) acin, qualquer que seja sua origem entrou no uso do grego tardio e do latim tardio durante o final da antiguidade, e naquela época simplesmente significava "Árabe".(BOSWORTH,; VAN DONZEL,; HEINRICHS, 1997, p. 28).

designados simplesmente por Árabes. Ha estados árabes e existe efetivamente uma liga de Estados árabes, mas não existe ainda um Estado-árabe único de que todos os Árabes sejam nacionais. (LEWIS, 1990, p. 13)

Tal questão também é problemática no que diz respeito à definição dos povos árabes durante a Idade Média, por isso vemos em vários textos uma enorme gama de variação ao se referir aos povos não cristãos vindos do Oriente e de algumas regiões do atual Continente Europeu ocupado por praticantes da religião islâmica.

Une-se a isso todo o peso do pensamento Cruzado e suas concepções tendenciosas, que descrevem seus oponentes de maneiras *generalizadoras* e um tanto parciais. Não somente os cristãos, mas os não cristãos também coadunavam em generalizar as peculiaridades da Cristandade.

Buscando uma análise mais efetiva, de como foi construída essa dicotomia religiosa na chamada Idade Média Central, mais especificamente durante o período de regência capetúgia, serão utilizadas fontes diversas: Anais da vida dos reis, documentos eclesiásticos, relatos de viagem assim como o principal foco dessa pesquisa: a gesta *La Chanson de Roland* em duas versões manuscritas, *Oxford* e *Châteauroux*, e a gesta *Fierabras*.

La Chanson de Roland, uma narrativa escrita no século XII por autor de origem incerta é uma canção de gesta⁷, com temática guerreira de viés religioso e de caráter memorialista. Entretanto, o cerne da narrativa era sempre reavivado de acordo com o contexto da audiência e sua realidade, trazido à tona quando se encaixava a um modelo ou necessidade político-social, o que de fato ocorrerá no século XII, no contexto da tessitura do Manuscrito de *Oxford*⁸.

A memória de um reino vitorioso e expansionista, bem como o espírito nacionalista, segundo Gaston de Paris afirma em o seu livro *Histoire Poétique de Charle Magne*, que os capetianos necessitavam ser reafirmados e a *Chanson* tornou-se um meio utilizado para isso, trazendo em si memórias de um passado glorioso e próspero, de uma *douce Francia*⁹, almejado no presente e de olhos voltados ao futuro (PARIS, 1865).

⁷ Poemas épicos medievais franceses, escritos desde a segunda metade do século XI até o século XIII, cuja ação transcorria especialmente no tempo de Carlos Magno (séc. VIII). (MOISÉS, 1997, p. 64).

⁸ Versões, a mais conhecida da Canção de Roland, grafada em dialeto anglo-normando por volta dos anos 1050 e 1100, onde sua estrutura apresenta 4002 versos decassílabos divididos em longas estrofes, essa canção chegou ao conhecimento popular através do manuscrito de Oxford.

⁹ O Reino dos Francos, ou Francia, foi uma confederação de tribos germânicas que existiu do século V ao X, governada pelas dinastias Merovíngia e Carolíngia. Sua capital variou entre localidades que hoje

Esse resgate de momentos auspiciosos e de uma monarquia forte, trouxe a interpretação de que a *Chanson* teria um caráter nacionalista, uma visão defendida pelo Romantismo do século XIX, numa concepção não medieval, já que naquele período a noção de nação não existia, e o sentimento de pertencimento era restrito ao lugar de nascimento (Id., 1903, p.291).

Nessa narrativa percebe-se uma visão de diferenciação baseada na crença religiosa, manifestada através da dicotomia entre "nós" e "eles", representando a distinção entre o grupo considerado como "nós" (a Cristandade) e os grupos considerados como "eles" (os pagãos). Essa divisão era crucial para a identidade coletiva dos medievais, pois a delimitação do "outro" ajudava a definir a própria identidade cultural, religiosa e social.

Essa noção de identidade no Medievo, assim como na contemporaneidade é complexo, haja visto, que é uma construção social determinada por diversos fatores como vínculos feudais, religião, língua, estamento social, papéis de gênero etc., em resumo, a identidade refere-se à forma como os seres humanos se veem a si mesmos, seus semelhantes e outros grupos com os quais interagem. É uma construção relacional que se desenvolve através do contato com outros grupos. As pessoas nos grupos sociais escolhem quais aspectos culturais enfatizar ou suprimir para definir sua identidade¹⁰.

Na Idade Média ocidental, a identidade era determinada por características fixas, como a posição de nascimento e filiação familiar. Apesar disso, também havia elementos que permitiam uma compreensão mais dinâmica da identidade, especialmente em relação a grupos étnicos e religiosos que enfrentavam redefinições e conflitos em contato com outras culturas. Isso significa que a identidade cristã é formada em parte pelas diferenças e semelhanças em relação aos "outros" que não comungam de sua crença.

pertencem à Alemanha, França e Bélgica. Já o Reino da França surgiu no final do século IX, após o Tratado de Verdun em 843 dividir o Império Carolíngio em três partes. A parte ocidental, correspondendo à maior parte da França atual, tornou-se o Reino da França, com capital em diferentes momentos em Paris, Orléans e Reims. Portanto, o Reino dos Francos precedeu o Tratado de Verdun e a formação do Reino da França.

¹⁰ Sobre o prisma de Denys Cuche: Se a identidade é uma construção social e não um dado, se ela é do âmbito da representação, isto não significa que ela seja uma ilusão que dependeria da subjetividade dos agentes sociais. A construção da identidade se faz no interior de contextos sociais que determinam a posição dos agentes e por isso mesmo orientam suas representações e suas escolhas. Além disso, a construção da identidade não é uma ilusão, pois é dotada de eficácia social, produzindo efeitos sociais reais. A identidade é uma construção que se elabora em uma relação que opõe um grupo aos outros grupos com os quais está em contato. (CUCHE, 2002, p.182).

O "outro" na Idade Média poderia ser representado por diferentes grupos, tais como muçulmanos, judeus..., bem como pessoas que viviam fora das fronteiras do reino ou da cidade. Esses "outros" eram frequentemente estereotipados e demonizados, sendo considerados como ameaças à ordem social, à fé cristã ou à segurança do próprio grupo.

No mundo muçulmano, inicialmente os laços estabelecidos com a família, a religião e o ofício exercido determinavam a identidade do indivíduo, com a expansão da religião e das cidades, as referências se alargaram, não sendo mais tribais como na época pré-islâmica, e sim regionais e citadinas, em duas ou mais gerações as famílias deixaram de usar o *nisba* (segmento do nome que indica a origem) tribal e passaram a incorporar *nisba* referente à província ou cidade da qual pertenciam. (BISSIO, 2013, p.29)

Além disso, seu principal vínculo era a partilha da mesma fé e do sentimento de fazerem parte de uma mesma nação, fundada por Maomé, independente do espaço heterogêneo do ponto de vista cultural, social e geográfico, seu sentido totalizador estava além da religião, mas também no fator de todos os que ingressavam na religião teriam que conhecer a língua árabe. (Ibd.,29-31)

Um exemplo importante da manifestação da alteridade na Idade Média foi a relação entre cristãos e muçulmanos durante as Cruzadas. Os muçulmanos eram vistos como "infiéis" e, portanto, o "outro" que precisava ser combatido e convertido. Essa perspectiva contribuiu para a construção de uma imagem negativa e simplificada dos muçulmanos, que foi transmitida através de narrativas de guerra, preconceitos e estereótipos, aquele que está errado e tal concepção é extremamente explorada nos textos produzidos no período:

A imaginação cristã organiza, portanto, seu universo em dois: o cristão aqui e o sarraceno alhures. O sarraceno representa a alteridade e a principal característica não é outra senão a diferença. Este confronto é inicialmente de ordem física, diz respeito aos corpos e às formas, mas também se relaciona com a moral: os costumes e as crenças opõem-se a eles. E essa antítese é acoplada a uma espacial; na verdade, cada um deles ocupa um espaço bem definido, sendo seu único objetivo apoderar-se do outro. (BAHILLO, 2017, p. 24) T.A.

Essa disputa por espaço, a alteração pela anexação de territórios e a prevalência da religião cristã sobre a Terra são as temáticas recorrentes na *Chanson de Roland*, ponto que nos ateremos mais detidamente nesse primeiro momento, mas também em

Fierabras, nos dois casos há o confronto com o oponente *païen* (os sarracenos e os muçulmanos).

1.2 – Expansão Territorial e Religiosa franca na Espanha.

As narrativas citadas, trazem sob representação, a figura real de Carlos Magno, e seu desejo em libertar territórios ocupados pelos muçulmanos que ameaçavam a soberania real e a Cristandade.

A expansão territorial foi uma característica da coroa carolíngia em seus primórdios, que em busca de uma unificação do Ocidente, agiu em três frentes: iniciadas por Pepino, ao sudeste pela Itália em 754, buscando o território dos Lombardos por duas vezes, sem sucesso e conquistado por Carlos Magno em 774.

A segunda frente, também iniciada por Pepino alcançou o Sudoeste pela Espanha em 759, tentando tomar o território dos muçulmanos e essa empresa foi continuada por Carlos Magno em 778 que também seguiu em direção ao Leste, na Alemanha.(LE GOFF, 2005, .43)

A conquista do Sudoeste pelos Carolíngios e especificamente por Carlos Magno é o mote da *Chanson de Roland*, e o desfiladeiro de *Roncevaux* é o local em que as tropas francas foram dizimadas por tropas bascas. A batalha retratada na *Chanson* tinha factualmente por objetivo a anexação de um território estratégico, localizado na fronteira de acesso entre a Península Ibérica e a França, o que impediria o avanço dos muçulmanos.

A narrativa se concentra em *Roncevaux*, no burgo aragonês da província de Pamplona/Pampelune, local em que se travou a batalha numa altura em que Carlos Magno, o futuro imperador, regressava de uma expedição conduzida a Espanha em 778. O seu grande objetivo era ampliar a campanha iniciada pelo seu avô Carlos Martel que em Poitiers (732) alcançou uma importante vitória sobre os muçulmanos instalados na Espanha desde os primeiros anos do século VIII (711) e reforçar a fronteira dos Pirenéus.

Originalmente na Batalha de *Roncevaux*, ocorrida em 778, o inimigo que confrontou o exército franco era também cristão, formado por povos bascos. Sobre essa batalha, temos o relato de Eggihard:

Enquanto a batalha continuava e quase ininterruptamente com os saxões ele colocou guarnições em locais adequados na fronteira, e atacou a Espanha com a maior expedição militar que ele poderia coletar. Ele cruzou os Pirineus, recebeu a rendição de todas as cidades e fortalezas que ele atacou e voltou com seu exército são e salvo e, exceto por um revés que ele experimentou através da traição dos gascões em seu retorno pelas passagens dos Pirineus. Enquanto seu exército estava marchando em uma longa linha, adequando sua formação para o caráter do solo e dos desfiladeiros, os Gascões montaram uma emboscada no topo da montanha - onde a densidade e extensão de os bosques da vizinhança tornavam-no altamente adequado para tal propósito - e, em seguida, precipitando-se para o vale abaixo, desordenou a última parte da comitiva da bagagem e a retaguarda que agiu como uma proteção para aqueles que estavam adiantados. Na batalha que se seguiu os gascões mataram seus oponentes até o último homem. Então eles agarraram a bagagem, e ao abrigo da noite, que já estava caindo, eles se espalharam com a maior rapidez em diferentes direções. Os gascões foram auxiliados nesta façanha pela leveza de suas armaduras e o caráter do terreno onde o caso ocorreu. Nesta batalha Eggihard, o supervisor da mesa real; Anselmo, o conde do Palácio; e Roland, prefeito da fronteira bretã, foram mortos ao longo com muitos outros. Nem poderia este ataque ser punido de uma vez, pois quando a ação foi feita, o inimigo desapareceu tão completamente que eles não deixaram para trás nem mesmo um boato de seu paradeiro (EINHARDI, 1829, p.26-27) T.A

Os bascos atacaram o exército franco em retaliação ao ataque destes à Pamplona e por que o rei dos francos respondera à proposta do governador de Barcelona Sulayman ibn Yaqzan al-Kalbi, pró-abássida¹¹, em se submeter junto com Huasayn de Zaragoza e Abu Taur de Huesca em troca de assistência militar contra o emir¹² omíada¹³ de

¹¹ Abássida, dinastia: Os califas abássidas ou sucessores de Maomé exerceram autoridade sobre grande parte do mundo muçulmano, coincidindo o seu período de maior triunfo nas artes e na política com o reinado de Harun al-Rachid (786-809), um contemporâneo de Carlos Magno. Subiram ao poder à frente das facções xiitas que se opunham aos omíadas mas, após suas vitórias no final da década de 740, quando todo o mundo muçulmano, exceto a Espanha (que permaneceu leal aos omíadas), ficou-lhes submetido, adotaram os ritos sunitas da maioria e transferiram sua capital de Damasco mais para leste, construindo a grande e nova cidade de Bagdá. A influência persa, com suas tradições de absolutismo oriental, tornou-se predominante na administração abássida; os interesses da dinastia concentraram-se cada vez mais no Oriente, com vistas às grandes rotas comerciais para a Índia e a China. (LOYN, 1991, p. 1).

¹² Emir, s.m. “Título dos chefes de algumas tribos ou Estados muçulmanos”; Chefe, comandante. Príncipe. O Grão-xerife (da Meca). Nobre pertencente à raça do profeta”; “Aquele que ordena, que toma para si o cargo de comandar, ainda que não seja de estirpe nobre”. (NIMER, 2005, p. 152-153).

¹³ Omíada, A dinastia omíada governou as primeiras comunidades muçulmanas de 41/661 a 132/750. O Império Omíada tinha sua capital em Damasco e foi apoiado através da força militar das tropas sírias. Foi caracterizado por um esforço contínuo de expansão territorial do império islâmico, atingindo seu apogeu no início do século VIII d.C. O crescimento territorial do império foi posto em movimento em processos de arabização e islamização que moldaram a cultura da região. Excesso de esforço das forças militares omíadas na continuação do expansionismo, juntamente com um tratamento desigual entre árabes e muçulmanos não árabes, além problemas de ordem religiosa e política na legitimidade social contribuíram para o enfraquecimento da Dinastia omíada e sua eventual queda. T.A. (MARTIN, 2004, p. 1208).

Córdoba Abd ar-Rahman I. O trio alertou Carlos Magno que outra força militar desejava Córdoba se o rei franco não interviesse.

A campanha de Carlos Magno lutando pessoalmente contra os bascos na Espanha foi curta, realizada somente durante o ano de 778. Na *Chanson*, ele passa sete anos: *CARLES li reis, nostre emperere magnes, Set anz tuz pleins ad estet en Espagne*.¹⁴ Dando a essa campanha um peso maior do que realmente fora e relatando o quão difícil mostrou-se a resistência inimiga, a narrativa valoriza a vitória cristã sobre o povo pagão.

À época da batalha de *Roncevaux*, a Europa era tomada pelas incursões muçulmanas que tomavam a Península Ibérica. Em 711 os omíadas, liderados por Tarik ibn Ziyad, governador da cidade de Tânger, cruzam o Estreito de Gilbratar, derrotam o enfraquecido reino visigótico e em cinco anos conquistam quase todo o território.

Tal avanço se iniciou, no ano de 711 pelas forças comandadas por Tarik ibn Ziyad - um destacado oficial do governador de África e do Magrebe, Musa ibn Nusayar - e continuada através de diversas campanhas lideradas pelo próprio governador e pelo seu filho, Abd al Aziz. A conquista muçulmana da Península Ibérica foi dada por concluída em 716, com a submissão de praticamente todo o antigo reino visigodo[...] (MONTEIRO; MARTINS; AGOSTINHO, 2015, p. 113).

Carlos Magno buscando expandir o território e a Cristandade pela Península Ibérica, em campanha rápida concordou em ir à Espanha. Ao chegar tentou tomar Saragoça, cidade altamente fortificada, que resistiu e após um mês de cerco o rei dos francos fez um acordo com Husayan que para não ser invadida, pagaria ouro e libertaria os prisioneiros.

Antes de deixar a Península Ibérica, Carlos Magno decidiu eliminar qualquer possível oposição a seu reino, entre eles os bascos, que o rei suspeitava estarem aliados aos mouros. Com isto em mente, ele ordenou o ataque à Pamplona, que apesar de tentar resistir com a ajuda de soldados omíadas, foi destruída. Certo da vitória Carlos Magno marchou de volta à Francia.

O que ele não esperava era que os bascos montariam uma retaliação e com o conhecimento da região, atacariam os francos e então roubariam o butim adquirido na

¹⁴ Rei Carlos nosso imperador, sete anos inteiros permaneceu na Espanha T.A.(BÉDIER,1923. p.2)

viagem à Espanha. Os bascos foram liderados pelo duque Lupo II da Gasconha¹⁵, descendente de nobres submetidos ao jugo franco.

Segundo os *Annales regni Francorum*, as origens da Campanha dos francos na Espanha, ocorreu durante um conselho real em Paderborn, no ano de 777, com a presença dos sarracenos vindos da Espanha, Suleiman ibn Yaqdhanu'l-Arabi e seu filho Deuzefi, que desejavam o apoio e proteção de Carlos Magno contra o emir Umayyad¹⁶ Abd al-Rahman apoiador da dinastia abásida em Bagdá.

Carlos Magno aceitou apoiá-lo em troca de territórios e reféns, em 778 os francos, renderam Saragoça, e retornou a Francia -que no retorno foi atacado pelos bascos-, com riquezas e reféns. Seguida a retirada do rei Abd al -Rahman capturou e executou Suleiman.

Ao longo dos anos houve alguns embates entre os francos e os muçulmanos da Andaluzia (Al Andalus)¹⁷ e nos anos de 780, Carlos Magno buscou reorganizar as regiões de fronteira, numa missão política e religiosa, para a obtenção de territórios, e a contenção não do Islã, mas de heresias (FRASSETTO, 2020, p. 99) como o adocionismo.¹⁸

A partir desse conhecimento, percebe-se as mudanças entre os fatos ocorridos e os relatados na *Chanson*, destacando que a narrativa se propõe a contar a passagem de Carlos Magno como ocorreu, mas substitui o inimigo basco pelos sarracenos.

Leon Gautier¹⁹, chama atenção para uma certa associação da batalha de *Roncevaux* com a invasão Sarracena de 792, (uma falha do autor, haja visto que o

¹⁵ Lupo II, hijo de Wilfredo, obtuvo de Carlomagno el ducado de Gascuña. Lupo, asociando à sus ódios de familia el de los Vascos contra todos los conquistadores de las Galias, ya fuesen celtas ó romanos, Visigodos ó Francos, preparo la emboscada de Roncesvalles, em la cual pereció la retarguardia de Carlomagno à su regreso de España. Ya llevamos dicho que Carlomagno le mandó ahorcar[...] (LE BAS, 1841. p. 55).

¹⁶ Umayyad- Umayyads (Banu Umayya), a dinastia de califas que, do centro na Síria, governaram o todos os territórios árabes islâmicos de 41/661 a 132/750. Todos os califas durante este período são descendentes de Umayya Abd Shams um pré-islâmico notável da tribo de Curaysh de Meca. T.A (BOSWORTH; VAN DONZEL; HEINRICHS., 1997, p. 840).

¹⁷ Al Andalus- Al-Andalus é o termo geográfico usado para designar aqueles áreas da Espanha moderna que ficaram sob controle muçulmano em a idade média. Hoje, o termo (espanhol, Andalucía) refere-se a um determinado território localizado no sul da Espanha. Al-Andalus ou Espanha muçulmana (ambos os termos são usados alternadamente), com suas famosas mesquitas, jardins irrigados, época de desenvolvimento em poesia, filosofia e ciência, é muitas vezes referida como a idade de ouro cultural do Islã. A presença muçulmana real no local durou 781 anos (92/711–897/1492). T.A. (MARTIN., 2016, p. 50).

¹⁸ Corrente cristã que defendia que Cristo era “adotado” como Deus pelo Pai, e que não tinha nascido divino, e que recebeu sua adoção a partir do batismo.

¹⁹ Émile-Théodore-Léon Gautier (Nascido em 8 de agosto de 1832, Le Havre, França, morreu em 25 de agosto de 1897, Paris), historiador literário que reavivou o interesse na literatura francesa adiantada com sua tradução e discussão crítica da *Chanson* de Roland (1872) e sua pesquisa sobre as *Chansons* de geste.

ataque à *Villedaigne* ocorre um ano depois, em 793)²⁰, quando tropas sarracenas derrotam o duque Guillaume de Toulouse e o exército franco²¹, e as duas invasões bascas: a de 812 conhecida como segunda *Roncevaux*, local que os bascos, usando o mesmo artifício de emboscada, foram detidos pelo franco *Louis le Bonnaire*- e a presença de Roland e de Olivier é equivocadamente incluída ²² e também se confunde com a luta que trouxe a independência basca em 824 .

Essa valorização do embate de 778, aumentou a importância do ocorrido nas crônicas navarras e castelhanas, ao contrário dos anais carolíngios que suprimem a derrota, a única citação sobre ela, aparece quando é feita referência ao ano de 778, como o ano em que Carlos Magno sofrera um desastre(LE GOFF, 2005, p. 44), os *Annales Regni Francorum*²³, até mesmo dizem que a expedição foi um sucesso e que Pamplona fora destruída e os bascos e navarros espanhóis, subjugados.(MCKITTERICK, 2008, p. 134)

Em Paris, em 1859, Gautier tornou-se detentor dos arquivos imperiais e dos arquivos do departamento de Haute-Marne. Em 1871, tornou-se professor de paleografia na École des Chartres, a escola na qual ele havia sido educado (1852-55). Foi eleito membro da Académie des Inscriptions et Belles-Lettres em 1887 e tornou-se chefe da seção histórica dos arquivos nacionais em 1893. Suas obras incluem *Les Épopées françaises*, 3 vols. (1886-88; "The French Epics", 2ª ed., 5 vol., 1878-97, com uma bibliografia de *Chansons de geste*). Proeminente estudioso da *Chanson*, Membro da École de Chartres, editou sua própria versão em 1872. *Encyclopædia Britannica* on line disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Leon-Gautier>. Acesso em: 20/06/2023

²⁰ Grâce à la Chronique de Moissac, nous sommes assez bien renseignés sur la fameuse razzia que le chef sarrasin Abdelmélis, qui était au service de l'émir de Cordoue, accomplit en Septimanie en l'année 793. Étant parvenus jusqu'aux murs de Narbonne, les Sarrasins, ne pouvant s'emparer de la cité, brûlèrent le suburbium et firent un riche butin. Après quoi, ils se dirigèrent vers Carcassonne. Le duc Guillaume (celui qui devait devenir plus tard saint Guillaume de Gellone), avec d'autres chefs francs, sortit à leur rencontre. Le combat fut livré sur les bords du fleuve Oliveio et tourna au désavantage des chrétiens qui perdirent un grand nombre des leurs. Guillaume se battit avec courage, mais abandonné par les autres chefs francs, il dut à son tour se retirer. Les Sarrasins victorieux ne continuèrent pas leur marche en avant[...](GRIFFE, 1941. p. 225).

²¹ Fato relatado na Canção de Guilherme, que celebra um conde que escapou da batalha de Orbieu (793). (BARTHÉLEMY, 2010,p. 107).

²² Deux fois les armées frankes furent mises en grand péril à Valcarlos ou Roncevaux : une première , en 778 , sous le commandement de Charlemagne; une seconde, en 812, sous le commandement de Louis-le-Débonnaire. Or, les circonstances de ces deux faits assez semblables entre jûux, sauf pourtant le résultat, ont été perpétuellement confondues par les traditions cas tillanes et navarraises. Rodéric de Tolède, Marmol, et tous ceux qui ont fidèlement reproduit la légende font périr Rolland, Olivier, et les douze paladins, en 812, c'est-à-dire à la seconde surprise , et non pas à la première.[...] (RABANIS, 1841, p. 88).

²³ Os *Annales Regni Francorum*, conhecido como os Anais Francos Reais ou os Anais do Reino dos Francos, anteriormente conhecido como o Nome dado a este manuscrito pelos editores da edição latina do século XIX de a *Monumenta Germaniae Historica*. Os *Annales Laurissenses Maiores*, abrangem o período de 741 a 829. Existem vários exemplares desta crônica e um deles tem sido tradicionalmente atribuída a Einhard († 840), embora a autoria ainda seja contestada. Tudo indica que os *Annales Regni Francorum* foram escritos na corte carolíngia, de modo que logicamente devem ser interpretados à luz de outras fontes, dada a sua forte subjetividade. De qualquer forma, os *Annales Regni Francorum* representam uma das fontes fundamentais para o estudo do reinado de Carlos Magno em geral e da Batalha de Errozabal em particular, embora, como observado por Roger Collins, como nos dois casos anteriores, o autor não menciona a derrota do exército carolíngio e retrata a campanha de 778 em termos de uma vitória militar. T.A (IRUJO, 2021, p. 216-217)

Esse episódio é a única citação que temos sobre Roland na Crônica que relata a vida do imperador Franco: a *Vita Karoli Magni*²⁴, supostamente escrita por Einhard, que fala que o exército marchou pelos Pirineus sem nenhuma derrota, até serem emboscados pelos gascões, na batalha morreram o Conde Roland, Eggihardus supervisor da mesa real e o Anselmo, o conde do palácio.(ver página 23)

Por ter sido produzida em período Cruzado, os bascos foram substituídos pelos oponentes dos cristãos naquele momento, no caso os seguidores dos islamismo.

1.2.1-Ismaelitas e Israelitas

À época da escritura das narrativas, esses povos vindos do Oriente ainda não eram chamados de islâmicos ou muçulmanos, pois essas denominações só serão determinadas posteriormente. Os cristãos se referem aos muçulmanos baseando-se em suas origens, como: turcos, sarracenos, árabes...usam também ismaelitas, descendentes de Ismael ou hagarenos, descendentes de Hagar, mãe de Ismael.(MCKITTERICK, 2008, p. xv)

Essa visão trouxe duas percepções acerca dos árabes/muçulmanos: uma de que eles eram nômades incivilizados que viviam no deserto (HENG, 2018, p.111) e outra, que eles eram os inimigos de Deus e de Seus escolhidos, no caso, os israelitas, e portanto, dos cristãos que se viam como novos israelitas.

Essa associação de nômades como incivilizados veio herdada da antiguidade, que não viam com bons olhos a ideia de viver fora da cidade, o então centro da civilização, o que fazia os nômades carentes das virtudes essenciais associadas à vida na cidade, fazendo-os incivilizados e violentos. No Antigo Testamento, livros como Crônicas, Reis, Jeremias e Neemias retratavam os árabes como inimigos de Israel, em conflito frequente com esse povo, além de que eles (os árabes) poluíam a terra com suas práticas pecaminosas, o que preocupava os israelitas.

Em ambas as narrativas a cidade aparece como foco de “pertencimento” cristão, mesmo que Saragoça na *Chanson* de Roland seja tomada pelos sarracenos, ao fim da

²⁴ Biografia sobre o imperador franco escrita por seu amigo pessoal o cronista Eginhardo, A *Vita Karoli* foi composta alguns anos após a morte de Carlos Magno, provavelmente durante a retirada de Eginhard para Seligenstadt, e geralmente é datada considerando o mesmo período que é dado à epístola de Lupus, ou seja, entre os anos 829 e 836. Isso é a obra que oferece mais informação e riqueza de detalhes sobre a figura de Carlos Magno e que, além do esperado relato das conquistas militares e da atividade política e administrativa do rei franco, inclui também um detalhado retrato físico e psicológico. (EGINHARDO, 1999, Introdução)

narrativa ela retorna às mãos cristãs, e portanto à normalidade.

No caso de Fierabras, os sarracenos saqueiam Roma, mas não permanecem nela, e mesmo quando levam os reféns para a fortaleza de Aigremore, ela não parece um local de pertencimento dos não-cristãos, que a veem ser destruída durante o cerco cristão. Remetendo a expulsão de Ismael, que vaga no deserto ao contrário de Israel que fica alocado.

Numa clara alusão de que a cidade é um lugar de ordem, o que nos anos de produção dos textos é o foco de unificação do poder real, será o local de administração da lei e da ordem, lugar em que o rei exerce plenamente sua justiça e autoridade. A cidade é a representação dos eleitos e por isso a tomada de Jerusalém pelos não cristãos ofende a Cristandade que se via como possuidora desse espaço, e coloca os não-cristãos como estranhos corpos dentro desse espaço.

Mas contrário da imagem projetada pelos cristãos de que os islâmicos não pertencem, isso é improcedente, pois desde suas origens, o islamismo possui uma forte conexão com o processo de urbanização, uma vez que teve sua gênese e disseminação se localiza em duas cidades proeminentes, Meca e Medina, que são focos da fé, e locais obrigatórios de peregrinação, por isso, os primeiros a serem confrontados pelo Islã em sua campanha de expansão foram os beduínos, habitantes do deserto, que ao converterem-se também voltam seus olhos para a cidade. Que na sociedade islâmica medieval, desempenhavam um papel central nas atividades econômicas, políticas, religiosas e culturais, mesmo antes desses mesmos espaços exercerem função semelhante na Cristandade, algumas dezenas de anos depois.

Essas cidades exerceram uma função fundamental ao proporcionar um local para o culto comunitário dos fiéis, bem como um espaço protegido para o desenvolvimento de atividades comerciais (BISSIO, 2013, p.26).

Conotações negativas sobre os árabes foram reforçadas na Bíblia, quando os relacionava com ismaelitas, um povo descrito como vivente na Arábia e entendidos como inimigos de Israel (FRASSETTO, 2020, p. 29)

Mas história Islâmica propriamente dita, se inicia com Maomé, embora os medievais acreditem que os pagãos, que posteriormente seriam chamados de islâmicos, apareçam como árabes, nos relatos ocidentais de épocas anteriores ao surgimento da religião islâmica:

A primeira notícia que chegou até nós da Arábia e dos Árabes é-nos dada no capítulo X do Genesis, onde se refere o nome de muitos dos povos e distritos da península. No entanto, a palavra *Árabe* não aparece no texto, surgindo pela primeira vez numa inscrição assíria de 853 a.C, em que o rei Shalmaneser III relata o esmagamento de uma conspiração de príncipes rebeldes pelas forças assírias. [...] A mais antiga referência clássica encontra-se em Esquilo, que no *Prometeu* menciona a Arábia como uma terra remota de onde vem guerreiros de lanças pontiagudas. É possível que o *Magos Arabos* a que se faz referência nos *Persas* como um dos comandantes do exército de Xerxes seja também árabe. E em escritos gregos que deparamos pela primeira vez com o topónimo Arabia, formado por analogia com Itália, etc. Heródoto e, depois dele, muitos outros escritores gregos e latinos estenderam as expressões Arábia e Árabe a toda a península e a todos os seus habitantes, incluindo os Árabes do Sul e o deserto a leste do Egito entre o Nilo e o Mar Vermelho. Nesta época, a expressão parece abranger, pois, todas as regiões desérticas do Próximo e Médio Oriente, habitadas por povos de língua semítica. [...] A primeira utilização árabe da palavra ocorre nas antigas inscrições do Sul da Arabia, relíquias da florescente civilização fundada no lemên pelo ramo meridional dos povos árabes, e que datam de finais da era pré-cristã e princípios da era cristã. [...] Só depois do surgimento do Islão em princípios do século VII, viemos a ter informações concretas quanto ao uso da palavra no centro e Norte da Arabia. Para Maomé e seus contemporâneos, os Árabes eram os beduínos do deserto e no Corão a expressão é usada exclusivamente neste sentido e nunca em relação aos habitantes de Meca, de Medina ou de outras cidades. Por outro lado, a língua falada nessas cidades e a do próprio Corão é designada por língua árabe. Aqui encontramos já em embrião a ideia dominante em épocas posteriores de que a forma mais pura de Árabe é a dos beduínos, os quais preservaram com maior fidelidade do que quaisquer outros o modo de vida e a língua árabe originais. (LEWIS, 1990, p.15-17)

Já para os povos islâmicos, sua história está ligada à uma normativa própria, que consiste na aceitação da Revelação como ela é, em todas as partes, sendo universalmente aplicada, absoluta e imutável, transcendente ao tempo e ao espaço, já em seu aspecto histórico, os islâmicos percebem as mudanças ligadas ao campo político, já que o califado pode se modificar, porque está inserido no contexto da vida humana dos adeptos da religião e ligado à ação do tempo. A contagem político-histórica islâmica segundo os historiadores do Islã, está dividida em três períodos: O Clássico (650-1250 AD), Médio (1250-1800 AD) e Moderno (1800-presente).

Sobre seu início religioso, há divergência entre três acontecimentos, uns historiadores apontam seu começo quando ocorre a primeira revelação, na visita do anjo Gabriel ao profeta Maomé, outros acreditam começar na mudança de Maomé para

Meca. Já outra vertente recua ainda mais no tempo e coloca o início do Islã com o chamado primeiro profeta Adão²⁵.

Percebe-se a diferença de percepção entre cristãos e islâmicos sobre a essência original dos seguidores do Profeta que, aos olhos da Cristandade vem desde sua origem, carregada de impressões ligadas à guerra e à traição, ao contrário da visão dos muçulmanos que acreditam ir para trazer a justiça e cumprir os desígnios divinos.

O termo Islã significa submissão à vontade de Deus e muçulmano é aquele que a prática, se submetendo a essa vontade, mas no Medievo esse termo não é usado, tal designação só será empregada a partir do século XVII. Durante a idade média, serão mais recorrentes o uso dos termos árabe e sarraceno para designar os seguidores dos ensinamentos do profeta Maomé, na *Chanson* é corrente o uso de Sarrazin, principalmente na primeira parte, quando os francos liderados por Roland enfrentam Marsile:

*Mult quiement le dit a sei meïsme:
« Cel Sarrazin me semblet mult hérite;
Mielz est mult que jo l'alge ocire.
Unches n'amai cuard ne cuardie.*(v.1483-1486)(BÉDIER, 1923, p. 114)²⁶

E païen, no segundo momento quando o exército cristão confronta o emir Baligant, sob a liderança de Carlos Magno:

*DIST Clariën : « Dame, ne parlez mie itant !
Messages sûmes al païen Baligant.
Marsiliun, ço dit, serat guarant.*(vers.2724-2726)²⁷(Ibd., p. 206)

Na narrativa, os próprios pagãos se autodenominam païen, e não ismaelitas ou hagarenos, (como os praticantes da fé islâmica na realidade se chamavam) numa prova de que o autor pouco conhecia das práticas islâmicas, numa clara demonstração de que o escritor da *Chanson* expressava o senso comum sobre os muçulmanos da sua época -

²⁵ Among historians there are differences of opinion about the time when the history of Islam began. In general, the differences can be divided into three types. First, the history of Muslims began since the Prophet Muhammad received the first revelation. In this opinion, for the thirteen years the Prophet in Mecca was born a Muslim community, although not yet sovereign. Secondly, the history of Muslims began since the Prophet Muhammad moved to Medina, because new Muslims were sovereign in Medina. Third, Islamic civilization began since the Prophet Adam because all the Prophets sent by God to humans, all of them are Islamic (Muslim). ISLAM,(HIFDIL, 2019, p. 33).

²⁶ “Em voz baixa ele disse a si mesmo: Este Sarraceno me parece muito herético, é muito melhor que eu o deva matar, nunca gostei de covardes nem covardia” T.A

²⁷ Disse Clariën: Senhora, não pare de falar! Somos mensageiros de Baligant, o pagão. Ele defenderá Marsile, ele promete.T.A.

os poetas não possuíam um conhecimento verdadeiro do mundo árabe, usando a imaginação para representar um inimigo para confrontar o herói (LUCKEN, 2004, p.8).

Já nas fontes francas, não há qualquer sinal da nomenclatura muçulmanos, e sim os termos usados na *Chanson de Roland* (que o autor por conhecer a documentação deve ter pegado de empréstimo tais adjetivos, ou estes ainda serem de uso recorrente no século XII), como *payen*, ou até mesmo *infiel*, ligado diretamente à figura dos sarracenos.

As fontes francas nunca usam a palavra “muçulmano”. O que eles usaram, no entanto, foram as palavras “infiel” e “pagão”. Essa classificação não era precisa, como no caso do uso de uma carta da frase “herege ou infiel”, mas todos esses termos indicam firmemente que as pessoas contra as quais os francos lutaram em al-Andalus não eram cristãs. O vocabulário mais comum parece ser, à primeira vista, principalmente étnico, com uso repetido de “sarraceno”, “agareno” e, menos frequentemente, “mouro”. Em primeiro lugar, os termos sarraceno e agareno não eram desprovidos de bagagem religiosa (OTTEWILL-SOULSBY, 2016, p. 415) T.A.

Os termos árabe e sarraceno são mencionados na Bíblia, e chegam ao homem medieval também por intermédio de doutores da Igreja como São Jerônimo, Bernardo de Claraval e Isidoro de Sevilha.

A denominação árabe, surge nas Escrituras quando trata da origem do povo hebreu no livro do Genesis, capítulo 16, no momento em que o patriarca Abraão recebe de sua esposa Sara, a escrava egípcia Agar para que esta pudesse lhe dar um filho (Ismael) fazendo assim árabes e judeus terem a mesma origem carnal.(TOLAN, 2002, p.11)

Quando Abraão expulsa Agar e Ismael a pedido de Sara, que temia que o filho da escrava tivesse precedência sobre Isaac, o filho legítimo, Deus disse à Abraão para que não temesse por Ismael:

" Não te pareça duro com teu filho e com tua serva Tudo o que Sarah diz para você, ouça a voz dela porque em Isaque será chamada a tua descendência, mas também farei do filho da serva uma grande nação porque ele é sua semente, Então Abraão levantou-se pela manhã e pegando pão e uma garrafa de água, ele colocou em seu ombro e ele entregou a criança e a mandou embora que, quando ele se foi, vagou pelo deserto de Berseba" (Gn 21,12-14) (VULGATA, 2007, p. 40) T.A.

Essa passagem serviu de ligação tanto para cristãos quanto para muçulmanos constatarem a paternidade de Abraão tanto para judeus e cristãos, quanto para os islâmicos, assim como as passagens do Corão em que o patriarca é citado 186 vezes nos *ayat* corânicos.

Provavelmente, os ismaelitas se reconhecem como descendentes de Ismael e Agar, e sobretudo sua herança vinda de Abraão, e não veem problema em terem linhagem ligada a uma escrava (SURATA 2. 125,2005, p.33), mas para os cristãos, tal origem os inferioriza e ainda há um agravante, pois Agar se rebela contra Sarah, quando esta acreditava que não poderia ter filhos, e essa imagem insubmissa persiste no imaginário²⁸ cristão ao verem os ismaelitas.

Na carta de São Paulo ao Gálatas, quando este fala da aliança entre Sara e Agar, demonstra a superioridade de Isaque, em relação à Ismael, já que o primeiro é filho de uma mulher livre e visto como o herdeiro da promessa de herdar a Terra.²⁹

Isidoro de Sevilha faz a ligação entre ismaelitas e sarracenos, quando em suas Etimologias explica os povos e seus nomes: Abraão gerou Isaac, com Sara, mas antes com a serva Agar, teve Ismael. (TOLAN, 2002, p.287) Ismaelitas que depois se chamaram Sarracenos, que segundo John Victor Tolan, Isidoro prossegue tratando destes:

Isidoro em outro lugar dá uma entrada mais completa para os sarracenos: “Os sarracenos [sarracenos] são assim chamados, ou porque afirmam ter nascido de Sara ou porque (como dizem os pagãos) são de origem síria, como os sirígenes [siriginae]. Eles vivem em um vasto deserto. Eles também são chamados de ismaelitas, como ensina o Gênesis, porque são de Ismael. Ou [eles são chamados] Cedro do nome do filho de Ismael. Eles também são chamados Hagarens [Agareni] de Hagar. Eles são, como dissemos, erroneamente chamados de sarracenos, porque se orgulham falsamente de serem descendentes de Sara” (Etimologias, 9:2:57 SEVILHA apud TOLAN, 2002, p.287)T.A

²⁸ Aqui baseado na percepção de Jean Claude Schmitt quando se refere ao imaginário, onde este é "uma realidade coletiva que consiste em narrativas míticas, ficções, imagens, compartilhadas pelos atores sociais. Toda a sociedade, todo o grupo produz um imaginário, sonhos coletivos garantidores de sua coesão e de sua identidade". (SCHIMITT, 2007, p. 351)

²⁹ “pois está escrito que Abraão teve dois filhos, um da serva e outro da livre; mas aquele que nasceu da serva segundo a carne, e o que da livre, pela promessa que se diz em alegoria, pois estes são os dois testamentos, na verdade um do Monte Sinai na escravidão, que é Hagar, pois o Sinai é uma montanha na Arábia, que se une ao que é agora Jerusalém, e serve com seus filhos; mas aquela que está em cima é a Jerusalém livre, que é nossa mãe; mas nós somos irmãos segundo Isaque, filhos da promessa; mas como então aquele que nasceu segundo a carne perseguiu ao que nasceu segundo o espírito, assim também agora, mas o que diz a escritura sobre o serva e seu filho, porque o filho não será o herdeiro portanto, não somos escravos livres e filhos, irmãos, mas livres com a liberdade com que Cristo nos libertou”. (Gl 4,22-31). (VULGATA, 2007, p.2542).

Outra explicação sobre a origem do nome sarraceno está na obra do século XII, *Estoire du Saint Graal*, que relata que José de Arimatéia portando o Santo Graal chegou a uma cidade chamada Sarras³⁰ entre a Babilônia e Salamandra:

Esta é a cidade de onde os primeiros sarracenos vieram; e eles eram chamados “sarraceno” vindos da cidade de Sarras. E não acredite em quem diz que eles vieram de Sara esposa de Abraão, por que isso é uma invenção e não parece razoável. Não é desconhecido que Sara era judia, e seu filho Isaac também era judeu e todos os seus descendentes eram judeus. Desde a parte menor tem-se o todo, e desde que os judeus descendem de Sara, não seria certo que os sarracenos venham de seu nome, mas que eles tenham o nome da cidade de Sarras, onde este povo primeiro aprendeu o que eles deveriam adorar e onde eles inventaram e fundaram a seita que os sarracenos mantiveram até a chegada de Mahomet, que havia sido mandado para salvá-los, embora ele tenha se condenado completamente antes e depois por sua gula³¹. Antes de sua seita ser estabelecida em Sarras, o povo não sabia o que adorar. Assim eles adoravam o que imaginavam, e o que eles adoravam num dia, eles não adoravam no próximo. Mas então eles começaram a adorar o sol a lua e os outros planetas. (PONCEAU, 1997, p. 62) T.A

A constante presença sarracena no território e nas cercanias da Europa, trouxe além das já citadas, outras teorias para sua origem e sua nomenclatura.

É plausível a tese para o nome sarraceno escrita por Bernard Lewis, em seu livro *Árabes na História*, o autor relata que as primeiras citações do termo aparecem na literatura grega e ali “começa a ser divulgada”, aparecendo pela primeira vez nas antigas inscrições, supondo-se que seria o nome de uma única tribo do deserto da região do Sinai”. Na literatura grega, latina e talmúdica – o autor continua - é usada em relação

³⁰ The first mention of Sarras occurs in the earliest chapters of the History of the Holy Grail, where it is the first city to which Joseph of Arimathea and the Holy Grail come after leaving Jerusalem. This first description locates it “between Babylon and Salamander.” The editor helpfully notes that Babylon was the popular medieval name for the city of Cairo, but the city of Salamander is harder to place. It is mentioned once again in the History, when Nascien meets the Emir of Cordoba on his way to war with the King of Salamander in Greece. Assuming then that Salamander is in Greece, the text is most likely placing Sarras somewhere in Egypt or the Levant. This conclusion is bolstered by several other scattered geographical references. First, Evalach, king of Sarras, is recorded as being at war with neighboring Egypt. Later in the text, the tower of a nearby castle is described, from which it is supposedly possible to see both “the walls of Baghdad gleaming and the river Nile flowing in Egypt.” Finally, at the end of the Quest for the Holy Grail, Bors remains in Egypt for a time after completing the quest. (HERDE, 2019, p. 16).

³¹ Os medievais tinham a visão de que o profeta Maomé era glutton e luxurioso, ao verem a representação do paraíso revelada pelo profeta com abundância de comida e esposas para os fiéis. T.A. (AKBARI, 2012, p. 257).

aos nômades em geral, e em Bizâncio e no Ocidente medieval foi posteriormente, aplicada a todos os povos muçulmanos.(LEWIS, 1990, p.16)

Na antiga etimologia romana, segundo Irfan Shahid no livro *Rome and the Arabs: A prolegomenon to the study of Byzantium and the Arabs* temos duas significações uma relativamente positiva, pondo *saraceni* numa variação de *sharq/sharqi/sharqiyyin*, significando leste, Oriente/orientais, baseados numa questão direcional, ligada ao povo Nabateu, que ocupou a região norte da Arábia, o sul da Jordânia e Canaã, e viviam em torno dos oásis entre a Síria e a Arábia, do Eufrates ao mar Vermelho e foi ocupado pelo imperador Trajano no século II d.C.

Outra descrição um pouco mais consonante com a o pensamento medieval em relação aos sarracenos é que a nomenclatura venha de *sariq/sariqi*, que significa ladrão, saqueador, conhecida desde o império romano como derivação da palavra de origem árabe *šrq*³².

Demonstrando que, desde o Império Romano tais construções imagéticas desfavoráveis foram ligadas aos sarracenos, desconsiderando suas características individuais como região de origem, língua e religião, generalizando sua representação.

A nomenclatura sarraceno, a princípio, tem características étnicas, mas quando a expansão muçulmana chega à Península Ibérica e ao Mediterrâneo a partir do século IX, essa configuração ganha um novo padrão, religioso e bélico ligado à violência, e se diferencia da denominação mouro, também corrente na Península Ibérica:

Sarraceno foi um grupo étnico presente na língua latina desde pelo menos a mudança de era e logo foi usado como nome próprio usado na Península nos séculos X-XIII. Com o tempo, a expressão e imagem mais negativamente colorida dos maometanos daquela metade do milénio torna-se expressão e imagem, quando já existe uma clara diferenciação cultural entre os habitantes da nossa pele de touro quer nas suas tipologias arqueológicas, quer nas suas teologias, consciências e religiosas [...] É neste novo contexto que as referências aos muçulmanos vão se caracterizando desde a designação étnica até a carga negativa de origem religiosa carregada de signos de crueldade, aspereza, aspereza e algo viciante em todas as suas vertentes. dimensões.[...] A peculiaridade das notas distintivas do sarraceno são mais bem percebidas quando comparadas com as contidas no termo mourisco, que é menos áspero, menos violento. Mourisco em espanhol tem mais conotações étnico-culturais enquanto sarraceno contém uma

³² In support of a derivation from the root S-R-Q, "to steal, rob,plunder," it may be said that (a) this would have been a natural designation of the nomads by the sedentaries of the Nabataean kingdom, a designation that has parallels in the application by the Romans of the term *latrones*, "robbers," to practically all the barbarian peoples outside the limes; SHAHÎD, 1984, p. 125).

caracterização mais militar, combativa, cruel e dura. (GARCÍA, 2007, p.451) T.A.

Outras hipóteses ligam a palavra sarraceno à representação que os europeus davam a quem possuía a pele mais escura, comumente a dos habitantes de África, e Oriente, segundo Hamed Suliman Abuthawabeh, no artigo *Why Were Arabs and Muslims Called Saracens in the Medieval and the Renaissance Literature?* Em algumas obras literárias, como *King of Tars*³³, o personagem antagonista, um rei sarraceno é descrito com a pele negra, mas ao converter-se ao cristianismo, fica com a pele clara.³⁴

Vale aqui acrescentar que no texto do *King of Tars*, vemos uma diferenciação entre cristãos e pagãos com uma fisionomia mais carregada em padrões fenotípicos étnicos, enquanto nas narrativas como a *Chanson* tais elementos de distinção são mais focados nas práticas de culto e locais de origem, as características físicas mais reforçadas na narrativa rolandiana seriam ligadas ao antinatural, como pele impenetrável, e altura gigantesca, mas não aplicadas a todos os muçulmanos.

Hamed Suliman acrescenta que o termo sarraceno estava presente não somente em escritos narrativos, mas também em documentos oficiais como o documento administrativo romano *Notitia Dignatium*³⁵, que apresenta relatos do exército romano distinguindo árabes de sarracenos, e os colocando como povos habitantes da Ásia e da África e que tal nomenclatura era usada para descrever unicamente um grupo específico etnicamente, ou territorialmente.

[...] chegamos a conhecer três pontos importantes: Primeiro, uma vez que a palavra 'sarracenos' foi usada para descrever diferentes povos que viviam em diferentes vastas áreas da Ásia e da África, a palavra não foi usada etnicamente para descrever um grupo específico de pessoas vivendo em uma região limitada. Em segundo lugar, uma vez que

³³ Texto escrito em 1330, trata da conversão de um sarraceno sultão de Damasco que se apaixona pela princesa de Tars, que possui todos os atributos de uma dama perfeita incluindo a pele branca como um cisne: “Non feirer woman might ben— / As white as fether of swan. / The meiden was schast and blithe of chere / With rode red so blosme on brere / And eyghen stepe and gray. / With lowe scholders and white swere / Her for to sen was gret preier / Of prynced proud and play” (ll. 11-18). (CHANDLER, 2015, p. 23).

³⁴ All peoples that were referred to as 'Saracens' have the same skin color; it is the color of buckwheat, which was heavily focused on when describing those peoples. In the second above excerpt from the medieval romance *King of Tars*, the Sultan of Damascus is described as a pagan with black skin, and when he converts into Christianity, his skin tone changes from black to white. The color black is thus heavily present in the *King of Tars*, and it is prominently present wherever the 'saracens' are mentioned as well. It is, therefore, worth considering the concept of color when the word 'Saracens' is investigated as a description of certain peoples who share certain characteristics. (ABUTHAWABEH, 2019, p. 142).

³⁵ The *Notitia Dignatium* is an administrative list which delineates the leading imperial offices, both civil and military, in the eastern and western empire of the later fourth and fifth centuries. (O'HARA, 2013, p. 3).

ambos os nomes de 'sarracenos' e 'árabes' foram usados no documento administrativo romano de *Notitia Dignitatum*, eles provavelmente se referem a povos diferentes, ou os árabes eram considerados parte de um grupo maior de pessoas que compartilhavam certas características e eram assim todos chamados de sarracenos. Terceiro, como as duas palavras 'sarraceno' e 'sariqin' foram usadas quase nos mesmos períodos em escritos diferentes, a primeira palavra não tem nada a ver com a última. Cada palavra tem seus próprios significados e conotações literais. Além disso, o nome sarraceno estava claramente restrito às línguas europeias, portanto deve ter vindo originalmente de uma língua europeia que teve profunda influência sobre as outras línguas do continente. Nunca está relacionado com as palavras árabes de 'sariqin', 'sharquiyyin' ou 'sarisa'. É de origem puramente europeia (ABUTHAWABEH, 2019, p. 143-144) T.A.

Nas narrativas haverá sempre o reforço da ideia de luta da luz contra as trevas, e em alguns textos, essas “trevas”, são facilmente reconhecíveis na pele escura dos não-cristãos, o que nos leva a refletir se a escuridão atribuída aos inimigos era, na verdade, uma projeção de suas próprias sombras, embora não totalmente admitida. A imagem distorcida do Islã era, de fato, uma projeção do lado sombrio da sociedade europeia. A violência e a sexualidade excessiva atribuídas aos muçulmanos também existia na Europa, mesmo indo contra o ideal cristão tradicional.(WATT, 1972, p. 83)

Tais defeitos atribuídos aos sarracenos e outros islâmicos era uma espécie de projeção das deficiências e sombras dos cristãos.

No decorrer da história, vários povos foram chamados sarracenos:

Na antiga literatura grega, latina e talmúdica, a palavra sarraceno passou a designar os árabes e os nômades em geral. Os bizantinos o usavam para denotar todos os árabes e muçulmanos, incluindo turcos e persas. [...] mas depois o nome adquiriu um significado muito mais amplo, e os súditos de língua grega do Império Bizantino o aplicaram a todos os árabes. Após a ascensão do Islã, e especialmente na época das Cruzadas, seu uso foi estendido para se referir a todos os muçulmanos, incluindo os muçulmanos não árabes, particularmente os da Sicília e do sul da Itália, e até mesmo os bascos e os não muçulmanos. pagãos” como as tribos “pagãs” ao redor do Mar Báltico. (FALK, 2010, p. 66) T.A.

Na Sura Al-Baqara سورة البقرة, na primeira parte nos *ayat* (versículo) 124 ao 140 tratam de Abraão, Ismael e Isaque, que estes não eram judeus, mas sim monoteístas e seguidores de Allah, e que a Ka'aba foi feita no lugar em que Abraão se apoiava, além dele, a Sura fala de Agar e Ismael que segundo ela, rumaram para o sul da península Arábica, no vale de Makkah, local que Abraão recebera a revelação de Deus.(CORÃO, 2007, p. 32-37) Ligando diretamente os muçulmanos à judeus e cristãos.

Sarraceno também poderia significar pagão, como no poema do século XII *Floovant*, no qual o rei franco Clovis antes de sua conversão ao cristianismo (também na gesta *Gormont et Isembart*) descreve os incursores daneses como sarracenos, devotos ao deus Apollin³⁶ (Apolo); e seu líder Gormont “o árabe” é chamado também de Anticristo e Satanás. Além destas demonstrações, outros autores associam sarracenos e muçulmanos ao paganismo (TOLAN, 2002, p.127).

Até estudiosos do direito do século XIII se referem aos sarracenos como pagãos; para o decretalista Azo, os sarracenos servem e adoram inúmeros deuses, deusas e demônios”. “Sarraceno” e “pagão” são termos tão entrelaçados que quando Pedro Abelardo (no século XII) compõe seu Diálogo de um Filósofo com um judeu e um Cristão, ele retrata o filósofo “pagão” como uma espécie de cruzamento entre um romano antigo e um muçulmano contemporâneo, como quem é circuncidado e cita Ovídio. (TOLAN, 2002, p.127)T.A

Textos em latim, francês e outras línguas descrevem os sarracenos com padrões clássicos da idolatria romana: se prostrando a ídolos e fazendo sacrifícios a eles. Um dos poucos pontos de diferenciação é que em alguns textos os acólitos usam turbante e tem pele escura, em outros essas características são suprimidas. Os cristãos criticam o culto à Kaaba, e caracterizam os “deuses” sarracenos com “*uma panóplia de ídolos, em pedra e metais preciosos, habitados por demônios que lhes conferem poderes mágicos* T.A”(Ibd, p. 106).

Na *Chanson* são essas as características de culto dos sarracenos:

Ele reúne quatrocentos mil em três dias, toca seus tambores em Zaragoza. Fica na mais torre alta Maomé, e todos os pagãos imploram a ele e o adoram. T.A (vers.851-854)(BÈDIER, 1923, p. 66)

E mostra que os ídolos sarracenos têm locais de culto determinados e estátuas com adornos preciosos, que lhes são tirados quando estes não atendem a seus fiéis:

Em direção a Apolo, numa gruta, eles o ofendem, e indignadamente indagam: OH deus malvado, por que nos envergonha? Trouxe a nosso

³⁶ De fato, os cristãos geralmente pensavam em os deuses pagãos, e especialmente Apolo, como demônios malignos os alvos mais prováveis eram seus oráculos obscuros, que lançavam as pessoas na perdição. Mas seu próprio nome deve ter sido prejudicial para ele: o comentarista Vergil Servius indica (com referência a ecl. 5.66) que Apolo também é um infernos deus et noxius (deus inferno e nocivo) e é por isso que ele é nomeado após o verbo apollýein 'destruir' [...] A forma grega continua importante; no livro de Apocalipse (9.11) quando a quinta trombeta soa, o exército que surge do abismo tem como líder regem angelum abyssi cui nomen est hebraice Abaddon, graece autem Apollyon, latine habens nomen Exterminans. (Um rei, o anjo do abismo; cujo nome em hebraico é Abaddon e em grego Apollyon; em latim Exterminans.) T.A (BECKMANN, 2023, p. 466)

rei ruína? A quem te serve bem, má é sua recompensa! Então eles lhe tiraram o cetro e a coroa e com as mãos o atiraram numa coluna, pisoteiam-no na terra, e com grandes bastões bateram e quebraram, E de Tervagante arrancaram o rubi, E Maomé jogaram num fosso, cães³⁷ e porcos o mordem e pisoteiam”. (vers.2580-2592) (Ibd., p.196) T.A

Não somente os seguidores do islã serão estigmatizados, como seu líder também. Maomé será representado como luxurioso em obras como *Vie de Mahomet* de Embricon de Mayenee e em *Les Plaisirs de Mahomet*, de Gautier de Compiègne (VAUCHEZ; SÈRE, 2012, p. 193) escritas no século XII, momento em que a Europa está imersa no ambiente Cruzado – em que o inimigo é o pagão.

1.3 - As Cruzadas e “os inimigos”

Mas por que trocar os bascos cristãos pelos sarracenos pagãos na *Chanson de Roland*? Acredita-se que tal artifício fora um meio de mostrar a união do povo cristão na narrativa da *Chanson*, imersa num contexto das Cruzadas, momento em que o papa Urbano II, não queria converter o infiel sarraceno, mas sim resistir ao Islã e resgatar a Terra Santa das mãos dos pagãos.

Aqui podemos ter um vislumbre da ideia tão reforçada na *Chanson de Roland*, de que os francos são os escolhidos para combater os infiéis e defender a Cristandade e os territórios a ela ligados e que para isso seria necessário usar a força e a espada.

Na missão Cruzada de libertação, Urbano II em sua conclamação, se dirige aos francos diretamente, segundo Robert, o monge, que esteve presente em Clermont e assim o relata em seu *The Historia Hierosolymitana* o discurso do papa Urbano, que dirigindo-se aos francos os chama de raça escolhida e amada por Deus, que brilha em todos os seus trabalhos, e que estes são separados de todas as nações por sua fé católica, e por isso ele os conclama a vingar os erros e recuperar o território.

O papa ainda alude à notável glória nos braços, grande coragem e força para humilhar aos opositores que resistissem a eles, além de exaltar os antepassados Carlos o Grande, seu filho Louis e outros reis, que destruíram os reinos dos pagãos e estenderam nessas terras o território da Igreja Sagrada (Robert, the Monk, 1998, p. 26-28)

³⁷ É conhecida a aversão dos mulçumanos a cães e porcos, bem como a afinidade árabe por camelos e cavalos. T.A.(FOLTZ, 2006, p.2)

Esse território abarcaria um duplo significado. Em primeiro lugar, uma dimensão geográfica e física, vinculada à expansão e à posse. Em segundo lugar, teria uma conotação relacionada à ideia de civilização, representando um espaço social apropriado pelo homem, onde ele estabelece um conjunto de regras e leis como base para a organização e disciplina (BISSIO, 2013, p.25).

O resgate desse território que era visto como uma herança deixada por Deus aos cristãos, ou seja, a Cristandade a possuía como direito, e para tomá-lo de volta, a Igreja pregava a ideia de Guerra Santa, fazendo o Ocidente de certa maneira usar a noção de *jihad*³⁸, numa ligação entre poderes temporais e espirituais nas mãos do papado que ocorria desde a reforma eclesial, que aos olhos dos papas a Igreja era herdeira do Império Romano.(VAUCHEZ; SÈRE, 2012, p. 194)

A sociedade cristã não poderia, contudo, se satisfazer em voltar para dentro de suas próprias fronteiras; deveria expulsar o Islã, para se espalhar pelo mundo inteiro e impor sua ordem. Portanto, é um duplo movimento simétrico de purga e expansão. Este responde à ambição do universalismo cristão que pretende cobrir toda a terra até que não haja mais nada (exceto ele) e podemos dizer dela o que diz de Deus (emprestando uma fórmula bem conhecida), que seu centro está em toda parte e sua circunferência em nenhuma parte. (LUCKEN, 2004, p.10) T.A.

Essa animosidade ocorre entre os cristãos ocidentais contra os pagãos do Oriente. Os cristãos orientais não veem os muçulmanos com estranheza e distanciamento, haja visto que possuem uma proximidade geográfica maior. Além de que a Igreja Oriental observava que as intenções dos cruzados ultrapassavam as questões espirituais:

A Cruzada, que visa a reconquista dos Lugares Santos e a libertação dos irmãos cristãos, não é comparável à *jihad*, mas a conexão que estabelece também entre a Igreja e a pregação da guerra. E as vantagens espirituais que concede aos combatentes provocam nos

³⁸ JIHAD-Aqui visto como luta virtuosa, em direção a algum fim louvável, conforme definido pela religião[...] Os estudiosos definiram vários tipos diferentes de Jihad, agrupados em duas categorias básicas: a *jihad* espiritual e a *jihad* física. Os objetos do primeiro tipo é a própria alma(*nafs*), cujas as más inclinações podem ser superadas ou disputar perpetuamente com Satanás (*Shaitan*), que tenta semear dúvida e confusão na alma do crente para desencaminhá-lo. A *jihad* física foi destinada aos incrédulos fora da comunidade muçulmana, assim como hipócritas e encenqueiros dentro das fileiras muçulmanas. Seu objetivo era estabelecer a supremacia da lei divina e, assim, promover a justiça e bem-estar social de acordo com os valores islâmicos, mas o uso mais generalizado do termo *jihad* n clássico pensamento islâmico estava no sentido de uma luta divinamente sancionado, para através da guerra, se necessário, estabelecer a soberania islâmica e, assim, propagar a fé islâmica aos incrédulos. T.A. MARTIN, 2004. p. 377).

bizantinos a mesma reação de rejeição: eles sabem o que significa peregrinação, experimentaram o que é a guerra contra os "sarracenos inimigos de Deus", mas não entendem que misturemos os gêneros e duvidam, além disso, da sinceridade dos cruzados que, para alguns, já chegam ao Oriente como saqueadores. (DAGRON, 1997, p. 327)T.A.

Isso gera crítica dos escritores ocidentais, que acreditavam que a Igreja do Oriente estava enfraquecida pela influência de Maomé:

Para Jacques de Vitry, assim como para escritores anteriores sobre as Cruzadas, como Guibert de Nogent e Adelphus, os cruzados desempenharam um papel fundamental no plano divino: a reconquista cristã e a renovação espiritual do Oriente. A igreja oriental brilhou na antiguidade, explica Jacques, espalhando os seus raios para o Ocidente, mas “desde o tempo do pérfido Maomé até ao nosso tempo” está em declínio, seduzida e enfraquecida pelas “persuasões falaciosas do pseudopofeta e os encantos dissolutos e devassos da luxúria.” (TOLAN, 2002, p. 199) T.A.

E esse pensamento, se perpetua e se reproduz com os doutores da Igreja, como Bernardo de Claraval, que em sua obra *Eloge de la nouvelle chevalerie*, argumenta a superioridade do cristianismo sobre o islã, e que o cristão deve preferir a cruzada se tornando mártir.(LUCKEN, 2004, p. 5)

A chegada dos muçulmanos é vista como um momento de desolação e desespero à Cristandade, como é descrito no texto *La Description des derniers temps*, uma obra escrita no fim do século VII por um cristão anônimo:

Eles são corruptos e se lançam na corrupção; eles são odiosos e abomináveis, e cultivam o ódio. Assim que deixarem o deserto, mergulharão a espada no ventre das mães e as matarão com o feto. Eles arrancarão, para matá-los, os filhos do peito de suas enfermeiras e os alimentarão aos animais. Eles profanarão os lugares sagrados e matarão os sacerdotes. Eles se afundam com mulheres nos lugares veneráveis e consagrados onde o Santo e o Puro Sacrifício devem ser celebrados. Suas esposas vestirão roupas consagradas e as vestirão sobre seus filhos e filhas; eles os espalharão sobre seus cavalos e sobre suas camas. Estacionarão seus animais nas tumbas dos santos como em um estábulo. Eles serão o assassinato, a ruína e o fogo purgatório do povo dos cristãos. (CAROZZI; CAROZZI-TAVIANI, 1999, p. 103)T.A.

Por essa e outras causas será criada toda uma “propaganda” negativa pelos cristãos contra os pagãos, na qual os cristãos ocidentais se propunham a libertar os cristãos orientais do “jugo” pagão...

O papa Inocêncio III, na bula *Quia Maior*, de 1213, atribui ao Islã o número 666, numa perspectiva apocalíptica escatológica, e determina uma data para o fim de seus dias:

O outro elemento, que aliás ia no mesmo sentido e também se inseria num contexto escatológico, reside na convicção, então muito difundida entre as elites cristãs, de que os dias do Islão estavam contados e que desapareceriam num futuro não muito distante . Assim o fez o Papa Inocêncio III na bula *Quia maior* de 113 destinada a instaurar uma nova cruzada, onde afirmou, com base em complexos cálculos baseados na atribuição ao Islão do número 666 –, o da Besta no Apocalipse – que o fim da religião do “pseudoprofeta Muhammad” ocorreria por volta de 1270. Nesse clima apocalíptico, a urgência de enfrentar o Islã estava mais do que nunca em pauta, o que não excluía o desejo de trazê-los de volta ao “fé verdadeira” (VAUCHEZ; SÈRE, 2012, p. 195) T.A.

Além disso, acrescenta-se que os muçulmanos, diferente dos judeus (que compartilham com os cristãos uma origem comum de descendência israelita), são vistos como invasores e inimigos com hábitos religiosos distintos, mesmo que essa característica também se aplique aos judeus - estes apresentam uma linha de vivência comum vinda de Jerusalém, e culturalmente ligada pelos patriarcas e profetas do Antigo Testamento.

Esses traços comuns dão à judeus e cristãos uma referência de relativa igualdade, embora os judeus sofram as penas de não acreditarem no Cristo, ainda são tratados com menor animosidade, do que a direcionada aos muçulmanos.

Essa diferença é encontrada em documentos oficiais, como os produzidos pela Igreja, segundo David Freidenreich, o *Decreto de Graciano* enfatiza a diferença entre o tratamento dispensados entre judeus e sarracenos está no fato de que os cristãos travaram uma guerra contra os últimos mencionados, que perseguem os cristãos e os expulsam de suas cidades e casa.³⁹ Já o comentário de abertura do *Decretum* do Papa Alexandre II(1061-1073) no conhecido *Díspar*, que trata da diferença entre judeus e sarracenos argumenta que :Nós não devemos perseguir os judeus, mas sim os sarracenos (FREIDENREICH , 2009, p. 45) .

³⁹ Dispar nimirum est Iudeorum et Sarraceno um causa. Inillos enim, qui Christianos persecuntur, et ex urbibus et propriis sedibus pellunt. (FRIBERG , 2000, p. 955).

1.4 - Conhecimento e preconceito

Os estudiosos eclesiásticos pensavam que era necessário não somente o embate no campo de batalha, mas também no campo do conhecimento, e para isso os intelectuais cristãos estudaram a filosofia e a ciência vinda da Arábia, assim como traduziram obras desses povos para o latim, a fim de provar a superioridade cristã através de debates e argumentação racional.

Segundo estes estudiosos, o Ocidente era cultural e intelectualmente superior e mais iluminado racionalmente. Entretanto mesmo concebendo o Oriente como inferior, a sua produção cultural e intelectual é vista com curiosidade e admiração.(TOLAN, 2002, p. xvii-xviii)

Os cristãos durante as Cruzadas, possuíam uma relação de alteridade ligada a uma duplicidade de sentimentos, eles viam, mas não admitiam diretamente os muçulmanos com uma dose de respeito e de reconhecimento sua superioridade em alguns campos, o que resultou na necessidade cristã de superestimar suas práticas religiosas à frente desses oponentes, representando daqueles pagãos como demonizados. Assim como os muçulmanos acreditavam-se superiores aos cristãos, graças aos ensinamentos do profeta Maomé.

Segundo Montgomery Watt, as Cruzadas tiveram interpretações e consequências distintas para a Europa e o mundo islâmico, e o suposto impacto profundo nas questões islâmicas é questionável, no Oriente muçulmano, a fragmentação política e alianças locais enfraqueceram a resistência contra os cruzados. O Sultanato Seljúcida, principal poder islâmico, estava distante das áreas das Cruzadas. Portanto, para muitos muçulmanos, as Cruzadas não foram uma grande preocupação, como evidenciado pela escassa menção delas em registros históricos islâmicos.

A ideia de que as Cruzadas tiveram impactos profundos nos assuntos islâmicos, como a desintegração do califado abássida ou a resistência aos mongóis, carece de fundamentação sólida. As atitudes muçulmanas em relação aos cristãos não foram amplamente afetadas pelas Cruzadas, e o conceito de Jihad já existia há muito tempo, não tendo um impacto duradouro na sociedade muçulmana.(WATT, 1982, p.80-81)

O encontro da Europa com o Islã gerou um impacto maior na sociedade europeia, pois ao perceberem que os seguidores de Maomé já se encontravam no Oriente, na Ásia, na África e as portas do seu continente, gerou sentimento de inferioridade, devido à tecnologia e ao domínio islâmico em grande parte do mundo, em

resposta, os cristãos ocidentais buscaram reafirmação através de movimentos religiosos como a peregrinação a Compostela e o entusiasmo pelas Cruzadas. A construção de uma da imagem distorcida do Islã entre os europeus serviu para compensar esse sentimento de inferioridade(Ibid, p. 81-82), e erigindo um ideal de que a Cristandade estava certa e os demais, errados.

Por isso, a Europa percebe que precisa agir de maneira a diminuir esses povos, pois o Islã já alcançara grande parte do mundo conhecido, com domínio religioso, político e econômico, gerando riquezas consideráveis, pagas com matéria prima que eles possuíam em profusão, ouro, além do controle sobre rotas de comércio em áreas densamente povoadas, gerando uma economia triunfante que logo poderia se tornar uma civilização dominante(BISSIO, 2013, p.31).

Essa animosidade se estende aos sarracenos, que desde o início no reino dos primeiros carolíngios apareceram cada vez mais, até seu progressivo avanço na Península Ibérica e possível marcha dentro do território europeu, o que de certa maneira deixou os cristãos alarmados:

Após a morte de Maomé, em 632, a hegemonia militar, e mais tarde cultural e religiosa, do Islã cresceu enormemente. Primeiro a Pérsia, a Síria e o Egito, depois a Turquia e a África do Norte caíram nas mãos dos exércitos muçulmanos: nos séculos VIII e IX, a Espanha, a Sicília e partes da França foram conquistadas. Por volta dos séculos XIII e XIV, o islã estendia o seu domínio para o leste até a Índia, Indonésia e China. E a esse extraordinário assalto a Europa podia reagir com muito pouco além de medo e um certo pasmo. Os escritores cristãos que testemunhavam as conquistas islâmicas tinham escasso interesse pela erudição, alta cultura e frequente magnificência dos muçulmanos, que eram, como disse Gibbon, "coevos com o mais obscuro e indolente período dos anais europeus". (Mas com uma certa satisfação ele acrescentou: "Desde que a suma da ciência se ergueu no Ocidente, parece que os estudos orientais definharam e declinaram.'). Tipicamente, o que os cristãos sentiam a respeito dos exércitos orientais era que tinham "toda a aparência de um enxame de abelhas, mas com a mão pesada [...] eles devastaram tudo": assim escreveu Erchembert, clérigo de Monte Cassino, no século XI. Não sem razão o Islã passou a simbolizar o terror, a devastação, o demoníaco, as hordas de odiosos bárbaros".(SAID, 1996, p. 69)

A expansão religiosa e territorial , moveu o papado contra os sarracenos que juntamente com os judeus são citados no Cânone 26 do Terceiro Concílio de Latrão de 1179, no que tange as relações de convivência entre estes e os cristãos, proíbe judeus e sarracenos de terem servos cristãos, enquanto qualquer cristão que os servir deve ser excomungado: *Iudaei sive Sarraceni nec sub alendorum puerorum obtentu nec pro*

*servitio nec alia qualibet causa christiana mancipia in domibus suis permittantur habere. Excommunicentur autem qui cum eis praesumpserint habitare.*⁴⁰

Ou seja, deveria haver distinção entre os seguidores de Cristo e os “outros”: uns mais estranhos devido à suas práticas culturais, linguísticas e religiosas mais distantes geograficamente, os invasores (sarracenos) e outros um tanto mais próximos, mas do mesmo modo, estrangeiros, no caso, os judeus.

Ambos os casos eram suscetíveis a preconceitos e tratamento socialmente excludente. E que se tornam alvo da campanha expansionista da “causa cristã”, como discorre Christoher Lucken sobre o tema: “O preço a ser pago por uma empresa “totalitária” é a constituição de uma sociedade fundada na intolerância. Excluídos da sociedade cristã, os outros são assimilados a bestas sem razão (judeus como os sarracenos são comparados várias vezes a burros)” (LUCKEN, 2004, p.10) T.A.

Os “outros” têm sobre si uma carga de marginalização, dentro da sociedade cristã ocidental, sofrendo sanções legislativas e sociais, sendo considerados *outsiders*⁴¹, seja por suas diferentes práticas econômicas (judeus) e estruturas políticas (sarracenos), além do mais importante, suas manifestações religiosas:

Os excluídos da comunidade cristã e, por conseguinte, das estruturas fundamentais da Europa medieval, não eram só os heréticos, mas também os infiéis, ou seja, pessoas que professavam uma fé diferente, e os pagãos. O simples facto de não se aceitar a verdade da ortodoxia cristã era motivo suficiente para se ser considerado diferente e ser excluído. (GEREMECK, 1989, p.247)

Tal ideia parte da certeza dos cristãos de estarem certos, mas não somente da parte deles vem essa certeza, para os três grupos religiosos, somente a sua crença seguia

⁴⁰ Judeus ou muçulmanos não podem ter escravos cristãos em suas casas, nem na condição de filhos adotivos, nem para serviço ou por qualquer outro motivo. Os que presumirem viver com eles serão excomungados. T.A. Concilium Lateranum III [1179-1179] Disponível em: http://www.documentacatholicaomnia.eu/04z/z_1179179_Concilium_Lateranum_III_Documenta_LT.doc.html. Acesso em 22 de agosto de 2023.

⁴¹ Aqui utilizando o conceito de Nobert Elias, que elaborou uma teoria acerca das manifestações de autoimagem de poder de um grupo estabelecido hegemônico sobre um mais recente de dominados interdependentes de uma comunidade na periferia urbana na Inglaterra, mas aplicável nas comunidades medievais citadinas em conflitos entre a nobreza e os demais habitantes da vila, que senão eram nobres, eram das camadas mais baixas além dos judeus e pagãos: “As palavras *establishment* e *established* são utilizadas, em inglês, para designar grupos e indivíduos que ocupam posições de prestígio e poder. Um establishment é um grupo que se autopercebe e que é reconhecido como uma “boa sociedade”, mais poderosa e melhor, uma identidade social construída a partir de uma combinação singular de tradição, autoridade e influência: os *established* fundam o seu poder no fato de serem um modelo moral para os outros. Na língua inglesa, o termo que completa a relação é *outsiders*, os não membros da “boa sociedade”, os que estão fora dela.” (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 7).

o verdadeiro Deus, com seus códigos e regras determinados por inspiração divina e os demais ou estavam de alguma forma equivocados, ou pior, seguiam alguma manifestação demoníaca:

Para muçulmanos, cristãos e judeus da Idade Média, poderia existir apenas uma verdadeira "religião", assim como havia apenas um Deus. Religiões rivais eram, na melhor das hipóteses, expressões imperfeitas da verdadeira religião, na pior das hipóteses, erro diabolicamente inspirado. Não havia estado "laico"; como cada governante alegava para defender a lei de Deus, cada um via à Deus como a fonte de sua autoridade sobre seus súditos. Um nasceu em uma comunidade religiosa e a comunidade determinou seu status legal: judeus, cristãos e muçulmanos tinham separado, sistemas jurídicos e judiciais segregados, quer vivessem em Bagdá ou Barcelona. O ecumenismo não estava disponível para o cristão medieval: confrontado com os sucessos surpreendentes do Islã, muitos cristãos abraçaram a fé do profeta Maomé. Entre os que não o fizeram, vários atribuíram ao Islã um lugar no panteão dos inimigos de Deus, a fim de desencorajar cristãos da conversão ao Islã ou para justificar uma ação militar contra muçulmanos. (TOLAN, 2002, p. xiv) T. A

Essa visão de que somente os cristãos estão corretos, e que os sarracenos são idólatras e inimigos, é difundida pela Igreja Católica, que decreta no Concílio de Viena (1311-12): *Sarraceni conveniunt ut ibidem [in their mosques] adorent Mochometum*”⁴² O monge beneditino Hugues de Fleury no século XII, em sua *Histoire Ecclesiastique*, diz que os sarracenos adoravam ídolos em particular uma estátua de Maomé no templo de Jerusalém. (VAUCHEZ; SÈRE, 2012, p. 192)

Pedro o Venerável, abade de Cluny de 1112 a 1156, acreditava que era necessário combater a “heresia sarracena” recorrendo ao debate, com documentos sérios, e para isso viaja à Espanha e reúne uma série de textos, além de traduzir o Corão e aprender a língua árabe, pretendendo montar um “gabinete de armas cristãs (armarium christianum) e desejando assim ter conhecimento sobre o adversário para combatê-lo⁴³. O abade escreve deste modo a *Summa haeresis Sarracenorum*:

Esta Summa-Somme_ é uma espécie de compêndio, uma declaração dogmática destinada a estigmatizar os principais erros - a recusa da Trindade, os desvios cristológicos - e os "delírios" de Maomé. Pedro, o Venerável, não pretende usar argumentos contrários à verdade - tais como a lenda fazendo de Muhammad um nicolaíta-, nem ataques ad

⁴² “Sarracenos que também se encontram [em suas mesquitas] adoram Maomé T.A. (TOLAN , 2002, p. 319).

⁴³ “Pedro, o Venerável é o primeiro a conceber a idéia de combater os muçulmanos não no terreno militar, mas no terreno intelectual. Para refutar-lhes a doutrina, é preciso conhecê-la.” (LE GOFF, 2003. p 39).

hominem Muhammad constitui um estágio intermediário entre Ário e o Anticristo de onde, questão essencial, devemos considerar os muçulmanos hereges ou pagãos? Segundo uma concepção desenvolvida na apocalíptica hispânica, o Islã é apresentado como a soma de todas as heresias cristãs e as fábulas judaicas do Talmude. O abade de Cluny expressa sua incompreensão diante de uma religião sem padre e sem meditação sacramental. (GUICHARD;MENJOT, 2000, p. 103-104) T.A.

Além de Pedro o Venerável, há outros estudiosos como Guilbert de Nogent, que se pode dizer, apresenta um caráter ambivalente em seus estudos, num momento ele corrige a má impressão sobre os islâmicos serem politeístas, dizendo que os sarracenos eram monoteístas e que não viam Maomé como deus, e que estes não eram idolatras, mas, entretanto, os vê como diabólicos: em sua *Gesta Dei per Francos*, ele afirma que o diabo aparece na tradição maometana, dando ao Islã uma representação anticristã.(SABBATINI, 2015, p. 139)

1.5 - Os “sarracenos”, o fim do mundo e sua presença na *Chanson de Roland*.

No decorrer do tempo, se torna recorrente essa imagem ambígua sobre os sarracenos, ora os apresentando como monoteístas, ora os mostrando como adoradores de Maomé:

Esse tipo de confronto de imagens da religião sarracena se torna mais comum à medida que mais informações sobre o Islã e seu profeta chegam à Europa. Alguns autores até tentam acomodar as duas versões: William de Malmesbury, escrevendo por volta de 1125, sabe que os sarracenos são monoteístas, mas ainda acredita que eles ergueram uma estátua de Maomé no templo de Jerusalém. Até o rei Alfonso VI de Leão e Castela descreve a mesquita de Toledo como a “habitação de demônios” (embora não, de fato, de ídolos). Na Crônica de Pseudo-Turpin do século XII, um “best-seller” medieval há um sarraceno que explica que Maomé é o mensageiro deles enviado por Deus, mas outro o invoca como "meu Deus". A mesma crônica nos diz que Maomé fez um ídolo de si mesmo na Espanha, usando sua necromancia para preencher com demônios, e configurou-o para proteger os sarracenos do ataque cristão. Portanto, o leitor pode acreditar que Maomé é ao mesmo tempo um homem que os sarracenos aceitam como profeta e um ídolo, que esse falso profeta fez de si mesmo. (TOLAN, 2002, p. 133)T.A.

Para os cristãos ocidentais, “sarracenos são pagãos, e os pagãos, sarracenos”, essas palavras se tornaram no período indissociáveis. No século XV, no dicionário

Latin-Frances⁴⁴ composto por Firmin Le Ver, dá a palavra Saracenus, a equivalência de *sarrasin, paiens, mescreans*⁴⁵(sarracenos, pagãos, indecentes).

Os sarracenos serão postos como os de fora, o reverso do cristão, na dicotomia que os primeiros eram maus, os outros eram bons perfeitos e aprazíveis, e tais características não vinham apenas do desconhecimento, mas também deliberadamente do pensamento religioso:

Para as canções épicas, o Sarraceno é apresentado como uma caricatura de tudo o que ele realmente é, seu credo austero torna-se uma coleção de perfídias e heresias. Em poucas palavras, o épico sarraceno francês é uma inversão grosseira de um cristão épico francês. Tudo o que o cristão considera perverso, perverso, detestável, é apresentado como parte integrante da doutrina, crença ou prática sarracena. Ele é apresentado como o inimigo natural da Cristandade. Mas seu retrato não foi misturado acidentalmente, nem pode ser reflexo da ignorância. É um intenso fervor religioso (JONES, 1992, p. 202-203) T.A.

Muitos autores do Medievo, associam o nome sarraceno ao conceito de pagão, e os ídolos pagãos ao nome de Muhamed, ou corruptelas do nome como Maomé, Mahon, Mawmet..., esse é o caso da *Chanson de Roland*, em que Marsile tem como ídolo Maomé que aqui ganha atributos divinos e é visto como equivalente ou superior à São Pedro: “*Plus valt Mahum que seint Perre de Rume*”: (921) (BÉDIER, 1923, p.72)⁴⁶.

Essa “divinização” de Maomé é bem evidente quando antes da batalha, *En Sarrauce fait suner ses taburs; Mahumet lèvent en la plus halte tur :N'i ad païen nel prit e ne l'aort*” (852-854)(Ibd., p. 66)⁴⁷. Esse trecho chama atenção para um certo

⁴⁴ Manuscript nouv. acq. française 1120 of the Bibliothèque Nationale, Paris, contains one of the most remarkable Latin-French lexicons of the Middle Ages. This dictionarius is the work of a single compiler, Firmin Le Ver, prior of the Cartusian house of St. Honoré in Thuisson, near Abbeville in the Somme region. Between the years 1420 and 1440 Le Ver put together from named and unnamed sources the largest Latin-French lexicon of the Middle Ages, 466 folios in which some 45,000 words are glossed and explained in Latin and French. (MERRILEES, 1988, p. 181).

⁴⁵ For the epic songs the Saracen is presented as a caricature of all that he really was, his austere creed becomes a collection of perfidies and heresies. Put briefly, the French epic Saracen is a crude reversal of a French epic Christian. Everything that the Christian holds to be perverse, wicked, detestable, is presented as the integral part of Saracen doctrine, belief, or practice. He is offered as the natural Enemy of Christendom. But his Portrait was not thrown together accidentally, nor can it be reflection of ignorance. It is an intense religious fervour. (TOLAN, 2002, p. 128).

⁴⁶ “Mais vale Maomé do que são Pedro de Roma”. T.A.

⁴⁷ “Em Saragoça soam os tambores, Maomé é elevado a mais alta torre. Todo o pagão reza a ele e o adora”. T.A.

desconhecimento do autor com relação à doutrina islâmica, *ayat* 2-5⁴⁸ que declara adoração somente a Allah.

A imagem de sarracenos como adoradores de ídolos era muito difundida nas narrativas épicas e até mesmo dizia-se que material eram feitos tais estátuas: “Os deuses sarracenos são geralmente adorados como estátuas de madeira, pedra ou metal, que são frequentemente chamados de “maumets”. A veneração pode assumir a forma de orações, beijos, recitação de leis religiosas, incenso e oferendas de sacrifício”. T.A. KINOSHITA; BLY CALKIN, 2012, p. 37).

O Venerável Beda, em seu *De temporum ratione*, escrito por volta de 725, expressa preocupação com o avanço islâmico, e utiliza o termo perfídia para descrever os sarracenos, expressando-os não somente como adversários militares, mas crentes errados.

Segundo Michael Frassetto: “Talvez mais do que muitos de seus contemporâneos, Beda estava disposto a atribuir uma qualidade moral a seus sarracenos – eles eram “perversos” e essa maldade os colocava em oposição tanto a Deus quanto à humanidade” (FRASSETTO, 2020, p.115) T.A. Além de retratá-los, antecipadamente, o que séculos mais tarde seria comum, como inimigos idólatras da fé cristã.

Na *Chanson* essa ideia de que os sarracenos adoram ídolos aparece em inúmeras passagens, como no trecho que relata as ações dos cristãos após tomarem Saragoça⁴⁹ das mãos do exército de Baligant:

O dia passou, a noite caiu. A lua é clara, as estrelas brilham. O imperador tomou Saragoça: por mil franceses a vila foi vasculhada a fundo, as sinagogas e as mesquitas. Com malhos de ferro e machadinha, eles esmagam as imagens e todos os ídolos: não haverá nem mal nem encantamento. (vers.3658-3665) (BÉDIER, 1923, p.276 e 278) T.A

⁴⁸ Segundo a escrita na Sura Al Fatiha الفاتحة (Capítulo de Abertura), o Al Corão declara: “Louvado seja Deus, Senhor do Universo, O Clemente, O Misericordioso. Soberano do Dia do Juízo. Só a Ti adoramos e só a Ti imploramos ajuda!” (CORÃO, 2007, p. 2).

⁴⁹ Do árabe Sarakusta, (nisba: Sarakusti, sendo esta uma das cidades(madina)mais importantes de al-Andaluz entre 95/714 e foi conquistada por Alfonso I de Aragão, considerada a capital regional (hadira), conhecida como Cidade Branca (al-madina al-bayda), de acordo com os geógrafos árabes, ela era como "uma mancha branca cercada pela vasta paisagem verde esmeralda de seu campo". Um campo de agricultura abundante, irrigado pelo rio Ebro, comercio como “um portal de todas as rotas”, minas de sal,um próspero comercio de peles conhecido como sarakustiyya. T.A (BOSWORTH;. VAN DONZEL; HEINRICHS) ,1997, p. 35-36

Para os cristãos ocidentais medievais, (salvo exceções) não havia diferença entre os povos não cristãos do Oriente: todos eram infiéis seguidores do mal. Entre os povos pagãos do Oriente havia um pensamento parecido, para eles o que determinava era que esses povos não partilhavam da sua fé:

Para os cristãos europeus, no entanto, não havia diferença entre omíadas, fatímidas e abássidas, árabes e muçulmanos, xiitas e sunitas, persas e turcos. Todos foram agrupados sob o nome “sarracenos”, que permitiu aos cristãos inconscientemente dividir seu mundo em preto e branco. Eles pensaram em si mesmos como pessoas boas da verdadeira fé e dos “sarracenos” ou “mouros” como a raça má ou pessoas más da fé falsa. Quando as cruzadas começaram, no final do século XI, nas mentes dos Cristãos europeus, os “sarracenos” foram a personificação do mal (Strickland, 2003), enquanto que para árabes e muçulmanos, todos os europeus cristãos eram os francos “infiéis”. Os encontros militares dos muçulmanos com al-franj (os francos), começou quando conquistaram Ibéria em 711-712, derrotando-os em Tours-Poitiers em 732, e continuou na Ibéria por séculos, onde os espanhóis cristãos e portugueses tentaram “reconquistar” seu país dos “mouros”. (FALK, 2010, p. 71)T.A

Esse contato assim como outros fatores, trouxe um sentimento de eminência do fim do mundo, segundo Jean Flori, na obra *El islam y el fin de los tiempos: La interpretación profética de las invasiones muçulmanas em la Cristiandad medieval*, o monge cisterciense do século XII, Joachim de Fiore, vendo esses fatos ,provocou o renascimento do milenarismo Cristão na Idade Média (FLORI, 2010).

Em seus estudos de compreensão sobre as sagradas Escrituras, o monge escreveu *Expositio in Apocalypsim*, que dividiu o mundo em três idades, a do Pai (a idade da lei), a idade do Filho (idade da graça), e a terceira idade a do Espírito, momento em que ocorrerá o final dos tempos, e que sua instauração estará precedida por tribulações e as entidades do mal se unirão para se opor ao plano divino. Essa terceira idade está dividida em sete períodos (como as duas anteriores) e os sarracenos têm participação - devido à presença marcante deles no século XII.

De acordo com Fiore, a Igreja passaria por sete perseguições sucessivas, causadas pelos judeus, pelos pagãos e pelos hereges arianos, a quarta seria pelos sarracenos sobre a época de Carlos Magno, a quinta pelos babilônicos, a sexta novamente pelos sarracenos, na pessoa de Saladino, e a última, a época dos dez reis, sendo o decimo primeiro, o anticristo.

Em sua *Introdução ao Apocalipse*, Joachim, associa “a nação feroz dos Sarracenos” ao dragão do Apocalipse⁵⁰, que mesmo recebendo uma ferida mortal retorna à vida (Ap.13,3), associando a imagem do poder sarraceno vencido anteriormente pelos francos à época de Carlos Magno, mas que ainda persistem lutando nas Cruzadas. E Fiore continua:

Os sete⁵¹ selos do Apocalipse correspondem, portanto, a sete períodos de perseguição à Igreja. Os sarracenos desempenharam seu papel nesse desenvolvimento e continuarão a desempenhá-lo. Observa-se, a respeito do quarto selo, que corresponde no tempo da Igreja às guerras dos persas e depois dos árabes (Agarenes). 'cuja fúria atroz dura até o presente'. O quinto selo, que se abre na época do cisma entre gregos e latinos, é seguido por assaltos dos agarenos, que começam então a transbordar as fronteiras do império grego. Joaquim aproveita para explicar que a vitória dos sarracenos sobre Bizâncio é resultado de um "justo julgamento de Deus" como punição à Igreja do Oriente por ter se separado da Igreja romana. Os sarracenos também intervêm sob o sexto selo, onde o cavaleiro pálido (Ap 6,8) representa o poder sarraceno, o de Maomé e seus sucessores, que continua até a época em que vive Joaquim.

Mas a fase desse poder chegou ao fim, como demonstra a profecia do dragão de sete cabeças[...] A terceira cabeça a Constâncio, o ariano, e os hereges que, até o aparecimento dos sarracenos, oprimiram a Igreja. “A quarta cabeça do dragão é Chosroes, rei dos persas, cuja realza, depois de alguns anos, passou para o poder dos sarracenos[...] Lionheart, assimilado com Saladino, continua até hoje. “Acho que a sexta cabeça foi fortalecida por este rei dos turcos chamado Saladino, que há muito tempo subjugou a Cidade Santa. Por causa de nossos pecados, Saladino se consolidou na cabeça dos cristãos, muito mais do que pensávamos”.

Assim, em seu Comentário ao Apocalipse, Joaquim concede aos sarracenos um protagonismo nos últimos tempos da história. João, no Apocalipse, disse que o dragão escarlate (Ap17,10) [...] Pela sexta cabeça deveria ser entendido como Saladino ou outro futuro rei sarraceno. Então virá a sétima cabeça, o Anticristo, que vai querer ser adorado em Jerusalém[...] O décimo primeiro chifre da besta, que deve reinar no mundo dos sarracenos[. .] A este respeito, conto-vos algumas informações que ele próprio diz ter confirmado em Messina, em 1195: um projeto de aliança entre a "besta que sobe do mar" (que

⁵⁰ Ligado à figura de Satanás, a antiga serpente, o diabo (Ap.20,1-2) . (VULGATA, 2007, p.2689)

⁵¹ Na simbologia cristã, o sete é o número da perfeição, das sete esferas ou degraus celestes, sete são as hierarquias celestes, a totalidade da ordem moral, das energias e das ordens espirituais, símbolo do ciclo completo, a plenitude das graças dadas pelo Espírito Santo à Igreja, o Apocalipse, encontramos diversas referências ao número sete, que simboliza plenitude e perfeição. As sete lâmpadas representam os sete espíritos de Deus, abrangendo o Espírito como um todo. As sete letras das sete igrejas representam toda a Igreja. As sete trombetas e taças anunciam a execução final da vontade de Deus no mundo, enquanto também são associadas às sete cabeças de Satanás. Os místicos muçulmanos também atribuem significado ao número sete no Islã, onde ele simboliza a perfeição. Há referências aos sete céus, sete terras, sete mares e sete divisões do inferno. Além disso, encontramos sete portas e sete versículos na Fatiha, a sura de abertura do Corão, bem como sete palavras que compõem a profissão de fé muçulmana, a Shahâda. T.A (CHEVALIER , 1982, p. 860-862).

Joaquim identifica com os sarracenos) e a "besta que surge da terra" (ou seja, os hereges).(FIORE apud FLORI, 2010, p. 274-279) T.A.

A visão sobre o Islã se modifica no decorrer do tempo, para uma forma mais agravante de condenação: antes os islâmicos eram apenas hereges, que negavam os sacramentos e não acreditavam na divindade do Cristo; com as Cruzadas, eles se tornam pagãos, idólatras,⁵² e associados à anterior imagem de luxuriosos⁵³ e são demonizados, para que deem mais motivação para serem combatidos pelos cristãos - numa espécie de propaganda, distorcendo as práticas desses povos(SABBATINI, 2015, p.138).

O início do século XI, marcou um aumento expressivo da animosidade dos cristãos com relação ao Islã, pela expansão deste, que se tornou uma religião rival ao cristianismo, fazendo com que os seguidores dessa religião, assim como os judeus, se tornassem servos do anticristo a favor do diabo para destruir a Cristandade.

Os muçulmanos eram aqueles profetizados para provar os cristãos antes da segunda vinda, para os escritores do período, estes eram a antítese das boas virtudes cristãs, estereótipo carregado sobretudo aos sarracenos, como o outro, o inimigo e oposto moral, a justificativa para uma abordagem mais agressiva que sustentava a chamada para as Cruzadas. (FRASSETTO, 2020, p.140-141)

Jean Flori, observa que durante a Primeira Cruzada já era aceita a ideia de que os muçulmanos eram idólatras, e as canções de gesta mostravam os gloriosos guerreiros cristãos lutando contra os adoradores de falsos deuses, sendo constantemente denominados de *paiens*, numa tônica semelhante aos textos monásticos, e os cronistas cruzados que mesmo convivendo com os muçulmanos usavam o termo *pagani* ou *gentile*, sabendo ser inapropriado (FLORI, 1992, p.245).

Gestas como *La Chanson de Roland* e *Fierabras*, contribuem para construção de uma imagem extremamente desfavorável, quando nomeiam os não cristãos como pagãos, formando uma dualidade, em que de um lado, estão os cristãos e do outro, os *paiens* e *sarrazin*, elas trazem uma concepção que liga estes a uma série de vocábulos

⁵² A idolatria é um dos pontos de maior crítica por parte dos cristãos para os sarracenos. T.A (KINOSHITA, ;BLY CALKIN, 2012, p. 32).

⁵³ O Venerável Beda associa os muçulmanos, sobretudo os sarracenos por adorarem a estrela do deus Remphan, que segundo ele, seria Lúcifer, cujo o culto da raça sarracena foi escravizada em honra a Vênus. Associando assim estes a Vênus deusa pagã do amor, além disso sugerindo uma devoção à sensualidade, e até mesmo ao excesso sexual, culpando-os assim pelo pecado da luxúria. T.A (FRASSETTO, 2020, p. 115).

pagãos da antiguidade, numa assimilação verbal entre os sarracenos épicos e os turcos das crônicas às forças demoníacas, adversárias à “verdadeira religião” (Ibd., 245-246)

Na *Chanson de Roland*, o termo sarraceno denomina um determinado grupo especificamente, os comandados por Marsile, o autor usa a nomenclatura de païen, para uma afluência de pessoas que fazem parte de grupos étnicos e geográficos diferentes, vindos não somente do Oriente, como também do Ocidente, tendo em comum além da liderança do emir da Babilônia Baligant, o fato de não seguirem à Cristo:

Depois de estabelecerem dez outros corpos de batalha. O primeiro era formado por Chananécns muito feios: eles vieram cruzando o Val-Fuiten; o segundo pelos turcos e o terceiro pelos persas, e o quarto de Petchenques e de [...]e o quinto de Solteras e Avers, e o sexto de Ormaleus e Eugiez, e o sétimo pelos Samuel, e o oitavo dos de Bruise, e o nono de Clavers, e o décimo dos de Occian, O Deserto:/ O EMIR ordenou outros dez corpos de batalha. O primeiro é formado pelos gigantes da Malprose, o segundo dos hunos e o terceiro da Hungria, e o quarto dos de Baldise, o Longo, e o quinto dos de Val Peneuse, e o sexto dos de Marose, e o sétimo de Leus e Astrimoines, e o oitavo dos de Argoilles, e o nono de Clarbonne, e o décimo daqueles de Fronde de longas barbas.(vers.3238-3246/ 3253-3260). (BÉDIER, 1923, p.245-247)T.A

Enquanto a tropa franca é a representação da elite cavaleiresca, espelho dos personagens da alta nobreza franca, expressos no texto, vistos por exemplo, nos versos 168- 177:

*LI empereres s'en vait desuz un pin,
Ses baruns mandet pur sun cunseill fenir,
170 Le duc Oger e l'arcevesque Turpin.
Richard li velz e sun nevoid Henri
E de Gascuigne li proz quens Acelin,
Tedbald de Reins e Milun sun cusin,
E si i furent e Gerers e Gerin ;
175 Ensembl' od els li quens Rollant i vint
E Oliver, li proz e li gentilz ;
Des Francs de France en i ad plus de mil (Vers 168-177) (BÉDIER, 1923, p.14)⁵⁴;*

Vê-se a sugestão modelar de ligação entre os membros da nobreza cristã dentro da *Chanson*, representada na obrigatoriedade de manutenção dos laços feudais, em que o rei recebe dos seus, além da fidelidade, assistência financeira no momento em que for

⁵⁴ O Imperador passa por um pinheiro; para ter seu conselho, ele chama seus barões: duque Ogier e o arcebispo Turpin, Richard the Elder e o seu sobrinho Henri e o valente Conde de Gasconia Acelin, Thibaud de Reims e seu primo Milon. Também vem Gerier e Gerin; e com eles o conde Roland, e Olivier, o valoroso e o nobre; Francos da França são mais do que um milhar; T.A.(BÉDIER, 1923, p. 14).

solicitado, mas também conselho⁵⁵, o que Carlos pede de seus melhores homens:[...]conselho ao mesmo tempo político e judiciário por ocasião de assembleias e tribunais reunidos periodicamente (FLORI, 2010, p. 58) .Tal artifício serviria para mostrar a obediência e a união da Cristandade ao rei.

Outro elemento que chama a atenção no decorrer da narrativa é o lugar de origem do emir pagão Baligant. Ele vem da Babilônia⁵⁶, lugar atribuído ao local de nascimento e crescimento do Anticristo (TOLAN, 2002, p.112), e que além disso é ligado ao Egito, foco de atenção cruzada: “Babilônia, convenientemente, é o nome não apenas da cidade no Eufrates identificada com o Anticristo, mas também de uma importante fortaleza fora do Cairo; portanto, o governante dos egípcios, em muitas crônicas dos cruzados, é referido como o rei da Babilônia” (FRASSETTO; BLANKS, 1999, p.113) T.A.

Essa assimilação do ideário de que os sarracenos adoram outros deuses aparece logo no início da *Chanson de Roland*, ao descrever o rei Marsile:

O rei Marsile a tem [cidade de Saragoça], [ele] que não ama a Deus, a Maomé serve e a Apollin que reza: Ele não pode se guardar, a desgraça o atingirá. (vers.7-9) (BÉDIER, 1923, p.2) T.A

Como Marsile, o paien Baligant, também adora Maomé e acrescenta mais um deus, formando uma “trindade”⁵⁷: Tervagante⁵⁸, que o emir evoca no momento de dificuldade:

⁵⁵ Jacques Le Goff ao ver esse e outros detalhes das ações de Carlos Magno, sinaliza: Parece-me que é sobretudo a figura do rei (aqui imperador) que é evocada. Carlos Magno não é um autocrata, ele consulta, pede conselho, avalia os riscos, reclama de suas obrigações. Ele mostra que, no imaginário europeu, o poder político supremo não é um poder absoluto, o que faz com que o período absolutista da monarquia do século XVI ao XVII seja não a realização da ideologia política europeia, mas sim um parêntese nesta evolução. (LE GOFF, 2013, p. 212).

⁵⁶ Aqui claramente fazendo alusão à Ap.17;5-6 que diz: Na sua frente estava escrito um nome misterioso: «Babilônia, a grande, a mãe das prostitutas e das abominações da terra.» Vi ainda que a mulher estava embriagada com o sangue dos santos e com o sangue dos mártires de Jesus. E que Umberto Eco na Introdução do livro *Idade Média Bárbaros, cristãos e muçulmanos* fala: Mas é indubitável que o sentido da História, como vivência móvel da humanidade entre um início e um fim, nasce com o Apocalipse, com vaticínios que respeitam a algo que ainda está para vir e que nos diz que a História é o lugar de um contínuo recontro de Deus com Satanás, o combate da Jerusalém Celeste contra a Babilônia. (ECO, 2011.p. 32), nesse caso Carlos Magno -Jerusalém-contras Baligant- Babilônia- Imprecisão do autor da *Chanson de Roland*, ao fazer essa associação, já que a Babilônia fora tomada por Ciro da Pérsia em 539 a.C. e perdeu sua autonomia política desde então, ou pode-se dizer que o embate não seria de ordem política, mas sim de simbolismo religioso.

⁵⁷ Trindade oposta à cristã, pois são maus e não protegem seus adoradores. In general , this representation is structured by parallelism with the Christian Trinity or in contrast to the Christian God,[...] In contrast to the Christian God, as When Tervagant fails to protect his worshippers even as the Christian God works a “great miracle”for Charlemagne.T.A (KINOSHITA ; BLY CALKIN, 2012, p. 30).

O emir invoca Apolin e Tervagante e também Maomé: "Meus senhores deuses, Eu vos servi longamente. Todas as suas imagens vou fazê-las de ouro puro. (v.3490-3494) (BÉRDIER, 1923, p. 264) T.A.

O deus Tervagante aparece com certa recorrência em dramas litúrgicos como a obra de Jean Bodel, *Jeu de Saint Nicolas*, local em que o ícone de São Nicolas se opõe ao "mahommet" (isto é, ídolo) de Tervagante. A narrativa é protagonizada pelo rei sarraceno que é devotado a Tervagante, e pergunta ao ídolo se ele vencerá a guerra contra os cristãos; o ídolo, que é habitado por um demônio, em resposta ri e chora ao mesmo tempo, significando que o rei vencerá a guerra, mas perderá a fé sarracena. (v.181-182).

O monarca vence a guerra e leva como refém somente um sobrevivente *Preud'homme*, que reza a Saint Nicolas, que opera um milagre na vida do rei, que se converte juntamente com todos os seus homens (v.1537) e "expulsa", Tervagante (1529-1534). Na narrativa há outros personagens subordinados ao rei sarraceno que creem em Mahom e Apolin (v.349) (BODEL, 1925)

Tervagante também aparece nos escritos de Foucher de Chartres, autor da *Chanson de Guillaume d'Orange*, como sendo adorado pelos muçulmanos vistos como paiens, assim como Apollon, o autor também apresenta Maomé, como mágico e não como profeta.

Os muçulmanos-sarracenos- são apresentados como os pagãos, os idólatras que dedicam sua adoração a Mahomet, Apollo e Tervagant e, fenômeno mais surpreendente, essas ideias são obedientemente emprestadas da "plebeia opinião" pelos historiadores das cruzadas, assim por Foucher de Chartes em seu "Gesta Francorum" [...] (SEGESVARY, 1977, p. 45) T.A

Na *Chanson*, os paiens além de construir ídolos, usam amuletos:

O emir é um homem de grande poder, A frente de seu dragão ele leva o estandarte de Tervagante e Maomé e a imagem de Apolo o felon. (vers. 3265-3268) (BÉRDIER, 1923, p. 246-248) T.A

⁵⁸ Segundo Geoffrey Chaucer, Tergavante em tradução do francês antigo de Termaugant ou Termagant, uma entidade que nos romances medievais aparece como ídeidade maometana, numa associação que os cruzados fizeram dos sarracenos como seguidores dela. T.A (CHAUCER, 2008, p. 191).

O que contraria os ensinamentos do profeta do Islã, que era defensor do monoteísmo, e avesso à visão da Trindade, o que é defendido irrestritamente por seus seguidores, mas que em muitos escritos cristãos, principalmente nas épicas, é mostrado Maomé como um ídolo, e o chefe de todo um panteão pagão:

A Grande obra do Maomé histórico foi a conversão de seu povo à teologia monoteísta em que Deus era o criador do mundo e Maomé, que sempre enfatizou o fato de ser homem, era o seu Profeta. Historiadores árabes condenam o caráter politeísta da religião cristã, cujas evidências veem na doutrina da Trindade. Mas a visão comum do Islã mantida pelos cristãos era que um grande número de deuses era adorado, dos quais Maomé era apenas o chefe e o mais poderoso, não apenas o Profeta. Encontramos essa ideia errônea em todas as crônicas e canções de gesta cristãs, evidentemente refletindo um equívoco popular. um deus em sua morte em Meca, Seu poder é invocado nas orações sarracenas, ele é um intercessor no trono de Deus. Eles juram por ele, eles fazem comparações frequentes entre sua majestade e a do Deus cristão (CM JONES, 1992, p. 206) T.A.

Os muçulmanos por sua vez, viam os cristãos como se estes tivessem uma imagem “deturpada de Deus”, por suas práticas diferentes⁵⁹, assim como os cristãos os viam da mesma maneira, como aqueles que servem a um falso deus, numa representação oposta aos eleitos de Deus e que suas ações partem de inspiração diabólica. (LUCKEN, 2004, p. 9)

E para salvar os “que estão no erro”, a conversão dos muçulmanos em cristãos se torna uma “missão”, que é mostrada na *Chanson*, e Carlos Magno se propõe a fazê-la, convertendo os povos pagãos de forma voluntária ou compulsória:

*Li reis creit en Deu, faire voelt sun servise,
E si evesque les eves beneissent,
Meinent paien entesqu'al baptisterie :
S'or i ad cel qui Carie cuntredie,
Il le fait pendre o ardeir ou ocire.
Baptizet sunt asez plus de .C. milie (v.3666-3671) (BÉDIER, 1923, p.278)⁶⁰*

⁵⁹ E, em verdade, se fizeres vir todos os sinais aos quais fora concedido o Livro [A Torá e o Evangelho], eles não seguirão tua direção nem tu seguiras sua direção; e, entre eles, uns não seguirão a direção dos outros [nem os judeus seguirão os cristãos, nem estes, os judeus]. E, em verdade, se seguisses suas paixões, após o que te chegou da ciência, por certo, serias, nesse caso, dos injustos. (CORÃO, 2007, p. 39).

⁶⁰ O rei acredita em Deus, ele quer fazer seu serviço; e seus bispos os abençoam as águas. Os pagãos são levados ao batistério; e aquele que resiste a Carlos, o rei faz que pendure, queime ou mate com ferro. Bem mais de cem mil verdadeiros cristãos são batizados. T.A.

Os sarracenos e os demais pagãos eram descritos por aparências diversas, e nas canções de gesta, essa impressão é clara de como tais definições estão carregadas de construções sobre o estereótipo muçulmano.

A aparência física dos inimigos descrita nas gestas, é anti-humana, grotesca, representando a percepção que os medievais tinham dos não-cristãos, e apresentarem atributos físicos desagradáveis, sendo o oposto do padrão de perfeição cristã, baseando a rejeição mais na aparência do que no conhecimento religioso, o que segundo Ilaria Sabbatini:

Essa ideia dos sarracenos refletia uma percepção geral em um nível popular que não coincidiu com o amplo conhecimento encontrado no ambiente clerical mais alto, onde caráter monoteísta e até abraâmico da religião muçulmana era bem conhecido e aceito. Mas os épicos, nascidos em relação ao primeira cruzada, havia sido elaborada em ambientes seculares, e os mensagens de propaganda, entregue, foi abordada principalmente para os leigos e analfabetos. Entre os textos encontrados nos épicos de Cruzada, destinada a um amplo público, são as primeiras descrições de a fisicalidade dos inimigos muçulmanos em seu duplo papel como militares oponentes e antagonistas religiosos. Foi a descrição do corpo, e não crenças, que tiveram um papel crucial na formação sua caracterização. (SABBATINI, 2015, p. 140)T.A.

Mas além da caracterização física, os oponentes também apresentam algumas semelhanças com os cristãos: por exemplo habilidades no campo de batalha, como os soldados do sarraceno Marsile.

Nesse grupo estão os melhores cavaleiros pagãos, alguns com capacidades que transcendem a destreza com as armas, como Chernuble de Munigre, que apresenta força sobre humana, “*Greignor fais portet par giu, quant il s'enveiset, Que .IIII. muiez ne funt, quant il sumeient.*” (977-978). E até mesmo alguém desprovido de sentimentos humanos como Abime, que nunca ri, mas é destemido e valente. (1475-1480).

Percebe-se que ao longo do contato entre cristãos e não cristãos (principalmente os sarracenos, foco da *Chanson*), sempre haverá uma desconfiança entre eles e este sentimento ajudara a influenciar a forma como a sociedade vê esses povos considerados “diferentes”.

Essa diferença na maioria das vezes adquire um caráter político-religioso que põe em xeque modos de agir, pensar, e se relacionar com o outro. Para o cristão ocidental medieval só é digno de fraternidade aquele que comunga de sua religião, língua e ambições territoriais.

Além dos sarracenos, outros pagãos, que na *Chanson* são caracterizados e vistos sob um prisma um tanto diferenciado, estes ganham destaque na segunda parte da narrativa em que aparecem como soldados de corpo de guerra do emir Baligant, estes formavam um corpo mais numeroso, vindos de várias partes do mundo babilônios, turcos, árabes e persas.

Essa formação plural de componentes, mostra a prática que alguns senhores tinham a partir do século XI, que era trazerem mais homens ao seu exército mediante pagamento, ou servidão (como ocorre no corpo de guerra muçulmano), reforçando seu grupo de guerreiros já formado por seus vassalos e cavaleiros domésticos (que moravam no castelo, ou muito próximo a ele, a guarda do senhor) (FLORI, 2010, p.54), as suas recompensas vão desde pagamento antecipados, até compensação com bens e terras de acordo com o obtido na missão. (Ibd., p.61)

A representação dos pagãos é genérica e por vezes equivocada no que concerne às práticas religiosas. Este equívoco pode ser em decorrência de pré-julgamento ou desconhecimento sobre desse povo, haja visto que a batalha de *Ronceveaux* fora contra povos igualmente cristãos, suprimidos por interesse de quem escrevera e para quem era escrito o texto.

Na caracterização das práticas desses pagãos, há uma pluralização de modelos culturais e físicos semelhantes e diferentes, mas na maior parte do tempo, os pagãos são vistos como espelhos⁶¹, e de certa forma passíveis de conversão, essa posição é vista na *Chanson* quando o rei cristão Carlos Magno é espelhado na figura de Baligant, o emir pagão.

Outro exemplo para essa caracterização, está na gesta *Fierabras*, um texto escrito no final século XII, que fala da conquista da Espanha por Carlos Magno e os doze pares, e se passa três anos antes da Batalha de Roncevaux⁶². Um ponto interessante dessa gesta é que ela tem uma ampla participação dentro do campo de batalha dos

⁶¹ The very earliest stories spoke of Saracens solely in the context of warfare. The *Chanson de Roland* written in the late eleventh or early twelfth century is a prime example. Saracens in this epic are enemies to be conquered and, redoubtable though they may be, their culture does not inspire the imagination of the early poets to the degree it will later authors. In fact, the Saracens are little more than mirror reflections of the French army itself. The *laisses* that describe the gearing up of both armies parallel each other, underlining similarity rather than difference. As Philippe Senac notes, in the *Chanson de Roland*, Muslim institutions "sont la réplique parfaite de celles de la féodalité." (RAMEY, 2001, p. 37).

⁶² "La *Chanson de Fierabras* est l'une de celles qui se rapportent à la conquête 1^{de} l'Espagne par Charlemagne et par les douze pairs. L'action se passe trois ans avant la fatale journée de Roncevaux. (KROEBER et SERVOIS, 1860, Preface)

“infiéis” sarracenos, e cujo o principal personagem, Fierabras de Alexandria, é um gigante de barba e cabelos ruivos filho de Balan rei da Espanha.

Essa gesta mantém a representação dos sarracenos como traidores e mentirosos, assim como na *Chanson de Roland*, além de ladrões e profanadores da cidade de Roma. Na narrativa essas características do gigante são pontuais como os cabelos e barba vermelhos:

Se a Idade Média apareceu como a digna herdeira da Antiguidade, o significado simbólico foi mudado: o vermelho tornou-se, acima de tudo, a cor da falsidade, mentira, engano, perfídia. Os textos desse período, incluindo os tratados de fisionomia, exigiam desconfiança dos homens ruivos. A partir do século XII, Michel Pastoureau nos conta, Satanás foi representado com faces vermelhas, um cabelo avermelhado e, por extensão, todos aqueles que carregavam os mesmos atributos estavam associados a ele. (T. A) ⁶³

Como se dá a observação da batalha e como eram representadas as impressões cristãs dos sarracenos dentro do seu *locus* de ação? Esse será o foco de observação, ao analisar a obra *Fierabras*, o que será feito a seguir.

⁶³ Si le Moyen Âge apparaît comme le digne héritier de l'Antiquité, la signification symbolique s'infléchit: le roux devint alors surtout la couleur de la fausseté, du mensonge, de la tromperie, de la perfidie. Les textes de cette époque, dont les traités de physiognomonie, invitaient à se méfier des hommes roux. À partir du XIIe siècle, nous apprend Michel Pastoureau, Satan fut représenté avec un faciès rouge, une pilosité rougeoyante et, par extension, tous ceux qu'étaient porteurs des mêmes attributs lui étaient associés. (CRUGTEN-ANDRÉ, 2004, p. 200).

CAPÍTULO 2 – O CRISTÃO E “OUTRO” NA GESTA FIERABRAS

2.1 - Inspiração através das *Razia Sarracena*

O século XII foi marcado pelas Cruzadas, movimento político religioso de embate entre povos cristãos e não cristãos pelo território da Terra Santa, além de riquezas e poder, essa animosidade não se concentrou somente no Oriente, mas também chegou à Península Ibérica, local de ocupação muçulmana.

A chegada desses povos, mostrou à Cristandade que ela possuía um oponente marcialmente organizado e estrategicamente posicionado, com ambições expansionistas, que transformariam de maneira profunda a dinâmica ocidental.

Tais mudanças seriam de ordem política, econômica, cultural e religiosa, que ameaçavam a soberania de Roma sobre os povos da região, o que antes era visto sem grande alarde, como um movimento religioso oriental menor no século VII, ganha atenção a partir do século IX, por sua expansão agressiva por todo o Oriente, além da África, e chega à Península Ibérica com força e pujança.

Com isso, aliada à campanha de libertação da Terra Santa com as Cruzadas, surgem relatos de grandes reis que no passado lutaram e venceram as “hostes pagãs”, os mesmos inimigos combatidos na contemporaneidade do século XII, entre esses relatos um tem grande destaque e influência, a Canção de Roland, que por seu sucesso, ganha textos “complementares”, contando as façanhas de Carlos Magno e os célebres pares de França.

A relevância de Carlos Magno como líder militar conquistador e o iminente confronto entre as facções cristã e muçulmana ocupam uma posição central nessas narrativas. Embora o manuscrito de *Oxford* não contenha referências diretas a uma cruzada, a linguagem, símbolos e temas empregados sugerem claramente que o autor estava familiarizado com a ideologia cruzada e a cultura da época.

Michael Routledge argumenta que "é plausível supor que o poeta [de Roland] tinha consciência de que sua narrativa teria um apelo especial como instrumento de propaganda." (ROUTLEDGE, 1997, p. 91) Além disso, um aspecto crucial a se considerar é o público-alvo.

Routledge afirma que "do ponto de vista do público - lembrando sempre que essas composições eram destinadas a serem performadas - elas ofereciam, de maneira acessível e adaptada ao meio, doutrina, informações e propaganda que, de outra forma, seriam transmitidas por pregadores ou divulgadas por escribas." Roland é apenas o primeiro em uma longa série de canções de gesta que exaltam os feitos heroicos de Carlos Magno e enaltecem a causa cruzada. (STUCKEY, 2008, p.141)

Os textos produzidos no século XII sobre Carlos Magno intencionavam resgatar as memórias de seu vitorioso reinado, nos escritos sobre essa temática, além dos doze pares temos em comum outro elemento, os inimigos do imperador. Em grande parte dessas narrativas vemos o rei cristão contra os “pagãos sarracenos”, caracterizados sob a visão pejorativa que se tinha na época desses povos, como idólatras, violentos, que mexiam com o oculto ligado ao demoníaco.

Essas narrativas eram divulgadas como sendo relatos de quem vivera na época dos eventos acontecidos, e traçam uma linearidade entre os textos produzidos na época, formando uma teia de escritos que mesmo sob décadas de diferença, se ligavam a fim de traçar uma cronologia plausível sobre a memória de Carlos Magno.

Entre elas surge uma particularmente interessante, que traz a ação para dentro do campo inimigo, mostrando à sua maneira, os hábitos, práticas e comportamentos do

povo sarraceno, além de tentar provar o quão ameaçadores à Cristandade estes poderiam ser.

Ela é a gesta chamada *Fierabras*, foi escrita provavelmente entre 1170 e 1190, e faz parte do chamado Ciclo⁶⁴ do Rei. Assim conhecidas as narrativas francesas produzidas entre os séculos XI e XII, eram divididas em ciclos definidos de acordo com a temática, personagens, ou tempo cronológico, ligadas às guerras santas, e as peregrinações.(BAYARD, 1957, p. 76-77)

O texto traz eventos ocorridos logo após a tomada de Roma pelos sarracenos, liderados por Fierabras, seu pai o *al mirant*⁶⁵ Balan e seus homens, que mataram o Papa, saquearam a Cidade Santa, e levaram as relíquias da Paixão de Cristo. Tal narrativa remete ao evento real do saque de Roma realizado pelos sarracenos em 846, e além desse fato, a g(esta relata a batalha de Fierabras contra Olivier companheiro do herói Roland.

Vale observar que mesmo sendo escrita no contexto Cruzado, onde a cidade foco era Jerusalém, somente as épicas de temática diretamente Cruzada a usavam como cidade principal de suas narrativas, os demais textos privilegiavam geralmente Paris ou Roma. Pois o interesse dos consumidores dos textos era mais facilmente despertado por localidades mais próximas, já que eles não poderiam ir até Maomé, Maomé viria até eles, por isso o conflito era transferido para solo francês, italiano ou espanhol, o que importava era manter o zelo santo e o ódio aos “infiéis”. (COMFORT,1940, p.648)

Nesse período tal animosidade, é direcionada especialmente aos sarracenos, que ganham só pelo nome uma significação própria, aonde noções de cultura, religião e geografia se confundem, e sarraceno se torna um termo autoexplicativo, não precisando de detalhes qualificantes para descrever o que era ser sarraceno.

Eles são o que são, e podem ser mostrados de duas maneiras, na primeira forma podem parecer indistintos dos cristãos exteriormente, sendo diferenciados por momentos específicos em que sua sarracenidade se manifesta através de ações vistas como malignas (NADHIRI, 2017, p. 86).Ou também podem ter suas diferenças com

⁶⁴ Um *Cycle* (on dit aussi une *Geste*) est constitué par tous les poèmes, de divers auteurs et de diverses époques, au centre desquels on retrouve le même héros ou des membres de sa famille, solvante imaginaires : aïeux, parents, oncles, neveux et cousins. Ainsi, les lecteurs étaient incités à lire les *Chansons* d'un même cycle pour connaître les autres aventures de leur héros favori ou de ses parents. (MICHARD et LAGARDE,1963, p.02).

⁶⁵ Derivado do árabe amir-al-bahr, segundo Miguel Nimer, o mesmo que emir, “C.p. turco, persa e ár. , mīr : Príncipe; chefe; comandante; senhor.(NIMER, 2005, p. 153).

relação aos cristãos expostas a partir de características físicas antinaturais como alta estatura, ou aparência fenotípica diferente da caucasiana europeia.

O texto *Fierabras* apresenta essas duas maneiras de descrição dos sarracenos, esse texto tem diversos manuscritos, sendo que sua primeira produção conhecida é em formato de prosa de autoria anônima, em que a versão mais célebre é a de Jean Bagnyon publicada entre 1460 e 1465.(DUVAL, 2007. p.398)

Existem algumas dúvidas em relação à quantidade de versões⁶⁶ e manuscritos existentes, pois há indícios de extratos, como os encontrados em Metz, Namur e Estrasburgo, e seis manuscritos completos ou quase completos, que contêm a versão *Fierabras* nas línguas francesa, inglesa e italiana. O texto que será aqui utilizado é baseado no MS A (BN f.fr. 12603) com mais de 6000 versos.

Fierabras é produzida no contexto da Terceira Cruzada, célebre pela participação dos reis Philippe Auguste da França, Ricardo Coração de Leão da Inglaterra, e Frederico Barbarossa do Sacro Império Romano Germânico contra o notável líder islâmico Saladino:

Salah al-Din Yusuf b. Ayyub (falecido em 589/1193), que se tornou conhecido no Ocidente como Saladino, foi um guerreiro curdo conhecido por suas vitórias sobre os cruzados e como o fundador da dinastia aiúbida no Egito, Síria e alto Iraque. A derrota dos Cruzados por Saladino nos Chifres de Hattin (4 de julho de 1187 EC) no norte da

⁶⁶ A partir do século XII, temos uma canção de gesta francesa e uma canção de gesta occitânica, que provavelmente remontam a uma origem comum. Uma versão rimada em inglês, *Sir Ferumbras*, datada do final do século XIV. O italiano *Cantare di Fierabracca e Ulivieri*, em treze cantos, sobrevive em um incunábulo do final do século XV. Um fragmento holandês médio (século 13 ou 14), no qual *Fierabras* é mencionado pelo nome, descreve como ele, na companhia de Milon, pai de Elegast e Roland, resiste a uma grande força sarracena e Elegast possui poderes mágicos. É incerto, entretanto, se esta é uma versão da história de original *Fierabras*. Algumas crônicas francesas usam a *Chanson de Fierabras* como material de base; os mais importantes deles são o *Chronique rimée* de Philippe Mousket (meados do século XIII) e *Croniques et conquestes de Charlemaine* de David Aubert (1458). O autor do livreto holandês Den droefliken strijt van Roncevaux também deve ter feito uso dos *Fierabras*. Existem duas outras versões em prosa francesa, além da de David Aubert: uma em um manuscrito do século 15 que é anônimo, e uma de Jean Bagnyon de Lausanne, a impressão mais antiga da qual é um incunábulo de 1489. Um livro de capítulos alemão de 1533, Eyn schoene kurtzvueilige seu *Tori von eym maechtigen Riesen auss Hispanien, Fierrabras genannt [...]*, foi reimpresso em 1809 e pode ter sido a fonte para a ópera *Fierrabras* de Schubert de 1823 (libreto de Josef Kupelwieser) que, através dos esforços de Claudio Abbado, teve sua estreia mundial em Viena em 1988. Na Espanha, a história só aparece bem tarde. Por volta de 1528, Nicolás de Piamonte incluiu-o em sua *História do emperador Carlomagno y de los doce pares de França*, uma tradução em prosa de vários textos épicos franceses. Cervantes faz alusão ao episódio de *Fierabras* em seu texto de Dom Quixote e forneceu a Calderon de la Barca o material para sua peça *La Puente de Mantible* (1635). Aqui, a ênfase está no caso de amor entre Floripas e Gui; todas as referências a Roma e às relíquias são omitidas, e a luta em que *Fierabras* é derrotado e recebido pelos franceses ocorre apenas no final da peça. No século 18, o poeta popular espanhol Juan José López utilizou o material em alguns romances (baladas). A história ainda sobrevive hoje, de forma modificada, nos teatros de fantoches da Valônia. Em 1857, Gustave Doré produziu doze gravuras como ilustrações para *Fierabras, Légende Nationale*, uma tradução da *Chanson de geste* do Occitano por M. Mary-Lafon. T.A. (GERRITSEN ; VAN MELLE ; GUEST, 1998, p .105).

Palestina, que levou a Reconquista muçulmana de Jerusalém e a quase eliminação dos francos no levante. Seu sucesso na *jihad* contra os cruzados foi celebrado por seus biógrafos da corte. Não surpreendentemente, o nome e o exemplo de Saladino são poderosos símbolos completos no Oriente Médio moderno. Suas subseqüentes lutas contra as forças da Terceira Cruzada (585/1189–588/1192) e o rei Ricardo I da Inglaterra tornaram-se o material de romance na literatura europeia, onde Saladino e Ricardo surgem como inimigos cavaleirescos rivais (MARTIN et al., 2016, p.1000) (T.A).

Saladino foi visto pelos cristãos da mesma maneira que estes viam Maomé, como elemento chave para o apocalipse, cuja devastação seria terminada com a vitória cristã. Segundo Joaquim de Fiore, místico visitado por Ricardo I, Saladino, juntamente com Maomé eram elementos para o fim dos tempos, que só seriam vencidos por missionários humildes e piedosos (TOLAN, 2002, p.195).

Já para os cronistas muçulmanos da época, Saladino era visto como seguidor da lei, unificador, libertador generoso⁶⁷ que ouvia seu povo, como expressa Baha' al-Din Ibn Shaddad, biógrafo e confidente do sultão:

Depois que a autoridade lhe foi confiada ao sultão. Seu poder base tornou-se firme e os negócios prosperaram em excelente ordem. Ele deu dinheiro e propriedade distribuída. Assuntos temporais cederam a ele que assumiu o controle, agradecendo a Deus por Suas bênçãos. Ele renunciou ao vinho, desistiu de passatempos vãos e vestiu as vestes de seriedade e esforço piedoso. Ele nunca recuou disso, mas ficou cada vez mais sério até que Deus o reuniu à Sua misericórdia. Eu o ouvi dizer: “Depois que Deus me permitiu ganhar o Egito, entendeu que planejou a conquista da costa porque plantou essa ideia em minha mente.” Desde o momento em que sua posição foi bem estabelecida, ele não cessou de lançar ataques contra os francos, contra Kerak e Shawbak e seus distritos, e ele sobrecarregara as pessoas com as chuvas de benefícios e presentes que não foram registrados em nenhum outro período. Tudo isso enquanto ele era um vizir súdito do estabelecimento do palácio, mas foi fortalecendo à causa sunita e plantando na aprendizagem piedosa da população local, a lei, a prática sufi e a religião [verdadeira]. Pessoas afluíam a ele de todas as direções e o procuravam de todos os cantos, enquanto ele nunca decepcionou um peticionário nem privou um suplicante. (IBN SHADDAD, 2004, p. 45) T.A

Perfil de semelhante monarca dadivoso é expresso em *Fierabras*, mas não referente aos sarracenos, e sim ao imperador cristão Carlos Magno.

A narrativa relata destacadamente a luta entre Fierabras de Alexandria e Olivier, três anos antes da Batalha de *Roncevaux*, nesse embate ocorre a definição dos corpos de

⁶⁷ Saladino recebeu o chamado de *al-Malik al-Nâsir* (o rei que trouxe o socorro), título que manteve até sua morte. T.A. (EDDÉ, 2008, p. 49) .

batalha: de um lado os francos liderados por Carlos Magno, cercado por seus pares, entre eles seu sobrinho Roland, Ogier o danês, Gui de Borgonha e Richard da Normandia e além do par de Roland, o sagaz Olivier, que aceita entrar em combate com Fierabras, rei de Alexandria, o filho do Emir Balan.

Pelo contexto da obra, presume-se que a Alexandria citada seja localizada no Egito, uma cidade portuária, dada à capacidade de navegação sarracena conhecida na Idade Média, além de ser área de posseção do inimigo dos cruzados, Saladino. Ela é assim definida AL-ISKANDARIYYA, (nome comum de várias cidades nas quais Alexandre (al-Iskandar) foi o fundador, real ou lendário, ou para o qual ele foi escolhido como protetor homônimo quando foram construídas após sua morte, geralmente seus governadores eram oficiais militares), esta cidade tinha proximidade com o Norte de África, com as atividades do Magreb e dos muçulmanos espanhóis.(BECKE, 1997, p.133)

Nesse momento do texto, é apresentado o personagem título da narrativa e suas ações posteriores de ter invadido Roma e saqueado as relíquias sagradas, (vers.53-64), assim como disse seu nome: *Le non du Sarrazin vous sai ge bien nommir: Fierabras d'Alixandre se faisoit apeler*⁶⁸ (KROEBER &SERVOIS, 1860, p. 3).

As relíquias roubadas têm destaque na narrativa que faz a ligação destas, com Carlos Magno e o Mosteiro de Saint Denis:

*Ce n'est mie menchoigne , mais fine vérités.
A Saint Denis en France fu li raules trouvés ;
[Plus de cent cinquante ans a yl esté celez].
Or en orés le [voir], s'entendre me volés,
Si com Karles de Franche, ki tant fu redoutés,
Reconquist la coronne dont Dix fu couronnés,
Et les saintismes claus, et le signe honneré,
Et les autres reliques dont ill i ot assés.
A Saint Denis en France fu li trésors portés ;
Au perron, au lendi, fu partis et donnés.
Pour les saintes reliques dont vous après orés,
Por chou est il encore li lendis apelés.*⁶⁹(vers.3-14)

(KROEBER &SERVOIS, 1860, p.1)

⁶⁸ O nome do Sarraceno, você sabe como nomear: se chama Fierabras de Alexandria. T.A (KROEBER et SERVOIS, 1860, p. 3).

⁶⁹ Agora você vai ouvir a verdade sobre isso, se quiser entender, como Charles de França, que era tão temido reconquistou a coroa, com a qual Deus foi coroado, e os cravos santíssimos, e a mortalha honrada, e os outras relíquias das quais eram muitas. Para Saint Denis na França ele trouxe o Tesouro; na escada de pedra no Lendit as relíquias sagradas foram distribuídas e cedidas por todas as igrejas sagradas das quais você ouvirá mais tarde: por causa disso, ainda é chamado de Lendit. (T.A).

Lendis/L'endit falada no texto, refere-se especificamente a uma das três feiras que que acontecia uma vez ao ano em Saint-Denis (as outras eram a de Saint Mathias e a do próprio Saint Denis), ocorrida em junho, a feira provavelmente surgiu durante a independência gaulesa, posteriormente sua origem foi atribuída a Carlos Magno (LOMBARD-JOURDAN, 1987, p. 275).

Segundo Anne Austin Latowsky, a ligação de Carlos Magno com as relíquias dividem o fundamento desses versos em duas versões: uma é a crônica escrita por volta de 1080, chamada "*Incipit Descriptio qualiter Karolus Magnus clavum et coronam Domini a Constantinopoli Aquisgrani detulerit qualiterque Karolus Calvus hec ad Sanctum Dionysium retulerit*"⁷⁰(Aqui começa a história de como Carlos Magno trouxe o prego e coroa do Senhor de Constantinopla a Aachen e como Carlos o Calvo as trouxe para Saint-Denis).

Essa narrativa conta o traslado das relíquias e estabelece as supostas origens do *Lendit*, festival dedicado a exibição das relíquias, que coincidiu com a já existente feira em Saint Denis, acredita-se que a primeira veneração em Saint Denis ocorre em 1047, e a segunda aconteceu em 1109, para a apresentação de fragmentos da Cruz, a cerimônia foi instituída permanentemente quinze anos depois, em 1124.(LEVILLAIN,1927, p. 250-251).

Outro relato que fala da doação das relíquias da Paixão aos centros eclesiásticos na Francia, foi recontado no *Translatio Sanguinis Domini in Augiam*, produzido por volta do século X, e trata da transferência das relíquias para Saint Cornielle e Saint Denis. Além dele, outras crônicas mencionam brevemente sua obtenção de relíquias no Oriente, mas não abordam a jornada de um imperador recém-coroadado e suas relações com Bizâncio e o Oriente não cristão.

A narrativa mais influente sobre essa jornada surgiu na França capetiana no início dos anos 1080, conhecida como "*Descriptio qualiter Karolus Magnus clavum et coronam Domini a Constantinopoli Aquisgrani detulerit qualiterque Karolus Calvus hec ad Sanctum Dionysium retulerit*". Esta obra, embora centrada na transladação de relíquias, também estabeleceu as origens do *Lendit* (*Indictum*), um dia festivo relacionado à exibição de relíquias que coincidiu com uma feira popular na França.

⁷⁰ Obra um tanto contestada que segundo L.Levillan:Tous les érudits qui étudié cet ouvrages sont unanimes à lui dènier toute valeur pour l'époque carolligienne :ce n'est qu'une «mauvaise narration latine»don't l'auteur « a manifesté une ignorance grossières » (LEVILLAIN, 1927, p. 242)

A autoria da "*Descriptio*" é obscura, mas acredita-se que tenha sido produzida no final do século XI, possivelmente associada a Saint-Denis ou à corte do rei Philippe I. (LATOWSKY, 2013, p.74-45).

Esse documento proto-cruzado, relacionando a monarquia Francesa à Saint Denis, reforça a tese de que os capetúgios buscavam sempre atrelar sua imagem à Carlos Magno, em busca de avigorar sua imagem como monarquia forte.

Ou seja, todas essas crônicas e citações demonstram o apego de Carlos Magno às relíquias sagradas, que ao serem roubadas atingem diretamente ao imperador, assim como a profanação da Cidade Santa.

Fierabras em seu início, faz alusão à chamada Destruição de Roma, que trata da invasão e saque de Roma pelos sarracenos liderados por Balan e seu filho Fierabras, que segundo a narrativa pilharam e mataram na Cidade Santa, especificamente na Basílica de São Pedro.

Esses eventos tem aparente inspiração em dois momentos históricos ligados a confrontos entre francos e sarracenos, o primeiro remete à 793, em que o exército sarraceno-aquí com indefinição de local de origem segundo a crônica *Mossiac*⁷¹ que relata o episódio da invasão sarracena à Septimânia, província de Narbonne, onde os invasores liderados a mando do emir de Córdoba⁷² Hixam I (787-795), e pelo chefe sarraceno Abdelmêlic enfrentaram e venceram Guillaume de Gelonne (775-812),⁷³ duque de Septimânia, Toulouse e Aquitânia.

⁷¹ Crônica escrita na Abadia de Moissac, que começa com a criação do mundo até o final do ano 818, entre seus relatos estão contidas informações sobre os antigos anais dos francos, inclusive alguns detalhes excluídos da Vida de Carlos Magno composta por Eginardo. T.A. (BILLARDON DE SAUVIGNY, 1792, p. 277).

⁷² CORDOBA-Córdoba, chamada Qurtuba em árabe e Córdoba em Espanhol, foi a capital política de al-Andalus durante os períodos do emirado Umayyad e califado (século sétimo primeiro quarto do século xi). Hoje é a capital da província do mesmo nome. Córdoba está localizada no sudoeste de o estado espanhol, com vista para o curso médio de o rio Guadalquivir (Wadi al-kabir em árabe). A cidade foi ocupada pelos exércitos muçulmanos em Shawwal de 92 / julho a agosto de 711 d.C. Liderando estes exércitos foi o escravo alforriado Mughith al-Rumi, sucessor de Tariq ibn Ziyad. Governador al-Hurr ibn 'Abd al-Rahman al-Thaqafi (r. 97-100 / 716-719) transferiu a capital de al-Andalus de Sevilha para Córdoba.T.A (MERI, 2006, p.175)

⁷³ Guilherme de Gellone, também conhecido como Guilherme da Aquitânia, nasceu durante o reinado de Pepino, o Breve (751-768), por volta do ano 750. Filho do Conde de Autun, Teodorico II, foi educado na corte de Carlos Magno, recém proclamado rei dos francos (768), com quem se relacionava por parte de mãe. Em 803 ele participou da captura de Barcelona junto com o filho de Carlos Magno, o futuro Ludovico Pío, então rei da Aquitânia. Três anos depois (806) abandonou as armas para vestir o hábito monástico, retirando-se para o mosteiro de Aniane, na região do Languedoc, fundado por seu amigo Bento. Pouco depois, fundou o mosteiro de Gellone (mais tarde chamado Saint-Guilhem-le-Désert em sua homenagem), onde permaneceu até sua morte (812). O Papa Alexandre II o canonizou em 1066. T.A (FAGIOLO, 2018, p. 25-26). Acesso: 20 de agosto de 2023.

Nobre que alguns anos depois de ser derrotado, se retirou para um mosteiro onde morreu sendo posteriormente canonizado como Saint Guilhem du Desert. Os sarracenos após o sobrepujarem, fizeram seu caminho pela Espanha.

Guillaume foi tão célebre que faz parte do segundo ciclo das narrativas sobre Carlos Magno, em que ele é protagonista juntamente com o filho de Carlos Magno, Luis I, chamado Ciclo Garin de Monglane ou ciclo de Guilherme de Toulouse, mas segundo Lucas Bittencourt Gouveia:

“Há, no entanto, aqueles que preferem chamá-lo de ciclo dos Narboneses, pois há canções dedicadas ao seu pai, Aymeri de Narbonne, ou de ciclo de Garin de Monglane, avô de Aymeri e bisavô de Guillaume. Tais canções dedicadas a membros da família de Guillaume, que incluem obras protagonizadas por seu tio-avô Girard de Vienne e seu sobrinho Vivien, entre outros personagens de menos relevo, são, entretanto, posteriores às canções mais antigas, todas elas protagonizadas por Guillaume; daí a razão pela qual reconheço o ciclo como sendo de Guillaume, pois é possível que graças à popularidade do personagem as canções envolvendo membros de sua família tenham sido posteriormente compostas, visto que, em grande parte, tais personagens estão presentes como coadjuvantes nas canções por ele protagonizadas”(GOUVEIA, 2010, p. 50-51).

Tal derrota teve repercussão e esteve presente em alguns relatos de autores árabes como Abenadari, que fala da luta como uma expedição de célebre memória e do vultuoso valor do butim, onde um quinto dos despojos foi de 45.000 moedas de ouro puro (ABENADARÍ apud. MILLÂS-VALLICROSA, 1987, p. 97).

Outro cronista Ennuguairi, relata a batalha e as ações do exército sarraceno em sua marcha de ocupação e revela que o que foi tomado era tão valioso que não seria possível contar (ENNUGUAIRI apud MILLÂS-VALLICROSA, 1987, p. 98).

Durante o ataque sarraceno à Septimânia, Carlos Magno estava em embate com os saxões, e após o acontecido, retorna para a Galia e se organiza para lançar seu poder na região, mesmo com essas ações para evitar o avanço sarraceno, não o livrou do ressentimento de seu primo, o conde e futuro santo Guillaume de Gellone :

Não há dúvida de que a derrota do duque Guilherme foi profundamente sentida nos países francos. Talvez até tenhamos exagerado seu alcance. Isso explica o lugar que ocupa em quase todas as crônicas da época. Se Carlos Magno não organizou imediatamente uma expedição de represálias, é provavelmente porque foi então travado pelos assuntos da Saxônia, mas podemos acreditar que ele pensou então em estabelecer mais solidamente o poder franco no sul dos Pirineus. Seus projetos, como sabemos, foram realizados alguns anos depois: uma série de

campanhas vitoriosas que se estenderam do ano 798 ao ano 803, permitiram aos francos constituir o que foi chamado de Marcha da Espanha. Uma barreira sólida se oporia, doravante, às incursões sarracenas na própria Espanha.(GRIFE, 1941, p.227) T.A.

Os francos retomam suas terras e a partir daí, Carlos Magno mantém um processo de expansão territorial e uma tentativa de impedir o avanço sarraceno pela Espanha e nesse momento de vitórias, os anais reais incensam esse projeto como uma Reconquista:

Pouco antes do ano 800, a *Chronologia regum gothorum* contribuiu para alimentar a ideologia de uma reconquista por Carlos Magno dos territórios arrancados pelos sarracenos ao cristianismo, ao mesmo tempo em que refletia a preocupação do soberano em estender ou consolidar sua influência política sobre a orla meridional dos Pirenéus e manter na Septimânia uma sólida zona tampão entre o Islão e o coração do reino franco: a grande ofensiva vitoriosa contra Narbonne atesta, em 793, a continuidade do perigo sarraceno.(MARTIN, 1997, p.20-21) T.A.

Os autores também falam da recuperação do território pelos francos, é interessante constatar que a conquista de Narbonne e Girona não são comentadas pelos autores árabes, pois assim como cronistas cristãos, derrotas não são dignas de nota, há apenas relatos da retomada deste território dos árabes em 801 (CODERA, 1909-1910, p. 202), mas estes destacam o episódio da recuperação de Barcelona, sem mencionar Carlos Magno, que Ennuguairi diz:

Em 185 os francos se apoderaram - malditos sejam - de Barcelona, Espanha; tomaram-no das multidões e enviaram-lhe a defesa das suas fronteiras. Foi a causa disso, a ocupação de Alhàquem e as lutas com seu tio. T.A (ENNUGUAIRI I, p.23 APUD MILLÂS-VALLICROSA, 1987, p. 104).

Nas crônicas árabes, Carlos Magno é diretamente citado na Crônica de Goimar do já citado cronista Ennuguairi, nela o imperador franco não é falado como partícipe da batalha, mas como após sua morte, seus filhos enfraqueceram a França:

Depois (Pippi) governou seu filho Carlos, que reinou vinte e seis anos, no tempo de Alhaakem, senhor da Espanha. Quando Carolo morreu, seus filhos lutaram na guerra, e as guerras civis eclodiram, até que a França ficou exausta por causa delas. (ENNUGUAIRI apud MILLÂS-VALLICROSA, 1987, p. 104)

Um ponto a salientar é que o imperador não entrou diretamente em embate pela retomada da Septimânia, tendo uma participação indireta, o líder franco arquitetou a estratégia para o combate, pois estava envolvido como dito anteriormente, com os saxões, além de ter problemas com os ávaros. Para liderar o exército franco foram colocados seus filhos Pepino e Louis, que obteve a vitória contra os sarracenos em 801.

As fontes geralmente associam explicitamente Carlos Magno a todas as principais expedições francas. Depois de 778, Carlos Magno não liderou nenhum desses exércitos, mas sua autoridade estava por trás de todos eles. Característica é o relato nos Anais de Lorsch de 796, que mostra Carlos Magno gerenciando três guerras separadas, concentrando-se na Saxônia com Carlos, o Jovem, enquanto envia seus outros filhos Pippin e Louis, o Piedoso para lutar contra os ávaros e os sarracenos, respectivamente. (OTTEWILL-SOULSBY, 2016, p. 5) T.A

O evento da Retomada de 801, nas crônicas francas recebe pouca atenção, para não afirmar a dominação sarracena (REINAUD, 1836, p. 106-107), acredita-se pelo fato de que derrota dos francos e seus aliados em 793 precisaria ser relatado, e para não falar disso, as crônicas se voltaram ao confronto com os saxões, bem mais alardeado.

No registro *Vita Karoli Magni*, feita por Einhardi, o episódio é pouco explorado, há uma rápida menção, quando relata que Carlos Magno derrotou os sarracenos em duas batalhas, uma na Aquitânia e outra Narbonne obrigando-os a navegar para a Espanha.⁷⁴ Einhardi faz o seguinte comentário conclusivo sobre Narbonne e a Septimânia:

E enquanto os normandos devastavam a costa gaulesa e germânica com assíduos ataques, ele colocou sentinelas e postos de guarda em todos os portos e fozes de rios, onde parecia que os navios podiam entrar, evitando assim que o inimigo fugisse. Ele fez o mesmo da parte sul da província de Narbonne e da Septimania, e também por todo o litoral italiano até Roma contra os mouros, recentemente envolvidos na pirataria, e graças a isso, durante sua vida, nenhum dano grave sofreu a Itália por parte dos mouros, nem da Gália e da Germânia dos normandos, exceto que Civitavecchia, uma cidade da Etrúria, foi capturada e devastada pelos mouros devido a uma traição, e na Frísia algumas ilhas contíguas à costa germânica foram saqueadas pelos normandos. (EINHARDI, 1829, p. 36) T.A

Bem semelhante ao que acontece com a Batalha de *Roncevaux* descrita na *Chanson de Roland* (GAUTIER, 1875, p.ix) , que nos relatos oficiais foi pouco falada e

⁷⁴Carlos, que dominou tiranos em toda a França, vingando o domínio sobre eles, e os sarracenos na Gália tentaram tomá-la em duas grandes batalhas, uma na Aquitânia, na cidade de Poitiers, a outra perto de Narbonne, perto do rio Birra; T.A (EINHARDI., 1829, p.18).

nem mesmo citada nas fontes sobre Carlos Magno enquanto o imperador era vivo, pois a batalha foi marcada pela derrota dos francos.

Enquanto o imperador foi vivo, os registros oficiais não reconhecem a derrota em *Roncevaux*. Mas em 814, as crônicas de reino referem uma emboscada na qual pereceram muitos homens não identificados. Em 830, Einhardi, clérigo na corte imperial, escreve em sua *Vita Karoli* que, entre os cavaleiros francos assassinados pelos bascos, se encontrava o duque Roland. (ALVARES, 2014, p. 26).

Algumas crônicas da francas da época, argumentam que Carlos Magno agiu no território da Hispania, movido pelas reclamações dos cristãos que estavam sob o jugo sarraceno como diz os *Annalles Mettenses*⁷⁵ : *motus precibus et querelis Christianorum, qui erant in Hispania sub iugo Sarracenorum*.⁷⁶

Mesmo antes das Cruzadas, já na época de Carlos Magno, seguidores próximos ao imperador não viam os sarracenos com bons olhos (KÖNIG, 2016, p.22) e essa animosidade será retratada em *Fierabras*, séculos depois, onde estes serão representados geralmente como irados e orgulhosos⁷⁷, características depreciadas pelos cristãos.

Já outros escritos da época carolíngia são vagos, quando falam sobre os contatos de Carlos Magno com os muçulmanos da Espanha, e não lhes dá muita importância, visto que seus autores não viam no momento, o Islã como uma religião ou fé rival, os sarracenos não eram retratados com atributos negativos, apenas como inimigos ou aliados de acordo com as circunstâncias, a visão de oposição religiosa das campanhas dos francos é direcionada aos saxões ou ávaros.

Do século VIII, à aproximadamente o final do século X, no período coincidente com a era carolíngia, os escritores cristãos deram pouca atenção aos muçulmanos, que eram representados com poucos atributos negativos, a maior preocupação desses escritores eram os pagãos que viviam ao longo das fronteiras do mundo carolíngio, assim como aqueles que viviam no império e ainda não haviam sido cristianizados (FRASSETTO, 2020, p. xiii).

Enquanto os islâmicos passaram pela chamada Era de Ouro do Islã, um notável período de realizações acadêmicas e florescimento cultural, semelhante à Grécia antiga e ao Renascimento europeu ocorrido posteriormente, este momento se efetivou

⁷⁵ Compilação datada do fim do século X, escrita por um apoiador da dinastia carolíngia. O autor tinha em suas mãos, extratos de fontes perdidas, e tirou vantagem disso, o manuscrito original está atualmente em Berlim T.A. (MOLINIER, 1901, p. 286).

⁷⁶ As queixas do movimento das orações dos cristãos, que estavam na Espanha, sob o jugo dos sarracenos. T.A (ANNALES METTENSES POSTERIORES, ,1905, p. 99).

⁷⁷ *Li Sarrazins Fiers et mautalents* (v.67). (KROEBER et SERVOIS, 1860, p.3).

possivelmente por uma confluência de sucesso político, patrocínio e iniciativa dos líderes islâmicos.

Abrangendo de 750 a 1250 da era cristã, essa época de expansão cultural e descoberta científica ocorreu em três continentes - Ásia, África e Europa - com destaque para cidades como Córdoba, Cairo, Samarcanda, Timbuktu e Bagdá. O período começou com o estabelecimento de Bagdá como capital pelos abássidas em 750 e terminou tragicamente com o saque da cidade pelas hordas mongóis em 1258 (BISSIO, 2013, p.35).

As disputas com os muçulmanos de Al-Andaluz eram muitas vezes envolvidas com diplomacia, com contatos estratégicos, não religiosos projetados para demarcar a influência e controle da dinastia carolíngia na Marca Espanhola, visando preservar a lealdade dos seus seguidores e fortalecer o status do grande rei cristão. (FRASSETTO, 2020, p. 101)

O que é mais plausível, haja visto que os francos tiveram uma constante ligação diplomática com esses povos, como por exemplo a relação de rei franco que buscava aliados contra o emir de Córdoba Umayyad, e para isso entrou em contato com o abássida Hārūn al-Rashīd ⁷⁸.

Que nos registros *Annales* era referido como “rei dos persas”(MGH, 1972, p.17) e não com termos pejorativos de sarraceno ou ismaelita, tal alcunha elogiosa visava elevar o status do emir, reavivando as memórias do império persa, visto pelos romanos e bizantinos como elevado rival e parceiro, assim como para valorizar também a imagem de Carlos Magno, igualando-o aos grandes imperadores romanos e bizantinos do passado, fazendo o rei franco criar sua própria imagem imperial.

Além disso, Carlos Magno tinha outra preocupação, essa religiosa, mas não ligada aos muçulmanos, mais sim à Jerusalém, visando ganhar autoridade sobre o Santo Sepulcro, que foi “supostamente” concedido ao rei pelo califa Harun al-Rashid. Tal afirmação é posta em dúvida, e carece de maiores comprovações, e por isso é vista por

⁷⁸ Hārūn al-Rashīd(766-809)- foi califa do império abássida califado e governou um vasto império de 786 à 809. Nasceu na cidade de Rayy. Localizado próximo à moderna capital iraniana de Teerã. Ele se tornou o califa aos 20 anos, inaugurando a era de Ouro do islamismo medieval. Da capital Bagdá, começou sua ascensão com prosperidade econômica do império e o abriu para aprender sobre todas as partes do mundo conhecido, contribuiu significativamente para o florescimento das artes e literatura, aprendizagem islâmica e desenvolvimento da medicina e das ciências. Harun se correspondeu com governantes da China e da Europa. Inspirado em sua figura, foi escrito o texto As mil e uma noites árabes é em grande parte fictícia, mas serve como uma homenagem a ele e ao esplendor de sua corte. Em seus últimos anos, Harun ordenou que o Império Abássida fosse dividido entre os seus dois filhos, al-Amin (r. 809-813) e al-Mamun (C. 813-833), o que levou a uma guerra civil devastadora. T.A (CAMPO, 2009, p. 293).

muitos pesquisadores como mito, pois não há relatos de tal ação em crônicas muçulmanas, restando apenas as fontes francas *The Royal Anals* e a Vida de Carlos Magno, escrita por Einhard. (GRABOÏS, 1981, p.795).

Os conflitos de Carlos com o emir omíada de Córdoba fazem dele um aliado do califa abássida de Bagdá, o célebre Harun al Rashid. A RFA registra duas embaixadas enviadas por Carlos Magno a Bagdá e duas missões de retorno do califa (797-807). Os emissários de Haruns carregam presentes que incluem um elefante, um relógio e uma bela tenda. Harun al-Rashid até cede certos direitos dos Lugares Sagrados na Palestina a Carlos Magno.(MGH, 1972, p. 16-17) T. A

A concessão de Jerusalém, fortalece a imagem de rei, coroado no ano de 800, na véspera de Natal, que foi considerado o primeiro dia do sétimo milênio, ou a sétima idade. Observando tal contexto percebe-se que a relação com os abássidas, imbuíam interesses políticos, territoriais e religiosos.

Como a atividade diplomática de Carlos Magno indica, as preocupações do grande governante cristão com os muçulmanos do mundo mediterrâneo mais amplo foram motivadas menos por um interesse na fé do Islã e mais por preocupações com seu império e título imperial. Ele parecia ansioso para cultivar boas relações com Harun al-Rashid para melhorar seu status e ganhar direitos sobre Jerusalém e também estabelecer laços com oponentes dos governantes omíadas na vizinha Espanha e até mesmo com emires omíadas após a morte de Harun em 809. De fato, a atividade diplomática carolíngia continuou em al-Andalus nas primeiras décadas do século IX, e é provável que contatos de nível inferior e alianças matrimoniais tenham sido feitas entre aristocratas muçulmanos e cristãos que vivem ao longo da fronteira carolíngia-omíada (FRASSETTO, 2020, p. 105-106).

O segundo momento de contato entre os francos e os sarracenos, que servem de possível referência à *Fierabras*, está ligado mais diretamente à invasão de Roma por um grupo de não cristãos, que de fato saqueou as Basílicas de São Pedro e a de São Paulo em 846, com o objetivo de obter espólio e escravos, e por isso esse evento é comumente referido como Razia ou Saque de Roma, termo um tanto equivocado já que o foco dos atacantes não era a Cidade Eterna. Por outro lado, essa representação da pirataria sarracena é um reflexo da imagem desses povos fundamentada entre os séculos IX e X.⁷⁹

⁷⁹ « Contudo entre os séculos IX e X, o fenômeno que domina a história das relações entre a Europa e o mundo mulçumanos é o da pirataria sarracena no Mediterrâneo ocidental .As expedições de frotas oficiais da época do califado Omíada , interrompidas desde meados do século VIII, dão lugar, por volta de 800,

Embora o termo “Saque de Roma” seja frequentemente usado para descrever o ataque sarraceno à cidade em 846, isso é na verdade um pouco enganoso, pois o ataque não foi dirigido contra a própria cidade de Roma, mas contra suas duas igrejas ricas, as Basílicas de São Pedro e São Paulo. A pilhagem deve ser entendida no contexto mais amplo das expedições marítimas árabes que ocorreram no início da Idade Média, e serve como um excelente exemplo do tipo de guerra de invasão, *ghazw*, da qual os árabes tinham uma longa história.

Em seguida, devemos estudar brevemente o conceito do ataque em si. O termo árabe para isso é *ghazw* (غزو), e o termo tornou-se amplamente utilizado em muitas línguas europeias; *razzia* (francês), *razzia* (italiano), *razia* (português), *ràtzia* (catalão), *Razzia* (alemão), *razzia* (sueco) e *ratsia* (finlandês), para citar alguns. (LANKILA, 2013, p.93) T.A

Os sarracenos desejavam riquezas, além das já conquistadas no Oriente, e presentes em alta quantidade em Roma, este era o plano inicial das primeiras missões muçulmanas.

Esse evento foi visto pela maioria dos relatos contemporâneos como uma calculada demonstração de hostilidade dos muçulmanos contra a Cristandade, mas o *Liber Pontificalis*⁸⁰, coloca esse ato como a vingança de Deus contra uma Igreja corrompida⁸¹, já o grupo sarraceno não tinha a intenção de atacar especificamente o interior da cidade de Roma, apenas as igrejas que estavam do lado de fora das muralhas, sem contudo, terem finalidades religiosas, apenas pela riqueza dos materiais contidos nessas construções (LANKILA, 2013, p.94).

Eles estavam indo em direção a tesouros extraordinários, como já se sabe. Ao longo do último meio século, regozijando-se com a estabilidade agora aparentemente garantida pela presença carolíngia na Itália, os papas estiveram entusiasmamente engajados em embelezar as igrejas de Roma. Muitas das mais impressionantes dessas igrejas, certamente incluindo a de São Pedro e as basílicas dedicadas a São Paulo e São Lourenço, estavam fora das muralhas aurelianas e, portanto, alvos fáceis para os invasores. (KREUTZ, 1996, p. 27)

aos ataques contra as ilhas do Mediterrâneo, o litoral do Império Carolíngio, da Itália central e meridional, desencadeados principalmente de al-Andalus, mas também do Magreb. Acredita-se que essa pirataria, que se desenvolve nos séculos IX e X, tenha sido organizada para fora do âmbito dos poderes estatais. Parece que tais incursões tinham o objetivo de capturar escravos, cuja demanda era grande no mundo muçulmano.” (GUICHARD, 2017, p. 705).

⁸⁰ Segundo Rosamond McKitterick, o *Liber Pontificalis* é a biografia em série dos papas que vão de São Pedro ao final do século IX, compilado pela primeira vez em Roma durante as “guerras góticas” no sexto século e continuou em vários estágios nos próximos três séculos, oferece uma distinta narrativa da história de Roma e do papado no início da Idade Média. T.A. (MCKITTERICK, 2016, p. 241).

⁸¹ Ultiores misit Deus paganos – ‘Deus enviou os pagãos vingadores’ – foi a explicação cristã para o ataque sarraceno a Roma, como se encontra no *Liber Pontificalis*. T.A. Ibidem

Quando os sarracenos chegaram a Roma (REINAUD, 1836, p. 139), após tomarem Óstia, encontraram como resistência, uma força formada por mercadores e peregrinos⁸², e até mesmo padres e monges, mas tal contenção não foi suficiente e em 26 de agosto de 846, estes invadiram Roma.

Esse evento atingiu os carolíngios que tinham uma estreita ligação com Roma, que sob a liderança do filho de Lotário, futuro Louis II, marchou até o local de conflito chegando três meses após o ocorrido, e encontrando os sarracenos, foi derrotado e mais tarde empreendeu uma verdadeira cruzada contra esses oponentes.

Annales Bertiniani relata que o filho de Lotário, Louis, o rei da Itália, lutou contra os próprios sarracenos e perdeu. No entanto, não é explicitamente declarado onde e quando aconteceu a derrota de Louis [...] , partiu de Spoleto e seguiu os sarracenos. Nada é dito sobre o tamanho das tropas francas, mas, se realmente fosse liderada pelo rei da Itália, poderia ter sido consideravelmente grande. No entanto, se fosse apenas uma unidade estacionada na fronteira, provavelmente não era maior do que algumas centenas ou menos do que alguns milhares de homens, consistindo em milícias locais e alguns soldados profissionais. Caieta, resultando em uma derrota infame que ocorreu com os francos (LANKILA, 2013, p.106) T.A

Uma das fontes que trata de maneira mais precisa desse episódio, é a Crônica de Nápoles, escrita provavelmente por um membro da frota Napolitana que viu a chegada e partida dos barcos sarracenos, ela afirma que os sarracenos usaram de práticas desonestas, emboscando os francos (Ibd., p.107), contrariando um pouco as outras narrações do embate, pois não cita Louis, e parece colocar um exército cristão menos robusto do que aquele liderado pelo futuro rei franco, além de que os sarracenos deixaram a o território através de um acordo, e que quando partiram seus navios foram atingidos por uma tempestade, que segundo alguns, foi mandada por Deus.

Em 23 de agosto de 846, uma frota de 73 navios, supostamente tripulados por 1100 muçulmanos, apareceu diante de Óstia, e na madrugada de 26 de agosto os sarracenos estavam diante das muralhas de Roma, onde saquearam os bairros da cidade. fora dos muros, especialmente a igreja de São Pedro e a catedral de São Paulo, e abriram as sepulturas dos prelados apostólicos. Infelizmente, as informações que temos a respeito desse evento são extremamente escassas e, além disso, distorcidas pela lenda, pois a própria ideia das hordas do falso profeta devastando a capital da Cristandade deu um campo magnífico para a imaginação do mundo ocidental. O próprio Deus logo depois pareceu querer vingar essa visitação, pois depois de alguns sucessos antes de

⁸² Romans quickly gathered a defending force consisting of Saxons, Frisians, and a Frankish schola, and they sent this contingent to meet the Saracens. The unit was an auxiliary unit of foreigners living in Rome and consisted of pilgrims and merchants, but not of professional soldiers. (REINAUD, 1836, p. 102).

Gaeta, para onde os sarracenos se retiraram de Roma, e justamente quando se propuseram a retornar, toda a sua frota, transportando todos os tesouros roubados, foi destruída em um tempestade (847) (BURY;GWATTIN; WHITNEY, 1913, p. 385) T.A.

De qualquer maneira, esse acontecimento foi marcante para a história papal (KREUTZ, 1996, p. 19), e diferente das crônicas francas, foi rememorado e passado a diante no decorrer da história, como um ataque a Cristandade e mais um capítulo do ataque dos infiéis contra a o povo de Cristo.

A data da partida dos sarracenos é incerta, algumas crônicas dizem que eles partiram após a morte do papa Sergio II, e outros que após a coroação de seu sucessor Leão IV, que segundo a *Liber Pontificalis* ascendeu ao trono papal dois meses após a morte de seu antecessor (LANKILA, 2013, p. 110).

No período de escritura de *Fierabras*, os sarracenos serão vistos como inimigos da fé cristã, agora ameaçada pelo avanço do Islã e inspirada pelas ações dos cristãos na Terra Santa, gerando uma série de estereótipos e preconceitos que serão mostrados, ou de forma intencional pelo autor, ou somente como uma reprodução do que os cristãos pensavam sobre esse povo, visto como demoníacos e seguidores do anticristo dispostos a profanar e destruir o que era caro à Cristandade.

Os primeiros anos do século XI, foram determinantes para moldar a forma como cristãos e muçulmanos se percebiam, os europeus observaram um campo de possibilidades além do Oriente, os comentaristas encontraram no Islã uma religião concorrente e para combatê-la, criaram uma série de estereótipos negativos sobre os seguidores de Maomé e suas práticas.

Os estudiosos cristãos fundamentaram uma estrutura teológica que buscava explicar o sucesso do Islã, aliando-o a uma visão escatológica do fim dos tempos, onde os islâmicos funcionavam como vetores de ação de tribulações e provações contra “o povo escolhido”, além desses opositores serem profetizados nas Escrituras sendo “associados ao Anticristo, assim como aos hereges e judeus, ao lado dos inimigos de Deus”.

Esse “outro” não era somente portador do “ódio” à Cristandade e ao Cristo (assim como a tudo aquilo que O representava), mas também praticavam tudo aquilo que era contrário às boas virtudes cristãs, eram totalmente opostos em moral, e que por isso, deveriam ser combatidos, o que deu mais força aos apelos Cruzados, que convocavam os cristãos ao combate. (FRASSETTO, 2020, p.140).

2.2 – O sarraceno pelos olhos cristãos

Para conceituar identidade, partimos da ideia de que ela é definida a partir da relação do homem com o mundo que o cerca, fundamentada na interação entre o indivíduo e a sociedade, e essa identidade se modifica a partir desse contato. Aqui buscamos definir o conceito de identidade a partir do critério de identidade social:

A identidade social de um indivíduo se caracteriza pelo conjunto de suas vinculações em um sistema social: vinculação a uma classe sexual, a uma classe de idade, a uma classe social, a uma nação, etc. A identidade permite que o indivíduo se localize em um sistema social e seja localizado socialmente. Mas a identidade social não diz respeito unicamente aos indivíduos. Todo grupo é dotado de uma identidade que corresponde à sua definição social, definição que permite situá-lo no conjunto social. A identidade social é ao mesmo tempo inclusão e exclusão: ela identifica o grupo (são membros do grupo os que são idênticos sob um certo ponto de vista) e o distingue dos outros grupos (cujos membros são diferentes dos primeiros sob o mesmo ponto de vista). (CUCHE, 2002, p.177)

Os cristãos ao definirem sua própria identidade se baseiam no conjunto de práticas, ritos e discursos a que estão inseridos socialmente, mas quando vão definir a identidade sarracena, veem de fora, ou as vezes, inseridos superficialmente na sociedade islâmica, e porque não viverem as suas relações absolutamente, dotam conceitos e percepções equivocadas do quem seriam esses pagãos. Além de usar tal artifício como uma estratégia discursiva para imporem seu ponto de vista numa estratégia de convencimento do público.

Vemos essas interpretações carregadas de impressões hostis e de juízos de valor no decorrer de todo o texto, principalmente ao descrever a aparência e relações sociais entre os pagãos vistas pelos olhos dos personagens cristãos.

Sobre a denominação “pagão”, ela aparece em muitos textos no período em que *Fierabras* foi escrito, além de textos anteriores (como a *Chanson de Roland*) e posteriormente a ele, pagão é sinônimo de sarraceno, assim como diz John Tolan:

O ponto de tudo isso é que para muitos europeus ocidentais ao longo da Idade Média, os sarracenos eram pagãos, e os pagãos eram sarracenos:

as duas palavras tornam-se intercambiáveis. Definem “Saracenus” como “paganus”, observando que deriva “de Sara, como nascido de Sara” (a Sara dicitur, quasi ex Sara genitus); para paganus eles davam os equivalentes franceses “sarrasin, paiens, mescreans” (TOLAN, 2002, p. 128).

A morte do Papa e a destruição de Roma, são citados em *Fierabras*, nos primeiros trechos da narrativa, pouco antes da apresentação do personagem título, além de evocar o roubo das relíquias (v.53-62).⁸³

Para o combate contra o sarraceno é cogitado o nome de Roland, que recusa-se a participar por alegar que os velhos se vangloriavam à custa dos jovens, por isso o conde comete esse ato de rebeldia contra seu rei e tio, mostrando uma característica latente no herói, a impetuosidade, que segundo Jacques Le Goff: : “Roland é impetuoso, o que mais tarde permite à literatura fazer dele facilmente um ‘furioso” (LE GOFF, 2013, p. 212), numa alusão à obra Orlando, *O furioso* versão italiana derivada da *Chanson de Roland*, escrita em 1516, por Ludovico Ariosto.

Em *Fierabras* há a característica de retomada ou menção a atos e eventos de outros textos pertencentes a escritos do Ciclo do rei, apesar de produzidos em épocas distintas, mostrando o conhecimento dos autores da *Chanson de Roland* assim como outras narrativas.

Pela oposição de Roland, é indicado o nome do cavaleiro Olivier pelo traidor Ganelon, que mesmo ferido, parte para o campo de batalha. Antes da luta, as ações sarracenas durante a invasão são descritas, aludindo aos relatos do que de fato acontecera no século IX: saques, e ocupação do Mediterrâneo, com os invasores agindo sem misericórdia contra monges e profanando lugares sagrados.

Os invasores árabes eram uma ameaça ao longo das costas da Itália, eles num determinado momento até mesmo cercaram alguns dos principais portos da região, e o pior de tudo é que eles além de saquearem mosteiros e igrejas menores matando monges e leigos, também penetraram em santuários mais sagrados de Roma, saqueando e destruindo tudo a seu redor (KREUTZ, 1996, p. 28).

Essa ação de invasão de Roma é citada, abrindo a narrativa, que mostra os sarracenos ainda portando o butim do saque à Cidade Santa. Sobre o que foi roubado

⁸³E das [torres] de Palerme se fez chamar de senhor. E se fez à força ficar em Roma. E todos caem do vil para virar serviço, Mas acreditava que Roma não valia a pena; Para com os punhos destruir e a São Pedro devastar. A morte ali teve o apóstolo e morte dolorosa, E monges e freiras violara lá.; Levou a coroa que tanto faz para louvar, E os cravos sinais das quais Deus foi pregado, E as dignas relíquias que não sei nomear; T.A (KROEBER et SERVOIS, 1860, p.3).

no fato real, quase nada se sabe, e a principal crônica sobre o que ocorrera dentro de Roma não entra em detalhes pois estava preocupada em detalhar a restauração instituída pelo Papa e as doações concedidas a ele (LANKILA, 2013, p. 113), além de reforçar o ato dos sarracenos que escarneceram dos francos por não terem impedido sua ação e pela posse das relíquias sagradas.

A memória da destruição de Roma pelos sarracenos em 846 permitiu, sem dúvida, elaborar a canção que leva este nome e que constitui o prólogo do próprio *Fierabras*. Os refugiados sarracenos na Espanha com as relíquias sagradas fazem com que Carlos Magno e seus cavaleiros venham a esses países para recuperar os objetos sagrados. (LE PERSON, 2003, p.137)

Na narrativa essas relíquias são mostradas, entre elas, está o bálsamo, que aparece em muitos textos medievais como um elemento que cura e de propriedades preservativas, uma resina aromática de uma planta do leste, provavelmente da Arábia, Egito ou Terra Santa.

E que mais tarde, peregrinos, mercadores e cruzados atribuíram à substância natureza especificamente cristã, (TRUITT, 2009, p. 714) que se acreditava ter sido usado em Jesus Cristo, e que o próprio *Fierabras*, diz a Olivier: Mais aqui há 2 barris na minha sela, que são do bálsamo que Deus foi embalsamado. T.A.(vers.525-526) (KROEBER et SERVOIS, 1860, p.17)

Nesse verso vemos, que o sarraceno “pagão”, refere-se ao bálsamo em que Jesus foi embalsamado, coadunando com relatos dos cristãos que confiavam que essa substância usada por eles, e de origens milagrosas só poderiam ser produzidos por cristãos, já que sua origem vem de quando o pequeno Jesus pisou no solo do Cairo quando criança, gerando as plantas que davam origem à seiva, por isso que em mãos sarracenas não frutificariam. (WRITE; ARCULF et al,1848, p.152-153)

Segundo a crônica escrita pelo viajante chamado John Mandeville, os cristãos colhiam o bálsamo, e os sarracenos entre outros intermediários, o adulteravam com outras substâncias que continham terebentina e cera, para vende-lo a peregrinos cristãos (MANDEVILLE, 1900, p. 34-35). Aqui novamente os sarracenos são apresentados por sua má índole.

Outra explicação vem de que o bálsamo teve origem na cidade antiga egípcia de *Ayn Shaim*,(que durante os primeiros anos do Islã, ainda era um importante distrito

(*kura*) sendo local de belas construções, conhecida pelos árabes como fonte do olho do sol, onde segundo a tradição copta, também conhecida pelos muçulmanos, Maria mãe de Jesus lavou as roupas do Messias quando retornavam para a Palestina, e desde então as árvores de bálsamo só produziam a preciosa secreção em terras regadas pela fonte. (BECKE, 1986, 788)

Tal substância não possuía uma descrição definitiva: para uns, era pastosa, para outros, era líquida como um elixir, Hildegarda de Bingen, em sua enciclopédia sobre substâncias naturais chamada *Physica*. Em seus estudos, ela descreve o bálsamo como quente e úmido, podendo curar febres quando aplicado, sendo este uma seiva vital. (TRUITT, 2009, p.14-15)

Já Isidoro de Sevilha em suas *Etimologias*, diz que o bálsamo crescia na Judéia e poderia ser encontrado misturado com henna ou mel, podendo também ser dissolvido na água, além alcançar grande temperatura (Ibd., p. 11), sendo o aquecimento uma forma de discernir entre o bálsamo verdadeiro e o adulterado.

Mesmo sabendo das propriedades extraordinárias do bálsamo, Olivier recusa: temos aqui, a dualidade da imagem de Fierabras pois ele representa a tentação demoníaca, como o Satã oferecendo alívio ao Cristo, no caso, o cristão Olivier, mas também mostra nobreza e lealdade (BOYER, 2016, p. 195), além de honra por não querer lutar contra um homem ferido, já vemos sinais de bondade, traços geralmente inexistentes nos personagens não cristãos nas narrativas do ciclo do rei, entre eles os sarracenos, e mais um elemento para que ele seja elegível às fileiras da Cristandade.

Outro sinal do processo de conversão, é sua crença na eficácia do bálsamo, onde ele, num determinado momento da peleja contra Olivier, faz uso da bebida, se cura e tem as foças redobradas (vers.1019-1021).

Um ponto interessante a se tratar sobre a figura do antagonista da primeira parte da narrativa - que semelhante à *Chanson de Roland*, onde o personagem título aparece de forma mais constante no primeiro ato - é sua caracterização de forma ambivalente, uma prática recorrente no período, umas vezes esses não cristãos são vistos como antinaturais, com características físicas irreais, como gigantes, e há momentos em que eles são mostrados como cavaleiros e damas admiráveis, que não são totalmente perfeitos por não serem cristãos (RAMEY, 2001, p. 4).

Fierabras é descrito como fisicamente ameaçador, mas também é admirado, os personagens sarracenos, poderiam se modificar de acordo com a vontade do autor e, podendo realizar ações hediondas o que geralmente acontecia, assim como poderia fazer

um ato de cortesia e cavalheirismo se este estivesse passando por um processo de conversão, pois tinha-se a visão de que somente assim, o sarraceno preencheria esse predicado (Ibd., p.44):

*Fierrabraz d'Alizandre fu fiere vertu,
Large par les esapaules, grant et plenier le bu ;
Vestu iert d'un bliaut a lettres d'or batu.
Omques nus hons ne vit chevalier plus membru*(v. 578-581)
(KROEBER et SERVOIS, 1860, p. 18)⁸⁴

Essa ideia de identidade do pagão como hostil e naturalmente oposto, que escarnece e zomba dos cristãos é muito explorada como um mecanismo retórico de convencer o público da real ameaça vinda do Oriente.

Fierabras ao conhecer o cristianismo, se transforma, perdendo traços da “agressividade e violência sarracena” e se torna compassivo, curvado em súplica, numa mudança não anatômica, mas fisiológica (AKBARI, 2009, p.169), e evolui de “pagão” essencialmente mau, que carrega as marcas do diabo- em contraste direto com a corte de Carlos Magno e a verdadeira fé, simbolizando a soberba e a vaidade- e se torna gentil e cordato...

No entanto, no início da narrativa, o rei de Alexandria comete atrocidades sem precedentes e atos blasfemos, mas também há momentos em que ele apresenta conduta cavalheiresca e cautelosa. Esse comportamento o diferencia de outros gigantes e figuras pagãs que são usadas principalmente como contraste para a figura do herói (BOYER, 2016, p. 189), mas no texto é mostrado que o sarraceno tem virtudes, portanto não estando totalmente perdido, mas suscetível à salvação.

A conversão de Fierabras apresenta o forte caráter de propaganda político-religiosa da narrativa e isso é mostrado quando o gigante é iluminado pelo Espírito Santo⁸⁵, mas também é expresso seu fundo político, quando ela mostra ambas as potências: do cristianismo e de Carlos Magno.

2.3 - Conversão: para evitar a morte ou transformação genuína?

⁸⁴ Fierabras de Alexandria, o pagão tinha quatro metros. Seus ombros eram enormes, seu corpo forte e amplo, embelezado por uma túnica de tiras de ouro. O mundo nunca tinha visto um cavaleiro mais poderoso. T.A.

⁸⁵ Ver.1493. E do Espírito Santo foi todo iluminado. T.A. Mais aqui há 2 barris na minha sela, que são do bálsamo que Deus foi embalsamado. T.A.(vers.525-526) (KROEBER et SERVOIS, 1860, p. 46).

Converter-se significava sair do caminho do erro e ingressar no caminho certo, da bem-aventurança, e receber como recompensa não somente o céu, mas também os bens materiais aliados a posição do convertido. Aqui temos graus de “recompensa” aos pagãos que deixam sua religião para seguir ao Cristo:

Na narrativa, temos os convertidos de alta linhagem, que ao receberem o batismo são aceitos dentro da corte franca como membros do corpo de cavaleiros, no caso dos homens, e como esposas de cavaleiros ou freiras, no caso das mulheres.

Ao autorizar batizar Fierabras, Carlos Magno não somente ganha um cristão, mas também um rei e guerreiro formidável, que ao ser batizado pelo arcebispo Turpin se ressignifica, mudando não somente de credo, mas também de nome:

*Faites moi tost uns fons benéir et sacrer;
« Je woel que cis rois soit baaptiziés et levés. »
Et il li respondirent : « Si que vous commandés, »
Tost et isnelement ont uns fons aprestés*

*En l'iauge le plongierent : parrins i ot assés.
Autre nons li est mis et li siens remués :
Floriens ot à non, en baupesme apelés;
Mais , tant corn il vesqui , fu Fierabras nommés.
Quant levés fu li rois, en fons rengenerés
François l'ont trait de l'auge et en .I. lit porté.
Si con on dit et conte et il est vérités
Après sa mort fu sains et en fentre levés :*

C'est sains Florans de Roie, ce dist l'auctorités. (v.1839-1851)
(KROEBER et SERVOIS, 1860, p.56-57).⁸⁶.

Com seu batismo, Fierabras não se torna um cristão comum, ele ainda é o rei de Alexandria, que se submete à duas autoridades: à de Cristo, assim como a de Carlos Magno:

Sua conversão representa a motivação política e religiosa da própria obra. Isso prova que monstros e pagãos não podem suportar o esplendor do poder de Carlos Magno e a superioridade do cristianismo. Além disso, solidifica a lenda do imperador como fundacional para amêijoas territoriais e políticas (BOYER, 2016, p. 199)

⁸⁶ Faça-me uma fonte sagrada e abençoada; "Eu quero que esse rei seja batizado e criado." E eles lhe disseram: "Se você mandou, "Calorosamente e prontamente têm uma base enraizada. Em água foi mergulhado, outros nomes lhe foram colocados e mudados: O nome Florian foi chamado no batismo. Até sua morte foi chamado Fierabras. Quando o rei levantou, em base regenerada, Os Francos mantiveram -se com ele até o fim, se que se diz e conta é verdade, após sua morte se fez santo e em oferta tomado como Santo Florian de Roie diz as autoridades.T.A

Esse processo de ingresso às fileiras do exército de Carlos Magno e à Cristandade, - antes mesmo de fazer-se cristão, o rei de Alexandria já será aceito no exército franco -, mostra-se a concretização do objetivo moral da narrativa, onde aquele que era mal, se torna bom ao aceitar a fé verdadeira, que consegue alcançar o que poderia ser pensado como impossível, pois o gigante se dobra ao rei e à Igreja.

O desenvolvimento do personagem de Fierabras de inimigo sarraceno a leal convertido leva o épico ao fim pretendido. A verdadeira fé e o poder secular de Carlos Magno combinados podem superar até mesmo um gigante temível como Fierabras.(Ibd.,p. 191) T.A

Um ponto a ser chamado a atenção é que na gesta *Fierabras* há outros gigantes⁸⁷, que não são tratados com a mesma benevolência dada ao rei sarraceno, mesmo que os filhos dos gigantes Effraon e Amiette tenham sido adotados e batizados (vers.5083-5090)⁸⁸, eles não têm o mesmo peso simbólico de Fierabras, que apesar de ter cometido uma série de maldades, ao fim é perdoado e santificado.

Percebe-se uma visão ambígua de temor e admiração por essas criaturas como diz Suzane Conklin Akbari:

Para compreender a função simbólica da estatura gigante na obra, tanto nos gêmeos infantis quanto no herói Fierabras, é útil olhar mais de perto os diversos contextos utilizados durante a Idade Média para interpretar o gigantismo. A natureza dos gigantes foi explicada tanto em termos de sua linhagem bíblica quanto de raciocínio científico. De acordo com Gênesis, gigantes andaram na terra como resultado da mistura não natural de anjos caídos e as “filhas dos homens” (Gn 6:1-4), um relato ricamente elaborado na história textual em torno do apócrifo Livro de Enoque. Já no século VII, porém, na enciclopédia de Isidoro de Sevilha, encontramos explicações alternativas que contrariam o relato bíblico. Isidoro afirma que existem raças de gigantes, mas afirma que na verdade eles não são descendentes dos anjos caídos, como comumente se pensa, pois todos os descendentes dos anjos pereceram no Dilúvio. Isidoro acrescenta que seu nome vem do grego gegéneis, “id est terrigenas”. “Ge” denota tera, ou terra, e “genos” é gênero; portanto, diz ele, os gigantes nascem da terra (Etim. 11.3.13-14). Essa ligação dos gigantes com a materialidade é onipresente. Aparece na explicação de Aristóteles, na Geração dos Animais, de como os gigantes passam a existir: quando a quantidade de matéria excede as dimensões da forma, afirma, resulta um gigante. Grande tamanho, portanto, pode ser bom e belo, mas somente se a forma corresponder à matéria. Em outras

⁸⁷ Como Effraon, que mesmo com esposa e dois filhos, é morto por Carlos Magno(vers.4900-4918) Mais aqui há 2 barris na minha sela, que são do bálsamo que Deus foi embalsamado. T.A.(vers.525-526) (KROEBER et SERVOIS, 1860, p. 148).

⁸⁸ Os filhos gêmeos de Amiette e Effraon são batizados pelo arcebispo Hermant, e: *L'uns ot nom Olivier, et li autres Rollant*.(Um o nome de Olivier e o outro Roland).T.A.Ibidem, p. 154.

palavras, quando tanto a forma quanto a matéria são grandes, você obtém um grande e belo espécime de masculinidade. Isso é o que o corpo de Fierabras representa, e o que Carlos Magno deve ter esperado ansiosamente quando viu pela primeira vez os bebês gigantes gêmeos de Barrok. Na formulação de Aristóteles, quando a forma e a matéria são inconsistentes, o produto é um gigante monstruoso; o grande tamanho do gigante não é bom nem bonito, porque a matéria contida no corpo não corresponde à sua forma. Esses gigantes são típicos dos gigantes sarracenos encontrados em Fierabras. Aqui, a estatura gigantesca às vezes é monstruosa, mas às vezes não; no caso de Fierabras, como com os gêmeos, é antes um sinal do poder sedutor do sarraceno, uma fonte de poder que a Europa cristã procura assimilar.(AKBARI, 2009, p. 172-173) T. A

A conversão de nobres é recorrente na *Chanson de Roland* e em *Fierabras*, onde os últimos atos de ambas as narrativas culminam para esse ponto, na primeira há a conversão de Bramimonde, rainha sarracena que será a primeira de uma série de personagens femininas que se convertem voluntariamente (BAHILLO, 2017, p. 35) e na segunda as conversões do rei Fierabras e de sua irmã Floripas.

Em ambos os textos, as origens nobres são determinantes para a oferta de aceitação destes nas fileiras cristãs, e tal status faz o reino cristão ser mais tolerante em julgar seus erros, e buscar a mais rápida solução aos também nobres que se recusam a fazê-lo, condenando-os à morte como nos casos de Ganelon e Balan:

A derrota é seguida de morte ou conversão e a oferta desta última é deixada implícita, com pouco foco no exército sarraceno ou, em alguns textos, na população da cidade como um todo. Vemos a conversão sendo oferecida e aceita ou recusada apenas por homens (e ocasionalmente mulheres) de alto status. Aqueles que se convertem receberam alguma atenção crítica. Menos atenção foi dada àqueles que recusam a conversão. (AILES, 2012, p. 8) T.A

Outro ponto convergente é a mudança de nomes após a conversão, Bramimonde troca de alcunha: onde os cristãos mudam seu nome para Juliana, santa que foi mártir do século quarto, sendo decapitada em Nicomédia durante a perseguição de Maximiano. A lenda relata que quando ela estava na prisão lutou contra o diabo. Ela era representada na arte medieval amarrando o demônio com correntes (STRANGERS, 1974, p. 195).

Ambas as mulheres compartilham o fato de que não poderiam salvar seus parceiros da sua incredulidade endurecida (BECKMANN, 2023, p. xxxvii), para os francos, Bramimonde se faz cristã pelo “verdadeiro conhecimento”⁸⁹.

⁸⁹ *Truvé li unt le num de Juliane.Chrestiene est par veire conoissance.*(vers.3986-3987) (BÉDIER, 1923, p. 302).

[...] raros são os nomes indiscriminados por sarracenos e cristãos, como Flandrine ou Florette. Entre os sarracenos, não há Aude, Berte, , Clarême ou Hermenjart. Entre os cristãos não há Bramimonde, Alfamie, Floripas ou Marmonde ... É precisamente porque os sarracenos pertencem a um universo ao qual o poeta deseja dar uma especificidade. Eles mudam de nome. Recebem com o batismo um nome cristão" (BANCOURT, 1982, p. 621)

Essa mudança de nomes, significa o abandono não só da religião como da antiga identidade, deixando para trás traços que a caracterizariam como “estrangeira” no universo social cristão.

Nas duas narrativas, a conversão ocorreu quando os povos dos convertidos foram derrotados, e este artifício - a conversão - para muitos, era um meio de sobrevivência, já que para se manter vivo era necessário abraçar a fé cristã. Mesmo que nas narrativas se reforce que os personagens se converteram espontaneamente.

Fierabras se converte ao ser ferido durante a luta contra Olivier e Bramimonde após a queda dos sarracenos liderados por seu marido Marsile, que morreu no cerco a Saragoça.

A rainha sarracena, possui uma imagem simbólica político religiosa ligada a ela, o episódio na cidade de Saragoça, passa aos ouvintes da *Chanson de Roland*, a ideia de que o paganismo poderia ser revertido, pois a seus adeptos era oferecida a possibilidade de ao se converterem, receberem os mesmos direitos que os outros cristãos, a conquista da Espanha é um retorno à normalidade, um reestabelecimento da ordem cristã que havia sido temporariamente abalada pela dominação muçulmana.

Esse tipo de “missão conversora”, evoca obviamente as Cruzadas, que levaram os cavaleiros ocidentais à Jerusalém, e transformou a Espanha num palco de luta entre o bom cristão e o mal muçulmano (PARÉ, 2011, p. 57).

E assim como Fierabras, Bramimonde é nobre, de alta linhagem e tem a possibilidade de manter seus direitos, ao converter-se se submete à Igreja (onde se torna freira) e a Carlos Magno, que tinha um especial interesse por essa conversão:

Carlos Magno derruba Saragoça e mata os habitantes judeus e muçulmanos da cidade que se recusam a ser batizados: o batismo é uma arma espiritual e marcial. Mas Carlos Magno tem um plano especial para a rainha de Saragoça, Bramimond. Em deferência à sua nobre linhagem, ele deseja que ela se converta por livre e espontânea vontade: *Ço voielt li reis par amur cunvertisset*. Cristandade, a vitória final. (BRITTON, 2014, p. 36)

A conversão de Bramimonde apresenta outro aspecto, ligado ao grande traidor da narrativa, o padraсто de Roland, o duque Ganelon, que por suas más ações é um cristão traiçoeiro, enquanto Bramimonde, será a pagã arrependida, que abraça o cristianismo. Durante toda a narrativa, sua personalidade é demonstrada não como perpetradora de práticas pagãs, como a idolatria e maledição ao Cristo, mas sim como uma testemunha dos atos do seu marido Marsile e o exército sarraceno:

[...] o comportamento de Bramimonde é perturbador não para a boa sociedade cristã, mas para “tort” (errada) a sociedade muçulmana. E é verdade que as interrupções de Bramimonde contêm material preparatório para sua conversão, como sua crescente admiração por Carlos. Mas o mau comportamento em uma sociedade soma-se ao bem final? Não exatamente. O intrometimento de Bramimonde pode ser censurado de qualquer maneira que seja medido. Isso se deve à estranha coabitação de valores cristãos e valores feudais cavaleirescos na epopeia. (KAHF, 1999, p. 24)

Suas atitudes fazem a audiência ter simpatia por ela (STRANGERS, 1974, p. 192), pois Bramimonde é apresentada como uma mulher devotada ao marido (v 2595-2599), e não totalmente crente da religião pagã – e apresenta até mesmo características do que seriam consideradas modelares para damas cristãs, ela é leal a seu marido e está a sempre ao lado dele (KAHF, 1999, p. 24-25), não possuindo a mesma devoção a seus “deuses”, mostrado num determinado momento do texto, quando a rainha ajuda a quebrar as estátuas de Apolo, Tervagante e Maomé⁹⁰, num ato de revolta ao ver seu marido quase morto após o embate contra os francos:

*Li reis Marsilie s'en fuit en Sarraguce.
Suz un' olive est descendut en l'umbre.
S'espee rent e sun elme e sa bronie ;
Sur la verte herbe mult laidement se culcet ;
La destre main ad perdue trestute ;
Del sanc qu'en ist se pasmet e angoiset.
Dedevant lui sa muiller Bramimunde
Pluret e criet, mult forment se doluset,
Ensembl' od li plus de ,XX, mil humes,
Si maldient Carlun e France dulce.
Ad Apolin en curent en une crute,
Tencent a lui, laidement le despersunent ;
« E ! malvais deus, por quei nus fais tel hunte?
Cest nostre rei por quei lessas cunfundre?
Ki mult te sert, malvais luer l'en dunes ! »*

⁹⁰ A adoração a três deuses, seria um simulacro à Santíssima Trindade Cristã. “Destes, Mahom era o *Facile Principes*, seguido em importância por Apolin e Tervagant. O resto dos deuses são mencionados com frequência, mas de modo irresponsável” T.A. (COMFORT, , 1940, p.640.)

*Puis si li tolent sun sceptre e sa curune,
Par les mains le pendent sur une culumbe,
Entre lur piez a tere le tresturnent,
A granz bastuns le bâtent e defruisent ; (v.2570-2588) (BÈDIER, 1923,
p.196)⁹¹*

Nesse trecho, percebe-se que Bramimonde não rende aos ídolos a adoração comum atribuída aos pagãos. Numa clara intenção de mostrar os muçulmanos como idólatras que rejeitam a revelação de Cristo, espiritualmente cegos à salvação oferecida pela Encarnação e Crucificação. (AKBARI, 2009, p. 4-5). E assim como Fierabras, a rainha reconhece “seu erro”, e admite a supremacia do Imperador.

Carlos Magno também distingue a posição e nobreza da rainha ao levá-la para seu reino com ela ainda pagã, enquanto antes de sua partida batizou cem mil pessoas do povo, sendo que os resistiram foram queimados, enforcados ou passados a ferro. (v.3668-3671), o rei queria que ela, *par amur cunvertisset*, (v.3674).

Ou seja, que ela o fizesse por espontânea vontade, o que ela faz e é batizada. Nesse caso pode-se pensar que essas duas opções seriam possíveis: a primeira é que ela de fato se converteu para buscar uma nova vida por escolha própria , já que antes, quando Marsile foi morto, a rainha desejou a morte:

*Trestute Espaigne avrat Caries en baillie.
Que devendrai, duluruse, caitive?
E ! lasse, que nen ai un hume ki m'ociet ! (vers.2721-2723) (BÉDIER,
1923, p. 206)⁹²*

E a segunda é que o imperador a pressionou a se tornar cristã, quando viu a necessidade de acrescentá-la à Cristandade, para assim de certa maneira, restabelecer o equilíbrio da força do cristianismo, que anteriormente fora perdido com a execução de um membro vicioso, Ganelon.

Como argumenta John Stranges: Assim como o mal (Ganelon) foi erradicado do bem, da mesma forma o bem (Bramimonde) teve que ser salvo do mal, e de fato foi .TA (STRANGERS, 1974, p. 191). Desta forma, ele trocou um nobre por outro.

⁹¹ O rei Marsile fugiu para Saragoça. Debaixo de uma oliveira ele desmontou, na sombra. Ele devolve para seus homens sua espada, seu elmo e seu manto; na grama ele jaz miseravelmente. Ele perdeu toda a mão direita; pelo sangue que perde, ele desmaia de angústia. Na frente dele, sua esposa, Bramimonde, chora e grita, lamenta em voz alta. Com ela mais de vinte mil homens, amaldiçoam Carlos e a doce França. “Em direção a Apolo, numa gruta, eles o ofendem, e indignadamente indagam: OH deus malvado, por que nos envergonha? Trouxe a nosso rei ruína? A quem te serve bem, má é sua recompensa! Então eles lhe tiraram o cetro e a coroa, e com as mãos o atiraram numa coluna, pisotearam-na terra e com grandes bastões bateram e quebraram.T.A.

⁹² Charles vai segurar em seu senhorio toda a Espanha! O que será de mim doloroso, franzino? Ai de mim! não haverá ninguém para me matar? T.A.

Na tabela a seguir vemos que apesar de motivações diversas, os personagens têm algo em comum: um alto status social, e com isso a possibilidade de escolha: se converterem ou serem mortos, eles optam pela primeira opção, suas riquezas e destaque político fazem com que sua aceitação na sociedade cristã seja mais acessível, e que traz vantagens financeiras e políticas à Carlos Magno, que não estende essa possibilidade de escolha aos mais pobres (Ver Quadro 1):

QUADRO 1. Personagens convertidos em *Fierabras* e na *Chanson de Roland*

Personagens	Texto de Origem	Motivação	Posição Social
Fierabras	<i>Fierabras</i>	Tocado pelo Espírito Santo, após ser derrotado em batalha, posteriormente ingressa no exército franco.	Rei de Alexandria e hábil guerreiro
Bramimonde	<i>Chanson de Roland</i>	Por sobrevivência, após a derrota do marido Marsile, é levada ainda pagã para Aix, onde é batizada	Rainha sarracena de alta linhagem.
Floripas	<i>Fierabras</i>	Por amor a um cavaleiro cristão, abandona seu pai e seu povo, para se tornar uma dama cristã.	Princesa sarracena, irmã de Fierabras e filha do al mirant Balan.

Fonte: A autora

Um fator emblemático, será a data do batismo da rainha, realizado após a execução de Ganelon,⁹³ que se concretizou durante a festa de São Silvestre (v.3745-3749), santo conhecido na tradição medieval por batizar o Imperador Constantino no século IV⁹⁴, e, portanto, passa a mensagem de vitória do cristianismo e da Igreja:

A implicação da data do batismo de Bramimonde fica então clara quando vista em relação direta com a importância da conversão de Constantino para o mundo do cristianismo. De fato, não há dúvida de que a conversão de Constantino marcou um marco na história do cristianismo e uma grande vitória para a Igreja. , uma vitória que ele

⁹³ Que tem seu campeão derrotado, e por isso é morto, no triunfo da justiça pelas armas, e o batismo de Bramimonde, pode ser visto como o triunfo da fé. T.A. (STRANGERS, 1974, p. 195).

⁹⁴ Embora o histórico Constantino tenha sido de fato batizado pelo bispo ariano Eusébio perto de Nicomédia pouco antes de sua morte, a lenda logo transferiu seu batismo para Roma em circunstâncias bem diferentes, nas mãos do Papa Silvestre. Esta é a lenda que permaneceu predominante durante a Idade Média, graças ao *Liber Pontificalis*, cuja primeira parte – como veremos – foi editada na primeira metade do século VI. No entanto, no que diz respeito à lenda de Silvestre, este trabalho utilizou o *Actus Sylvestri*, já editado na segunda metade do século V.T.A (KELLER, 1986, p. 190).

não alcançou por meio de armas como ele havia alcançado todas as suas outras vitórias anteriores. Certamente, esta vitória da Fé juntamente com as outras vitórias de armas reflete o triunfo da Igreja que foi conquistando pela espada e pela cruz (STRANGERS, 1974, p. 194). T.A.

No contexto dos séculos XII e XIII, envolto nas Cruzadas, o processo de conversão entre cristãos e não-cristãos era complexo, pois para ambos os lados se configurava como triunfo para quem vencia e apostasia para quem perdia, além de ser deduzida como uma vitória do inimigo no campo de batalha.

Converter o oponente não era a prioridade, mas vitórias religiosas tinham valor, e muitas guerras em determinadas regiões eram eficientes em obter convertidos, gerando uma acertada propaganda religiosa (FRIEDMAN, 2002, p. 137), mostrando assim poder militar e poder religioso.

No que tange ao processo de conversão, para ser confirmado tal ato, o lado cristão exigia o batismo, já os muçulmanos procediam de maneira menos elaborada, geralmente o processo se iniciava com o entendimento *tawhīd*⁹⁵, esse momento não dependia de uma chancela sacerdotal, sendo considerada uma conversão social, onde um indivíduo admite a outros sua vontade de ingressar nessa comunidade:

A conversão ao islamismo na Idade Média era um pouco diferente da conversão a outras religiões. Não havia, por exemplo, nenhum rito envolvido comparável ao batismo. O verbo *aslama*, que significa "ele se submeteu [a Deus]", é usado para descrever o procedimento de tornar-se muçulmano, mas onde o verbo ocorre, não há elaboração para indicar o real conteúdo do ato. Os tratados religiosos falam da simples declaração da confissão de fé, a *shahāda*, como a característica definidora da adesão ao Islã; mas há desacordo quanto à natureza precisa dessa declaração, se deve ser feita com o coração ou apenas com os lábios. No entanto, como nos falta qualquer declaração concreta em contrário, pode-se arriscar que o processo formal de conversão ao Islã consistiu principalmente em falar oito palavras. Mais certo é o fato de que a conversão não dependia de um indivíduo sacerdotal. Por um lado, o Islã não tinha indivíduos sacerdotais de forma institucionalizada; por outro, há menção frequente de pessoas que se converteram nas mãos de muçulmanos que não tinham nenhum cargo digno de nota, bem como nas mãos daqueles que ocupavam cargos governamentais, mas não religiosos.[...] O que está implícito no termo conversão social é ação individual e não comunitária. Tendo realizado o ato de conversão, o

⁹⁵ Conceito teológico fundamental do Islam, expresso na *shahāda*, testificação, onde se declara que há somente um Deus Supremo, e que Maomé é Seu mensageiro. Na *shahāda* está o princípio básico do Islã: "أَشْهَدُ أَنْ لَا إِلَهَ إِلَّا اللَّهُ وَأَشْهَدُ أَنَّ مُحَمَّدًا رَسُولُ اللَّهِ" (ašhadu 'an lā 'ilāha 'illa -llāhu, wa-'ašhadu 'anna muḥammadan rasūlu -llāh). Presto testemunho de que não existe outro deus além de Deus, e testifico que Muhammad é o mensageiro de Deus. Esse testemunho é a fundação para todas as outras crenças e práticas do Islã. Os muçulmanos repetem a *shahāda* em oração, e os não muçulmanos que querem se converter ao Islã são obrigados a recitar esse testemunho no momento de sua conversão T.A.(DAS, 2012, p. 22).

convertido passou a ver sua identidade em termos da nova comunidade religiosa da qual se tornou membro. Essa possibilidade, por sua vez, implica ou pressupõe uma sociedade na qual a identidade social era normalmente definida em termos religiosos em oposição, digamos, a termos tribais ou nacionais. (BULLIET, 1979, p. 34).T.A

Esse processo mais simples, é ainda um reflexo dos hábitos tribais pré-islâmicos, onde um homem quando se via separado de sua tribo por razões diversas poderia ingressar em outra graças à ganhando o status de *mawla*.⁹⁶

Mesmo na simplicidade da conversão, haveria severa retaliação a aquele que cometesse apostasia, ou seja, trocasse de religião, assim como era para os cristãos, tal ato no islamismo era extremamente mal-visto, e enquadrado entre no *Hudūd* (حدود)⁹⁷ um conjunto de punições, quem o faz é visto como inimigo: aqueles que se desviam do caminho de Alá e afastam os outros, serão castigados nessa e na vida eterna, como diz a parte 2 da Sura *Al-Baqarah*, 2;217:

E pecado maior perante Allah, é afastar os homens do caminho de Allah e renegá -lo, e afastá-los da Mesquita Sagrada, e fazer sair dela seus habitantes[...].E quem de vós apostata de sua religião e morre enquanto renegador da Fé, esses terão anuladas suas obras, na vida terrena e na Derradeira Vida. E esses são os companheiros do Fogo. Nele serão eternos. (CORÃO, 2005, p. 58)

Esse trecho do Corão mostra que aquele que escolhesse outra religião seria condenado, numa visão bem semelhante à expressa em *Fierabras*, mas o castigo não é infligido na narrativa pelos sarracenos, mas pelos cristãos, onde quem não se converte é condenado à morte (v.5984-5989) e por consequência, à danação eterna. Percebendo que ambas as denominações veem a conversão à outra religião como algo negativo e que deve ser evitado.

⁹⁶ O cliente reconhecido na lei antiga era um não árabe liberto, convertido ou outro recém-chegado na sociedade muçulmana. Uma vez que os não-árabes só podiam entrar nesta sociedade como clientes, *mawla* passou a ser sinônimo de "não árabe muçulmano" T.A. 'MAWLA'. (BOSWORTH; VAN DONZEL; HEINRICHS, 1997, p. 873)

⁹⁷ Na jurisprudência islâmica (*fiqh*) – baseada na revelação do Corão, na *Sunna* (costume) de Maomé e dos primeiros muçulmanos, no consenso de juristas religiosos e no raciocínio jurídico – existem apenas seis crimes que justificam punição como ofensas contra Deus: 1) adultério, 2) falsa acusação de adultério, 3) beber vinho, 4) furto, 5) roubo de estrada, e 6) apostasia (a opinião não é unânime sobre este crime, no entanto). As punições para qualquer um considerado culpado desses crimes por um juiz muçulmano qualificado são severas; eles não são deixados para Deus decidir, como é o caso dos pecados e transgressões menores, nem podem ser reduzidos. [...] Na jurisprudência islâmica, o significado se expandiu para incluir esses castigos corporais, indicando que tais castigos tinham a força da vontade divina por trás deles, não da sociedade. Mas classificá-los como "limites" sugere que os juristas tinham a sensação de que os casos de *hudud* precisavam atender a padrões rigorosos de justiça antes que um julgamento de culpa pudesse ser pronunciado. T.A (CAMPO, 2009, p. 174).

Essa máxima se traduz em *Fierabras*, que em sua narrativa busca mostrar que o objetivo dos francos é a salvaguarda da fé, num campo onde de um lado, estão os cristãos, e do outro, os sarracenos, essa divisão é tão contundente que chega mesmo a edificar uma estrutura maniqueísta entre bons e maus, subdividindo na imaginação cristã os exércitos em dois polos onde os sarracenos representam uma visão de maldade e vícios e têm como principal característica a diferença moral.

O sarraceno é frequentemente (embora nem sempre) visto como o completo oposto do eu cristão, ocidental: dizer "sarraceno" é, em essência, dizer "mal". Os sarracenos perdem toda a capacidade de funcionar como indivíduos.

Suas ações são pré-programadas por sua "sarracenicidade" (RAMEY, 2001, p. 3), à primeira vista, o confronto é físico, mas também, é relacionado com a moralidade, onde costumes e crenças se opõem e são diversas vezes mostrados na narrativa, mas também há a antítese espacial, onde cada um ocupa seu espaço e o objetivo de cada um deles é apoderar-se do espaço do outro. (BAHILLO, 2017, p. 23)

Ao converterem-se, *Fierabras* e *Bramimonde*, perdem seu status de sarracenos inimigos, como se o batismo “escondesse” sua origem, pois estes não serão mais descritos como o outro, mas sim como efetivamente cristãos, integrados nessa comunidade. Após admitir sua derrota, o rei sarraceno é resgatado pelo imperador enquanto Olivier e os outros francos foram sequestrados.

Com isso, Carlos Magno se aproxima de *Fierabras* gravemente ferido, e ordena que este seja levado, e antes mesmo de ser medicado, é batizado e após esse evento fica dois meses em recuperação e depois de curado ingressa nas fileiras do exército de Carlos Magno.

Olivier e seus amigos foram levados até o líder sarraceno, em seu trajeto, passam pela Ponte Mautrible, próximo da cidadela de Aigremore, considerada a porta entre os mundos pagão e cristão, (LE CADET, 2016, p. 33) geograficamente essa localização é presumida de uma possessão muçulmana na península Ibérica:

De Morimonde⁹⁸ os sarracenos e seus prisioneiros cristãos recuam para o interior do país e, depois de terem atravessado um importante rio, chegam um pouco mais adiante a uma fortaleza chamada Agremore. , Mandíbula.[...]

⁹⁸ Local atribuído ao desembarque dos sarracenos antes da batalha com os cristãos, que chamavam o local de Mont des Maures, sendo isso simbólico pois foi ocupado pelos adversários que eram muçulmanos ou mozárabes. Em *Fierabras* o desembarque se dá ao lado de um estuário e ocupam uma vila chamada Morimonde, sendo possivelmente um jogo de palavras de Monde des Maures. T.A (MANDACH, 1987 p.37).

[...] Sempre em busca de apelidos anti-islâmicos, os franceses teriam transformado Agra Maior, pronunciado Agremore em português, em Aigremore, o castelo com o azedume das Maurícias! Da mesma forma, a 'Pont de Mauntible' teria se tornado a ponte do Tríplice Mal Muçulmano, em francês Mautrible”» (MANDACH, 1987, p. 37) T.A

Após cruzarem a ponte, chegam a Aigremore⁹⁹, o local onde estão sediados os sarracenos, entre eles o líder e pai de Fierabras, o emir Balan e sua filha Floripes.

Ao chegar à frente do líder sarraceno, Olivier e seus pares se recusam a dar sua verdadeira identidade, dizendo que são vassalos pobres (vers, 1933-1938) pois o sagaz franco percebe o perigo de se mostrar como pares de Carlos Magno, por que seriam executados por seu valor nas fileiras francas, essa atitude do emir Balan, reflete a prática comum das Cruzadas, onde cristãos e muçulmanos definiam o valor de seu inimigo baseado em sua posição dentro do exército oposto.

Como fala Yvonne Friedman: Como ambos os lados adaptaram o procedimento de troca de prisioneiros, o número e as fileiras dos cativos adquiriram importância militar. Prisioneiros de guerra tornaram-se um valioso trunfo para futuras negociações (FRIEDMAN, 2002, p. 36) T.A.

Outro motivo do receio de Olivier é que se ele fosse reconhecido como o oponente de Fierabras, seria desmembrado: *Jamais ne mengerai si sera desmenbrés*¹⁰⁰. Balan não os reconhece e por isso é aconselhado a esperar até o dia seguinte, para assim pensar no que fazer com os francos, pois a noite chegava e seria mal fazer a justiça ao anoitecer, pois se o fizesse seria penalizado, *Ja est ja li solaus ens ou ciel esconsés; S'or commenciés justice, vous en sériés blâmés*.1950-1951).

Aqui faz-se referência à prática islâmica onde os fiéis têm a obrigação de, no período da noite, como os relatados no Hadith 29: “ Depois o Profeta acrescentou: Acaso não desejas que te indique as portas da virtude? O jejum é um escudo, a caridade apaga os pecados como a água apaga o fogo (e assim também), e a oração na noite (também apaga os pecados)”.

Desta forma, buscava-se com a oração noturna a recuperação da saúde do corpo e a penitência pelos pecados do dia (ZAKARIA, 2007, p. 20). A Surata 73 *ayat* 6 do

⁹⁹ Segundo André Mandach, que pesquisou as paisagens da narrativa de Fierabras geograficamente, credita a localização de Aigremore na Península Ibérica entre a Galícia e Portugal: um número significativo de localidades na Galiza e em Portugal são denominados Agra Maior, nome que pode ter inspirado a alcunha de Agremore, o castelo dos "mourous azedos" - na perspectiva dos Reconquistadores - obviamente. T.A (Ibidem, p. 39-40).

¹⁰⁰ Jamais será ajuntado se for desmembrado(v.1914) Mais aqui há 2 barris na minha sela, que são do bálsamo que Deus foi embalsamado. T.A.(vers.525-526) (KROEBER et SERVOIS, 1860, p. 59).

Corão assim refere-se a oração noturna: Por certo, a oração no início da noite é a mais eficiente, e mais correta em recitação (CORÃO, 2005, p. 981).

Balan é sensato ao esperar o contato de Carlos Magno, que poderia querer realizar a troca deles por Fierabras. Eram comuns campanhas de resgate de cativos no período militar das Cruzadas praticadas pelo exército franco como diz Yvonne Friedman:

As expedições militares para libertar cativos para libertar cativos eram vistas como um exemplo de guerra justa... No entanto, devemos notar que os cativos eram muitas vezes libertados como resultado da conquista de uma cidade ou de uma batalha vitoriosa. Embora os comandantes pudessem usar o slogan de libertação dos cativos para exortar seus soldados a lutar, geralmente era um subproduto da vitória e não o objetivo estratégico principal. Por outro lado, um inimigo sitiado pode usar os cativos que mantinha como meio de pressionar seu oponente. (FRIEDMAN, 2002, p. 134-135)T.A

E essa será a estratégia do emir Balan, mais adiante na narrativa, onde este planejava matar os cativos para vingar a derrota de seu filho, mas é orientado por seus homens a esperar, decidindo torturá-los posteriormente, se por eles não houvesse resgate.

2.4 - A Imagem da mulher sarracena: beleza e *status* produzem aceitação

Assim como os homens, a representação da mulher sarracena é carregada de impressões equivocadas, que oscilam entre a sexualização, a feitiçaria e a semelhança com a dama cristã.

A mulher na Idade Média vivia numa sociedade indubitavelmente patriarcal, e no caso das damas nobres, resguardadas ao espaço privado, com possibilidades de movimentação restrita e de vigilância de seus corpos e atitudes. Devendo ser submissas e ainda sob o estigma da imagem negativa de Eva, que como a primeira pecadora eram suscetíveis à tentação e tal construção imagética é reforçada pela Igreja, e por seus teóricos geralmente celibatários, que teriam pelo menos em tese, pouco contato com sexo oposto:

Em tudo isso, o papel da mulher permaneceu subordinado. Quando Graciano escreveu “A mulher não tem poder, mas em tudo ela está sujeita ao controle de seu marido”, estava meramente expressando uma das crenças universalmente aceitas na Idade Média, a inferioridade inerente e insuperável das mulheres. As teorias sobre o papel da mulher haviam sido desenvolvidas pelos padres da Igreja. A mulher era filha e

herdeira de Eva, a fonte do Pecado Original e um instrumento do Diabo. Era a um só tempo inferior (uma vez que fora criada da costela de Adão) e diabólica (uma vez que havia sucumbido à serpente, fazendo com que Adão fosse expulso do Paraíso, além de ter descoberto o deleite carnal e o ter mostrado a Adão). Esta visão da inferioridade da mulher era uniformemente divulgada nos tratados teológicos, médicos e científicos, e ninguém a questionava. Por causa de seu caráter maligno intrínseco, a mulher precisava de ser disciplinada (RICHARDS, 1993, p. 36).

Mas essa reserva não se restringia somente ao que tange à sexualidade, mas também com o objetivo de conservar o patrimônio material familiar e garantir a reprodução das linhagens nobres (NASCIMENTO, 1997, p. 86-88):

Não podemos cair na armadilha de que as mulheres expostas nas narrativas representam a totalidade das figuras femininas no Medievo, mas sim representam uma tentativa de padronização idealizada de comportamento e moral que a nobreza desejava impor a damas que viviam nas cortes:

Por se tratar de uma atividade realizada quase sempre por homens e para homens, a literatura medieval constitui testemunho fundamental não das mulheres, mas de estereótipos elaborados por clérigos e artistas, revelando-nos apenas muito raramente uma ou outra silhueta do que elas eram na realidade. (MACEDO, 2002, p. 65)

As referências cristãs no período são escassas sobre as mulheres adeptas do Islã, e sua representação era convencionada ao padrão do Antigo Testamento, período em que as mulheres islâmicas nem sequer existiam, mas serão inspiradas em Salomés, e odaliscas, aquelas que usam artifícios e seu corpo para conseguir o que querem, as vezes as muçulmanas são damas nobres que surgem como auxílio ao cristão que posteriormente se ligarão por casamento.

Se as damas cristãs já possuíam um lugar secundário dentro das canções de gesta, as sarracenas então, são mais invisibilizadas ainda, já que elas não são alvos de qualquer preocupação para a sociedade cristã ocidental, e quando aparecem, surgem como contra modelos, sendo voluntariosas, e transgressoras dos limites da feminilidade tradicional, refletindo o fracasso de sua religião em “inculcar “seu papel social (KAHF,1999, p. 4), que só se estabelece quando essa mulher se converte ao cristianismo e se torna submissa, obediente e silenciosa dentro de seu novo lugar social.

Papel providencial desejado e considerado natural no período, onde a mulher deveria ser governada, baseando-se nas Escrituras, e sendo visto como a imagem exemplar numa hierarquia universal, onde o homem sujeitaria as mulheres que lhe

foram confiadas, mas também amá-las e as mulheres devem reverenciar ao homem que tem poder sobre elas (DUBY, 2017, p. 112-113).

É nesse contexto, que na narrativa surge a irmã de Fierabras, *la belle* Floripas apresentada como “A mais gentil jovem que jamais foi falada” *La plus gentil puciele dont onques fu parlé*.ver.2005), além de ser descrita com os atributos típicos das donzelas cristãs como: pele tenra e branca como flor, face avermelhada e boca pequena, dentes mais brancos que marfim, lábios grossos e vermelhos, fronte bela e plana (KROEBER&SERVOIS, 1860, p. 61).

Sua descrição ocupa cerca de 38 linhas, que vão desde sua aparência física quanto a riqueza de suas vestes: de estrelas finas de ouro de grande brilho (*D'estoiles de fin or qui jetent grant clarté*. ver.2018), e sapatos: pintados de prata e fino ouro (*D'argent et de fin or estoient painturé*, ver. 2028). Essa é uma preocupação nos textos medievais no que concerne a descrever as mulheres sarracenas dignas de nota, sua beleza e seu patrimônio, chamado de dupla ornamentação, querendo mostrar a atratividade das mulheres sarracenas por dois pontos preponderantes, a riqueza do Oriente e a beleza poética (DE WEEVER, 1998, p. 29-30).

Aqui percebe-se que Floripas atende às “qualificações” de uma protagonista feminina, pronta para associar-se ao herói cristão, pois é igual em nascimento, modelo de beleza, sendo ousada em suas declarações amorosas, e que é batizada no fim, para ser esposa e par do herói cristão.

Tal estratégia narrativa era convencionalmente feita pelos autores das épicas em relação às mulheres sarracenas, onde sua beleza exótica é evidenciada, e a rivalidade com os cristãos é suavizada no decorrer da narrativa, já com relação à vida das mulheres sarracenas reais, os poetas pouco ou nada conheciam.(COMFORT, 1940, p. 655)

Floripas se contrapõe a seu irmão, enquanto ele é antinatural, ela é seu oposto, bela e adorável. A princesa sarracena assim como as damas de outras narrativas que tem por destino se casar com cavaleiros cristãos são diferenciadas.

O corpo masculino é visto na “raça sarracena”, em sua maioria, disforme e grotesco, diferente do corpo cristão que não tem raça, esse corpo do “outro” descreve sua origem: segundo os cristãos, a aparência anatômica corporal e a cor da pele são fatos essenciais na construção da oposição.

Na representação cristã, essa diferença se estendia não só aos muçulmanos ibéricos e orientais (*Saraceni*), como aos judeus (*gens judaica*) (COHEN, 2001, p. 116). Tal manifestação poderia se referir a ideia de que todo o cristão é imagem e semelhança

de Deus, e que os sarracenos por sua cor de pele ser escura e os judeus por serem circuncidados apresentem algo considerado não normal.

Essa é uma das diferenças em relação à *Chanson de Roland*, onde pouco ou quase nada se sabe sobre a aparência das damas da narrativa, mostrando o quão baixa é a relevância que elas se apresentam no andamento da gesta, onde as mulheres só ganharam destaque décadas mais tarde:

O corolário natural da crescente proeminência das mulheres nas *Chansons de geste* é que o elemento do amor desempenha um papel muito maior. Isso está de acordo com as ideias contemporâneas sobre as mulheres na sociedade. No poema mais antigo, *La Chanson de Roland*, a luta entre cristãos e sarracenos é o principal ponto de interesse e as mulheres são apenas brevemente mencionadas (WALKER, 1962, p. 64). T.A.

Floripas é bela, mas apresenta ira, quando esbraveja contra seu pai e deseja sua morte, além de sorrir e se alegrar em momentos de violência, essa natureza dicotômica entre beleza e fereza é uma perspectiva cristã sobre a mulher sarracena, sem voz ela é passível de inúmeras representações que geralmente se resumem a sua aparência física (RAMEY, 2001, p. 35) e sexualidade.

Essas atitudes ferais que Floripas expressa antes de ser batizada, passam a mensagem de que tais atos são característicos dos pagãos, pois tal irascibilidade também é expressa por Fierabras antes do seu batismo, após ser cristianizado, Fierabras modifica sua personalidade.

O comportamento violento e impulsivo mostrado por Floripas ao longo do poema é uma manifestação de sua identidade sarracena, a irascibilidade natural dos corpos sarracenos. A natureza guerreira de Fierabras também se fundamenta nessa identidade sarracena; consequentemente, após a conversão, ele não aparece como um guerreiro do lado cristão do conflito. Enquanto ele pertence à religião sarraceno, ele exibe um comportamento sarraceno: ele é violento e agressivo. Uma vez que ele se torna um cristão, seus atos são governados pela compaixão e não pela agressão, e seu corpo é mostrado curvado em súplica, o rosto coberto de lágrimas. Fierabras sofre uma mudança corporal – não anatômica, mas fisiológica – no curso de sua conversão religiosa. Em termos de fisiologia humoral, ele se torna frio e úmido, uma combinação de qualidades normalmente não encontradas nos machos, mas típicas das fêmeas. (AKBARI, 2009, p. 168-169)T.A

Mas a princesa é perdoada ao se tornar cristã, ela é bela e nobre, além de ficar do lado do direito:

Seu comportamento, ainda que ultrajante, é aceitável simplesmente porque é dirigido a um bom fim: Floripas não é apenas o objeto primoroso da admiração dos homens, mas também o cérebro dominante que supervisiona a vitória cristã sobre as forças sarracenas lideradas por seu pai. (Ibd., p. 166)

Sua beleza também funcionará como um atrativo para a aproximação dos cristãos, e com esse contato, sua personagem se destaca como voz ativa e participativa na narrativa, mostrando que, essa apresenta dois lados: um selvagem, em consequência a sua origem pagã, e a beleza e gentileza, potenciais qualidades desejadas às damas cristãs, essa segunda qualidade se manifesta especificamente ao tratar com os francos cristãos, que abre a possibilidade de ingresso na corte após sua conversão e batismo, mostrando que ao fim e ao cabo, a virtude supera os defeitos (TRACY, 2019, p. 223).

A dicotomia entre a bestialidade masculina e a docilidade feminina faz parte da perspectiva cristã sobre os muçulmanos durante a produção das canções de gesta nos séculos XII e XIII:

Essa natureza dual do infiel é central para a perspectiva medieval do muçulmano. O inimigo é ao mesmo tempo uma fera exótica e uma mulher adorável. Atrai como mata. O Infiel é as duas coisas ao mesmo tempo, mas nunca inteiramente uma ou outra. *Chansons de geste* dos séculos XII e XIII retratam essa visão dividida do sarraceno. Surgindo das canções de desejo dos trovadores e da imagem conflitante do guerreiro sarraceno, o épico sarraceno pode ser preto ou branco, adorável ou hediondo, útil ou traiçoeiro – ou qualquer combinação destes. O mais novo elemento da imaginação francesa do sarraceno é a aparência da mulher sarracena. Enquanto ela era surda e abstrata na música dos trovadores e praticamente ausente nos primeiros épicos centrados no homem, agora a mulher sarracena ocupa o centro do palco. (RAMEY, 2001, p. 35).T.A

Mas essa bela aparência, não é para todas as sarracenas, em *Fierabras* se restringe a Floripes, pois outra sarracena, que aparece é a gigante Amiette, que era casada com o gigante Effraon, morre ao defender o território da invasão cristã, esta não era nobre e assim como o marido, é vista como diabólica (Ibd., p. 47), e por isso, não é tratada, nem descrita com a mesma benevolência que a nobre Floripas, percebendo assim que a aceitação nesse caso, se dá menos pela religião, mas sim a que classe social o membro pertencia.

Além disso, Amiette prefere ficar com lado o sarraceno, considerado mal, enquanto Floripas, se casa com um cristão “bom” e se converte. A maior participação feminina em *Fierabras*, pode traduzir os anseios da audiência de corte, que já estava

cercada de produções onde as personagens femininas têm mais destaque e com alguma autonomia, ou seja, queriam “mais Floripas e menos Audes”

Aude é a noiva de Roland e irmã de Olivier, que na versão da *Chanson de Roland* do manuscrito de *Oxford* é segundo Anne Tukey Harrison: “Aude é uma mulher fiel, piedosa, linda, e nobre cujo sacrifício é honrado. [...] Como sua introdução como personagem foi definida por seu relacionamento com Roland e Olivier, seus atos estão intimamente relacionados com Carlos Magno, seu suserano, com poder total sobre sua pessoa. (HARRISON, 1981, p. 673) (T.A).

Essa personagem apresenta a passividade e dependência com relação aos homens em especial a seu noivo, representando o comportamento modelar da mulher defendida pela Cristandade, seguindo uma tendência religiosa aproximando-se do pensamento ideal defendido pelo espírito Cruzado de mulher submissa e dependente de uma figura masculina:

Na inclinação misógina quase clerical do poema, a única mulher boa é a passiva. Observamos o comportamento de uma mulher cristã exemplar em Aude, uma figura completamente inerte cuja única ação é morrer e cujo único discurso é anular sua existência: “*Ne place Deu ne ses seinz ne ses angles / Après Rollant que jo vive remaigne!*” (268) (Que Deus, seus anjos e seus santos proíbam / que depois de Roland eu permaneça vivo.). Os exegetas de Roland costumam apontar a morte voluntária de Aude como uma “extensão da de seu noivo” (Brault, 317), como um martírio “em testemunho de um princípio” (Cooke, 177). No entanto, Roland tem um personagem e uma vida no texto antes de seu sacrifício. A presença física de Aude nada mais é do que uma negação de si mesma. (KAHF, 1999, p. 24) T.A.

Comportamento contrário que a princesa sarracena apresenta a princípio, mas que se modifica no decorrer da trama, que, segundo Larissa Tracy: Floripes se encaixa no modelo arquetípico de uma sarracena apaixonada por um paladino cristão – a “princesa sarracena” que está disposta a ser batizada por amor (ou conveniência).(TRACY, 2019, p. 236) T.A

Após a sua descrição física inicial, Floripas vai até o local em que estão os prisioneiros francos, acompanhada por damas de elevado parentesco (v.2045), no palácio onde os payen os puseram, ao vê-los, a princesa indaga quem são, e Olivier fala de Fierabras e do duelo, e antes de dizer suas identidades, é interrompido por Brutamont o carcereiro, que diz que eles são homens de Carlos Magno, que querem

destruir a lei, insultar e envergonhar , além de ajudar a matar vários sarracenos e derrotar Fierabras (vers.2060-2062).

Ao falar dos cristãos, o carcereiro cita Caitif Aymer, personagem de outra narrativa do Ciclo Carolíngio Aimeri de Narbonne, um cristão que se apaixona por uma sarracena, e a afastou de sua fé, o que para os seguidores do Corão é condenável ao lugar de fogo eterno (Genna): “E, com efeito, Ele fez descer sobre vós, no Livro, que quando ouvirdes os versículos de Allah, enquanto os infiéis os renegam e deles zombam, não deveis sentar-vos com eles, até confabularem, em outra conversação. Senão, sereis iguais a eles. Por certo, Allah juntará os hipócritas e os renegadores da Fé, na Geena, a todos eles. (Suratu Na-Nissa ayat 140) (CORÃO, 2005, p. 158) ¹⁰¹. O interessante é que Brutamont se refere ao romance como se o caso fosse real.

Segundo a lei islâmica, as mulheres convertidas ao Islã não poderiam se casar com um não islâmico (infiel), se o fizesse teria que se separar:

Fontes islâmicas que remontam ao início do século VIII - ou seja, um século ou menos após as conquistas - já mencionam dilemas sobre as relações entre famílias mistas. Por exemplo, juristas muçulmanos discutem o caso de uma mulher não muçulmana (cristã, judia ou zoroastrista) que é esposa ou concubina de um homem não muçulmano e que então se converte ao islamismo. A questão que os juristas muçulmanos procuraram abordar é se o casal pode continuar a ter relações sexuais ou, de fato, permanecer casado. A resposta mais comum era que as relações sexuais continuadas em tais situações eram proibidas e que o casamento tinha que ser dissolvido. Assim uma mulher muçulmana não pode ser subordinada a um homem infiel (HURVITZ;SIMONSOHN; YARBROGH, 2020, p. 40) T.A.

Mas na região da Península ibérica, portanto uma área de grande circulação de cristãos e judeus, essa lei foi adaptada (somente no caso dos homens, para as mulheres permanece igual), devido ao excessivo número de *dhimmi* (ou coletivamente chamados *ahl dhimmaou*, que eram beneficiários da *Dhimma*, contrato indefinidamente renovado por meio do qual a comunidade muçulmana concede hospitalidade e proteção a membros de outras religiões reveladas isto é que possuíam a mesma origem teológica do Islã, com a condição de reconhecerem o domínio do Islamismo, inicialmente eram apenas judeus e cristãos, mais tarde foram considerados zoroastrianos e alguns membros de religiões da Ásia Central não ligados ao islamismo) (BECKE, 1986, p. 227) :

¹⁰¹ A palavra Genna aparece com o mesmo sentido usado pelos judeus, Gehinnon (Genna, na tradução grega), que é um lugar onde o fogo nunca se apaga. (Marcos 9:48)

Desde os primórdios do Islã, as leis que regem o casamento são relativamente claras: um muçulmano pode se casar com uma judia ou com um cristão, embora alguns juristas afirmem que o casamento com um muçulmano é preferível. De qualquer forma, os filhos de um pai muçulmano são muçulmanos. O muçulmano também pode ter relações sexuais com seus escravos, muçulmanos ou não. Por outro lado, um muçulmano deveria preferencialmente se casar com um muçulmano, porque não se pode colocar um crente em uma posição de inferioridade em relação a um dhimm. (TOLAN, 2013, p. 228).

Já para os cristãos, a proibição de se casar com um muçulmano também permanece, pois não se acreditava que um seguidor de outra religião respeitasse os votos cristãos esse tema é tratado no Decreto de Graciano no *Decretum* C. 28, q. 1, d.p.c. 17], um *dictum*¹⁰² que trata de casamentos mistos, escrito entre 1139-1158, afirma que o casamento entre um cristão e um não cristão não seria valido por quê:

Da mesma forma, [Declaração] de Augustinho - "Não é um casamento válido porque é um casamento sem Deus" - não nega que o casamento exista entre os infiéis. Há um tipo de casamento legítimo e inválido, outro válido e ilícito e um terceiro lícito e válido. Um casamento legal é baseado em um contrato legal ou nos costumes de uma província. Nos infiéis, isso não é válido porque seu casamento não é sincero e inviolável. Porque depois que o ato de divórcio tiver sido concedido, eles têm a oportunidade de se deixarem e se casar com outra pessoa de acordo com o direito civil e não para a lei de Deus, que eles não observam. Mas nos fiéis, o casamento é válido porque uma vez estabelecido entre eles, os casamentos não podem ser dissolvidos mais tarde. [...] Mas os casamentos daqueles que, tendo tratado com desprezo todas essas solenidades, se unem em casamento apenas por afeição, um casamento como não é legal; É considerado válido apenas. (T.A)¹⁰³

Brutamont, ao falar dos defeitos dos francos, visava alertar a princesa sarracena, que chorando pela situação dos cativos permanece em seu intento de ter contato com eles, mesmo com a resistência de Brutamont, que ela ignora, e num ato ousado o mata.(v.2091).

Com isso, ela vai até os cativos, que se identificam e Olivier acrescenta que se continuassem no cárcere, morreriam (v.2106-2111), Floripas conversa com os prisioneiros, e os resgata, mas princesa é novamente alertada para o perigo franco, pela dama Morabunde, que ameaça contar tudo ao Emir Balan e Floripas mais uma vez, mata quem lhe mostra oposição. (v.2189-2203).

¹⁰² DICTUM-Palavra, preceito, predição (língua religiosa). (FARIA,2001, p. 79).

¹⁰³Corpus Iuris Canonici, opus uno volumine absolutum, pars II in qua Decretalium collectiones continentur, a cura . (BOEHMER,1839, p. 945).

Essa dupla face da princesa Floripas, mostra a diferença de tratamento que ela dispensa aos francos e aos sarracenos, com os primeiros ela é atenciosa e doce, ao segundo grupo, ela é desobediente e contestadora, agindo de forma extrema e desrespeitosa com homens a quem ela de acordo os costumes islâmicos, deveria obedecer como uma dama, onde segundo a Sura 4 *Na-Nissã*,¹⁰⁴ *ayat* 34 assim diz: Os homens têm autoridade sobre as mulheres, pelo que Allah preferiu alguns a outros (CORÃO, 2005, p. 133).

Essa obediência se deve à maior força física e à primazia social masculina e todos os encargos voltados a sua posição. Essa movimentação de oposição pode porventura, acontecer por ela ser alguém de linhagem superior aos seus corretores, ou quem sabe, uma amostra do direcionamento do autor em corroborar uma tendência de Floripas aos francos, o que seria mais plausível.

Floripas é descrita ao mesmo tempo, como delicada, mas também violenta, essa dualidade deve-se a sua posição na narrativa num fluxo de identidade indefinida: inicialmente é pagã, o que segundo a visão cristã do período tende a ser desmedida e ao final convertida se cobre de virtudes, segundo Suzane Conklin Akbari:

Floripas apresenta um comportamento aparentemente paradoxal: é bela e delicada, mas também agressiva e violenta. Floripas é ao mesmo tempo o objeto requintado da admiração dos homens e o mentor dominante que supervisiona a vitória cristã sobre as forças pagãs lideradas por seu pai. Ela fala com força; ela ri abertamente, muitas vezes em resposta a comportamentos violentos que ela aprova; ela até mata com as próprias mãos. Em algumas versões de Fierabras, o comportamento de Floripas é explicitamente caracterizado como não feminino, e ela mesma é descrita como uma perigosa combinação de qualidades masculinas e femininas. Em outros, o comportamento de Floripas não é caracterizado como não feminino, pois sua identidade sarracena é dominante na determinação do que constitui um comportamento normativo. Em cada caso, no entanto, o longo período durante o qual Floripas não é totalmente sarracena nem totalmente cristã compensa o exame, pois constitui uma fase liminar durante a qual a identidade de Floripas está em fluxo. (AKBARI, 2009, p. 175) T.A.

Ela inicialmente, não representa o arquétipo de virgem e dama do período, é agressiva e se envolve em assuntos de decisão na narrativa, além de dar opiniões, desprezar a autoridade masculina e preferir os cristãos. (GRINBERG, 2011, p. 186).

¹⁰⁴ A Sura An-Nissã سورة النساء (plural de imra'a, que significa mulher) é a segunda mais extensa do Corão, com 176 *ayat* e se volta à mulher, a infância, ao casamento e a maternidade.

A princesa sarracena demonstra essa predileção acolhendo-os bem e curando os ferimentos de Olivier, aquele que todos pensavam ter matado Fierabras, usando mandrágora¹⁰⁵ uma planta vista de forma ambígua no Medievo, uma trata de sua origem maligna advindas do ciúme de Satanás contra Deus, criando homens e mulheres que vivessem embaixo da terra, além de servir como ingrediente em rituais mágicos, práticas de feitiçaria e bruxaria, como afrodisíaco e de fertilidade.

A planta também é vista como benigna, sendo utilizada como anestésico em cirurgias e citada por Hildegard von Bingen em seu *Liber subtilitatum diversarum naturarum creaturarum*, que indica como anular os poderes malignos da mandrágora e usar as suas virtudes medicinais, pode-se dizer que as interpretações de seus benefícios e malefícios dependem do contexto social, religioso e geográfico de onde ela é utilizada (STERZA, 2019, p. 38-45).

Segundo Francis Dubost, mesmo pouco explorada, a mandrágora em *Fierabras*, apresenta o papel de bálsamo, unguento, ou poção ou outra erva menos prestigiosa, um suporte mágico que possui um poder de cura instantâneo (DUBOST, 1991, p. 360).

Chama a atenção é o fato de Olivier deixar ser curado com mandrágora, ao contrário de sua recusa ao usar o bálsamo sagrado, devido ao contexto em que o herói se encontrava, no momento em que foi oferecido o bálsamo, o cavaleiro estava em batalha e poderia ser considerado “trapaça”, já quando Floripes o cura com a mandrágora, há a necessidade de superar os ferimentos em virtude de sua situação de resistência ao cativo.

Depois de tratado, Olivier e seus companheiros são servidos pelas damas e no decorrer dessa refeição, Floripas diz ao cavaleiro que ela se enamorara de um nobre quando estivera em Roma, aqui vemos que Floripas também estivera no ataque a Roma, mas não fora penalizada por isso, a exemplo de Bramimonde que foi isenta de tomar Saragoça. Por serem mulheres, qualquer posição tomada era vista como dependente da figura masculina sem peso decisório no delito. (WALKER, 1962, p.80-81), este homem se chamava Gui de Borgougne, sendo este, parente de Carlos Magno e Roland.

¹⁰⁵ Etimologicamente, o termo francês vem do latim mandragoras, ele próprio retirado do grego μανδραγόρας (mandrágoras), mas a etimologia da palavra grega permanece obscura. Para alguns, o termo grego mandrágoras viria de uma derivação do persa mardum giyah, que possivelmente seria uma alteração do antigo iraniano gayo mertân, nome do primeiro homem, para outros, a origem viria do assírio nam tar ira, "a droga (masculino) de Namtar", que é um demônio que causa doenças. Finalmente, para outros ainda, a origem viria do sânscrito mandros que significa "sono" e ágora que significa "substância" T.A.(BJUGGFALT-CHATEAUX, 2012, p. 13).

A conversão da princesa se dá por circunstâncias amorosas, pois a sarracena enamora-se por Gui de Bourgogne, que Joseph Bédier baseado nas pesquisas de PH Lauer, resume qual o lugar de origem do Gui que teria inspirado o interesse amoroso da princesa sarracena Floripas:

O primeiro seria um Gui de Spoleto (842-858), que, pouco depois de 846, lutou com o rei Louis contra os sarracenos, não antes de Roma, mas no sul da Itália: daí o caráter da Destruição de Roma. O segundo seria outro Gui de Spoleto, que reivindicou o trono da França em 888 e foi coroado em Laon: o que, segundo o Sr. Lauer, daria conta da bela lenda de Gui de Bourgogne, rei dos "filhos da França". " O terceiro seria mais um Gui de Spoleto, "que apareceu em 969 com uma mulher chamada Floripanda", que seria o modelo de Floripas, o sarraceno, amante de Gui de Borgonha em Fierabras. Vamos supor por um momento que tudo isso é verdade. O trabalho de imaginação que confundiu vários senhores de Spoleto num só, terá necessariamente ocorrido no século X, necessariamente e necessariamente, numa região onde era conhecida a série de senhores de Spoleto: como teriam os malabaristas franceses do século XII tido conhecimento destes Lendas "íalo-lombardias" Seria necessário que, séculos depois dos acontecimentos de 846, essas hipotéticas lendas "íalo-lombardias" tivessem sido misturadas com essas antigas canções francesas, compostas pouco depois de 846, por um "Franco da Schola Francorum", escapou do massacre". Tantas aventuras surpreendentes! (BÉDIER, 1926-1929, p. 260) T.A

Outra teoria vinda de Paulin Paris, liga Gui de Borgogne a Henrique de Borgonha, pois segundo o pesquisador, em *Fierabras* o conde de Borgogne, divide a Espanha com Fierabras ao se casar com Floripas, onde ele conquista Luiserne, nome que remete à Lusitana antigo nome de Portugal, sendo esta uma tentativa dos trovadores de incluir, um membro da casa de França na Espanha num momento de empolgação Cruzada.

Além disso, a lenda poética de Gui de Bourgogne entrando na divisão da Espanha com Fierabras, ou recebendo de Carlos Magno à investidura deste reino depois de ter conquistado Luiserne, poderia ter alguma obrigação com a história real de Henri de Bourgogne, primeiro rei cristão de Portugal, o antigo Lusitânia, cujo nome Luiserne recordaria. A instalação de um príncipe da casa da França na Espanha, no final do século XI, não deve ter escapado ao menestrel, numa época em que a emoção pública havia sido ou teria sido tão frequentemente excitada pelo sucesso da primeira cruzada, pelas conquistas dos normandos na Itália, e por eles tomarem posse da Inglaterra.(PARIS, 1873, p. 298). T.A

Na narrativa, Gui de Bourgogne, juntamente com Roland e outros 5 pares partem em missão para resgatar Olivier, com eles, os cavaleiros levam as exigências feitas por Carlos Magno, onde o imperador propõe ao líder dos sarracenos, a conversão destes e que devolvam as relíquias roubadas de Roma, além da libertação dos cativos, e se Balan não o fizesse seria “pendurado pela garganta numa estaca”.

*A l'amirant d'Espagne; de par mi li dirés
 « Qu'il soit tost en sains fons baaptiziés et levés,
 « De moi tiegne sa tere en pais et en quiteé
 Rende moi la couronne dont Dix fu coronnés
 ce Et les autres reliques dont il i a plentés ;
 « Et en après demant mes chevaliers menbrés
 « Et se il ne le fait si com deviserés,
 « Dites jel ferai pendre par la goule à .1. pel.(v.2312-2319)
 (KROEBER et SERVOIS, 1860, p. 70-71)*

A comitiva chega a Morimonde, e encontra o *sage* sarraceno Moradas enviado junto com outros 14 homens por Balan, ao ver os francos, o sarraceno relata a seguinte proposta de seu líder, que era semelhante à de que Carlos Magno, acrescido da ameaça de que se o imperador negasse, todo franco encontrado “teria a testa passada pelo aço”.

*Dites que je li mande , au mauvais rasoté,
 « Que il croie Mahom par boine volenté,
 Rende moi Fierabras, mon fil le redouté,
 « Et de moi tiegne France trestoute en quiteé.
 Et se ce ne veut faire, bien dire li porrés
 Que je le requerrai à .cm. d'armés.
 « S'encontrés crestien qui de mère soit nés,
 « Au branc d'acier forbi la teste li caupés. (v.2354-2361) (KROEBER
 et SERVOIS, 1860, p.72)¹⁰⁶*

Vendo que nenhum lado cederia, as comitivas entram em combate, e a seu fim, todos os sarracenos são mortos com exceção de um mensageiro, que foge e relata o ocorrido a Balan. Enquanto do lado franco, o duque de Naimés sugere que a comitiva retorne (v.2445-2446), mas Roland refuta e convence aos demais a seguirem viagem, além de aconselhar que levem as cabeças dos derrotados a Balan, os companheiros fazem isso, e eles se dirigem à ponte Mautrible. Essa prática de cortar cabeças era comum na Península Ibérica:

¹⁰⁶ Digo, o que eu mando, para a má tolíce, "Que ele acredite em Maomé de boa vontade, Devolva-me Fierabras, o meu temido filho. "E me entregue toda a França e saia. E se isso não o fizer, bem digo o condenarei. Que irei solicitá-lo com armas. "Se encontrar cristão que nasceu de mãe," Com a espada de aço forjado, vou a cabeça cortar. T. A

A prática cristã de cortar cabeças de muçulmanos e exibi-las em lanças e muros, foi usada na Península Ibérica, mas também na França, tal ação fazia parte do imaginário cristão como prática dotada do simbolismo de dominação e triunfo, o mesmo simbolismo que explica a polemica em relação de cabeças dos mouros nos escudos ibéricos. Essa ideia será encontrada em inúmeras canções de gesta francesas. Fontes Andalusí descrevem abundantes descrições de decapitações eram feitas de não - muçulmanos por muçulmanos, de muçulmanos por muçulmanos e em escala menor de muçulmanos por não muçulmanos (FIERRO, 2008, p.146-147) T.A

Ao chegarem para atravessar a região, o duque Naimés fica responsável pela negociação, com o guardião um gigante, que para deixá-los passar lhes cobra o tributo. Após o duque de Naimés habilmente enganá-lo mediante um subterfúgio, eles passam e chegam a Aigremore, mas antes de encontrar o emir Balan, o duque de Naimés pede a seus companheiros que ele fale primeiro, todos concordam e a comitiva encontra o sarraceno sentado sobre uma árvore.

Naimés mostra as cabeças dos inimigos, alegando que eles queriam roubá-los e reproduz o recado de Carlos Magno.

Ao ouvi-lo Balan amaldiçoa os francos, e ao falar com o último deles, Gui de Bougogne, diz, que jejuará até vê-los mortos, ao que Gui responde: “Se Deus quiser, jejuarás por muito tempo”. (v.2700) (KROEBER & SERVOIS, 1860, p. 82) T.A

Balan pede conselho a seus homens, entre eles Sortinbrans de Connibres, que faz uma recomendação agressiva que consistia no desmembramento dos francos cativos e em seguida, ir até Carlos Magno, prendê-lo a força, enforcá-lo e seguir para Saint Denis, onde lá, Balan seria coroado. (v.2705-2710)

Floripas ouve as intenções de seu pai e este solicita a opinião da filha, que fingindo desgostar dos francos, pede para guardar os prisioneiros até a execução destes (v.2716-2733).

Aqui vemos que Balan pede conselhos a sua filha e aceita a suas sugestões, demonstrando confiança e respeito por ela, algo que não vemos na *Chanson de Roland*, no que tange à participação e voz feminina na narrativa.

Mesmo que esta enfrente a suspeita dos demais conselheiros, inclusive Sortinbrans que vê a princesa sarracena com desconfiança, algo que coaduna com escritos islâmicos onde “as mulheres se não bem direcionadas são ingratas”.

Tal opinião é mostrada no Hadith Ṣaḥīḥ al-Bukhārī : صحيح البخاري que é considerada uma das seis principais coleções de hadith do Islã sunita (kutub al-sittah), e este diz que as mulheres por sua ingratidão, expressa por sua desobediência, são a maioria no inferno(Jahannam), este hadith conta:

O Profeta disse: "Foi-me mostrado o fogo do Inferno e que a maioria de seus habitantes eram mulheres ingratas." Foi perguntado: "Será que eles não acreditam em Allah?" (ou são ingratas a Allah?) Ele respondeu: "Eles são ingratos a seus maridos e são ingratas pelos favores e pelos bons (atos de caridade) feitos a elas. Se você sempre foi bom (benevolente) para uma delas e então ela vê algo em você (que não é do seu agrado), ela dirá, 'Eu nunca recebi nenhum bem de você. (AL BUKHARI, 1997, p. 69) T.A

Em *Fierabras*, tanto Sortimbrant quanto Brutamont articulam sua preocupação com Floripas, referindo-se a outras *Chansons de geste* como se fossem casos históricos. Sortimbrant refere-se a Galiennie que faz com que o filho de seu irmão (Marsile) perca sua herança quando ela se apaixona por Mainet (o jovem Carlos Magno), assim como Brutamont citou Aymeri de Narbonne (GRIMBERG, 2019, p.237).

Floripas é autorizada a vigiar os francos, mas que em vez de levá-los para a prisão, os conduz para a sala onde estão os demais cativos francos, e Roland encontra seu par e juntamente com os demais companheiros, prometem ajudar a dama e a ela se apresentam: quando chega a vez de Roland, surpresa Floripas o considera digno de adoração, e para isso ela cai a seus pés; e chorando pede sua ajuda.

O conde pergunta o que ela deseja, ela então diz que ama um belo cavaleiro franco, ele pergunta o nome e ela declara Gui de Borgogne, onde Roland declara que o próprio cavaleiros estaria a três passos dela, ao saber disso, ela pede Gui a Roland, que promete o cavaleiro, mas Gui reluta tomar a princesa, pois Carlos Magno não a dera(v.2810)

Percebendo isso, ela ameaça e jura por Maomé : Se você não me levar, "Vou pendurar todos vocês e estendê-los no vento!"(v.2812-2813)(KROEBER & SERVOIS, 1860, p. 85).T.A.

Com isso, Roland convence Gui que aceita o compromisso, e Floripas por amor a seu agora noivo, se compromete a ser batizada e crer em Jesus. Vendo concluído o compromisso, ela se joga em seus braços, mas não aceita ser beijada¹⁰⁷ na boca por ainda não ser cristã.

¹⁰⁷ Nas épicas, não há intercuro entre o cavaleiro cristão e a dama sarracena até ela ser batizada, fazendo com que ela esteja pronta e apta para fazer os ritos da Igreja. T.A (COMFORT, 1940, p. 657).

Essa cena é marcante pois ao encontrar com seu amado, a princesa sarracena se torna mais acessível aos francos, menos claramente marcados como exteriores, no início, ela apresenta o *status* de proibida nas primeiras interações com os cavaleiros, mas após o enlace, ela se aproxima, mais ainda é interdita ao amado e aos prazeres do corpo, pois ainda não é cristã; ao converter-se ela dá acesso a Gui e à Cristandade (AKHABARI, 2009, p. 183).

Vemos nesse diálogo a determinação da princesa sarracena, e sua personalidade marcante, ao contrário das mulheres cristãs submissas, Floripas é audaciosa e decidida, negocia e consegue o que quer, mas também apresenta a doçura esperada de uma dama (FARIEL, 1971, p. 200) quando ela enlaça seu amado nos braços (v. 2821-2822).

Essa audácia é a tônica da caracterização das mulheres sarracenas nas canções de gesta do período (RAMEY, 2001, p. 43), envolvido pelas cortes que já tinham uma participação feminina mais ativa.

Em seguida, Floripas mostra aos pares de França, as relíquias que estavam no castelo, enquanto isso, emir Balan estava reunido com seus conselheiros, entre eles, Lucifer de Baudas, que remete a seu nome de origem:

O personagem é orgulhoso e soberbo, e mostra isso no momento em que se propõe a confrontar Floripas, quando nem mesmo o próprio pai dela o fizera, seguindo a ideia medieval, desse nome dado ao Diabo, para persona do orgulho: “Conforme Russell (2003, p. 240), das inúmeras denominações referidas a demônios na literatura medieval, só algumas são concedidas ao próprio Diabo. Sendo os nomes do maligno associado a sete vícios: Lúcifer (orgulho), Belzebu (inveja), Satanás (ira), Abaddon (indolência), Mammon (avareza), Belphegor (gluttonia) e Asmodeus (luxúria)” (ZIERER; DUARTE; CAMPOS, 2020, p. 25).

O prometido da princesa, que diz a Balan que este fez uma loucura e se compromete a ir pessoalmente até quarto de Floripas, o que de fato o faz sem respeitar as formalidades invadindo o cômodo, vendo a cena, a princesa pede a Roland, que ele a vingue. Quem o faz é o duque Naimés, que engana Lucifer e o atira pela janela! Vendo a situação, Floripas exorta os francos a armarem-se: (v.2955-2956) (KROEBER & SERVOIS, 1860, p. 90)

Antes do cair da noite, os francos atacam os sarracenos presentes no palácio, onde Roland em confronto com o emir Balan, o ameaça e este acuado, foge pela janela¹⁰⁸, seguido pelos outros deixando aos francos a posse do palácio. (vers.2967-

¹⁰⁸ Remetendo à *Chanson de Roland*, onde após acuado, o sarraceno, numa atitude anti-cavalheiresca, Marsile foge (ver.1912) (BÉDIER, 1923, p. 146).

2994). Com a derrota, Balan jura se vingar dos francos, amarrando-os a cavalos e de sua filha que agiu contra ele, a queimando:

O fogo aparece quase 200 vezes no Corão, ele, assim como nas representações do inferno cristão, também está presente no *Jahannam* - descrito no Corão como uma habitação ou refúgio infernal com sete portões (contrapartes para os sete céus) aguardando incrédulos, hipócritas e outros tipos dos pecadores- além de símbolo de punição aos incrédulos e aqueles que de outras maneiras desagradavam a Allah, como diz o *ayat* 192 da Sura 3: Senhor nosso! Por certo àquele que Tu fazes entrar no Fogo, Tu com efeito, o ignominias. E não há para os injustos socorredores. (CORÃO, 2005, p. 121)

Balan planeja esperar que as provisões acabem, enquanto isso, ele convoca seus homens, entre eles, o ladrão Maubrun d'Agremolée, a quem Balan promete uma carga em ouro, em troca roubar o cinto¹⁰⁹ de Floripas, artefato com características mágicas, que pode entre outras coisas, produzir alimentos, o que impediria os cercados de morrerem de fome. “O cinto de Floripa tem poderes especiais para proteger contra a idade, veneno e sede. A qualidade de curandeira é uma extensão dos retratos, a habilidade da feiticeira amplia ainda mais o retrato linguístico” (DE WEEVER, 1998, p. 32) T.A

Tais coisas como envenenamento, e fome eram medos que de certa maneira os nobres do Medievo tinham e ao projetarem estes em objetos maravilhosos em sua imaginação, os incumbia de protegê-los desses infortúnios.

Em um nível de interpretação mais geral, envolve uma forma distinta de um tema muito difundido, refletindo o medo que os homens da Idade Média e da antiguidade sentiam diante da possibilidade de morrer por veneno. A literatura ocidental dos séculos XI e XIII apresenta muitos objetos que expressam esse medo. Nas *Chansons de geste* de *Fierabras* e *Aye d'Avignon*, por exemplo, temos um cinto e um anel que não só protegem o portador do veneno, mas também da fome. (LECOUTEUX, 2018, p. 55) T.A

Esse retrato de uma mulher sarracena envolta em magia, demonstra todo o olhar desfavorável a ela, que além desse atributo apresenta geralmente, outra característica, a sensualidade, que é tolhida com a conversão cristã:

¹⁰⁹ O cinto simbolicamente tem muitos significados, pois com ele o viajante fechava sua fortuna e pendurava as armas, guardava sua proteção e subsistência, amarrar o cinto era cumprir um desejo, desatá-lo significava quebrá-lo, A tradição muçulmana diz que um cristão que abjurou sua fé para entrar no Islã quebrou o cinto. T.A (CHEVALIER, 1982, p. 186).

Mais frequentemente, são as filhas jovens de líderes sarracenos que geralmente são prometidas a um rei ou guerreiro sarraceno. Geralmente, eles são inteligentes, bem falados e habilidosos em cura e/ou magia. Dessa forma, elas não são tão diferentes da maioria das heroínas cristãs. As princesas sarracenas, no entanto, geralmente são mais engenhosas e sexualmente assertivas do que suas contrapartes cristãs. Em muitos casos eles resgatam o herói e, após se converterem ao cristianismo, se casam com ele. Ao fazer isso, eles traem sua família, comunidade e religião. (GOURLAY, 2002, p. 4) T.A

A ligação de Floripas com a magia, é exposta durante toda a narrativa, numa tendência parecida com os romances arturianos, onde as mulheres são capazes de praticar sortilégios, tal característica é atribuída ao sexo feminino que Georges Duby chama de poder feminino rival ao poder dos homens, que gera o “temor diante da mulher,[...] temor de ser incapaz de satisfazer esse ser que é tido como devorador e também veículo de morte, usando, como seres fracos que são, armas perversas, veneno, sortilégio”(DUBY, 2017, p. 112).

Elemento não colocado na *Chanson de Roland*, onde as manifestações sobrenaturais são totalmente ligadas à ação divina, e realizado por homens especiais, como Carlos Magno.

À meia noite, Maubrun invade o quarto da princesa, passa pelos francos com palavras mágicas, e chega até Floripas, que ao perceber a presença do invasor, e grita e quem a socorre é Gui de Bourgogne, que mata o intruso, mas perde o cinto da dama que cai no mar. O socorro de Gui à Floripas marca definitivamente a resposta dele a ela como sua (AKBARI, 2009, p. 182). O que aqui funciona como um meio de mostrar o heroísmo do cavaleiro franco ao salvar a donzela em apuros.

Pela manhã, Balan reconhece que Maubrun não voltará e pede conselho a seus homens, que junto a ele deliberam atacar, enquanto na torre falta comida e vinho, Gui fala a seus companheiros que não podem deixar a donzelas morrerem de fome e sede (v.3135-3136). Por isso ele decide ir até o acampamento, enfrentar o inimigo e pegar comida.

Ao ouvir o plano, Floripas intervém e leva os francos pelo subterrâneo até uma sinagoga: *Vint à le signagogue, s'a les huis desbarés*. (v.3157) (KROEBER et SEVOIS, 1860, p. 96). Onde estão os deuses Tervagant, Apollin, Margos e Jupin ¹¹⁰, e outros “asnos”, como o autor se refere a outras divindades, fazendo a equivocada referência a

¹¹⁰ Ce nouveau venu (ne disons pas ce parvenu) de l'Olympe sarrasin, se présente tout à coup, aussi du point de vue morphologique, comme un très proche parent d'Apolin, qu'il peut même parfois remplacer. Mais son ancêtre authentique c'est sans aucun doute Jupiter (RUGGIERI, 1965, p. 277).

um politeísmo islâmico.

Aqui vemos o autor atribuir aos sarracenos o mesmo local de prática religiosa dos judeus (colocando sinagoga em lugar de mesquitas- *majid*-lugar de ritual de prostração). Sobre esse equívoco e a idolatria a Maomé nas épicas francesas, são vistos como recursos dos autores para ridicularizar e diminuir a importância do culto sarraceno para a audiência.

2.5 Idolatria e Politeísmo

Ao observar os escritos laicos sobre os maometanos, percebe-se que os autores não se preocuparam com a descrição precisa de Maomé, mas sim em mostrar seus seguidores os sarracenos em sua pior imagem. Eles transmutam uma raça poderosa e difundida com muitas características admiráveis, em uma classe de pessoas possuidora da inconcebível loucura da idolatria.

Esses autores desejavam expor a fé de seus inimigos ao ridículo e até mesmo as menções a Maomé carecem de clareza. Eles se referem Maomé como um ídolo que pode ser carregado, e às «*mahumeries*» ou «sinagogas» onde seu ídolo pode ser adorado permanentemente.

Embora o culto historicamente seja conduzido com grande fidelidade e confiança pelos sarracenos, o aspecto ridículo e pueril de tudo isso é regularmente construído para o benefício de uma audiência cristã (COMFORT, 1940, p. 639).

Enquanto os cristãos são retratados como pios, fiéis e cumpridores das obrigações de sua religião, assim como assíduos observadores dos sacramentos e ritos da Cristandade, os sarracenos são mostrados como praticantes de magia e sortilégios e ignóbeis adoradores de estátuas.

O Corão condena por algo próximo, mas não totalmente equivalente ao pecado da idolatria ou politeísmo¹¹¹ o chamado *Shirk* شرك¹¹², que é voltado principalmente aos praticantes da religião árabe pré-islâmica, algumas partes trazem citações à cristãos e

¹¹¹ Embora etimologicamente *shirk* (literalmente, 'associacionismo') não seja o mesmo que idolatria ou politeísmo, não só tem sido usado em contextos semelhantes àqueles em que essas duas palavras de derivação grega foram empregadas, mas muitas vezes de fato foi assimilado à ideia de idolatria. A tendência de associar *shirk* com idolatria e politeísmo é evidente no próprio Corão (HAWTING, 1999, p. 66).

¹¹² Significando "associação", o termo SHIRK/ Sirk geralmente implica em atribuir parceiros ou iguais a Deus, e é considerado o pecado supremo no Islã. A doutrina central do Islã é tawhid (unidade divina), o que veio a significar que Deus não precisa nem ter parceiros para ajudá-lo. SHIRK. T.A (BECKE, 1986, p. 630).

judeus, mas geralmente fixa em sua mensagem principal - sua insistência no monoteísmo absoluto - tem como alvo principal os contemporâneos árabes idólatras e politeístas (HAWTING, 1999, p. 45) chamados *Mušrikūn* مشركون (aquele que pratica shirk), tal pecado é imperdoável.¹¹³

Além de vários “deuses”, o local para onde a princesa levara os francos possuía grandes tesouros reunidos (v.3163), admirado Gui, pensa que com aquela riqueza:

*Li rois Karles tenist les autres à son tré :
« De l'or feroit ses hommes manans et asasés;
« Et le moustier saint Pierre de Romme, qu'est gastc ,
« Seroit de l'or des .11. ricement atournés. (v. 3170-3173)
(KROEBER et SERVOIS, 1860, p.96)¹¹⁴*

Ao ver esses deuses, Gui e Ogier os jogam no chão, e a sarracena percebe que eles não se levantarão. Essa “humilhação “, é no imaginário cristão, uma resposta dada a aqueles santos que não escutam as súplicas dos fiéis, e os cristãos projetam também isso como prática do inimigo (TOLAN, 2002, p. 129), nesse instante, Roland diz a Floripas que ela crê em maus deuses, ela responde que orará ao Deus cristão e a Virgem, que os envie a ajuda do rei da França (v.3190-3191).

Os francos partem determinados a pegar comida. Roland pede que Naimes guarde a porta juntamente com o jovem Thierry, mas o duque se recusa (v.3213), com isso, ficam Thierry e outro jovem franco chamado Bazin, nos portões e os demais partem para o embate.

Durante a batalha, o autor mostra que o exército inimigo não é somente formado por sarracenos, pois são mencionados também os turcos, muito conhecidos durante as Cruzadas como hábeis cavaleiros e os turcos tinham destaque na cavalaria dos muçulmanos, tanto que os cruzados tiveram que se adaptar às táticas de sua cavalaria, assim como a da cavalaria sarracena , que consistia em assediar as tropas inimigas , provocando uma desintegração na formação, para assim com sua cavalaria pesada, explorar a falta de coesão dos adversários (GASSMANN, 2017, p. 93-94).

Os turcos aparecem montados, uma característica muito atribuída a eles na *Gesta Francorum*,:

¹¹³ Por certo, Allah não perdoa que Lhe associem outra divindade, e perdoa tudo o que for aforar isso, a quem quer. E quem a associa a Allah, com efeito, se descaminhará com profundo descaminhar.(Surata Na-Nissa 116) (CORÃO, 2007.p.153).

¹¹⁴ Os rei Carlos mantém outros em seu pavilhão: “De ouro faria seus homens senhores e fartos; “E o mosteiro de Pedro de Romme, que é gasto, seria ouro de duplamente adornado. T.A.

Como revelam os comentários da *Gesta Francorum*, um dos principais motivadores dos julgamentos sobre os muçulmanos nas narrativas das cruzadas foi a extensão em que eles eram percebidos como oponentes fortes ou fracos. Os textos geralmente diferenciam entre turcos e turcos. Como revelam os comentários da *Gesta Francorum*, um dos principais motivadores dos julgamentos sobre os muçulmanos nas narrativas das cruzadas foi a medida em que eles eram percebidos como oponentes fortes ou fracos. Os textos geralmente diferenciam entre os turcos e os árabes/'sarracenos'. As habilidades do primeiro na guerra montada, embora de uma forma desconhecida para os europeus, provavelmente predispueram as elites cavaleirescas da cruzada – e por extensão os historiadores, que tendiam a se identificar com esse grupo e não com os níveis sociais mais baixos representados na cruzada – a mapear sua identidade e valores para os turcos como um grupo. (BULL, 2009, p.23-24) T.A.

Geralmente, durante as Cruzadas, a visão destes inimigos era semelhante à das gestas do período: os cruzados são apresentados como vingando a poluição e contaminação dos lugares sagrados pelos turcos; e os muçulmanos que na maioria das vezes, são descritos como ameaçadores e vastos em número, mas também covardes e traiçoeiros, sua fala e comportamento beirando o animalesco.(Ibd, p.316)

Curiosamente na versão castelhana de *Fierrabras* feita por Nicolás Piemonte, em 1521, e que chega ao Brasil, o rei de Alexandria não é sarraceno, e sim turco, que segundo Anatoly Grinberg, Piemonte faz essa mudança de acordo com o contexto em que o autor vivia:

A escolha de adjetivos para designar pertença geográfica e identidade religiosa na versão do Piemonte dos *Fierabras* implica, por um lado, uma grande atenção aos eventos contemporâneos ao tradutor do texto; e, por outro, a intenção de responder à exotização efetuada através dos textos que compõem a “matéria da Espanha”. Esta seção apresenta, em primeiro lugar, uma consideração sobre os rótulos usados nesses textos em referência ao Outro, tanto no sentido geográfico quanto no religioso. Uma leitura das instâncias textuais em que a História do imperador associa os personagens e seus costumes com a Turquia (isto é, o Império Otomano) se seguirá, o que exemplifica como a identidade do final da Idade Média e do início da modernidade - tanto do Eu quanto do Outro - se baseia sobre dieta, roupas e outras práticas culturais (GRIMBERG, 2013, p. 38) T.A.

Roland e seus companheiros enfrentaram um exército numeroso de sarracenos e turcos, que estavam em toda a parte (v.3243), mas mesmo cercado de inimigos os francos conseguem comida, graças a liderança de Roland, que os anima a permanecerem firmes apesar das perdas, entre elas, a captura de Gui de Bourgogne(v.3320-3331), o que leva Floripas desmaiar ao saber que ele fora levado.

Essa cena é bem semelhante à passada na *Chanson* de Roland, onde Aude, noiva de Roland vai a sua procura quando Carlos Magno chega a Aix (BÉDIER, 1923, p. 280).

*Atant es Floripas, la fille l'amiré ;
U k'ele voit Rollant, tost Ta araisonné :
Sire, ù est li quens Guis, mes noviaus mariés?
« Quant je ne le voi, lasse! où est il donc alés?
« Avoec vous le menastes, rendre le me devés.(v.3350-3354)
(KROEBER et SERVOIS, 1860, p.102)¹¹⁵*

Quando ela acorda, em desespero, promete restituir a torre ao pai se não tivesse seu noivo de volta! (v.3363-3364)¹¹⁶ Em seu lamento, ela invoca a Deus e a Santa Maria, e compadecido com sua dor, Roland promete trazer Gui de volta no dia seguinte (v.3379).

Enquanto isso, Gui é levado ao emir Balan e interrogado por ele, que ao saber quem está em suas mãos, diz que o nobre é amado por sua filha e o culpa por perder seu palácio. Balan pergunta quem está com ele e Gui revela o nome dos doze pares, e diz que Carlos Magno interviria, com isso, ele é espancado só não sendo morto por intervenção do emir, que manda levá-lo (v.3396-3446).

Em seguida, o comandante sarraceno monta uma armadilha com 10 mil turcos (v.3466) e onde 30 sarracenos levariam Gui para ser torturado e enforcado. O sobrinho de Carlos Magno vê o infortúnio de Gui e junto a seus homens, decide ir resgatá-lo, mesmo sendo somente dez cavaleiros¹¹⁷ o portador de Durendal anima seus homens, e a bela sarracena roga para que se apressem pois seu amado corre perigo, ela traz consigo a coroa de espinhos e todos prestam seus respeitos e certos da vitória, partem em seguida ao resgate.

Roland, Ogier e Olivier chegam até Gui, que estava prestes a ser enforcado. Os francos atacam e libertam o prisioneiro que ao lado de seus amigos, enfrentam os 30 sarracenos, após abater os oponentes. O nobre borgonhês insiste em ficar e lutar contra os 10 mil pagãos que se aproximavam (v.3603), mas é convencido de que deveriam retornar: “Bem, vejo que fugir não nos fará mal; Não volte atrás, mas pense no futuro”

¹¹⁵ “Então é Floripas, a filha do emir, assim que ela vê Roland, rapidamente exorta: Senhor, onde está o conde Gui, meu recente noivo? Quando não o vejo, dói! Onde está então. Você o levou, deve me devolver? T.A.

¹¹⁶ Aqui novamente, Floripas demonstra sua autoridade e força, negociando com o conde Roland.

¹¹⁷ Aqui vemos outra demonstração do autor em valorizar as forças cristãs, que mesmo em seu número reduzido não se apavoram diante do inimigo pagão.

(v.3604-3605) (KROEBER &SERVOIS, 1860, p.109) (T.A.) para que consigam voltar até a princesa e os outros, apelam que Deus os guarde e encubra.

Depois de algum tempo, os francos retornam à torre, nesse momento Floripas encontra seu amado, que com seus companheiros levou as provisões doadas pelo emir de Córdoba à Balan¹¹⁸. Apesar do êxito, os francos perderam Basin de Langes, que morreu defendendo os portões (v.3670).

Balan revoltado com o revés que sofrera pede conselhos a seus homens e Sortinbrans o aconselha a invadir a torre, mas Brulant, se opõe dizendo:

*Ce ne sont ore mie fel vilain amusé ;
La flors i est de Franche , tout le plus alosé.
a Connissiés vous Rollant au courage aduré,
« Et le conte Olivier, qui tant a de fierté,
« Ki le roi Fierabras a conquis et maté? (v.3695-3699)
(KROEBER &SERVOIS, 1860, p.112)¹¹⁹*

Tais façanhas fazem os francos serem vistos não como gente, mas que vívidos do mal (v.5713: *François ne sont pas gent, anchois sont vif maufé*), e se houvessem cem deles, seria preciso fugir (v.3720).

Os homens de Balan se reúnem, e vale salientar que os cavaleiros muçulmanos não são nomeados com títulos islâmicos, à exceção dos emires, todos os demais são chamados de reis, condes ou barões.

Balan ordena o assalto à torre. Os francos se defendem com a ajuda das damas, nesse instante, Floripas pede um beijo a Gui antes do fim, e este a atende. O emir ataca o castelo com fogo grego¹²⁰, projetado por Mabon, o engenheiro¹²¹ (v. 3735 :*L'amirans fist venir l'engignéour Mabon*), que após avançar no ataque foi buscar mais 50 mil turcos.

¹¹⁸ À época da escritura de Fierabras, Córdoba era possessão dos Amorávidas que construíram uma muralha defensiva na parte Oriental da cidade, que só foi tomada pelos cristãos em 1236, por Fernando III de Castela. T.A. (MERI, 2006, p.175)

¹¹⁹ Estes não são vilões tolos. É a flor da França, os mais considerados. Não conheces vós Roland com terrível coragem. E o conde Olivier que com tanto orgulho ao rei Fierabras venceu e dominou? T.A.

¹²⁰ Conhecido no Oriente em 678, arma incendiária usada pelos Bizantinos, geralmente em ataques navais e cercos, sendo trazida por um arquiteto ou engenheiro grego chamado Kallinikos, [...], ficou conhecido como fogo grego no período das Cruzadas, pois seu nome original não foi registrado. Era conhecida também como “Fogo Romano”, fogo marinho, fogo líquido, fogo preparado...além de Fogo Kallinikos T.A (ROLAND, 1992, p. 655–656).

¹²¹ A palavra engenheiro vem do francês antigo engigneor, ingeigneur « constructeur d'engins de guerre » (1155), deriva de engin no sentido de « machine de guerre ». A palavra ingénieur vem do latim ingenium, que significa disposição de espírito e invenção.[...] Christine de Pisan em 1404, particularmente define ingenium como “característica inata, natural”. Mabon na narrativa apresenta esse atributo de construtor de máquina de guerra usada para invadir a torre onde estão os francos. T.A (REY, 2011, s/n).

Quando estes chegam, a torre é atacada, assustando os francos. Que são tranquilizados por Floripas, que mostrando sua inteligência, atributo que a faz digna de se tornar consorte de um cavaleiro cristão (COMFORT, 1940, p. 658), sugere usarem leite de camela com vinagre para apagar o fogo (v.3782-8784).

Sortinbrans diz a Balan que essa reação ao ataque é obra de Floripas (v.3788):

Balan reconhece a traição de que não é assim denominada, esse termo no texto é usado somente para se referir a Ganelon e sua linhagem, mas tal ato se caracteriza como tal, e assim como Ganelon, a princesa sarracena traiu sua estrutura familiar, ambos os personagens se aproximando do conceito de felonía. A “traição” de Floripas tem ainda outro peso, já que ao auxiliar os francos, e se casar com um deles e posteriormente converter-se, ela amplifica a violação da linhagem; outro fato a se notar é o conflito geracional entre os mais novos e os mais velhos de ambos os lados: pelos francos temos a resistência de Roland em lutar pelos mais velhos, indo contra seu tio e soberano, e do lado sarraceno, vemos Floripas e Fierabras se aliando ao lado inimigo.(TRACY, 2019, p. 234) T.A.

E este sugere que Balan soe a trompa para que rapidamente recomecem o ataque contra a torre, soando buzinas e trompas, com turcos e sarracenos a gritar e urrar(v.3795-3796) (KROEBER & SERVOIS, 1860, p.115) T.A. Aqui novamente o autor tenta induzir uma imagem dos não-cristãos como caótica, quase animalesca.

Os francos ficam assustados, temendo que a torre tombe e caia, mas Floripas novamente os acalma, dizendo que a torre é sem dúvida muito forte (v.3806), em seguida ela os leva até os tesouros que seu pai guarda na torre, e os instrui a pegarem pratos de ouro e os jogassem pelas muralhas como pedras, eles a obedecem, e veem os atacantes desistirem do assalto e pegarem os pratos enquanto se matavam (v.3820-3823).

Ao descrever essa ação por parte dos sarracenos, o autor deseja mostrar um pretenso pouco compromisso deles e sua cambiante lealdade, haja visto que deixam seus postos pela ganância de riquezas, característica relatada no início do relato quando trata do saque à cidade de Roma e aqui é retomado.

Tal imagem permanece na construção da identidade sarracena posteriormente, percebemos essa permanência no relato de Fidence de Pádua, um irmão menor franciscano, que viveu na Terra Santa na segunda metade do século XIII, que assim caracteriza os sarracenos em seu *Liber Recuperationis Terre Sacte*: “Os sarracenos são muito gananciosos, grandes e pequenos, como se fossem saciados de ganância como

Jeremias disse: ‘Do menor ao maior ótimo, todos seguem a avareza’ ”. (PAVIOT, 2008, p. 85) T.A

Vendo isso, Balan interrompe o ataque temendo perder tudo, (v.3827) e, se reunindo com seus barões, diz que Maomé deixou tudo desabar (v.3828), Sortinbrans pede que ele não blasfeme, enquanto Roland os observa da janela, tem uma ideia, descendo para perturbar a refeição de Balan, que ao perceber isso, chama seu sobrinho Espaulart de Nubie (v.3857 *Biaus niés¹²², dist l'amirans, courés vous haubergier*), que armado entra em combate com Roland, que mostrou-se superior, ao perceber isso Balan manda reforços a seu sobrinho que é derrotado e levado pelos francos. Os pagãos atacam Roland que tem o apoio de seus pares e segue de volta à torre.

Lá são aconselhados por Floripas a enviarem um emissário a Carlos Magno, o que é contestado por Naimés, pois havia pagãos por todos os lados (v.3908), Floripas concorda, e Naimés sugere trocar o refém, que no Medievo servia como garantia, um fiador útil para qualquer tipo de acordo. (KOSTO, 2012, p. 24)

O refém de troca seria Espaulart, enquanto isso, Thierry insiste na necessidade de enviar uma mensagem a Carlos Magno. Roland se oferece a ir, mas Naimés se opõe, alegando que a presença dele assusta os turcos, com isso, Berard e Guillemers l'Escot, disputam essa missão.

Mas ao fim, decide-se por Richard de Normandie que é escolhido ao argumentar sua idade avançada (v. 3958) ficando assim combinada sua partida para o dia seguinte, o que não acontece por Balan manter forte vigilância nas pontes.

Richard de Normandie, é citado em *Fierabras* assim como na *Chanson de Roland* e outros textos do Ciclo Carolíngio, referem-se à Richard I, neto de Rollon e filho de Guillaume I (ou Guillaume Long-Épée), duque da Normandia de 943 a 996. A primeira referência deste como par de França, é na *Chanson de Roland*, mas ele exerce a mesma função em *Fierabras*, *Les Saisnes*, *Aymeri de Narbonne* entre outras....

O que chama atenção é que tal personalidade não viveu nos tempos de Carlos Magno, o que ajuda a derrubar a hipótese de a *Chanson de Roland* ter sido formada a partir das Cantilenas dos remanescentes de Roncevaux, pois estes não tinham como conhecê-lo, já que ele não era nascido e seria inviável acrescentá-lo nas fileiras do

¹²² Aqui vemos outro momento de “espelhar” os sarracenos com os francos, o surgimento de um sobrinho de Balan que passou toda a narrativa oculto, e que aparece para dar combate ao sobrinho de Carlos Magno, Roland. T. A. (FARNSWORTH, 1913, p. 174). Essa estratégia é utilizada também em *Aymeri de Narbone*, *Anseis de Cartage*, entre outras.

exército franco. E como diz Joseph Bédier: “Tal anacronismo seria como colocar Napoleão como um dos generais de Louis XIII” (BÉDIER, 1910, p. 113-115). T.A

A partida do mensageiro só será possível dois meses depois, quando depois uma bem-sucedida caçada feita por Balan, os pagãos comemoram e esquecem a guarda da torre por alguns momentos, os francos aproveitam isso e atacam visando distrair os inimigos e Richard parte rapidamente.

Os cristãos retornam ao palácio, e Richard segue seu destino, mas num determinado momento do trajeto, seu cavalo estanca, e ele faz uma oração, o que nas gestas é sempre direcionada a pedidos, e também visando a proteção, possuindo vários modelos e formas, detalhando a atitude do suplicante “*a genielons*”, *em crois*” ou suas disposições interiores “*por grant umility*”, *deverai cuer*”¹²³.

Richard ora para que o céu clareie e ele prossiga, Deus o escuta. Esse ato de orar é constante na narrativa, por parte dos cristãos, já os sarracenos quando falam com “seus deuses” é para praguejar, e nada ligado a *Salah* صلاة (cinco orações públicas diárias) é representado na gesta.

Vendo Richard ser atendido, Balan envia seu outro sobrinho Clarion, especificado como filho de sua irmã (v.4065), numa posição mais próxima ainda à de Roland, filho da irmã de Carlos Magno, Berthe, essa preocupação na determinação da linhagem materna, é uma característica das gestas do período (FARNSWORTH, 1913, p. 4).

Esse laço de união entre tio e sobrinho (principalmente o filho da irmã) é assim explicado por Jacques Le Goff:

Como é normal numa família agnática, um laço especialmente importante é aquele que une o tio ao sobrinho-mais precisamente o irmão da mãe, avuncullus, ao filho desta, novamente as canções de gesta nos mostram grande número de pares tio-sobrinho (LE GOFF, 1994, p.41)¹²⁴.

Clarion tem a função de impedir que franco alcance Carlos Magno com a mensagem, para isso, o sarraceno parte com uma comitiva e ao ver o emissário de

¹²³. Em *Fierabras*, Richard ora dizendo : v.4056 *Glorieus sire pères, qui en crois fus penés* (Grifo nosso).Esse ato é constante na narrativa, por parte dos cristãos, os sarracenos quando falam com “seus deuses” é para praguejar, nada da *Salah* صلاة (cinco orações públicas diárias) é representado na gesta T.A. (ROSSI, 1981, p.449-450).

¹²⁴ O autor de *Fierabras* reforça esse status de Roland, sempre referindo-se a ele como *li niés de Karlon* (o sobrinho de Carlos).

Roland, se apresenta e mostra-se imponente, mostrando que entre os pagãos também havia aqueles esteticamente agradáveis.

Clarion diz a Richard que se ele desistir se livrará da morte, o franco pergunta por que ele o odeia, se não lhe fizera mal, e por isso pede para continuar com sua jornada, o sarraceno responde que o cristão fala bobagem, e que não o deixaria ir nem por quatorze cidades, e ataca Richard que reage.

O franco pede ajuda a Deus e aos santos cristãos, sendo atendido, ele corta a cabeça de Clarion e retém o corpo consigo, vendo isso os pagãos o atacam tomando o corpo de volta, e tentam tirar Richard de seu cavalo, quando o cristão desce, o animal foge correndo até chegar ao palácio dos cativos, que ao verem somente a montaria, pensam que Richard está morto, em resposta, eles choram e oram por ele (v.4214-4217)

Enquanto isso, os sarracenos levam Clarion de volta em seu escudo, Balan pergunta se Clarion matou o mensageiro (v.4227), em resposta escuta:

Vostre nies est ocis, qui le courage ot tier."
Quant le voit l'amirans, n'i ot que courecier;
.iiii. fois se pasnia sor son escu d'ormier.
Moult s'est haut escries, quant vint au redrecier:
" Ahi ! nies Clarion, tant vous avoie chier"¹²⁵(v.4229-4233)
 (KROEBER et SERVOIS, 1860, p.128)

Esse trecho ilustra o amor que Balan tinha por seu sobrinho, demonstrado maior comoção com a morte de Clarion do que com relação à (presumida) morte de seu filho Fierabras.

Muito semelhante à reação de Carlos Magno ao saber da morte de Roland, na *Chanson de Roland* ¹²⁶, outras gestas apresentam contextos semelhantes, e o mesmo desfecho, o tio ou o sobrinho que sobrevive deve vingar a morte do parente, novamente faz-se aqui o paralelo entre francos e sarracenos nas gestas:

Mas o mero lamento não é tudo: é dever do tio ou do sobrinho vingar a morte do outro, e encontramos muitas passagens em que ele ameaça ou tenta a vingança; poderíamos imaginar que essas passagens, se vistas separadas da conexão, se aplicassem aos franceses, não fosse pelos

¹²⁵ - Seu sobrinho foi morto, ele tinha um coração forte. Quando o Emir o vê, ele não pode deixar de sofrer; Quatro vezes ele desmaiou sobre seu escudo de ouro puro, / Gritou alto, quando veio a levantar: / "Ah, sobrinho Clarion, tão querido eu te segurei! (T.A).

¹²⁶ O imperador chega a Roncesvalles. Não há estrada ou caminho, nem um padrão de medida, nem um pé de terra livre onde um francês ou um pagão não se encontrem. Charles exclama: "Onde você está, meu belo sobrinho?" / De que adianta a ele chamar, quando não responder? " Deus! »Disse o rei: Deus, diz o rei, "estou desolado!" (T.A) (vers.2398-2402/2411-2412) (BÉDIER, 1923, p. 182 e 184).

nomes pagãos grosseiros e pelo fato de que geralmente a satisfação não é recebida pelo vingador - ele só perde a própria vida.
(FARNSWORTH, 1913, p.184) T.A

Os francos percebem os lamentos dos sarracenos, pois sentem o mesmo por Richard:

*Sarrazin et païen demainent grant dolour;
Pour la mort Clarion se pasment li pluïsor.
Et François sont as estres, qui sont en grant tristour;
Le doel ont entendu de la gent pàienour,
Ki plaignent et fegretent Clarion lor signour*(v.4236-4240)
(KROEBER et SERVOIS, 1860, p.128).¹²⁷

Apreendendo a morte do primo, Floripas, se mostra mais racional e menos emotiva, contrariando o que se esperaria do comportamento feminino, e deduz que Richard o matou e continua vivo.

O emir envia um mensageiro a Agolafre, o guardião da ponte de Mautrible, repreendendo-o por ter deixado os francos passarem e ordena que ele não deixe passar nenhum desconhecido sem perguntar seu nome, se ele não obedecesse, teria os olhos arrancados (v.4277).

Nesse trecho do poema, Balan evoca Maomé, chamando de “meu deus” (v.4270 *Par Mahomet mon dieu, moult mar l'ossa penser*), entregando a segurança de seu mensageiro a ele (v.4281).

Reforçando a ideia de que os sarracenos viam o profeta como deus¹²⁸ atribuindo-lhe características divinas como proteção do perigo, assim como na *Chanson de Roland*, os sarracenos são vistos como idólatras de falsos deuses.

A *Chanson de Roland* e todas as canções de gesta criaram uma imagem dos muçulmanos como o adversário final e a personificação do mal e como idólatras e adoradores de demônios que contrastavam fortemente com todos os cristãos. Este estereótipo profundamente negativo, até diabólico, dos muçulmanos foi amplamente disseminado por causa da grande popularidade das canções em todos os níveis da sociedade, tanto leigos quanto clericais, e talvez servissem para promover as novas ideias sobre a cavalaria cristã e para encorajar o cruzado zelo contra os alegados inimigos de Deus. Este tratamento literário dos muçulmanos e o Islã nas canções foi complementado por tentativas de criar uma espécie de anti-hagiografia do Profeta Muhammad, textos que também

¹²⁷ Sarracenos e pagãos dominam grande dor. Pela morte de Clarion, muitos sentem. Os francos são como eles, que estão em grande tristeza. Entendem a dor da gente pagã, O sofrimento e o lamento pelo senhor Clarion.(T.A).

¹²⁸ Crônicas Latinas da primeira Cruzada descrevem os sarracenos como pagãos, e seus ídolos são a todo tempo chamados Júpiter, Apolo, ou Maomé, os cronistas ocasionalmente referem-se a seus adversários como *Mahummicolae*: “adoradores de Maomé”. (TOLAN, 2002, p. 110).

talvez tenham confundido as linhas entre erudita e popular como hagiografia cristã tradicional fez. Uma coleção de anti-hagiografias de Maomé foi composta durante o início do século XII por vários escritores clericais diferentes, a fim de para fornecer ao público uma biografia aceitável de seu principal rival e para zombar e denunciar o Profeta, a fim de denegrir ainda mais o Islã e provar que era uma religião falsa e seu fundador era um falso profeta, e para provar além disso, que os muçulmanos estavam errados e os cristãos estavam certos.(FRASSETTO, 2020, p.104) T.A

O que contraria os ditos do al Corão, que logo na Sura *Al Fatihah* الفاتحة (Capítulo de Abertura), declara: “Louvado seja Deus, Senhor do Universo, O Clemente, O Misericordioso Soberano do Dia do Juízo. Só a Ti adoramos e só a Ti imploramos ajuda!(1.1-5) (CORÃO, 2005, p. 1-2) esses versos claramente declaram a fé num único deus.

O mensageiro chega a Mautrible antes de Richard, e dá as instruções a Agolafre, que chama outros pagãos que cercam a área, Richard percebe que se aproximava, se vê num dilema, se cruzar a ponte é morto pelos guardas, se tentasse passar pelo rio Flagot, se afogaria, (v.4322-4323)

Em desolação, Richard roga a Deus e se coloca em Suas mãos (v.4327-4328), quando ele caminha em direção à água, e observa beira do rio que era largo e profundo, com medo, pede novamente a Jesus Cristo que proteja seu corpo da morte e para que ele possa levar a Carlos sua mensagem (v. 3460-3461), demonstrando sua preocupação não com sua integridade, mas em cumprir sua missão como um seguidor do código da cavalaria.

O rio começa a inflar e alargar, e no meio se abre aparece um cervo¹²⁹ branco¹³⁰ como a neve mostrando o caminho que ele deve seguir:

*Atant es vous .1. cerf, que Diex i fist aler,
Et fu blans comme nois, biaux fu à resgarder.
Devant le ber Richart se prent à demonstrer,
Devant lui est tantost ens en Flagot entrés.*(v. 4370-4373)
(KROEBER et SERVOIS, 1860, p.132)¹³¹

¹²⁹ O Cervo apresenta um valor de amplitude cósmica e espiritual, aparece como um mediador entre o céu e a terra, mensageiro do divino, anunciador da luz ele guia para a clareza do dia. T.A. (CHEVALIER, 1982, p. 196).

¹³⁰ A cor branca, é a iniciadora, da revelação, da graça, da transfiguração, que deslumbra despertando o entendimento. T.A. (Ibd., p. 127).

¹³¹ Então a sua frente aparece um cervo que Deus fez ir, é tão branco como a neve, belo de se ver, diante do curso do rio começou a Richard demonstrar, diante dele o caminho no Flagot que ele deveria entrar. T.A.

Os sarracenos não ousam seguir Richard entrando no rio, retornam pela ponte, mesmo sabendo que não podem deixar o mensageiro escapar, enquanto este chega à outra margem do rio em segurança.

Já Carlos Magno está triste e colérico por seus conhecidos (v.4405) e cercado por seus barões, como era a prática muito usada pelos reis carolíngios, de se reunir com seus iguais para estabelecer ordens e proclamar a justiça.

Para isso o imperador convoca a assembleia (*iussio*) (LE JAN, 2003, p.102), pedindo conselhos, pois perdera seus cavaleiros, ameaçando deixar a coroa, isso assustou os francos, e Ganelon - numa tentativa de deixar Roland para trás - o aconselha a recolher as tropas e retornar a França rapidamente, alegando a extrema força inimiga,(v.4410-4426), e que o imperador deveria retornar para França onde Fierabras seria feito cristão, para quando as crianças crescessem e 20 anos se passassem, eles retornassem à Espanha e conquistariam as terras, retomariam as relíquias e vingariam Roland e os outros barões:

*As muls et as soumiers soit li avoires trousés.
 « Le matinet, à l'aube, au retour vous metés,
 < Que moult est li barnages travelliés et penés.
 « Se vous alés avant, vous vous repentirés ;
 « Moult est fors Aigremore, ja ne le conquerrés ;
 « Et l'amirans Balans est moult de grant fiertés,
 « De toute paenime a ses barons mandés.
 « Pour ce se Fierabras est ore crestiennés,
 ce Tant en est l'amirans plus dolens et irés.
 « Râlons-nous ent en Franche , se mon conseil créez.
 « Li enfant qui là sont petit, de joule aés,
 « Seront tuit parcréu anchois .xx. ans passez ;
 « Donc , arrière en Espagne au retor vous metés,
 « Puis conquerrons les teres et les grans iretés,
 a Et les dignes reliques, dont jou ai grant pités.
 « Lors vengerés Rollant, dont vous estes irés,
 « Et les autres barons, qui mort sont et fines;(v.4421-4437) (KROEBER
 et SERVOIS, 1860, p.135)*

Ouvindo isso, Carlos Magno diz que não desistiria, e que era melhor perder a cabeça do que recuar (v.4446); em voz alta o imperador fala da sugestão de seu cunhado, que é apoiado pelos familiares deste, aqui como na *Chanson de Roland*, os familiares de Ganelon o apoiam e alegam que nada pode ser feito pois Roland já está morto (BÉDIER, 1923, p. 286 e 288):

Hardrés et Aloris, et bien des autres cent,

*Qui tout furent neveu et cousin et parent,
Mais traïtour estoient, li cors Diu le[s] cravent!
Et dient à Karlon : « Biaux sire, alons nous ent, (vers.4457-4460)
Puis que Rollans est mors, il n'i ont nul garant.(ver.4465((KROEBER
et SERVOIS, 1860, p.135)¹³²*

Mas recebe a oposição do pai de Olivier que é apoiado pelos demais francos, porém o imperador segue o conselho de Ganelon e sua família, mesmo lamentando, jura voltar para vingar Roland.

Quando Carlos Magno em retorno, chega ao vau de Morimonde, pranteia seu sobrinho, nesse instante, buzinas soam anunciando a chegada de Richard, que é indagado pelo imperador: (v.4603-4605) (KROEBER et SERVOIS, 1860, p.139)¹³³

Richard diz que até quando ele saíra estavam vivos, em Aigremore, numa cidade com infiéis, liderada pelo pai de Fierabras chamado Balan, onde está a princesa Floripes e onde estão as relíquias, ainda sugere que se derrotarem os sarracenos e os persas a Espanha será conquistada (vers.4607-4620).

2.6 Recompensas e Punições

Quando uma guerra é vencida, opções de ocupação são tomadas e no caso das gestas do ciclo do rei, o suserano é quem determina a sorte dos derrotados e Carlos Magno é retratado com a imagem idealizada do governante justo e perfeito, como determinam as práticas e costumes da época.

Ele é o provedor material e moral, expressando segurança aos seus e um defensor implacável do cristianismo, nos moldes Cruzados de defesa da fé e expansão da Cristandade, ele domina em nome de Deus, e age de acordo com o proposto ao monarca ideal, que exercia sua função na guerra:

*A guerra, declara uma das *Chansons de geste*, significa descer como o mais forte sobre o inimigo, cortar suas videiras, arrancar pelas raízes suas árvores, assolar suas terras, tomar" de assalto seus castelos, entupir seus poços, e matar suas gentes (ELIAS, 1994, p.192)*

¹³² Hardrés e Aloris e muitos outros cem, que são sobrinho, e primo e parentes, Mais estão com o traidor , que Deus Destrua seu corpo! E dizem a Carlos: “Belo senhor, nós estamos com ele”/ Pois Roland está morto, é inútil salvá-lo.(T.A).

¹³³ Pelo amor do Deus da Glória, o que é feito de Roland e dos outros barões? Onde eles estão, eles ainda estão sãos, livres e vivos? (T.A)

E após conversar com Richard, Carlos Magno se indigna com a felonía de Ganelon, e promete que se seu sobrinho estiver morto, ele jamais ouvira uma palavra de seu cunhado. (v.4626-4632)

Richard diz a Carlos Magno que Balan é muito cruel e cheio de felonía (v.4645 *L'amirans est moult fiers et plains de felonnie*). Sendo que essa é uma das características principais atribuídas aos sarracenos que habitavam a Espanha muçulmana durante a Idade Média, e os principais traços de caráter dos sarracenos são o crime, a traição, a vilania, além da covardia, que sempre é retomada nas descrições dos soldados não cristãos em território espanhol (PARÈ, 2011, p. 53).

Carlos Magno fica sabendo pelo emissário qual trajeto que deve ser feito (v.4636-4663). E que para conseguir passar, Richard apresenta um subterfúgio: cruzar pela ponte disfarçado de comerciante, com um pequeno grupo que terá escondido armas sob as capas. O imperador ficaria para trás esperando com um exército maior quando e quando Richard tocasse a buzina e baixasse a ponte, todos passariam.

O imperador concorda, e o exército se põe em marcha, com Richard e seu grupo à frente, e este diz que somente ele falará com o guarda sarraceno. Quando chegam a Agolafre, o franco mente dizendo-se comerciante e que carrega uma grande quantidade de cortinas para Mecca onde haverá uma festa a Mahon:

Muitos autores medievais referem-se a ídolos pagãos pelo nome de Muhammad, em várias formas corrompidas (Mahomet, Mahon, Mahoum, Mawmet). Nas *Chansons de Geste*, ele é invocado como um deus ou descrito como um ídolo centenas de vezes. No entanto, isso não é apenas uma convenção dos poetas épicos franceses; muitos outros autores referem-se a Muhammad nos mesmos termos. Para dar apenas alguns dos muitos exemplos possíveis: o mapa Hereford do século XIII refere-se ao bezerro de ouro adorado por os israelitas durante o êxodo como um "Mahom". Até mesmo o Decreto do Concílio de Viena (1311) refere que os sarracenos adoravam Maomé (TOLAN, 2002, p. 126-127). T.A.

Richard diz que mostrará seus produtos ao emir, e se o agradar, dar lençóis a ele e a seus barões, enquanto em relação aos outros comerciantes, estes eram escravos. Tal prática de viajar com escravos para o comércio era comum, segundo Jonathan Brow:

A Espanha muçulmana e o norte da África também inalaram um grande número de escravos por meio de uma rota do rio Reno na França e na Europa Oriental, a partir dos anos 700 através dos anos 1000. Nas mãos de radanitas francos, italianos e judeus mercadores, escravos foram retirados primeiro das terras francas periféricas e depois dos eslavos além do rio Danúbio. De lá, eles foram trazidos para Lyon, então

eventualmente para Narbonne para venda aos muçulmanos na Espanha ou mesmo para transporte para o Egito e o porto de Jeddah no Mar Vermelho. O maior número de escravos trazidos para o mundo islâmico quase certamente veio da África. Estes incluíam berberes do Saara, negros Africanos (chamados de Sūd) do Sahel e das zonas florestais ao sul, Etíopes e somalis (chamados Ḥabash), e negros africanos do interior costeiro da costa centro-oriental da África (denominado Zanj). Uma rota, que operou antes do Islã e viu sua atividade mais intensa desde o final do século XVII até o final do século XIX, estava trazendo escravos por mar da costa leste da África e interior ao norte até Aden e Jeddah, através do Golfo Pérsico para a Pérsia, ou do leste para a Índia (BROWN, 2020, p. 134). T.A.

Agolafre resiste porque está proibido de deixar passar quem não dizer seu nome, Richard e seus companheiros reagem e entram em confronto, percebendo que o guardião da ponte tem o corpo coberto por pele de cobra (v.5830) , aqui são reforçadas as características antinaturais dos oponentes dos cristãos, e a serpente tem como significação negativa, além da bíblica satânica que indutora ao pecado, e também de forças naturais inexplicáveis, perigosas, de um mal intrínseco (CHEVALIER, 1982, p. 872).

O barulho da queda de Agolafre alerta os outros sarracenos, Richard reage rapidamente, derrubando a ponte e tocando a buzina, com isso, o restante do exército liderado por Carlos Magno entra.

Francos e sarracenos lutam, os cristãos derrotam Agolafre e Mautrible, a cidade com muralhas de mármore é conquistada, os francos ainda enfrentam o gigante Effraon, que é morto por Carlos Magno e sua esposa Amiette, que entra em confronto com os francos juntamente com outros aliados de Balan que são repelidos, mas estes cercam as portas da cidade.

Quando tudo parecia estar perdido Carlos Magno não desiste, acredita em Jesus e grita *Monjoie* . E Ganelon e os seus que chegam para ajudar do outro lado da ponte nesse instante, um dos seus parentes o tenta a deixar Carlos para trás. (v.4855-4984)

O grito: "*Munjoie* é muito antigo e foi transmitido durante muito tempo de forma oral antes de ser transcrito na *Chanson* de Roland. Munjoie, o nome do deus protetor e guerreiro, é atestado como um chamado ou "grito" pela primeira vez, e repetida mais quatorze vezes, na versão de *Oxford* de Roland.

A *Chanson* portanto, estabelece uma relação estreita entre o grito de guerra e a espada do imperador, Joyeuse, e graças a uma etimologia comum por "alegria", que representa o segundo elemento de **Munjoie** (grifo nosso). (LOMBARD-JOURDAN,

1993, p.189-180).¹³⁴ Esse se tornou o grito dos reis da França, nas gestas Carlos Magno acrescenta Saint Denis ao brado de guerra.

O que Ganelon responde que nunca voltara a Carlos Magno a face traidora¹³⁵ (v.4985-4991). Percebe-se que Ganelon não odeia Carlos Magno, e sim a Roland de quem ele tem inveja por ser o braço direito do imperador, na *Chanson de Roland*, ele argumenta isso, dizendo que sempre serviu o rei com amor e fé, e que Roland o fez perder ouro e bens. (v.3757-3760).

A ação de Ganelon ao planejar a morte de Roland, se enquadra no crime de lesa-majestade, para-Larissa Tracy:

No vasto e variado corpus de épicos medievais, romances e canções de *geste*, a quebra de lealdade aos parentes, rei e Deus traz diversas formas de traição, que preocupou estudiosos modernos interessados nas repercussões de traição em relação à deslealdade a um senhor ou rei feudal. Também conhecido como lesa-majestade, ofensas contra um soberano incluem "conspirar ou tentar matar o rei, matando seu filho mais velho e herdeiro, ajudando o inimigo do rei e arrecadando guerra contra ele, abrigando os filhos de seu inimigo mortal, depravando seu filha mais velha solteira, buscando o amor da esposa do rei, e, nos casos em que o réu é a esposa do rei, infidelidade sexual". Estas "violações do vínculo feudal entre senhor e homem" são a forma mais comum de alta traição na Idade Média, mas se manifestam de várias maneiras. (TRACY, 2019, p. 223) (T.A)

Diante da negativa de Ganelon em trair o imperador, seus parentes ficam orgulhosos, e aqui sua imagem é melhorada, mesmo que seja sempre chamado de traidor, e apesar dos defeitos, o padrao de Roland também apresenta qualidades, como coragem¹³⁶ e lealdade a seu rei.

Como também é loquaz e manipulador, convencendo a todos com sua fala e não enfrenta diretamente o perigo, faz os outros cumprirem seus intentos, numa atitude contraria à essência da cavalaria, onde o cavaleiro deveria agir por si próprio para a concretização de seus objetivos, que no caso são torpes, baixos e movidos por sentimentos mesquinhos.

¹³⁴ Esse se tornou o grito dos reis da França, nas gestas Carlos Magno acrescenta Saint Denis ao brado de guerra. T.A. (LOMBARD-JOURDAN, 1993, p. 159-180).

¹³⁵ Não implore a Deus, disse Ganelon, o pai onipotente Nunca ao meu senhor voltarei a face traidora; Muitos ficarão desapontados se eu consentir em sua morte, Dele [temos] nossas terras e nossas grandes casas, Nós devemos ajudá-lo bem e de forma confiável; Não o deixe nem que seja por juramento". T.A. (KROEBER et SERVOIS, 1860, p. 151).

¹³⁶ Na *Chanson*, Ganelon além de descrito como belo (v.285). Ele é tão bonito que todos os seus pares o contemplam". T.A. (BÉDIER, 1923, p. 102).

Nesse momento, chega Fierabras armado e pergunta onde está Carlos que está cercado, o que o sarraceno retruca: o que estão esperando? Vocês estão ajudando mal, (v.5011-5012) e como reação, ele grita *Monjoie* e revigora os francos. O agora batizado sarraceno se une a Ganelon que está machucado (v.5016), mesmo assim parte para ajudar Carlos Magno.

Em Mautrible, um dos guardas era a gigante Amiette, que após deixar os filhos gêmeos que ela havia dado à luz, parte ao ataque dos inimigos quando descobre a morte do marido Effraon, que a tinha deixado para cumprir sua missão de vigilância contra os francos, onde acabara sucumbido.

Amiette é descrita como de olhos vermelhos como chamas, muito feia e desfigurada (v.5042-5043), ao contrário da descrição de outra sarracena, Floripas, a gigante tem sua aparência descrita como selvagem e diabólica (v.5056), quase demoníaca o que contrasta com a nobre em maneiras e aparência.

Também nos é dito que Amiette acabara de dar à luz gêmeos e, sabendo da morte de seu marido nas mãos de Carlos Magno, sai para enfrentar o assassino. Mas como ela pode ser ao mesmo tempo uma mãe e esposa admiravelmente devotadas e uma figura diabólica? Sua feiura é calculada para evocar repulsa desde o início, impedindo assim a compaixão como uma resposta apropriada.

Além disso, ela é consistente e explicitamente associada a imagens de fogo do inferno, tanto na vida como na morte, quando "sua carne é destruída, fumaça saindo copiosamente de sua boca". Como mãe de não um, mas de dois bebês diabólicos idênticos, Amiette deve ser destruída para que ela não engendre mais sarracenos diabólicos e aumente seu exército. Em suma, Amiette exemplifica um tema no discurso épico que marca o inimigo sarraceno pelo exagero e pela mitificação. Ela torna explícitos os tons penitenciais dos formidáveis desafios militares impostos por Deus para testar os cruzados que caminham em direção a Jerusalém: sua morte é um exorcismo da terra, uma expiação do pecado. (JESON, 2019, p. 23) T.A.

Enquanto Amiette é preta como pimenta, Floripas é loura de pele branca, uma representa o mal, e outra, a pureza¹³⁷. Qual das duas apresenta os predicados morais de

¹³⁷ Há uma hierarquia de cores centrada no preto e branco em diversos textos e artefatos, tanto religiosos quanto seculares. Argumenta-se que a cor é usada de maneira flexível em diferentes gêneros para abordar necessidades específicas, como destacar diferenças ou enfatizar a importância do pecado na teologia cristã medieval. A cor pode ser tradicionalmente empregada nos textos cristãos para sinalizar a distinção polar entre o sagrado e o demoníaco, (HENG, 2018, p.42) onde o branco representa a bondade e o preto o pecado. Assim aqueles de pele branca são bons e os de pele de tonalidade que fogem dessa cor, são maus.

uma dama exemplar: aquela que defende seus filhos, seu marido e sua terra, ou a outra trai sua linhagem, sua fé e seu povo, se aliando ao invasor inimigo...

Amiette ataca aos francos, sendo morta, acabando assim a resistência sarracena, fazendo Mautrible ser finalmente tomada, e os inimigos, mortos (v. 5069-5070) a cidade é vasculhada e suas provisões recolhidas, no processo, os filhos de Amiette foram encontrados e levados ao arcebispo Hermant que os batizou, mas as crianças não viveram dois meses. (v.5089-592)

A comitiva abastecida parte novamente, e Carlos deixa Mautrible nas mãos de Hoel de Nantes e Raoul du Mans, acompanhados de setecentos cavaleiros. Num determinado ponto do trajeto, Carlos Magno detém a marcha para orar sob uma colina, olhando para o céu com grande humildade (v.5121), pede a Deus que bem conduza sua vontade (v. 5125).

Esse trecho remete à passagem do Evangelho de Lucas 22:39-42 em que o Cristo, próximo ao momento decisivo de Sua Paixão vai orar no Monte das Oliveiras e pede que a vontade de Deus se cumpra: Ele saiu e, como de costume, dirigiu-se ao monte das Oliveiras. Os discípulos o acompanharam. Chegando ao lugar, disse-lhes: " E, chegando ao lugar, disse-lhes: Rogai-lhes que não entrem em tentação, e, ajoelhando-se, orava, dizendo: Pai, se queres, passa de mim este cálice no entanto, não a minha vontade, mas a tua seja feita! (VULGATA, 2007, p.2302-2303)

Após a oração, o imperador de barba vasta organiza suas forças de batalha, nas representações de Carlos Magno tem um significado que o liga a qualidades como a sabedoria e segundo Romain Cordonnier:

Esta barba é frequentemente branca porque Carlos Magno é, em muitos casos, apresentado como um homem velho. É um símbolo de virilidade, dignidade, mas também, e acima de tudo, de sabedoria quando esta é branca. Na história desde a Antiguidade, muitos homens ilustres usaram barbas, como Platão ou Aristóteles. Carlos Magno, quando esses relatos são compilados, já está morto e, a partir daí, aparece sua lenda tendo precedência sobre a história. Estamos testemunhando uma ampliação de seu caráter e sua dignidade para torná-lo um rei quase extraordinário, o governante ideal que é justo, piedoso e sábio (CORDONNIER, 2009, p. 68) T.A.

Enquanto isso, Balan fica sabendo da tomada de Mautrible e, exasperado, ele acusa Maomé de ser um deus malvado, e espanca com golpes de maça, além de dizer que bem fez Fierabras em deixá-lo (v.5145-5148), que não confia mais no deus, e reclamar de suas perdas;

Esse “espancamento” também acontece na *Chanson* de Roland quando Marsile desiludido por seus deuses, juntamente com seus homens despeja sua fúria:(v.2580-2590):

“Em direção a Apolo, numa gruta, eles o ofendem, e indignadamente indagam: OH deus malvado, por que nos envergonha? Trouxe a nosso rei ruína? A quem te serve bem, má é sua recompensa! Então eles lhe tiraram o cetro e a coroa ,e com as mão o atiraram numa coluna, pisotearam-no na terra e com grandes bastões bateram e quebraram, E de Tervagante arrancaram o rubi, E Maomé jogaram num fosso” (BÈDIER, 1923, p. 196) T.A¹³⁸

Originalmente, seguidores de Maomé são contra qualquer tipo de idolatria, combatida dentro do próprio Islã em seus primórdios:

[...] A doutrina muçulmana sobre a idolatria é clara: é má. Os ídolos devem ser eliminados, e as tropas muçulmanas muitas vezes os destruíram e seus templos. As tribos árabes que se converteram ao islamismo foram convidadas a destruir seus próprios ídolos como prova de sua clara ruptura com o passado.(TOLAN, 2002, p.33)T.A.

Em diversas passagens do Corão, a ideia de acreditar em outros além de Allah são refutadas:

Tem eles pernas com o que andar? Ou têm mãos , com o que bater? Ou têm olhos com o que enxergar? Ou têm ouvidos, com o que ouvir? Dize: “Invocai vossos ídolos; em seguida, insidiai-me, e não me concedais dilação alguma”. “Por certo, meu Protetor é Allah. Quem fez descer o Livro. E Ele protege os íntegros. “E aqueles a que invocais além dEle, não podem socorrer-vos nem se socorrer a si mesmos.(7.195-197)(CORÃO, 2005, p.273)

E que por essa ação, quem é idólatra será castigado: E dir-lhes-á: “*Convocai vossos ídolos*”. *E eles os convocarão, mas não os lhes atenderão, e verão o castigo. Se houvessem sido guiados!* (28. 64)(Ibd., p.637)

Sortinbrans aconselha o emir a mandar um espião ao acampamento franco, atacar e prender Carlos Magno primeiro, assim confundindo seu exército, que se renderia. Fazendo-os queimar a todos numa panela, e cortar a cabeça de Fierabras (v.5166-5168). Ao ouvir seu conselheiro o emir se arrepende de ter ido contra seus deuses (v.5172).

Mas antes de enfrentar o imperador franco, Balan se prepara para atacar a torre. Ao contrário da *Chanson*, cujas batalhas são de combate físico mais direto, com embates entre lanças e espadas, a duração temporal do confronto é mais curta, com seu

¹³⁸ Com relação a cristãos e judeus, os muçulmanos atribuem que eles a denominação de *mushrikūn*.

desfecho acontecendo mais rapidamente, vemos em *Fierabras* a utilização de armamentos mais elaborados, como lançadores de pedras e manobras ofensivas de cerco e assalto o que também amplia o tempo do combate.

No ataque à torre, os inimigos agem, os francos tentam se defender, mas é inútil, pois os sarracenos atiram pedras e pesados seixos, enquanto Balan grita por Tervagant, e seus homens atacam “com força e vigor” (v.5196), nesse momento o emir ameaça Floripas e os francos: (v.5198-5199) (KROEBER et SERVOIS, 1860, p.157)¹³⁹

Balan expressa sua raiva pela lealdade mutável de Floripas, e embora ele realmente não acuse Floripas de traição, seu desejo de queimá-la é o que sugere. Lealdade aos parentes, do ponto de vista dela, é menos importante do que o amor (ou luxúria) por um cavaleiro cristão; [...] A obstinação de Floripes e sua falta de empatia pelo pai, embora ela se comporte caso contrário, para os cavaleiros francos, admoesta as mulheres entre o público e seus pais também. Apenas princesas sarracenas são filhas voluntárias que desonram seus parentes. A atitude de Balan em relação a seu filho é diferente por causa das proezas de Fierabras em batalha e controle sobre muitas terras. Balan o considera mais como um igual do que como um vassalo, ou simplesmente seu filho. Quando o Fierabras se converte, o Emir acredita é apenas por medo por sua vida após a batalha contra Oliver, não uma escolha. Fierabras é feroz na batalha, mas não tão violento ou agressivo quanto Floripas e seu comportamento muda na conversão. (TRACY, 2019, p. 237). T.A.

Ou seja, que sua filha (por ser mulher), muda por luxúria algo dispensável e administrável, já seu filho por algo inerentemente mais valioso e essencial: a própria vida.

A princesa e os pares se dirigem para o andar superior, lá deliberam como agirão, quando Floripas os chama e diz que se eles se livrarem do ataque, ela lhes dará as relíquias que eles tanto desejam (v.5217-5219).

Com isso, os francos reagem, e muitos turcos e outros pagãos, morrem em pânico (v.5225). Nesse momento Floripas reforça suas garantias ao lado dos francos, lhes mostrando as relíquias, e os encoraja a lutar, prevendo o avanço sarraceno, e se estes vencessem, sua punição.

Os francos juram lealdade a ela, que em seguida coloca as relíquias sob um rico tecido, Naimes pega as relíquias e as leva até a janela, onde mil sarracenos se aproximavam, e diz que eles, (os francos) não tem dúvidas que são as relíquias

¹³⁹ Eu queimarei a prostituta, que me desonrou, E os francos matarei dolorosamente”T.A.

sagradas, mas que os turcos e os sarracenos duvidam, e como fiador, eles têm a Santíssima Trindade (v.5246-5260)

Quando as relíquias são novamente guardadas, Gui de Bourgogne se aproxima da janela, o emir o vê, fala alto, perguntando por sua bela filha, e diz que ele fora tolo em confiar nela, e que ela foi mal aconselhada pelos francos, e que sua “putaria” durou pouco e que o amor entre ela e o malfeitor iria acabar. Em resposta, Floripas contrariando os ditames sociais cristãos e islâmicos, ameaça seu pai com um bastão, que em resposta recomeça o ataque.

Roland, Olivier e Ogier vão até um quarto onde estão Maomé, Apolo, Margos e Tervagante, cada um pegando um deus, os arremessa¹⁴⁰ nos sarracenos, quando Balan vê seus deuses, é tomado por maldade, injúria e ira. Segundo Ramon Llull:

A ira é turvamento na coragem, de relembrar e entender à vontade; e pelo turvamento, a relembração se converte em esquecimento, e o entendimento em ignorância, e a vontade em irritação. Logo, como lembrar e entender, vontade é iluminação pela qual cavaleiro busca seguir as carreiras de cavalaria, que ira e turvamento do espírito desejam expulsar de sua coragem, convém que recorra à força de coragem, caridade, abstinência, paciência, que são refreamento da ira e alívio dos trabalhos que a ira dá. Tanto quando a ira é maior, tanto é maior a força que vem à ira com caridade, abstinência, paciência; e onde a força é maior, menor é a ira e maior é a caridade, abstinência, paciência; e pela minoridade da ira e pela maioridade das virtudes acima ditas, má vontade, impaciência, e os outros vícios são menores, e onde menores são os vícios e maiores são as virtudes, maior é justiça, sabedoria; e pela maioridade da justiça, sabedoria, é maior a ordem de cavalaria (LLULL,2000, p.101).

Portanto tal sentimento é algo que somente alguém contrário ao código da cavalaria estaria propenso a sentir.

A organização do ataque é abalada e os sarracenos pedem pelo amor de seu deus para que o ataque pare, pois os francos têm a garantia de Jesus (v.5300-5302). Novamente percebe-se o reforço do autor em mostrar a supremacia do Deus cristão, onde até mesmo os inimigos muçulmanos aceitam Sua superioridade

¹⁴⁰ Essa atitude era comumente atribuída aos sarracenos por Fidencio de Pádua em seu *Liber recuperationis Terrae Sanctae*, que segundo ele “Esses mesmos sarracenos abominam muito as imagens e as destroem, pisoteiam-nas e jogam em lugares imundos...T.A FIDENTIUS of Padua, *Liber recuperationis terrae sanctae*, in Girolamo Golubovich,ed., **Biblioteca bio-bibliographica della terra santa e dell’ oriente francescano**, 5 vols. (Quaracchi:Collegio di S. Bonaventura, 1906–27), p. 21.

Sendo obrigado a parar, Balan jura vingança, e censura Maomé, dizendo que já era para terem tomado a torre, e como não conseguiram que ele mesmo fizesse justiça, pois já estava esquecido e velho:

*Ja ert prinse la tour, si corn vous le verres,
Car en .XII. parties est li murs effondrés,
Puis faites d'aus justice tout à vo volenté.
- Mahom, dist l'amirans, vous estes oubliés;
« Trop estes endormis quant tel honte soufrés,
Je ai véu tels jours grans fu vo poestés;
« Mais or estes trop viex , pieça ne fustes nés. (vers.5308-5314)
(KROEBER et SERVOIS, 1860, p. 160)*

Sortinbrans novamente chama sua atenção por blasfemar, e disse que quando o mau temperamento do emir passasse, Maomé lhes daria os francos. Novamente o emir ataca, sendo impulsivo e irrefletido, agindo por instinto e não pela razão.

Os francos se defendem, Ogier os anima dizendo que eles são franceses honrados, que tem cuidado com a covardia, e que logo os inimigos estariam perto, mas antes que sua alma se separasse de seu corpo, ele faria um grande dano aos pagãos...

Floripas recorre à Virgem em desespero, sabendo o que a aguardaria ao cair da noite e pede livramento da dor (v.5364), ela fala com o prometido suspirando, e diz o que ela muito pensou em ser sua esposa, e em ser batizada, enquanto Gui a abraçava, Naimes olha para o vale, ao longe vê a insígnia de Saint Denis e diz aos demais: o que vejo me agrada muito! (v.5393)

2.7 O “outro” se torna igual

Quem era o igual no período Cruzado? Era aquele que compartilhava da mesma crença no Cristo, independente do local de nascimento, e aqui percebemos também, pelo menos em *Fierabras*, que além desse predicado sobre a crença, sua relação com a igualdade, também estava condicionada à posição social.

Pois ela dava aos convertidos a possibilidade de serem de alguma forma notado na sociedade em que se ingressava, diferente daqueles de classe mais baixa que eram convertidos compulsoriamente, em troca de permanecerem vivos.

E mesmo aqueles de alta linhagem que se convertiam não serão cristãos em sua totalidade, pois ainda trazem consigo a marca de sua vida pregressa. Veremos dois lados

desse processo de transmutação, de um lado estão aqueles que aceitam e como recompensa obtêm aprovação e aceitação de onde ingressam.

E do outro lado temos aqueles que se recusam a deixar suas crenças, e como consequência, não tem outro destino senão a morte. A conversão era a salvação final e em *Fierabras* ela aparece personificada na imagem de Carlos Magno que a todo momento é referido como ligação entre o homem e Deus, sua figura pública demonstrava sua singularidade, onde o monarca é por vontade divina, escolhido para libertar e com justiça, cumprir a lei de Deus e dos homens para assim manter a ordem.

Na narrativa, Carlos Magno chega trazendo esperança, com seu grande exército, enchendo os francos de alegria, e Balan exclama: *II ont tort et nous droit , François seront maté*. (Eles estão tortos e nós direitos, os francos serão mortos)¹⁴¹ (v.5405). T.A

Nesse contexto, o “caminho do direito está condicionado a servir ao deus certo e ao rei certo, pois essa trilha é também ligada à prática da cavalaria...

Fierabras é um bom cavaleiro, mas seguia o deus errado, então não poderia ser considerado no direito, mas ao se converter e servir Carlos Magno, seu caminho estará habilitado e sua fiança no fim garantida, já os pagãos não convertidos, estarão predestinados a um fim ruim pois servem a Maomé e mesmo se prometessem servir ao imperador não seriam totalmente cumpridores do que é necessário para sair do erro, pois não seriam cristãos. O mesmo se aplicaria ao cavaleiro cristão que servisse Balan, mas não se convertesse ao islamismo.

Ambos os lados se preparam, nesse momento Fierabras conversa com Carlos Magno, pedindo que envie alguém para oferecer o batismo a seu pai, e se o emir recusar, ele (Fierabras) nada poderia fazer.

Carlos Magno convoca Renier e Richard e pergunta-lhes quem ele poderia enviar e é sugerido Ganelon por suas habilidades ¹⁴²(v.5431-5434), ao saber da escolha, Ganelon aceita sem resistência e até mesmo apresenta boa vontade (v.5450).

Novo paralelo é feito com a *Chanson de Roland* onde o cunhado do imperador é escolhido como emissário franco, aqui a sugestão é feita pelos barões, na *Chanson* é feita por Roland, o que acarretará a revolta de Ganelon e a posterior trama da morte do sobrinho de Carlos Magno e seus pares em Roncevaux.

¹⁴¹ Variação da frase dita pelos francos na *Chanson de Roland*: Pagãos estão errados e os cristãos estão direitos (verso 1015). (BÉDIER, 1923, p. 80).

¹⁴² Habilidades essas de persuasão e convencimento, que ele usará para manipular Marsile e convencê-lo a emboscar Roland no desfiladeiro de *Roncevaux*, campo de batalha da primeira parte da *Chanson de Roland*.

Essa era uma prática muito utilizada nas Cruzadas: de enviar de um mediador era e para conduzir a negociação entre o exército atacante e o que se defende:

Enviados altamente respeitados de cada lado geralmente conduziam negociações para a libertação de cativos. Eles exigiam, e geralmente recebiam, um salvo-conduto que lhes permitia entrar na corte inimiga e negociar com seus líderes, mas também, em certa medida, para garantir que o cativo estivesse recebendo tratamento adequado. Essas negociações para o resgate dos cativos eram muitas vezes o primeiro e às vezes o único encontro entre os inimigos longe do campo de batalha. Do lado muçulmano, sabemos que isso levou ao desenvolvimento de diplomatas altamente qualificados e confiáveis, e é provável que tenha ocorrido um desenvolvimento semelhante no campo franco. O mediador era um homem importante e seu nome era frequentemente mencionado. T.A. (FRIEDMAN, 2002, p. 148-149)

Na narrativa, essa negociação tem outra função além do resgate dos prisioneiros e das relíquias: exigir a rendição e conversão dos pagãos¹⁴³, e para isso é enviado Ganelon. (vers. 5442-5518).

Aqui a personagem repete a sua função na *Chanson de Roland*, onde ele fora negociar com Marsile em Saragoça.¹⁴⁴Aqui é mostrado o quanto o cunhado do imperador era reconhecido na corte franca, onde os seus o defendem durante o conselho imperial. Os parentes de Ganelon vieram todos (v. 4511) (BÉDIER, 1923, p. 136) T.A

Eram comuns campanhas de resgate de cativos, e a configuração bem semelhante ao contexto expresso em *Fierabras*, onde a libertação desses cativos depende da força e posição de quem demanda, ou seja, se quem pleiteia tem condições de vitória a possibilidade de receber uma resposta positiva do captor, e maior, assim como esses cativos possam ser um valioso objeto de barganha.

Ganelon ao falar com Balan, não é bem-sucedido, e com seu fracasso, consegue fugir... da torre onde os reféns estão, Naimes e os pares veem Ganelon sendo perseguido, e Olivier e Roland rogam para que ele consiga escapar.

O padraсто de Roland chega ao acampamento franco, e conta tudo ao imperador, que ordena a Richard toque seu olifante, e todos se preparam para o combate, onde o imperador divide os corpos de batalha em 10 grupos, assim liderados: Richard ficou

¹⁴³ Ganelon foi muito ousado, sagaz e falou: E disse ao Emir: Sarraceno entenda, Carlos Magno te manda nosso direito: que abandones Maomé e deixes de te enganar. E creias em meu Deus, o rei da majestade, e nas santas fontes sejam batizado e elevado e devolva os condes que aprisionou, e as santas relíquias, porque é tão penalizado, Se tu assim o fizeres, tu serás garantido, Não perderas tua terra. T.A (v.5467-5479) T.A (KROEBER et SERVOIS, 1860, p.165).

¹⁴⁴ O rei disse: "Ganelon, aproxime-se e receba o vara e luva. Você ouviu direito; os francos escolheram você.(v. 319-321) T.A. (BÉDIER, 1923, p. 26).

com o primeiro, Renier com o segundo, o terceiro Ganelon, o quarto com Aloris, Grifons com o quinto, a Macaires o sexto, Hardés o sétimo, Amaugis o oitavo, Senses o penúltimo e o décimo o próprio imperador lideraria.

*Karles a ses barons sevrés et départis,
Et les batailles faites de chevaliers eslis.
De l'une fu Richars conduisières et guis,
Li dus Reniers de Gennes de l'autre, ce m'est vis,
Et Guenelon ot l'autre, et l'autre ot Aloris;
Et Grifons d'Autefoelle o les grenons flouri*
Ot la quinte bataille, si com dit li escriis;
Macaires ot la siste, qui le poil avoit bis,
Et Hardrés la septime, et l'uitisme Amaugis,
Et Senses ot la noeve, qui tant est escevis;
La dissime bataille: ot li rois de Paris.* (v. 5576-5586) (KROEBER et SERVOIS, 1860, p.168-169)

Assim como na *Chanson de Roland*, Carlos Magno só assume papel ativo no campo de batalha a partir da segunda parte da narrativa, onde divide o exército com seus conselheiros mais próximos, e os mais velhos, que Roland no início de *Fierabras* reclama de receberem toda a glória e não lutarem, e aqui ironicamente estes partem para resgatá-lo.

Há aqui a intenção de reforçar a importância dos mais velhos e demonstrar que estes também atuam na construção e fortalecimento da estrutura de governo do imperador e que por isso são seus homens de confiança.

Do lado sarraceno, Balan se une a seu irmão Brulant, que foi enviado pelo emir portando seu estandarte, ao sair em missão, este ameaçava Carlos Magno (v.5602-5604) (KROEBER et SERVOIS, 1860, p. 169)¹⁴⁵ O imperador não se abate e com sua lança mata Brulant, nesse momento, a batalha tem início... passando a força pelo Vau Josué na planície de Aigremore, lá encontram o emir Balan com 30 reis e 100 mil pagãos (v.5656-5658), com isso o emir descobre a morte de seu irmão, e em resposta, toca sua trompa, e a Sortinbrans diz que não se importa em morrer depois que matar Carlos Magno (v.5669).

Sobre a estrutura política sarracena representada nas épicas francesas Willian Comfort explica:

A soberania sarracena é na maioria dos casos conferida a um rei, “al mirant” ou “sudanês” que pode ter um número indefinido de outros reis vassalos tributários a ele. Sobre assuntos de importância com

¹⁴⁵ Hoje toda a sua gente seria derrotada, e sua cabeça seria tirada do corpo, Até que Aix la Chapele seria destruída, os francos vão correr do nosso país. (T.A.).

conselheiros, profetas, astrólogos ou adivinhos. [...] Em geral, a política dos povos sarracenos é concebida nos mesmos moldes da dos cristãos: o chefe do Estado é um rei feudal, cercado de conselheiros políticos e eclesiásticos e possuindo autoridade sobre inúmeros vassalos (COMFORT, 1940, p. 631). T.A

O emir assim como Carlos Magno, organiza seu corpo de batalha, com os arqueiros à frente, à maneira turca para temor dos francos (v.5684-5685). Essa é uma referência do autor à conhecida *expertise* turca de manejo com o arco, advinda da tribo de turcos Khorasani que foram escravizados e usados nas fileiras do califado abássida, assim suas habilidades foram comentadas pelos cronistas da época:

Nenhum exército pode resistir a esse tipo de ataque, o turco pode atirar em feras, pássaros, aros, homens sentados, manequins e pássaros voando, e o faz a todo galope para a frente ou para trás, para a esquerda ou para a direita, para cima ou para baixo ... Em voo,, acrescentam, para o inimigo significava morte certa, já que o turco era tão preciso na retirada quanto no ataque, tinham tiros habilidosos que podiam acertar a pupila de um olho. Posteriormente, os turcos se reúnem como livres, durante o Império Seljúcida, mantendo sua perícia preservada, mas quando o império colapsa, eles se dispersam, e migram alguns acabam no Egito e na Síria, aonde seus conhecimentos chegam até o exército de Saladino. (LATHAM; PATERSON 1970, p. xxiii-xxiv) T.A.

Mesmo com um forte arquearia, os sarracenos perdem muitos homens, fazendo Balan jurar vingança, o que de acordo com o Islã deve ser moderado, pois apesar de haver *ayat* que tratam da batalha, de conclamação à espada e a guerra justa, há muitos outros que exortam à paz:

Assim, se eles deixarem você em paz, e não fizerem guerra contra você, e te oferecer paz, Deus não permite que você prejudique eles'' (4:90). O Corão também cita a Torá, a Escrituras judaicas, que permitem às pessoas retaliar olhos por olho, dente por dente, mas como os Evangelhos, o Corão sugere que é meritório renunciar à vingança em um espírito de benevolência caridosa (5:45). As hostilidades devem ser encerradas o mais rápido possível e devem cessar no minuto em que o inimigo declara paz (2: 192-93). O Além disso, Corão deixa enfaticamente claro que o conflito pode ser amenizado com sucesso apenas através do estabelecimento de justiça, que transcende o pessoal ou interesses próprios sectários (4.135; 7.29). (MARTIN, 2004, p. 240) T.A.

A batalha se desenrola, Balan é cercado e mil escravos vem a seu socorro, mas Fierabras aquele “que ama muito a Carlos” (v. 5754) chega e mata vários nobres sarracenos e bem mais de 50, da linhagem de Maomé.¹⁴⁶

Sobre a presença de escravos nas fileiras de exército islâmico, há várias hipóteses, pois estes estão nos corpos de batalhas muçulmanos desde seu início, o que passou a ser uma característica dessas forças militares.

Alguns estudiosos propõem que os abássidas recorreram aos escravizados por não terem mão de obra suficiente para cumprir a missão de conquista do Islã, outros acreditam que esse fenômeno foi gerado pelos fatores complexos do Oriente próximo, como a sociedade urbanizada, leis islâmicas que permitiam a escravidão, e também a já citada presença dos eficientes guerreiros turcos nas fronteiras, que de certa maneira viam vantagem em lutar pelos islâmicos já que alguns escravos até mesmo chegavam a altos postos nas administrações. (BROWN, 2020, p.159)

Após uma dura batalha, os sarracenos obtêm uma pequena vantagem, que dura pouco tempo, até quando os francos chegam, fazendo os pagãos fugirem ao ver Roland, por temerem os golpes de Durendal (v. 5776-5777)

A famosa espada de Roland, Durendal, é conhecida como “presente do rei”, em sua origem vemos que ela assim como vários objetos lendários, tem uma ascendência envolta do maravilhoso, ironicamente, veio de mãos sarracenas e tem sua origem revelada na gesta *Aspremont*, onde é relatado que Roland herda a arma diretamente do inimigo de Carlos Magno, o emir sarraceno Aumon, juntamente com seu cavalo e o famoso Olifante.

Durendal é cercada pela fama de que quando é empunhada traz vitória a seu portador, e durante a transferência da espada para Roland há a legitimação e autoridade legítima de posse, pois quando Aumon em seu leito de morte a repassa ao conde, dizendo que sua espada mereceria um mestre ama a guerra e tem proeza marcial: E se hoje deve marcar o fim da minha vida / Rogo a Mahom, meu grande deus, e peço / Que este rapaz tenha minha espada Durendal doravante’] (v.6039-6041). (KHANMOHAMADI,2017, p.321-333) .

Empunhando Durendal, a cortante, O rei tirou-a da bainha, enxugou-lhe a lâmina. Depois cingiu-a em seu sobrinho Roland E então o papa a benzeu. O rei disse-lhe docemente, rindo: “Cinjo-te com ela, desejando Que Deus te dê coragem e ousadia,

¹⁴⁶Nos poemas épicos franceses, Caim é o favorito como progenitor dos sarracenos, e é de seu caráter e reputação repugnantes que seus descendentes são herdeiros. ou do Anticristo. (COMFORT, 1940, p. 629).

força, vigor e grande bravura. E grande vitória sobre os infiéis.” E Roland diz, o coração em júbilo: “Deus me conceda, pelo seu digno comando” (v. 7480-7490) (BRANDI, 1919-21, p.45) T.A. A espada que antes defendia o Islã, agora se torna um símbolo de combate a ele.

Os pagãos são derrotados e despojados, fugindo da batalha. Vendo-se novamente ameaçado, Balan amaldiçoa Maomé mais uma vez, que agora é visto como mais vil do que um cachorro vil e fedorento (v.5781-5786).

Segundo o Islã, a imagem do cão era extremamente negativa, e aparentemente, o Profeta Maomé não era um amante desses animais, há hadiths relatando que anjos não entrarão em uma casa onde haja um cachorro. Diz-se que manter a companhia de um cachorro reduz o mérito das boas ações de um muçulmano (FOLTZ, 2003, p. 129-130)

Balan vê seus homens fugirem enquanto os francos os humilham e matam. Ele tenta resistir, quando Carlos Magno armado de Joyeuse¹⁴⁷ entra em combate¹⁴⁸ com o emir (v.5795-5803). A luta prossegue e Balan tem seu escudo fendido, recebe um golpe sob o elmo que o faz tropeçar, mas o golpe na cabeça mesmo sendo forte, não o mata.

Novamente remetendo a luta de Carlos Magno com Baligant, o rei franco mata o emir da Babilônia com um golpe na cabeça também sobre o elmo: Com a espada de França, ele atinge o emir. Ele quebra o elmo onde flamejam as gemas, abre o crânio e o cérebro se espalha, ele corta a cabeça todo o caminho até a barba branca e derruba o morto sem chance. (v.3615-3619) (BÉDIER, 1923, p. 274) T.A

Carlos Magno então, exorta Balan a desistir de seguir Maomé e que devolva as relíquias, que ele, por amor a Fierabras no emir confiaria:

*Païens, dist Karlemaines, tu as mal exploitié
 ,« Que ne m'as les reliques pieça tost envoiié.
 « Sarrazins, moult m'en as longuement anoié ;
 « Mais se Mahon avoies guerpi et renoié,
 Pour l'amour de ton fil, te rendroie ton fié. (v.5818-5822)
 (KROEBER et SERVOIS, 1860, p. 176)¹⁴⁹*

¹⁴⁷ Que segundo sua descrição na *Chanson de Roland* “muda de cor trinta vezes(v.2501), cujo nem o sol não consegue extinguir o brilho (v.2990), na qual o punho tem encrustado o ferro da lança que perfurou Cristo.” (BÉDIER, 1923, p. 194 e 226).

¹⁴⁸ Semelhante ao que acontece na *Chanson de Roland*, onde Carlos Magno entra em combate físico com o líder pagão Baligant (v.3602-3619),(Ibd.,274) aqui ele também desembainha sua espada para lutar diretamente com Balan.

¹⁴⁹ Pagão, disse Carlos Magno, você errou, “Faça com que as relíquias sejam enviadas para mim em breve. “Sarraceno, você me incomoda há muito tempo; “Mas se a Maomé abandone e rejeite, Pelo amor de seu filho, retribua sua confiança. » (T.A).

Em resposta, o emir ataca Carlos Magno tentando matá-lo, mas não consegue seu intento, pois chegam Roland, Guy, Ogier e Olivier, que amarra o líder sarraceno, que ao encontrar o filho, este apela ao pai para que este se renda e atenda as ordens de Carlos Magno.

Balan responde amaldiçoando o filho condenando-o a danação (vers.5853-5855). Fierabras agora como cristão convertido, não teme as ameaças de seu pai, e nada pode fazer, mesmo com o coração condoído pela situação do pai. (ver. 5859-5860)

Novamente aqui é levantada a questão de conflito entre pais jovens e pais velhos, antes ocorrido entre tio e sobrinho, agora entre pai e filho: “Esses conflitos entre pais e filhos são ainda mais complicados por conversão. *Chansons de geste* e romances de cavalaria, particularmente Roland e Fierabras, retratam a interação entre sarracenos e cristãos, a conversão dos sarracenos ao cristianismo ou dos cristãos à religião dos sarracenos, as ligações resultantes entre ex-inimigos e a traição de ex-aliados.

Conversão, ou mesmo apenas uma aliança com o Outro religioso, potencialmente ameaça ambas as religiões nestes textos e constitui uma traição doutrinária bem como uma secular. Aceitar um sistema diferente de crenças religiosas, como pai ou filho convertido, aumenta a já problemática herança leis - de primogenitura, por exemplo - que permeiam a sociedade feudal. A falha para homenagear o pai estabelecido no pensamento cristão, juntamente com a aceitação de outra religião, perturba alguns dos mais importantes princípios ideológicos feudais relativos à linhagem e, por extensão, "pátria". Não só faz parentes convertidos traírem a coesão de sua linhagem, como também traírem a Cristandade e sua fé. Ao retratar confrontos entre pais e filhos cujas identidades religiosas estão em conflito, Roland e Fierabras demonstram um senso mais matizado de fidelidade e traição, que é marcado pela lealdade política e divergência religiosa. A traição da linhagem e laços religiosos nessas narrativas indicam expectativas sociais de lealdade e pertencimento além relações feudais. Os casos em que os pais acusam seus filhos de traição, mesmo que o narrador apoie as ações do filho contra seu próprio pai, expõe a dinâmica altamente entrelaçada da família medieval com religiosas e estruturas de poder feudal”. (TRACY, 2019, p. 227) T.A

Carlos Magno entra triunfante em Aigremore, com 30 mil francos, e os pagãos que lá estão, fogem, num ato de covardia¹⁵⁰ e deslealdade para com seu líder, demonstrando atitudes desprezadas pela cavalaria.

¹⁵⁰ Segundo o Al Corão, covardia é um vício segundo a Surata 8 Al-Anfal سورة الأنفال (os espólios) nos ayat 15 e 16 “Ò vós que credes! Quando deparardes com os que renegam a Fé, em marcha, não lhes volteis as costas.E, quem lhes volta as costas, nesse dia-exceto por estratégia, ou para juntar-se a outro

Na manhã seguinte, o rei franco ordena que seus barões se preparem para o batismo de Balan, que é trazido muito colérico, sendo colocado à força na fonte batismal, o imperador ordena que o emir creia no Jesus Ressuscitado e na Virgem e que se o fizesse, teria muitas vantagens¹⁵¹:

*Se tu crois bien en lui, moult grant mestier t'ara
De trestoute ta tere ja plein pié ne perdras. »
L'amirans dist et jure ja ne l'otriera,
Tant corn il ara vie, à Mahon se tenra
Pour mort ne pour manace ja ne s'en partira ;
En despit de Jhesu ens es fons ecraca¹⁵²: (v.5905-5910) (KROEBER et
SERVOIS, 1860, p. 178-179)*

Com a recusa de Balan em converter-se inferem-se duas coisas: a primeira, sob o ponto de vista cristão, há o reforço da imagem dos sarracenos como irascíveis e descontrolados (AKBARI, 2009, p. 165)

A segunda é que vemos a atitude do emir como fiel ao Islã, que se nega abandonar a fé e que segundo o Al Corão: *Os que são fiéis ao pacto de Allah e não desfazem a aliança, E os que unem o que Allah ordena e recebem seu Senhor e temem o pior ajuste de contas* (13.20-21) (CORÃO, 2005, p.392-393). Mostrando uma fidelidade a seu deus e a sua fé.

Carlos Magno percebe que não há como negociar com Balan, pega Joyeuse, e se prepara para cortar-lhe a cabeça, Fierabras exibindo traços de piedade cristã, novamente pede por seu pai, implorando ao imperador tente novamente, enquanto Floripas exorta Carlos Magno a matar Balan, (v.5911-5918); mostrando que ela não está completamente convertida, porque ainda não apresenta os todos os predicados esperados para uma dama cristã, de ficar em silêncio, e não defender a violência.

Essa cena poderia até mesmo ser uma crítica do autor de que as filhas não mostram tanta obediência, a exemplo de Floripas, e lealdade aos pais como os filhos homens à maneira de Fierabras.

Essa imagem de mulher forte também reflete, de certa forma, as mudanças que ocorriam no período em que *Fierabras* fora escrita, já que os autores ainda com uma

grupo-com efeito, incorrera em ira de Allah, e sua morada será a Geena.E que execrável destino! (CORÃO, 2007, p. 281-282).

¹⁵¹ A fala de Carlos Magno expressa que, ao se converter o nobre teria não somente as benesses etéreas do céu, mas também as vantagens materiais terrenas.

¹⁵² Se tu crês Nele, muitas coisas você terá. Acima de tudo nunca suas terras perderás .O emir diz e jura que nunca acontecerá, Enquanto viver, em Maomé permanecerá Nem por morte nem por ameaça , não deixarei; Desprezo Jesus e suas fontes escritas. T.A..

certa hesitação, colocavam mulheres mais fortes em seus escritos, baseadas em nobres damas poderosas como por exemplo, Eleonor d'Aquitânia.

A poderosa princesa sarracena conseguiu espelhar admiravelmente sua irmã cristã. Ela serviu como a mulher poderosa que os autores cristãos hesitavam em colocar em suas obras. Como o sarraceno já era marginal, as representações da sarracena exercendo grande poder sobre seus homens não provocaram reações negativas. O contador de histórias podia expressar admiração por uma mulher forte sem entrar nas questões do poder feminino que eram correntes na Cristandade naquela época. A Europa do século XII viu pela primeira vez uma batalha feroz para autenticar o poder feminino na ausência de um monarca masculino. Henrique I pediu e recebeu o apoio de seus barões para entronizar sua filha, a imperatriz Maud, por falta de qualquer herdeiro masculino adequado. Após sua morte, no entanto, as promessas de apoio foram rescindidas e o poder de Maud foi mantido apenas por anos de luta. A linhagem real passou por ela para seu filho, Henrique II, que se casou com Eleanor da Aquitânia. Leonor herdou a grande e estrategicamente importante Aquitânia, que conseguiu levar consigo no primeiro casamento com Louis VII e que lhe foi revertida quando o casamento foi dissolvido. A questão do domínio feminino e sua validade foi, portanto, de extrema importância na época das canções de gesta (RAMEY, 2001, p. 44). T.A

De volta à narrativa, vemos novamente Carlos Magno perguntando a Balan se ele abandonará a Maomé, o errado deus mal (v.5922) e que ele acredite na lei estabelecida de Deus. Fierabras pede pelo amor de Deus que seu pai aceite, mas o emir permanece firme em seu propósito, o bispo pergunta se ele vai abandonar o diabo e orar pela misericórdia de Deus (ver.5935)

Balan ao entender a pergunta fica enfurecido, mostrando a desmesura de como são vistos os não-cristãos. Carlos Magno então diz a Fierabras que Balan não quer ser cristão, o gigante implora de novo, além dele, quem fala é Floripas novamente exortando a Carlos Magno que mate seu pai, dizendo que ele é um vil diabo, que ela não ligaria se ele morresse, contanto que ela tenha Gui e que ela e pouco choraria por seu pai (v.5955-5958)

Em resposta à irmã, Fierabras diz que ela está errada, além de lembrá-la que Balan é pai deles, que os gerara, ao terminar de falar o cavaleiro chora e suspira. Aqui vemos a inversão, onde o homem chora e se lamenta e a mulher expressa pouca piedade.

Balan manda todos se calarem, e os chama de tolos, e diz que não crerá em Jesus. Vendo que o emir não mudaria, Carlos Magno convoca seus homens e pergunta

quem matará o pagão, Ogier se voluntaria e diz que o fará rapidamente e de bom grado. (v.5984-5988)

Balan é morto por Ogier na frente de todos, mas Fierabras o perdoou como um piedoso cavaleiro cristão. Percebe-se a falta de condescendência com relação ao emir, diferente à benevolência mostrada a Bramimonde, tal diferença de tratamento é de certa maneira justificada na narrativa pelo “mau comportamento” do líder sarraceno durante a tentativa de ser batizado.

Na *Chanson de geste Fierabras* do final do século XII, como na *Chanson de Roland*, encontramos uma falta de tolerância relativamente direta em relação ao ‘Outro’. Aqui Fierabras, o único nobre sarraceno neste texto, se converte; derrotado em combate por Oliver e, tomando isso como um sinal da superioridade do Deus cristão, Fierabras pede o batismo. Sua irmã, Floripas, a arquetípica ‘*belle sarrasine*’, se apaixona por Gui de Bourgogne, e o batismo faz parte do pacote, parte da assimilação na sociedade ocidental junto com seu casamento. Seu pai, Balan, aproxima-se do batismo. Ele é levado à fonte, mas a profana cuspindo nela e golpeando o bispo;[...] e ele é sumariamente executado. Não há indicação de que ele tem o direito de permanecer em sua fé, ou que poderia haver nada nobre em tal fidelidade. [...] Este texto não mostra aceitação do outro’. Os sarracenos são convertidos ou mortos” (AILES, 2012, p. 9) T.A.

Após a morte de Balan, Floripas confirma com Roland o compromisso obtido com Gui, e com a anuência do imperador, foi acertado o casamento de Floripas com Gui, onde a noiva é descrita como bela com a pele branca, cabelos esmerados e seios pequenos, corpo generoso e esvoaçante, tais características valorizam ainda mais o ingresso da *belle sarrazine*, que segundo Suzanne Akbari: Como as relíquias da Paixão, como a própria Jerusalém, Floripas é um belo prêmio que – de acordo com a ideologia da Cruzada – é justamente reivindicado das mãos sujas dos sarracenos (AKBARI, 2009, p. 185)T.A

Depois de batizada, a princesa se casa com Gui de Bourgogne, que juntamente com Fierabras recebe as terras de Balan, para em seguida, em Aigremore, se realizar a festa de núpcias que duram oito dias.

*A Guion de Borgoigne rent Karles le rengné,
A Fierabras en a Pune moitié donné :
De Guion le tenra par droite loiauté.
Lés la tour d'Aigremore ot .1. palais listé;
Là sont nostre François à grant joie mené
Richement sont servi et à moult grant plenté.
.VIII. jours trestous entiers ont les noeces duré.*

*Karles ia .1. mois et .1. jour séjourné,
Tant qu'il ot le païs auques asséuré.*(vers.6021-6029)
(KROEBER et SERVOIS, 1860, p. 182)¹⁵³

Floripas é aceita na comunidade cristã, por ser uma nobre possuidora de terras, e apesar de os seus “maus hábitos” (v.2821-2822) (Ibd., p.86)¹⁵⁴ e ser sarracena, se redime ao ser batizada e se purifica, como diz Suzanne Akbari: a mulher sarracena estava especialmente disponível para a comunidade cristã, sua poluição foi apagada tanto por uma mudança na fé quanto pelo vínculo físico do casamento dentro da comunidade cristã (AKBARI, 2009, p. 4) T.A .

Com seu batismo, ela é encaixada na sociedade cristã e de certa forma assimilada quase completamente, pois alia-se à sua aprazível aparência, a normatização de comportamento de cristã ideal, e tem “apagados” seus traços muçulmanos, pois converte-se fazendo com que os cristãos alcancem seu objetivo, de erradicar de certa forma os sarracenos como presença de poder, substituindo-os como cristãos obedientes:

A lógica na epopeia e no romance é erradicar os sarracenos ou terminar sua normalização, “mesmo” eles, embora esse imperativo ideológico muitas vezes não seja coerente. Na maioria das vezes, os homens sarracenos são erradicados e a mulher – pois geralmente há apenas uma mulher muçulmana na história – é “igualada”. Essa mulher inquietante é refeita em uma cristã e em uma mulher que se encaixa em uma conceituação medieval dominante do feminino normativo. Sua fala excessiva, seu discurso direto é silenciado na narrativa; seu movimento excessivo e o “avanço” na trama se tornam inertes. Ao mesmo tempo, seu caráter se encaixa suavemente na economia patriarcal, tornando-se o navio através do qual a riqueza desejável passa para a Europa. Esses textos caminham firmemente para a homogeneização, até que no final a mulher muçulmana pode ser absorvida na Europa [...]. Ela pode ser “como uma” com seu marido cristão, pode se misturar e ser aceita como se nunca tivesse sido “sarracena”. (KAHF, 1999, p. 53) T.A

Floripas aparece como um personagem autônomo, com seu próprio direito, uma mulher em mudança constante, inicialmente não se enquadra no ideal feminino cristão do período de docilidade e submissão, mas uma mulher forte e que faz os guerreiros reagirem e interagirem com ela, fazendo jus às constantes caracterizações das mulheres

¹⁵³ A Gui de Borgoigne devolve Carlos o reinado, A Fierabras deu metade disso: Gui o manteve por justa lealdade. A torre de Aigremore tem um palácio arrumado; Lá nossos Francos são conduzidos alegremente Ricamente servidos e de maneira muito generosa. VIII. dias inteiros duraram as núpcias. Carlos.1. mês e .1. dia ficou, Desde que tenha o país suficientemente seguro.(T.A).

¹⁵⁴ Em um determinado ponto da narrativa a princesa sarracena beija seu amado na boca antes de se casarem e é dito que essa ação se dá por ela ser pagã.

sarracenas nas gestas, com a diferença de que ela possuía um determinado grau de destaque:

Uma mulher sarracena, apesar de sua associação com o "lado errado", poderia igualmente ser a personagem mais engenhosa de uma história e acabar casada com um francês. Além disso, e talvez relacionado à percepção errônea de que os sarracenos eram equiparados apenas ao mal e à escuridão nos textos medievais franceses, muitos estudos ignoram um vasto corpo de fontes. Muitos trabalhos sobre atitudes medievais em relação ao Islã negligenciam as fontes literárias, preferindo textos históricos, escritos eclesiásticos e sermões. Quando as fontes literárias são consideradas, frequentemente apenas o épico é examinado. O épico é o gênero de batalha e tem limitações inerentes para considerar a interação social. No mundo masculino do épico, o papel da relação homem-mulher é muitas vezes minimizado ou omitido (RAMEY, 2001, p. 4) T.A

Mesmo possuindo várias qualidades, não se pode perder de vista as atitudes dela contra seu pai e seu povo. Balan é visto e considerado como traidor por não aceitar se submeter ao imperador e à fé cristã:

No entanto, o poeta o chama de ‘roi traïtour’ – um traidor porque, podendo ser uma vez convertido, ele renega essa possibilidade. Um traidor normalmente é traiçoeiro para seu rei (imperador); nesse caso ele trai Deus e Carlos Magno e, portanto, pode ser apresentado como um traidor do ponto de vista cristão apesar de ser ele mesmo um rei. Ele permanece o outro - não convertido – mas muito humano, e na força de seus laços familiares e desejo de ser leal ao seu senhor (Maomé), ele cumpre muitos dos ideais dos cavaleiros cristãos. (AILES, 2012, p. 16) T.A

Nessa configuração, a princesa também não pode ser considerada, de certa maneira, traidora por abandonar sua parentela e renegar sua fé? Manter-se fiel a sua religião não seria um predicado para ser um bom cavaleiro ou boa dama? Poderia ser considerada traidora aos olhos dos sarracenos, mas aos olhos cristãos seria uma dama aceitável, demonstrando as várias cores da personagem, pouco usual nas mulheres das gestas do ciclo carolíngio.

As personagens femininas nas gestas do Ciclo do Rei geralmente eram vistas de maneira uniforme e sem aprofundamento, e Floripas destoa dessa dinâmica, enquanto em outras narrativas as mulheres são apenas acessórios de reforço das qualidades heroicas dos personagens masculinos. Sendo exibidas dentro da dicotomia virtude e vício:

A descrição e a classificação de comportamentos femininos seguiam critérios religiosos ou morais. Assim, perfilam-se imagens de uma mulher luxuriosa e pecadora, de uma mulher essencialmente casta e virtuosa, que personificaria a salvação, de uma dama e de uma mulher ardilosa por natureza, sempre disposta a trapacear o homem (MACEDO, 2002, p. 65).

Ela funciona como elo e interação entre cristãos e muçulmanos dentro da narrativa reconhecida como uma epopeia romântica, que traz consigo características das épicas com seus guerreiros que buscavam extinguir a ameaça sarracena, mas também tem romance com personagens femininas marcantes e participativas, além do exemplo onde “o outro” é assimilado pelo Eu cristão (AKBARI, 2009, p. 189):

Se a epopeia procurava destruir e a lírica negava a comunicação, a epopeia romântica oferecia uma terceira assimilação cultural alternativa. A mulher branca sarracena, tão francesa em sua aparência, poderia se tornar tanto sarracena quanto francesa nesse gênero híbrido. O guerreiro sarraceno também pode se tornar francês, guardando sua diferença física, mas se curvando à superioridade cultural francesa. O romance épico representa às vezes um ponto alto na crença na possibilidade de superar e envolver o sarraceno, mas os elementos fantásticos, mágicos, combinados com retratos físicos irreais, traem o autor, mostrando que continua a retratar o impossível (RAMEY, 2001, p. 50) T.A

Quando Carlos Magno se prepara para partir, após se assegurar que o território estava garantido, estando convertidos os obedientes e executando os que não trocariam de fé. (v.6032-6033).

Bernardo de Claraval, justificava essa atitude por parte de monarcas de matar os pagãos como algo não considerado homicídio, mas sim malecídio, pois segundo ele, os infiéis eram representantes do mal na Terra, e que seria mais apropriado evitá-los, mas se fosse inevitável encontrá-los, deveria matá-los para evitar que estes levassem os justos à perversidade:

Para os Cavaleiros de Cristo, pelo contrário, é em total segurança que lutam pelo seu Senhor, sem temer pecar matando seus adversários, nem perecer, se eles mesmos forem mortos. Quer a morte seja sofrida, quer seja dada, é sempre uma morte para Cristo: não tem nada criminoso, ela é muito gloriosa. Em um caso, é servir a Cristo; na outra, ela torna possível conquistar o próprio Cristo: de fato, ele permite que, para vingá-lo, mate um inimigo, e ele se entrega ainda mais de boa vontade ao cavaleiro para consolá-lo. Assim, eu disse, o cavaleiro de Cristo mata sem temer nada; mas ele morre com mais segurança novamente: é ele quem se beneficia de sua própria morte, Cristo da morte que ele dá. Pois não é sem razão que ele carrega a espada: ele é o executor da vontade divina, seja para castigar os malfeitores ou glorificar os bons. Quando ele mata um malfeitor, ele não faz um homicídio, mas, se assim posso

dizer, acaba com a malícia. Ele vinga Cristo daqueles que fazem o mal; ele defende os cristãos. Se ele mesmo for morto, ele não perece: ele alcança seu objetivo. A morte que ele inflige é benefício de Cristo; aquilo que ele recebe, para os seus. No entanto, não é apropriado matar os pagãos se alguma outra maneira pode ser encontrada para evitá-los. Mas, por enquanto, é melhor que os pagãos sejam mortos, em vez de deixar a ameaça de pecadores pairando sobre a cabeça dos justos, para que os justos não sejam desviados para a iniquidade” (SÃO BERNARDO, s/d. p. 8) T.A

O imperador, se dirige a Floripas e diz, tudo o que realizara, mas que ainda não obtivera as relíquias sagradas. A reverencia cristã às relíquias não era somente evidente aos cristãos, mas conhecida também pelos muçulmanos, que durante a Terceira Cruzada, na batalha de Hattin de 1187, capturam a maior relíquia franca, chamada de “Verdadeira Cruz”(ou Santa Cruz), sabendo do apego cristão ao símbolo, os muçulmanos tentam demonstrar sua força, tendo ela em sua posse. O cronista muçulmano Imād ad-Din al-Isfahani, assim narrou o fato:

“Ao mesmo tempo em que o rei foi levado (no caso, o rei de Jerusalém, Guy de Lusignan), a “Verdadeira Cruz” também foi capturada, e os idólatras que tentavam defendê-la foram derrotados. Foi esta cruz, colocada em posição e elevada ao alto, à qual todos os cristãos se prostraram e inclinaram a cabeça. Com efeito, eles sustentam que é feito da madeira da cruz sobre a qual, dizem, aquele que eles adoram foi enforcado, e assim eles o veneram e se prostram. Eles a alojaram em uma caixa de ouro, adornaram-na com pérolas e pedras preciosas, e a preparam para a festa da Paixão, para a observância de sua cerimônia anual. [...] Sua captura foi para eles mais importante do que a perda do Rei e foi o golpe mais grave que eles sustentaram naquela batalha. A cruz foi um prêmio sem igual, pois era o objeto supremo de sua fé.” (GABRIELI, 2009, p. 51-82).T.A

Em resposta, Floripas pega as relíquias de um cofre de prata, e as leva à presença de Carlos Magno, que ao vê-las se ajoelha e se inclina, para em seguida expor a todos a coroa de espinhos, nesse momento, algo maravilhoso acontece, o arcebispo para submeter a coroa à sua veracidade, as levanta no ar e ao retirar as mãos, elas permanecem flutuando, o arcebispo faz o mesmo com os cravos que flutuam de maneira semelhante.

Carlos Magno recolhe as relíquias e as coloca no cofre, restando alguns espinhos da coroa ele os pega com sua luva, e manda a um cavaleiro guardá-la, este não

compreende e a luva fica suspensa no ar.(v.6070-6119), tal cena ocorreu à vista de todos¹⁵⁵(v.6120-6123) (KROEBER et SERVOIS, 1860, p. 185)

Após guardar as relíquias, Carlos Magno se retira e sonha algo maravilhoso e extraordinário: em que Aix de La Chapelle se revestia em cota de malha, e da Espanha se ouvia gritos, que pedia ajuda para ser salva e que o nosso Senhor fosse vingado dos pagãos¹⁵⁶, Viu também grifos¹⁵⁷ furiosos vistos por todos, que entraram em desordem, e que num só dia mais de 20 mil morreram , e que em sua corte em Paris, havia um espião.

O duque de Naimés ao ouvir o sonho explica: “Senhor, diz o duque: liderará antes de 4 anos, sobre o povo inimigo. Certo homem que vós alimentastes e não o irritaste. O Senhor Deus nos guarde e que de todos nós decida o destino.(v.6153-6156) ((KROEBER et SERVOIS, 1860, p. 186).¹⁵⁸

Assim como na *Chanson de Roland*, novamente Carlos Magno tem revelações em sonhos, que mostram sua missão de defensor da fé. O sonho no Medievo poderia mostrar (ação divina) ou enganar (tentação diabólica), nas narrativas do Ciclo do rei, quando o imperador sonha, sempre é algo revelador da vontade divina:

Mas a noite dos sonhos vigiados abate-se sobre o Ocidente por muito tempo. O francês medieval, que brinca com a vizinhança de "sonho" (songe) e "mentira" (mensonge), reflete essa suspeição. Condenação moral, mas também distinção social. Pois a igualdade em face do sonho não existe. Apenas uma elite tem o "direito" de sonhar: os reis e os santos, depois, a rigor, os monges. (LE GOFF; TRUONG, 2006, p. 83)

¹⁵⁵ De cima, as pessoas os viram ficar no ar. O arcebispo mostrou a toda a nobreza; esta foi uma grande maravilha, bem devemos falar sobre isso. Carlos pegou sua luva, por ser digno.

¹⁵⁶ [...]o paganismo dos sarracenos é um elemento chave na teologia justificação da Cruzada: os pagãos mataram Jesus, e o cruzado vai se vingar dos pagãos pelo assassinato de seu "pai". Os judeus eram frequentemente culpados pela crucificação, e é durante a Primeira Cruzada, que o apelo à vingança levará os cruzados a massacrar judeus na Europa; mas os pagãos também serão culpabilizados pela crucificação, e buscava-se vingança contra eles. Através desta vingança, os cruzados vão "salvar" Jesus e seus seguidores. Os sarracenos deverão ser pagãos para ser objetos apropriados de vingança. T.A. (TOLAN, 1999, p. 109).

¹⁵⁷ Geralmente, o grifo simbolizava a dupla essência do Cristo, divina e terrena, mas nesse contexto a criatura se mostra em sua interpretação negativa: “No entanto, o grifo é interpretado num sentido desfavorável segundo uma tradição cristã, talvez posterior à anterior...a sua natureza híbrida priva-o da franqueza e nobreza de ambos (a águia e o leão) ... força cruel. No simbolismo cristão, ele é a imagem do demônio, tanto que, para os escritores sagrados, a expressão hestisequi é sinônimo de Satanás. Mas no domínio civil, ele designa força maior, perigo iminente. T.A. (CHEVALIER, 1982, p. 487).

¹⁵⁸ Senhor, diz o duque: liderará antes de 4 anos, sobre o povo inimigo. Certo homem que vós alimentastes e não o irritaste. O Senhor Deus nos guarde e que a todos nós decida o destino. T.A.

O autor sempre faz ligação com a *Chanson de Roland*¹⁵⁹, já citada nos versos iniciais da narrativa. Naines discorre sobre a batalha contra os sarracenos, e no sonho, aparece a Espanha, onde está a cidade de Saragoça, lugar que Marsile toma e que Carlos Magno pretende libertar¹⁶⁰.

Carlos Magno no dia seguinte, se prepara para partir, Floripas acompanha os preparativos do imperador e pede a Deus que o guarde (v. 6168), ela o beija amigavelmente, e chorando, se afasta.

Gui e Fierabras acompanharam o imperador e seus cavaleiros até a Ponte de Mautrible, onde acamparam, no dia seguinte, ao ir embora Carlos Magno os conforta e os aconselha.

*De Guion de Borgoigne s'est Karles départis,
Et il et Fierabras, qu'est chevaliers gentis.
Moult les a l'emperere baisiés et conjoïs,
Si lor a commandé que Puns soit l'autre amis,
Et s'ost s'est aroutée par puis et par larris* (v.6181-6185) (KROEBER et SERVOIS, 1860, p. 187).¹⁶¹

Após oito dias de viagem, os francos chegam a Paris, onde Carlos Magno vai até o mosteiro de Saint Denis, e devolve as relíquias sagradas, e reunindo uma grande assembleia com seus barões, as reparte da seguinte maneira: parte foi doada a Saint Denis, e a muitas outras igrejas honradas (v.6197-6205).

Historicamente, não pode haver dúvida da peregrinação do rei à Terra Santa ou de sua viagem a Constantinopla; mas de 798 a 802, ou Irene, ou como Einhard nos conta, o patriarca de Jerusalém, Aran ou Thomas, dirigiu ao imperador do Ocidente preciosas relíquias que seriam depositadas na basílica de Aix-la-Chapelle. Segundo a tradição, haveria, entre eles, uma notável porção da Coroa de Espinhos (MELY, 1899, p. 393) T.A.

O autor conclui a narrativa relatando os eventos que se sucederiam três anos depois do que se passara, que a Espanha seria destruída, que Roland seria traído, que Ganelon o venderia para gente perversa e todos os eventos que se desenrolariam na *Chanson de Roland*.

¹⁵⁹ Mariane Ailes acredita que Fierabras depende fortemente da tradição das Canções de Gesta, de Roland particularmente, em Fierabras se notam muitos materiais de referência. (AILES, 1983, p. 45).

¹⁶⁰ Rei Carlos, nosso Imperador, o Grande, sete anos completos permaneceu na Espanha: até o mar conquistou a terra altiva. Mais um castelo que à sua frente resiste, mais um muro forçar, não mais uma cidade, além de Saragoça, que está em uma montanha. Rei Marsile a tem, o que não ama a Deus (v.1-7) T.A (BÉDIER, 1923, p.2).

¹⁶¹ De Gui de Bourgoigne, Carlos se separa, E de Fierabras, que é o gentil cavaleiro, o imperador muito os beijou e felicitou. Ordenou que fossem amigos um do outro. E o exército se pôs em marcha andando lado a lado. T.A.

Ao fim o autor fala um pouco de sua própria narrativa:

A Deus que me comanda, minha música acabou. Esse romance é bom do começo ao fim, E no meio e em todo lugar, que bem o escutem, Que este romance escrito tem boa duração .T.A (v.6216-6219) ((KROEBER et SERVOIS, 1860, p. 188)

Em *Fierabras* a dicotomia entre cristãos e pagãos é tão presente quanto na *Chanson de Roland*, mas temos nela um interessante ponto de observação a partir do “outro”, já que o personagem título é sarraceno, e a maioria da narrativa se dá em território não-cristão.

Por isso vemos que na representação dele e de seu povo, há a presença de diversos arquétipos e modos de agir sobre o que se pensava “ser pagão”, principalmente o que era “ser sarraceno”. *Fierabras* apresenta em seu escopo narrativo os três “tipos” de sarracenos mais comuns nos textos do período:

Nos romances, questões de identidade, particularmente no que se refere aos muçulmanos e outros não-cristãos, foram muitas vezes articulados e resolvidos através do uso de certos “tipos” de caracteres sarracenos. Esses personagens incorporavam determinados aspectos percebidos da identidade muçulmana e sua proximidade ou distância da identidade cristã, europeia. Esses personagens podem ser classificados em três grupos: sarracenos estrangeiros (personagens sarracenos que diferem dramaticamente dos personagens cristãos etnicamente/racialmente e culturalmente, bem como ser não-cristão; os inúmeros exemplos de monstros sarracenos se enquadram esta categoria); Sarracenos Familiares (sarracenos que são muito semelhantes aos seus Contrapartes cristãs em todas as áreas, diferindo apenas, mas crucialmente em seu status como não-cristãos); e sarracenos convertidos (sarracenos que são virtualmente cristãos/ europeu, e que, no decorrer do trabalho em questão, converterá e junte-se aos cristãos na oposição aos sarracenos). (NADHIRI, 2017, p. 84) T.A

Alguns hábitos dos sarracenos são descritos com um determinado grau de exatidão, demonstrando que sua cultura não era totalmente estranha ao autor, conhecimento obtido por meio de contato direto ou indireto, o que indica que tal autor tenha convivido na corte local de grande circulação de pessoas, haja visto que no período de escritura da *Chanson de Roland* e de *Fierabras*, a cultura muçulmana era conhecida nesses espaços e não poderia ser ignorada:

Essas alianças também podem abrir avenidas culturais, se as partes envolvidas, por exemplo, empregarem um cantor moçárabe ou mudéjar para entretê-los enquanto estão fazendo isso. No nível da cultura popular, melodias, canções e histórias folclóricas chegaram à Europa a partir e através do mundo islâmico,

levadas por peregrinos, menestrelis, mercadores e outros que se aventuraram no meio. A extensão e o significado de sua influência na cultura europeia – ou, mais especificamente, no gênero romance – ainda não foram adequadamente pesquisados. A entrada de romances de e através de terras islâmicas para a Europa medieval não era uma questão de os europeus encontrarem “inspiração” em algum remoto reino de fantasia islâmica de sua própria criação, como aconteceria mais tarde. Em vez disso, materiais textuais da literatura em árabe, persa, turco e outras línguas da região impuseram-se e impressionaram uma Europa que estava em condições de receber tais impressões sem ser inteiramente capaz de ditar os termos da troca. Em um nível cultural mais alto, havia um respeito relutante pelas ciências islâmicas, não apenas por sua preservação da erudição grega clássica, mas por seus óbvios avanços práticos em tecnologia e medicina. (KAHF, 1999, p. 20)

Além disso, outro ponto a se pensar na leitura de *Fierabras*, é que assim como os cristãos, os muçulmanos tinham como objetivo a expansão de sua doutrina de uma maneira tão pungente quanto a de seus opositores do Ocidente¹⁶², e esse choque entre duas religiões expansionistas, que buscavam tanto adeptos e territórios, assim como poder político era inevitável.

Vemos ainda a figura de Carlos Magno ressignificada, no que diz respeito a sua relação com os não cristãos, e até mesmo com os cristãos do Oriente, onde originalmente, o rei franco fizera inúmeros acordos e missões diplomáticas com esses povos, visando ampliar sua influência¹⁶³ dentro de um “projeto imperial”, mas em *Fierabras*, ele desconfia dos não- cristãos, exemplificada nas interações iniciais com gigante Fierabras e só os aceita totalmente como aliados após o batismo.

Carlos Magno servirá como exemplo de grande monarca dentro da configuração imagética da coroa capetíngia, que transportará as características dos reis governantes para as versões de Carlos Magno representados na *Chanson de Roland*, em suas versões manuscritas de *Oxford* e *Châteauroux*.

¹⁶² Ao contrário do judaísmo e do antigo budismo, a religião do Islã provou ser uma religião tão agressiva e missionária como cristianismo. Posteriormente, construiu um estado. O Islã que conquistou as regiões do norte não era a religião islâmica, mas o estado islâmico T.A. (HITTI, 1970, p. 145).

¹⁶³ No ano 797 e nos quatro anos seguintes, os Anais Francos Reais registraram um notável aumento do número de missões diplomáticas, como nunca foi registrado antes. As delegações francas visitaram Jerusalém, Constantinopla, e Raqqa na Síria, onde o califa naquela época principalmente residia; inversamente, os estrangeiros vieram de longe para a corte de Carlos Magno, de lugares tão diversos como a África muçulmana, o reino das Astúrias, Huesca, controlada pelos muçulmanos, e a disputada cidade de Barcelona. Como vimos, um filho de ‘Abd-ar-Rahman, o emir de Córdoba, até veio visitar o tribunal em Aix. É bastante evidente que os anais desejavam ou pretendiam transmitir a impressão de que o reino dos francos estava aberto ao mundo e gozava de considerável prestígio internacional. O próprio Carlos Magno pode ter tomado a iniciativa e seguido anteriormente Imperadores cristãos bizantinos de Justiniano a Heráclio no envio de seus enviados encontrar o “rei dos persas”, isto é, o califa Harun al-Rashid. Com efeito, foi precisamente nesta altura, em 798, que começaram a surgir os primeiros sinais sugerindo um renascimento do imperador no Ocidente. T.A (FRIED, 2016, p. 400-401).

CAPÍTULO 3 - A *CHANSON* DE ROLAND E SEUS MANUSCRITOS: Convergências e Divergências

3.1 - Manuscrito *Châteauroux*: Uma leitura Cruzada da Época Carolíngia

As Cruzadas suscitaram uma série de produções textuais temáticas sobre esse evento, umas ligadas diretamente ao movimento, exortando ao combate contra o infiel para assim libertar a Terra Santa, e outras que possuíam o mesmo propósito, mas que falavam dessa temática indiretamente.

Estas narrativas eram travestidas em resgate de memórias do passado, inspiradas em combates anteriores entre cristãos e pagãos, mas que ao fim, traziam a mesma mensagem, que consistia em dividir o mundo em dois lados: de um estavam os cristãos que eram os bons e do outro, os não cristãos, geralmente sarracenos, que eram maus.

Entre os escritos que surgiram no período, entre eles a *Chanson de Roland*, considerada na época um relato verídico, que em sua narrativa trazia nas façanhas de Carlos Magno e soldados, chamados doze pares, homens valorosos que simbolizavam o ideal cruzado de perfeição, e acima de tudo, da predileção divina. Entre as muitas versões desse célebre relato, temos uma versão escrita nos tempos da Terceira Cruzada, conhecido como Manuscrito de *Châteauroux*.

Produzido provavelmente à época do rei Phillipe Auguste (1180-1223), essa versão da *Chanson de Roland*, juntamente com o Manuscrito de *Oxford* e outras 5 variantes, são consideradas versões maiores da lenda rolandiana, agrupadas assim, por sua extensão completa, são elas: *Oxford*, *Châteauroux*, *Venice4*, *Venice7*, *Lyon*, *Paris*,

Cambridge, as demais, são vistas como fragmentadas e incompletas: *Lavergne, Bogdanow e Michelant*.

Châteauroux (também conhecida como versão C), é semelhante à outra versão, *Venice7*, considerado seu manuscrito gêmeo, distintos claramente dos demais manuscritos (SUBRENAT, 2016, p. 12). É interessante ressaltar que a variante C ficou por mais de 300 anos quase oculta, alocada na Biblioteca de Mantua. Segundo Marjorie Moffat:

C e V7 estiveram ambos na biblioteca Gonzaga em Mântua por pelo menos 300 anos e há um consenso de que a maior parte de ambos os textos foi copiada do mesmo exemplar compartilhado; isso é claramente mostrado na edição de Foerster de 1883, onde C é impresso em texto dominante, com qualquer variante V7, palavras e gráficos impressos como a fonte menor abaixo de cada linha. (MOFFAT, 2013, p. 1) TA.

Porém, *Châteauroux* é mais antigo do que *Venice 7*, que segundo Francesca D'Arcais, no artigo *Les illustrations des manuscrits des Gonzague à la Bibliothèque de Saint-Marc*, presume a data de *Venice 7* como produzido quase um século após *Châteauroux*, entre o final do século XIII e início do século XVIII, sendo a data mais provável ser 1320 (D'ARCAIS, 1984, p. 585-602).

Além de *Venice 7*, *Châteauroux* também possui semelhanças temáticas e representativas com *Fierabras*, devido à adjacência temporal em que ambas foram escritas, *Fierabras* por volta dos anos 1190, e *Châteauroux* entre 1180 e 1195, em hipótese mais aproximada, ambas se localizam temporalmente no período de florescimento épico (SUBRENAT, 2016, p. 10) e estavam inseridas no contexto Cruzado, onde como dito anteriormente, essa temática era extremamente atrativa nas cortes capetíngias, pregando uma certa sensação tranquilizadora da ida garantida para o céu daqueles que lutam em nome de Deus, e adaptando a guerra ao gosto contemporâneo (MOFFAT, 2013, p. 4)

Por essa popularidade temática vemos esse grande número escritos, consolidando o Ciclo do rei, graças também ao apelo que Carlos Magno possuía, e que os autores franceses dos séculos XII e XIII buscavam estabelecer as origens do país na lenda desse suserano.

Além de criar para o monarca carolíngio uma aura mítica associando-o ao Cristo e ao rei Davi, para assim alçá-lo como protetor do povo de Deus contra o jugo do infiel (RAMEY, 2001, p.60) , se tornando um bastião para a Cristandade, principalmente para

a corte capetíngia que buscava ligar sua imagem à do monarca carolíngio, e de certa maneira consegue:

A dinastia real dos capetianos, que começou quando Hugo Capeto expulsou os últimos carolíngios do poder e ascendeu ao trono nos anos finais do século X, estava constantemente tendo que dissipar dúvidas sobre sua legitimidade. Esta situação só mudou com o casamento de Filipe II com Isabel de Hennegau em 1180, pois a nova rainha era, dizia-se, uma neta de "Charlemaine", e com seu filho Louis VIII a monarquia revertida para a linhagem de Carlos Magno. Em pouco tempo, isso foi desenvolvido em uma nova doutrina de legitimidade, o chamado retorno da monarquia a linhagem de Carlos Magno (*reditus regni ad stirpem Karoli*). Por volta de 1274, as Grandes chroniques de France - uma história da França através de uma cronografia de seus reis, que se baseou em inúmeras vertentes da tradição, incluindo A Vida de Carlos Magno de Einhard – adotou essa doutrina e a tornou parte integrante de como a monarquia francesa se percebia. Os estribos Karoli ("la ligniée de Charlemaine le Grant") passou a ser totalmente identificada com a monarquia capetiana. A partir do século XV, a França, portanto, pisou auspiciosamente nos passos de Carlos Magno e começou a basear e a justificar demandas territoriais com base nesses fundamentos. Logo estava sendo afirmado que Carlos Magno havia nomeado os doze "pares de France" (pares da França, os mais altos membros da aristocracia do país), fundou o tribunal do Parlement, e dotou a Universidade de Paris - todos eles identificadores simbólicos da França medieval tardia (FRIED, 2016, p.527-528) T.A

Assim como Carlos Magno representa Jesus, seus soldados, os doze pares fazem alusão direta aos doze apóstolos, que auxiliavam o Cristo na Sua missão salvífica, além disso, esse grupo de homens especiais aparece formado por membros advindos da elite medieval, como cavaleiros e clérigos. Doze é o número dos eleitos de Deus, como as doze tribos de Israel. Sobre eles, etimologicamente, Ferdinand Lot, define:

[...]par, significa, homem da mesma condição social e política, irmãos ou primos unidos por julgamento comum, aplica-se tanto ao senhor como ao vassalo, quando um homem se recomenda ao poder de outro. No período carolíngio, em muitas capitulares, designa vassalos beneficiários do imperador, especialmente ligados às expedições a que eram obrigados a lutar contra os rebeldes. Os pares são os barões que se reportam diretamente ao rei. Quando unirmos à palavra França, se define a um grupo de senhores e prelados claramente separados dos demais por uma determinada qualificação. No período capetíngio temos tal uso, numa carta escrita por Eudes II de Chartres ao rei Roberto 1023 (LOT, 1893, p.34) T.A

Mesmo inspirada num reinado anterior, a *Chanson* se enquadrará de maneira satisfatória ao ideal Cruzado de combate ao infiel, assim como à divulgação de um reino forte, unificador com um monarca nobre, disposto a defender os seus e à Igreja e que nas gestas (escritas como retratos fidedignos da verdade mostravam a luta do cavaleiro cristão ideal contra o pecador islâmico), cheias de passagens miraculosas e fantásticas arrebanhavam muitos admiradores e perpetuavam as narrativas, fazendo, as vezes mudanças que se adequavam a sua realidade:

Olhando para a história cultural da Europa, encontramos uma imagem distorcida do Islã registrada pela primeira vez em romances medievais e “lendas” de cavalaria descrevendo conflitos armados entre cavaleiros cristãos e sarracenos. Esses textos são geralmente considerados hoje formas “ficcionais” e “literárias”, mas é importante ter em mente que a categoria de “literatura”, como é popularmente definida hoje, só surgiu no século XIX. Para leitores e públicos pré-modernos, a distinção entre história e ficção, ficção e fato, lenda e crônica, não era clara — se é que existia. O que pode parecer para nós agora como uma ficção óbvia já foi conhecimento recebido. Por exemplo, narrativas românticas sobre heróis cristãos cavaleirescos lutando contra malvados cavaleiros sarracenos, que hoje podemos descartar como meros contos de fadas, foram sem dúvida recebidas como “histórias verdadeiras” pela maioria de seu público (FRASSETTO, 1999, p. 209). T.A

Vendo o alcance desses textos, percebemos o exemplo dessa influência quando os autores D. Thomas and A. Mallett em seu artigo de 2011, relatam que essa narrativa foi usada nos currículos secundaristas franceses no século XIX, como forma de expressar o nacionalismo francês, mas esta também é vista por alguns estudiosos pós-coloniais como um “exemplar medieval da ignorância cristã sobre o Islã, e intransigência voltada aos muçulmanos”.

Premiada pelo que foi percebido como a expressão de um nacionalismo francês precoce, a *Chanson de Roland* foi incorporada ao currículo secundário francês na década de 1870, durante a expansão colonial da Terceira República, notadamente na Argélia. Mais recentemente, as leituras “pós-coloniais” lançaram a *Chanson de Roland* como exemplar da ignorância cristã medieval sobre o Islã e intransigência em relação aos muçulmanos ou, alternativamente, como ilustrativa da complexidade das atitudes cristãs latinas em relação ao mundo islâmico (THOMAS; MALLETT, 2011, 649) T.A.

O que seria uma acusação um tanto injustificada, haja visto que essa atitude era expressa por ambos os lados, devido as duas religiões possuírem um caráter francamente expansionista, o que ocasionou o choque inevitável, que dadas as suas devidas proporções, desejavam sua prevalência nos territórios almejados.

O manuscrito de *Châteauroux* chegou à França no século XVIII, fazendo o seguinte percurso de acordo com Jean Subrenat:

Algumas informações sobre sua história foram preservadas: escrita no norte da Itália na segunda metade do século XIII, pertenceu em 1407 à família Gonzaga de Mântua. Encontra-se no século XVIII, na França, em Versalhes, na biblioteca de Louis XVI. Após a Revolução, pertenceu ao conde (do Império) Germain Garnier, prefeito de Seine et Oise. Com a morte deste último, foi comprado em 1822 por Jean-Louis Bourdillon, natural de *Châteauroux* e residente na Suíça, que doou todos os seus bens, incluindo uma biblioteca muito grande, para sua cidade natal. Ele próprio se apaixonou, como amador esclarecido, por este manuscrito (SUBRENAT, 2016, p.12) T.A.

Em sua estrutura, o manuscrito de *Châteauroux*, de autoria anônima, tem duas vezes o tamanho do manuscrito de *Oxford*, contendo 8200 linhas contra 4004, do manuscrito mais antigo (DUGGAN, 2010, p. 97), *Châteauroux* foi escrito em francês antigo, com influência de dialetos franco italianos (SUBRENAT, 2016, p.15).

Isso se deve ao contato das cortes da região da atual Itália com as obras do ciclo de Carlos Magno, o que também ajuda a explicar a posição do manuscrito em Mantua, e sua proximidade com *Venice 7*, além do constante fluxo de Cruzados (incluindo o *roi trouverè* Charles D'Anjou), que entrando em contato com as rotas de comércio e peregrinações, levaram a narrativa de Roland além dos territórios franco e ibérico. Essa influência se retratará em mudanças no texto tanto do ponto de vista escrito como no andamento narrativo:

[...] e há evidências em outros lugares de que as obras da literatura francesa foram levadas na Cruzada, os jovens nobres lendo as grandes obras de ficção (Tristan, Lancelot, le Roman de Troie, le Roman d'Alexandre...) com seus companheiros cruzados durante os longos intervalos entre as batalhas. A presença de uma corte francesa muito letrada na Itália no momento apropriado, com ótimas razões para celebrar com uma canção de gesta do "ciclo de Carlos Magno"; a presença de embaixadores das comunas do norte da Itália (certamente não apenas de Mântua, mas pertinentemente a C e V7, certamente Gonzaga naquela corte; o forte elemento francês oriental e nordestino devido à presença de poetas de Arras e Flandres (e ainda visível nas características linguísticas de C) (MOFFAT, 2013, p. 16-17).T.A

Uma das razões pelas quais as narrativas sobre Carlos Magno e seus pares alcançaram um impacto significativo sobre a cavalaria do século XII e períodos subsequentes, foi a facilidade com que as pessoas da época conseguiam estabelecer conexões entre as questões do mundo carolíngio e os acontecimentos da trajetória de

Carlos Magno , conforme conheciam, às inquietações e eventos de seu próprio tempo, especialmente talvez, com suas preocupações cruzadas.(KEEN, 1984, p. 107)

Ao observarmos *Châteauroux* e o compararmos com *Oxford*. Poderemos perceber as mudanças na narrativa em seus aspectos políticos, sociais e religiosos, onde ações e descrições se modificarão uma em relação à outra, acompanhando acepções da realidade vivida pelo autor, que mesmo anônimo apresenta traços de sua vivência e as influências que o cercavam:

Além disso, entre o início do século XII, período em que a primeira canção conseguiu encontrar seu lugar, e o final deste século, quando as novas versões são reveladas, várias mudanças ocorreram em vários campos: eventos históricos em Europa e além-mar, técnicas militares, relações hierárquicas na sociedade, práticas religiosas, escrita de crônicas com pretensões históricas, desenvolvimentos literários tanto no campo da épica quanto no do romance. Em particular, a *Chanson de geste* floresceu e tornou-se um gênero literário organizado dentro do qual as obras respondiam, os personagens se cruzavam, as situações interferiam. O poema quase fundador do gênero só pôde adaptar-se a esse novo contexto e encontrar ali um dinamismo juvenil, sem contudo, perder nada, tanto quanto possível, de sua majestade. (SUBRENAT, 2016, p. 26) T.A.

Em vista do efeito de observação de ambas as versões (*Oxford* e *Châteauroux*), percebemos que à primeira vista, que os acontecimentos gerais tratados são semelhantes, devido à preocupação na manutenção da narrativa, como se percebe na contagem dos eventos, sem nenhuma mudança no que tange ao andamento da *Chanson* por exemplo, o fluxo dos fatos ocorre da mesma maneira em *Oxford* e *Châteauroux* numa tentativa de preservar o cerne original.

Mas vemos acréscimos e mudanças decorrentes dos momentos históricos e sociais acontecidos no andamento de escritura de *Châteauroux*, esses adendos podem ou não ser intencionais do autor e serão apontados no transcurso da análise, maiores discrepâncias serão vistas na caracterização de alguns personagens, assim como descrições de locais e um maior aprofundamento e detalhamento de fatos e acontecimentos, no que seria o trecho final da Embaixada de Carlos Magno em Saragoça.

Por ser mais extensa, percebemos algumas passagens mais especificadas do que foi relatado em *Oxford*, e um desenvolvimento mais expressivo, adaptado ao gosto da audiência da época (Ibd, 44) de Philippe Auguste. Assim o autor tem a oportunidade de

expressar sua originalidade e trazer mais elementos históricos contemporâneos a sua narrativa.

3. 1. 1 - *Châteauroux* x *Oxford*: Imagens do século XII sobre uma narrativa do século VIII

Separadas por quase um século de diferença, vemos permanências, mas também mudanças, há a preservação de personagens e eventos, mas também ocorrem mutações e acréscimos significativos no manuscrito mais recente.

Tais mudanças se devem à evolução social, econômica e política que ocorreram no reinado capetíngio antes e durante a escritura de *Châteauroux*, em décadas anteriores, época de Louis VI, o monarca se preocupava em consolidar sua posição como suserano contra ameaças internas (DUBY, 1992, p.131), como insubordinação de barões, duques e condes como o “belo, mas mal” Hugo du Puiset, que questionavam sua posição, assim como internas de sua vizinha Inglaterra sob a pessoa de Guilherme, o ruivo, e posteriormente, Henry II assume a mesma oposição contra Louis VII.

Outra questão seria a recuperação de territórios que Louis VI consegue expandir (BRADBURY, 2013, p. 15). Isso repercutiu e coadunou com a narrativa onde Carlos Magno visava expandir seu império.

Já no reinado de seu neto, Phillippe a monarquia estava consolidada, e a contenda pelo poder muda de aspecto, a disputa por supremacia se amplia e ganha alcance além da Europa, e com as Cruzadas, Philippe saí da França e parte em direção à Terra Santa, onde além de lutar contra os muçulmanos de Saladino, ainda enfrenta pequenos embates com Ricardo da Inglaterra (Ibd. p. 76).

Em comum avô e neto possuíam uma corte desejosa de consumir e saber sobre os feitos guerreiros e viam em Carlos Magno, e em outros monarcas antigos, verdadeiros ou mitológicos, a inspiração para os tempos em que viviam, e por isso a Canção de Roland mantém sua relevância e interesse, sendo atualizada, como acontece na escrituração do manuscrito de *Châteauroux*.

Aqui faremos a análise desse manuscrito à luz de seu antecessor, observando três pontos: Igualdades, diferenças e fontes de inspiração com realidade como eventos históricos e bases de comportamento social, além da maneira em que os inimigos eram retratados, e se tais impressões eram reais ou construções da imaginação do artista, baseadas em seu campo de vivência.

Châteauroux inicia, assim como *Oxford*, falando da estadia de sete anos na Espanha do imperador Carlos Magno e “conquistou da terra até o mar profundo(v.1-3) (SUBRENAT, 2016, p. 68)¹⁶⁴

Aqui sejam feitas algumas ressalvas, a primeira com relação à Espanha, pois nem todos os territórios dessa localidade estavam ocupados pelos muçulmanos, além de que haviam vários reinos cristãos nesse momento em toda a Península (GRIMBERG, 2019, p. 224).

Outro ponto é que em ambos os textos, *Oxford* na linha de abertura: (v.1-2) “Carlos o rei, nosso grande imperador, sete anos completos na Espanha”(BÉDIER, 1923, p.2) T.A e *Châteauroux*, referem-se a Carlos Magno como Imperador, sobre isso, temos dois apontamentos, primeiro é que no ano em que se passa a narrativa 778, Carlos Magno não era senão rei dos francos, só se tornando imperador 22 anos depois no ano de 800, outro ponto é sobre a recepção da audiência do período, que possuía frentes de poder lideranças que buscavam a supremacia política: França e Inglaterra. Sobre isso, Philip E Bennet esclarece:

O outro enigma da primeira linha do *Roland* é imaginar como a audiência no reino da França ou no reino da Inglaterra poderia ter reagido à noção de que Carlos é “nosso imperador”, uma vez que tanto os reinos como os seus atuais governantes no início do século XII estavam orgulhosos de sua posição fora do Sacro Império Romano. Em relação ao rei da França, que desejava reivindicar a decência moral de Carlos Magno, como parte do que foi chamado de *translatio imperii*, pode ser invocado, mas, quer consideremos Henrique I ou Henrique II como o rei mais provavelmente governaria a Inglaterra na época em que o manuscrito Digby (*Oxford*) foi escrito, é difícil conceber um público que vive no meio político e cultural do final da Normandia e início da Inglaterra Plantageneta, tenha a vínculo emocional com o Carlos Magno que a fórmula *nostre emperere* implica, mesmo admitindo o fato de que Henrique I era o sogro de um imperador e Henrique II, filho de uma imperatriz. Infelizmente, nenhuma das testemunhas continentais francesas tenha a tradição de preservar o início do poema, então não podemos dizer se a linha de abertura da versão *Oxford* veio diretamente de um original francês continental. Já o vínculo afetivo implicado pela primeira pessoa do plural possessivo, seja aplicado ao imperador ou ao Heróis francos (franceses) em geral podem ter causado problemas mais amplamente na Inglaterra. (BENNETT, s/d, p.5) T.A.

À época de Carlos Magno, ele estava deveras ocupado com os territórios da Germânia e Península Itálica, com quase nenhum interesse em expandir ao sul dos Pirineus, mas a possibilidade de sucesso à baixo custo o atraiu, além de que à época,

¹⁶⁴ O imperador de barba imponente permanecia há sete grandes anos na Espanha. Havendo conquistado da terra até o mar profundo. T.A.

Saragoça era governada por Sulayman ibn Yaqzan, aliado de Carlos Magno, que lhe prometera fidelidade e lhe entregar Saragoça, se ele continuasse governando-a e tivesse independência do emir de Córdoba.

Quando os francos chegaram à cidade de Sulayman, este mudara de ideia e se recusara a receber os francos, em resposta, Carlos Magno estabelece um cerco, mas enquanto o fazia, teve que ir combater os saxões. Quando retorna, o rei franco vence e leva Sulayman com ele, que os francos são atacados pelos bascos em *Roncevaux*, e onde possivelmente haviam alguns muçulmanos que capturaram Sulayman que foi morto ao retornar a Saragoça., então a afirmação de que Carlos Magno tomara a região até o rio Ebro é inverídica (CALLAGHAN,1975, p. 101-102), outro ponto a tomar é que a embocada dos bascos foi o evento histórico que originara a *Chanson de Roland*.

Vemos o narrador de *Châteauroux* posicionar a temporalidade como se estivesse presente, e contando como se os eventos se desenrolassem quase imediatamente, numa tentativa de dar mais veracidade ao relato:

[...] no próprio tom da *Chanson de Roland* há muita contemporaneidade. Não começa com um anúncio que remove os eventos para um passado distante ("Há muito tempo aconteceu... De antigamente dias cantarei..."), mas com uma nota fortemente imediata, como se Carlos, nosso grande imperador, quase ainda era um homem vivo. A ingênua transferência de eventos de três séculos passados para o *ethos* da sociedade feudal do período inicial das cruzadas, a exploração do assunto no interesse da propaganda eclesiástica e feudal, dá ao poema uma qualidade de presença viva. (AUERBACH, 2014, p. 121) T.A

O autor enaltece a batalha o que contradiz as fontes oficiais sobre a vida de Carlos Magno, que pouco ou quase nada falam da desastrosa campanha de *Roncevaux/Roncesvalles*.

Os *Annales Regni francorum* apresenta a expedição como uma missão de completo sucesso, com Pamplona destruída e os Bascos e Navarros espanhóis subjugado. A Versão Revista dos anais, contudo, preserva o relatório da desastrosa emboscada dos bascos nos Pirenéus como exército franco regressou para casa. É Einhard que nos diz que Roland, o conde da marcha bretã, foi um dos que foram mortos. Einhard, como Ermold, o Negro, pode ter estado a repetir histórias ou canções que tinha ouvido. Mais tarde, esta expedição para Espanha foi escrita no épico *Chanson de Roland* como um choque entre as forças da Cristandade e as do Islão. A severidade da derrota em *Roncesvalles* pode ser indicada pelo fato do retorno dos francos à Espanha ocorrer somente vinte anos depois. (MCKITERRICK, 2008, p. 134) T. A

A primeira mudança do *Châteauroux*, com relação ao manuscrito de *Oxford*, é a citação direta ao rei Marsile, figura historicamente existente, há relatos de um Marsile na infância de Carlos Magno, mas este não era sarraceno (GAUTIER, 1875, p.59)¹⁶⁵, no texto, ele venera a Maomé. Outra informação acrescentada é a definição geográfica da cidade de Saragoça como localizada incrustada em uma montanha:

*Ne trove borc ne castel q'il n'en plagne
Ne mur tant aut q'a terre n'enfragne,
Fors Saragoze au chef d'une montaigne*¹⁶⁶.
*La est Marsille qi la loi Deo n'en dagne,
Mahomet sert, mot fait folle gaagne.*(vers.5-9) (SUBRENAT, 2016, p.68)¹⁶⁷

A preocupação em descrever as localidades, se deve ao desejo de traçar locais de peregrinação, devido esse ser um hábito no período, onde numerosos peregrinos cruzavam o país para rezar diante do túmulos e das relíquias (extremamente destacadas na *Gesta Fierabras*, escrita na mesma época), que popularizaram rotas religiosas como Santiago de Compostela (AUERBACH, 1972, p. 114)

O manuscrito de *Châteauroux* tem como característica as inúmeras descrições de locais e regiões por onde passam às personagens, diferente do manuscrito de *Oxford*, que é de certa maneira mais vago e econômico nas descrições, devido à preocupação em narrar a batalha em si, que é o cerne da narrativa deste.

Nas narrativas da *Chanson* não somente Maomé aparece como “deus” cultuado pelos sarracenos, mas também Apolin e Tervagante que surgirão posteriormente, juntamente com Jupin. Tais divindades eram comuns em diversos textos cristãos como sendo “deuses adorados” pelos pagãos nos séculos XII e XIII, como por exemplo, *Fierabras*.: Descem até a sinagoga, lá estão impostos Tergavante e Apolin, e Margo e Jupin entre outros asnos (v.3157-3159) (KROEBER et SERVOIS, 1860, p. 96) T.A.

Durante o texto há uma referenciação exacerbada e tendenciosas sobre as práticas considerada “pagãs”, sempre mostrando os sarracenos como idólatras, e por outro lado, uma supervalorização da imagem cristã e sua perfeição, para assim valorizar

¹⁶⁵ Tal evento é citado em *Fierabras*, (v. 3727).

¹⁶⁶ Na verdade, Saragoça se encontra numa planície irrigada pelo rio Ebro e seus numerosos afluentes, à época da *Chanson*, ela era conhecida por seus campos agrícolas abundantes e era conhecida como porta de entrada para todas as rotas, com minas de sal e um próspero comércio de peles. (BOSWORTH.C.E; VAN DONZEL, E.; HEINRICHS.W.P AND the late LECOMTE .G., 1997, p. 37). T.A

¹⁶⁷ “Não há cidade nem fortaleza que ele não tenha conquistado, nem muralha, por mais alta que seja, que ele não tenha derrubado, exceto Saragoça, que está no topo de uma montanha. É lá que Marsile se senta; despreza a fé cristã e venera Maomé, esta é uma conduta sem sentido”. T.A.

sua vitória após um longo tempo, representando a estadia na Espanha como uma peregrinação onde sacrifícios serão feitos, em busca de um bem maior: o triunfo da Cristandade.

Mas há textos que falam acertadamente do monoteísmo islâmico como diz John Tolan, ao estudar o texto de Willian de Malmesbury, *Gesta regum Anglorum*, escrita por volta de 1120:

Como na *Gesta regum Anglorum*, William trata do monoteísmo dos muçulmanos e afirma que judeus e muçulmanos adoram o mesmo Deus como os cristãos (a quem ele associa Deus a Pai). Ainda, no plano divino, turcos e sarracenos desempenham o mesmo papel de Nabucodonosor e seus caldeus: flagelos divinos enviados por Deus para punir os pecados de seu povo (então os israelitas, agora os cristãos do reino Cruzado) (TOLAN, 2011, p. 487). T.A.

Em *Châteauroux*, há referência entre os opositores dos cristãos como “pagãos” ou somente “sarracenos”, o que era comum nos séculos XI e XII, podendo ser uma escolha semântica. Mas esse termo também se referia aos não cristãos em geral, podendo enquadrar nesse grupo todos os muçulmanos, assim como saxões, escandinavos, búlgaros, russos, húngaros, ávaros e gregos (KINOSHITA; CALKYN, 2012, p. 32).

E é a tentativa de obter a supremacia político-religiosa num ambiente rico em diversidade de povos e culturas que será a mola motriz de toda a narrativa, espelhando os desejos expansionistas Cruzados tão presentes no século XII.

3. 1. 2 - Combate ao Infiel: Missão Cruzada na Espanha

Durante o século XII haverá uma abundância de fontes que aliam a imagem do cavaleiro e da realeza à peregrinação e as Cruzadas estabelecendo assim precedentes históricos para essas ideias, usando principalmente Carlos Magno como líder exemplar e as campanhas na Espanha como pano de fundo.(STUCKEY, 2008, p. 137)

E para que a boa imagem do cristão fosse ainda mais destacada, era necessário um ponto de oposição, sendo o muçulmano escolhido para isso, ainda que este, realisticamente possua atributos de imagem semelhante, senão com um “padrão civilizatório” mais elaborado, faz os cristãos sem nem mesmo aprofundar seu conhecimento sobre os povos do Oriente edificam negativamente a imagem desses povos sobre isso, Blanks e Frassetto dizem:

Assim, o Ocidente precisa construir uma imagem do muçulmano, do “outro” num processo duplo que veio a dominar o discurso pré-moderno sobre o Islã. Por um lado, criou uma imagem do sarraceno, mouro, ou turco que era totalmente estranho e totalmente mau. Em ambos populares e literatura erudita os muçulmanos eram retratados como covardes, dúbios, lascivos, pagãos autoindulgentes que adoravam ídolos e uma trindade de falsos deuses. Por outro lado, a criação de um estereótipo tão descaradamente falso permitiu cristãos ocidentais definir a si mesmos. De fato, o muçulmano tornou-se, em um sentido, um negativo fotográfico da autopercepção de um ideal cristão de autoimagem, que retratava os europeus como crentes corajosos e virtuosos a um Deus verdadeiro e a única fé verdadeira. Ao rebaixar a imagem de seus rivais, Os cristãos ocidentais estavam aprimorando suas próprias autoimagens e tentando construir autoconfiança em face de um mercado mais poderoso e culturalmente mais sofisticado o do inimigo. (BLANKS; FRASSETTO, 1999, p.3) T.A.

Como perfeição cristã, vemos a figura de Carlos Magno, numa construção imagética de “cruzado” durante todo o século XII, onde essa representação é extremamente explorada (em *Oxford*, essa imagem aparece mais em Roland). *Châteauroux* resgata essa imagem do rei franco retratado em fontes do século X e XII, mostram Carlos Magno indo até a Terra Santa.

Mas a partir do final do século XII e início do século XIII, a maioria das fontes desloca o eixo de ação do imperador carolíngio da Terra Santa para a Espanha, mesmo não sendo Cruzadas, as missões nesse território possuíam um caráter internacional, além de que nessas batalhas os soldados recebiam remissão dos pecados como ocorria nas missões para a Terra Santa.

Interessante perceber que as missões na Espanha não possuíam o mesmo destaque e não eram consideradas Cruzadas, mesmo que as batalhas na Península Ibérica se adequassem à essa ideologia (pois lutavam contra os “infiéis”), tornando-as de certa forma substitutas para aqueles que não foram para o Oriente, elas tinham sua importância, sendo que alguns exércitos Cruzados se dividiam em três frentes: uma na Terra Santa, uma na Espanha e a terceira de combate aos eslavos, onde os membros das duas últimas, desfrutavam dos mesmos privilégios e indulgências daqueles que iam para a Jerusalém (STUCKEY, 2008, p. 142), só não tendo a mesma fama.

Por isso que há uma prevalência das narrativas rolandianas nesse espaço, já que muitas foram produzidas durante ou em resposta ao público que vivia o clima dessas incursões militares.

Deve-se acrescentar que resgatar Carlos Magno e seus pares para o centro das narrativas, trazia sua popularidade e unia-se ao interesse de arrebanhar mais público consumidor, que poucas referências práticas tinham sobre a Cruzada e o infiel, e ao trazer esse contexto para áreas mais conhecidas e próximas, a identificação com a causa e o interesse aumentariam.

Na narrativa, Marsile, em Saragoça se reúne com seus homens e pede conselhos (v.20-22), pois Carlos Magno conquista o país, e queima castelos e devasta as terras, e não há vila ou forte que possa resistir a ele! Essa fala de Marsile mostra a agressividade dos cristãos, que em tese, defenderiam os ideais do amor e perdão.

Entre seus conselheiros está Blanzardin, que sugere a Marsile que envie presentes e riquezas acrescentando a isso, a promessa de se tornar vassalo jurando por São Miguel¹⁶⁸, e fazê-lo governante de toda a Espanha. E se ele pedisse reféns, que Marsile enviasse quinze ou vinte...e mesmo sabendo o risco Blanzardin oferece seus filhos (v.34-57).

Mas porque Marsile aceitaria ceder dessa maneira? Porque se os sarracenos se submetessem por iniciativa própria, teriam algum benefício como propriedades respeitadas, e alguma riqueza mantida...agora se fossem submetidos à força, o tributo a pagar seria duplamente mais duro, e em algumas circunstâncias, seria interessante ceder reféns como forma de fidelidade (REINAUD, 1936, p.22), por isso inicialmente o líder sarraceno pensa em fazer concessões e assim evitar a morte e a humilhação.

Blanzardin continua dizendo que ao fazer isso, Carlos Magno voltará a Aix, e que quando chegasse a data de sua apresentação, Marsile não aparecesse e o imperador, em sua arrogância, mataria os reféns, o que seria perda menor do que perder a Espanha e sofrer dor e infortúnio. Demonstrando assim o apego dos sarracenos ao território, em detrimento a seus descendentes, aqui já vislumbramos uma imagem negativa construída para os sarracenos como traiçoeiros e perjuros.

Com isso em mente, Marsile chama seus emissários e os mandar ir até Cordes¹⁶⁹, onde Carlos Magno está, levando com eles, um ramo de oliveira em sinal de paz, e se os

¹⁶⁸ Aqui vemos um sarraceno usar como referência o calendário e festas cristãs, tal referência aparece em Châteauroux, e ignora o fato de que os muçulmanos entre eles, usavam o calendário Hijri (التَّوْهِيْمُ الْهَجْرِيّ at-taḥwīm al-hijrīy) O calendário islâmico oficial é lunar, com o primeiro ano coincidindo com 622 D.C, a data da migração de Maomé... (hijra) de Meca a Medina. Este calendário foi adotado durante o reinado do segundo califa Umar. O calendário lunar Hijri é utilizado como base para o cálculo nos meses oficiais (ahilla, luas novas), e para determinação das datas para atividades religiosas importantes como o jejum e a peregrinação. T.A. (MARTIN, 2004, p. 449).

¹⁶⁹ Cidade de Córdoba

emissários conseguissem o acordo, teriam em recompensa terras e o tanto de ouro e prata que eles puderem carregar. (v.74-87)

Ele ainda diz que eles devem chegar e pedir em nome do Deus de Carlos Magno (que massacrou todos os sarracenos que se recusavam se converter e se fazer batizar¹⁷⁰), a misericórdia a Marsile e dizer ao imperador, que ele se apresentaria com seus melhores vassalos e se faria batizar, se tornando cristão, e com as mãos juntas se ofereceria a seu serviço¹⁷¹.

3. 1. 3 - Os pares e o Mensageiro

Carlos Magno está sentado sob um pinheiro¹⁷², a esquerda de uma oliveira¹⁷³, quando os embaixadores sarracenos se aproximam, e Blazardin, apesar de muçulmano saúda o imperador franco com a saudação cristã: “Que deus vos guarde” (v.139) em vez de *Assalam Alaikum* اَلسَّلَامُ عَلَيْكُمْ, (Que a paz esteja convosco), cumprimento usual aos seguidores de Allah.

A saudação muçulmana remonta da criação do mundo, segundo o comentarista Abu Hurayrah no Livro do Paraíso (11, 28) do *Sahih Muslim*, essa saudação foi instituída por Allah a Adão:

Allah, o Exaltado e Glorioso, criou Adão à Sua imagem com Seu comprimento de sessenta côvados, e como Ele o criou Ele disse-lhe para saudar aquele grupo, e aquele era um grupo de anjos sentados lá, e ouvir a resposta que eles dão. ele, pois formaria sua saudação e a de sua descendência. Ele então foi embora e disse: A paz esteja com você! Eles (os anjos) disseram: Que haja paz sobre você e a Misericórdia de Allah, e eles fizeram uma adição de "Misericórdia de Allah". Assim, aquele que entrasse no Paraíso ficaria na forma de Adão, seu comprimento sendo sessenta côvados, então as pessoas que o seguiram continuaram a diminuir de tamanho até hoje. (AL-IMAN, 2007, p.237)T.A

¹⁷⁰ Em *Oxford* esse detalhe é suprimido durante toda a narrativa e só aparece ao fim da narrativa “Os pagãos são conduzidos ao batistério; se eles resistem a Carlos, o rei os faz pendurar, queimar ou matar com ferro” (v. 3668-3670). T.A (BÉDIER,1923, p. 278).

¹⁷¹ Marsile se refere ao ritual de *hommage*, ritual feudal que estabelecia vínculos entre o senhor e aquele que se colocava a seu serviço, segundo Marc Bloch: “Numa palavra, a homenagem era o verdadeiro criador da relação vassálica, sob o seu duplo aspecto de dependência e de protecção.”. (BLOCH, 2012, p. 170).

¹⁷² É o símbolo da verdade manifestada. (CHEVALIER, 1982, p. 760). Jean Subrenat acrescenta que A copa da árvore é uma encenação à majestade do Imperador.T.A. . (SUBRENAT, 2016, p. 44).

¹⁷³ Árvore de grande riqueza simbólica: paz, fecundidade, purificação, força, vitória e recompensa T.A. (CHEVALIER, 1982.p. 699).

Blazardin, faz o que é mandado, o imperador o escuta, e pensativo pergunta: - Marsile nunca me amou de verdade. “Pelo que acabou de me dizer, que garantia ele me dará?” (v.171-173)(SUBRENAT, 2016, p.79) . Em resposta, o sarraceno diz que seu senhor oferecerá reféns e será vassalo do imperador franco.

Segundo Adam Kosto, esta modalidade de oferta de cativos eram chamados reféns para submissão, e seriam garantias de aceitação de senhorio, Carlos Magno efetivamente recebeu reféns saxões com essa função: em 775, quando ele os vence em Weser, recebe a submissão de um grupo denominados Eastphalians, que deram seus reféns de acordo com seu desejo e juraram que seriam fiéis ao rei, estes foram seguidos por outro grupo, denominado Angrarii, que também deu seus reféns...

Mas essa submissão durou pouco, no ano seguinte em 776, um mensageiro apareceu na corte reportando que os saxões estavam em rebelião, e que eles abandonaram seus reféns e violaram seus juramentos. Em outras campanhas novamente contra os saxões, novos reféns foram dados e abandonados nos anos de 779,794 a 798.(KOSTO, 2012, p.53).

Carlos Magno vai refletir sobre isso, pega os presentes e aloja os mensageiros, reúne seus barões num conselho, e sentado em seu trono conta as intenções de Marsile, e mesmo sabendo que não é verdade, pede sugestões a seus barões, entre eles Ogier, Geoffroi d’Anjou, personagens acrescentados no texto e originalmente não pertencentes à corte carolíngia.E que segundo Leon Gautier: “sem dúvidas forma imaginadas por algum poeta adulator”(GAUTIER, 1875, p. x).

Ganelon, cunhado de Carlos Magno e padraсто de Roland, além do próprio conde , que desconfia de Marsile dizem que Carlos Magno não deveria acreditar no líder pagão (v. 236-237). E que este sarraceno “comete perfídia em enviar mensageiros com uma escolta que usa palavras de traição, e que portam o símbolo da paz”.

Roland cita a traição anterior de Marsile realizada com Basan e Basile (GAUTIER, 1875, p.23), mensageiros enviados ao rei sarraceno e que foram por ele decapitados, citada brevemente em *Fierabras* e contada mais detalhadamente na gesta *La Prise de Pampelune*, escrita no século XIV.

Ganelon contesta a fala de Roland, dizendo que seria orgulho recusar a oferta: (v. 267-270) (SUBRENAT, 2016, p. 86)¹⁷⁴. Naimes um homem de confiança de Carlos Magno, vê sapiência na resposta de Ganelon e diz que Marsile já está aniquilado, pois o

¹⁷⁴ “Aconselhá-lo a recusar esta oferta é não se importar com o que será nossa morte. Conselhos de orgulho não valem nada, deixe os tolos seguirem os sábios” T.A.

imperador já tinha tomado todos os fortes e vilas, e que o rei sarraceno ainda ofereceria serviço ao imperador, dando reféns como garantia, que seria um erro rejeitar tal proposta.

Diante disso, Carlos Magno pergunta quem poderia deixar a mensagem a Marsile, Roland é o primeiro a se oferecer, o que é objetado por Olivier que alega que seu par tem “um temperamento muito violento e brutal” (v.299). Durante toda a narrativa o temperamento impensado, violento e feroz de Roland é reforçado, numa imagem idealizada do cavaleiro vigoroso, viril e corajoso.

Olivier, o arcebispo Turpin e Naimés também se oferecem, mas são negados pelo imperador, que pede a seus homens que lhes deem um nome de um homem de valor, nesse instante Roland responde: Ganelon, senhor, por causa de sua grande coragem! (v.332). Esse personagem é usado como inspiração em muitas gestas de conflitos entre cristãos e sarracenos na Península Ibérica, geralmente relacionado a situações de traição, crime e conturbados relacionamentos familiares (GRIMBERG, 2019, p.224)

Dentre os pares de Carlos Magno, serve destacar o Arcebispo Turpin, este alcançou fama na Idade Média como autor de uma crônica latina intitulada *Historia Karoli Magni et Rotholandi*, um relato detalhado das campanhas de Carlos Magno contra os infiéis na Espanha.

Só séculos mais tarde foi descoberto que ele não escrevera essa obra, atualmente acredita-se que o texto tenha sido produzido possivelmente na Abadia de Saint-Denis, onde passou por várias mãos durante a primeira metade do século XII.

Na *Historia Karoli Magni et Rotholandi*, há uma carta prefaciando o texto, na qual Pseudo-Turpin dedica sua obra a Leoprando, Decano de Aachen. E dá a entender que o relato fora escrito quando o bispo se recuperava de seus ferimentos em Viena, depois de quatorze anos marchando pela Espanha com Carlos Magno e seus exércitos. Nesta versão dos acontecimentos, portanto, Turpin não pereceu com a retaguarda em *Roncevaux*; ele sobreviveu à batalha porque estava com o imperador no exército principal. Nesta carta, a crônica é expressamente apresentada como um relato de testemunha ocular das façanhas militares de Carlos Magno (GERRITSEN; VAN MELLE; GUEST, 1998, p. 286) ¹⁷⁵.

¹⁷⁵ A própria *Chanson* faz referência ao arcebispo como autor da história relatada sobre a batalha de *Roncevaux*.

Ganelon ao ser chamado por Carlos Magno, demonstra seu descontentamento com a missão e desafia Roland na frente do imperador, e diz que até o fim do ano o imperador cessará de ver Roland, Olivier e os doze pares e que pagará caro e Roland sentirá raiva e dor.

O cunhado do imperador prossegue dizendo que ele está sem outra proteção e assim como Basile e Basan será mal recompensado, diante de tantas queixas Carlos Magno é enérgico e chamando o cunhado de bandido, o amaldiçoa e fala de traição, e ameaça, de que se Ganelon desertasse, nem todo o ouro do mundo o protegeria. (vers.358-363)

Mas porque Ganelon fica tão indignado? Porque Marsile já matara outros emissários no passado e Carlos Magno ainda reluta em enviar outros de seus homens, que aos olhos de Ganelon, poderiam ser mais “uteis ao rei do que ele”, que transfere aos pares um pouco da raiva que ele tem pelo enteado.

No manuscrito de *Oxford*, Roland após as reclamações de Ganelon se oferece a ir em seu lugar:

*Respunt Rollant : « Orgoill oi e folage.
Ço set hom ben n'ai cure de manace.
Mai saives hom il deit faire message :
Si li reis voelt, prez sui por vus le face »*(vers 292-295) (BÉDIER, 1923, p. 24)¹⁷⁶

Ganelon recusa tal proposta, dizendo ser sua obrigação ir por ele ser vassalo de Carlos Magno. Voltando a *Châteauroux*, Ganelon mantém as ameaças a Roland e ainda queixoso, ele fala de seu filho Baudoin, que também é um herói em sua saga épica:

“na *Chanson des Saisnes*, de Jean Bodel, "a Canção dos saxões", escrita entre 1180 e 1202, o herói Baudouin, meio-irmão de Roland, morre no campo de batalha por falta de experiência como comandante. Quando os saxões o atacam, Balduíno rejeita o conselho de sua esposa Seville e seus barões para pedir ajuda a Carlos Magno, ele alegava que era muito cedo para pedir ajuda, e como jovem solteiro (ainda buscando seu lugar na sociedade), via que era seu dever ganhar renome e conquistar novas terras. Apenas relutantemente ele dá ouvidos à insistência de Seville e envia um pedido de ajuda. [...] Finalmente, quando Carlos Magno vem com reforços, os francos são dominados pelos saxões e Balduíno e

¹⁷⁶ Roland responde: "Trata-se de orgulho e loucura. Nós sabemos bem, eu não me importo uma ameaça; mas para uma mensagem :você precisa de um homem de bom senso; se o rei quiser, estou pronto: eu farei em seu lugar. T.A.

outros guerreiros líderes são mortos, embora Carlos Magno consiga a derrotar os saxões.”(NICHOLSON, 2004, p.31-32) T.A.

Ganelon fala de sua esposa, a mãe de Roland, Berthe, que aparece em relatos que trazem a hipótese de que Carlos Magno seja o pai de Roland, devido a inexistência do nome do pai do herói, e por isso seu apego ao cavaleiro.

Desde o século IX, há registros em alguns textos que falavam do incesto cometido por Carlos Magno, que amplificaram os rumores acerca de tal figura importante, textos como *La Vision de la pauvre femme de Laon*, *La Vision de Wettin*, *La Kalamagnus saga* e o mais enigmático, o texto *Ronsasvals*, escrito no século XIV, romance occitânico escrito em dialeto provençal.(WALTER, 2010, p. 131). Tudo são conjecturas, haja visto que até mesmo a existência de Roland não é totalmente comprovada.

Sobre a ligação de Carlos Magno e sua irmã, Jacques Le Goff diz:

Pouco após sua morte, surgem comentários sobre o seu pecado. Carlos Magno soube camuflar, com a ajuda da Igreja, a ruptura com várias de suas esposas, o que revela a poligamia do rei franco. A afeição intensa demais que o imperador demonstra por suas filhas tão logo abre uma brecha para a suspeita de incesto. E, como esta suspeita nasce facilmente com relação aos heróis reais, o que já vimos aqui, o pecado de Carlos Magno consiste no incesto com sua irmã, cujo fruto é Roland. (LE GOFF, 2013, p. 63-64)

Isso explicaria de certa maneira, o apego tão grande do imperador por seu sobrinho, que tem posição junto aos pares, como seu principal cavaleiro e esteio, considerado na narrativa, seu braço direito. E sucessor direto de Carlos Magno na narrativa, que nessa versão não mostra nenhum dos filhos do rei franco, que em Oxford apresenta somente a citação de Louis, que mais tarde receberia o título de O Piedoso.¹⁷⁷

Ganelon antes de sair acusa que o enteado está possuído pelo diabo, e que Carlos Magno está errado em confiar no sobrinho, além de antes de partir de certa maneira, declara sua intenção:

*A Saragoze irai sanz conpegnie
Nus n'i vait la qi n'em perde l'avie
Anz en ferai auques de lezerie*

¹⁷⁷ According to the concluding portions of the Vita, Charlemagne made his sole surviving son Louis (the Pious) his heir, and crowned him emperor at Aachen. (McKITTERICK, 2008,p. 9).

*Vers trestoz cels qi ceste m'on bastie*¹⁷⁸ (v.422-426)
(SUBRENAT, 2016, p. 99)

Carlos Magno reforça o que Ganelon deverá dizer: que Marsile seja seu vassalo, que ele declarará a livre possessão de metade da Espanha, e que outra metade ficará com Roland (KROEBER et SERVOIS, 1860, p. 182)¹⁷⁹ ...se o sarraceno recusasse, enfrentaria uma grande armada, então será preso brutalmente acorrentado e queimado numa fogueira como um bandido vulgar, morrerá em dor e desonra e será após o julgamento, executado. (v.438-452).

Divisão territorial semelhante é feita em *Fierabras*, onde o rei de Alexandria herda uma parte e o esposo de sua irmã Floripas, Gui de Bourgogne, herda a outra metade (v.6021-6022).

Ganelon demonstra fraqueza e se acovarda, mas ao fim parte, com alguns de seus melhores amigos, vindos das maiores famílias da França, mas envolvido em raiva e ressentimento contra seu enteado. E com os sarracenos fala das conquistas de Carlos Magno e seu pares.¹⁸⁰

Após algum silêncio, Blanzardrin, indaga a Ganelon sobre o que ele está pensando, o franco responde que Roland é o responsável por ele estar ali e acusa o enteado de convencer Carlos Magno a dominar tudo (v. 558-587). Aqui vemos a manipulação de Ganelon, construindo uma imagem ambiciosa e astuciosa de seu enteado, na tentativa de ter Blanzardrin de seu lado.

E consegue tal intento, ao ouvir do sábio sarraceno que Roland é um homem cruel, por querer aniquilar tantos reis bons e submeter tantas terras a seu tio, Ganelon acrescenta que ele consegue isso graças aos valentes e corajosos francos, que o ajudam a dar riquezas e armas ao rei que faz tudo o que Roland quer, e que o enteado fará o mal a Saragoça (v.588-600)

O sarraceno observa o belo Ganelon (v.605- 607) que também tem esse atributo exposto no *manuscrito de Oxford* - Ele é tão bonito que todos os seus pares o contemplam”. (v.285) (BÉDIER, 1923, p.22) (T.A). Mas Blanzardrin também entende que por trás da beleza física, o nobre franco tem um olhar enganoso (v. 607), e

¹⁷⁸ Irei a Saragoça sem escolta, ninguém vai lá sem perder a vida, mas cometerei alguma perfídia contra aqueles que me colocaram nesta situação. T.A

¹⁷⁹ E na narrativa de *Châteauroux* confirma a importância de Roland, que seria na Espanha herdeiro direto do imperador.

¹⁸⁰ Aqui eles fazem alusão à narrativas de Carlos Magno e os doze pares, como Roma, Puille e Calábria na *Chanson de Aspremont*, Sansoigne na *Chanson de Saisnes*, e da não conquistada Constantinopla, onde ele fizera uma expedição pacífica relatada na *Voyage de Charlemagne à Jérusalem et à Constantinople*. (SUBRENAT, 2016, p. 107).

percebendo nesse desvio de caráter, o vício da felonía: assinalado como uma falta do vassalo com relação a seu senhor, uma traição, que feria a fidelidade, elemento importante para a manutenção do sistema feudal.

Essa fidelidade que a partir do século XII, com o retorno das cortes à cidade se torna mais maleável, devido às novas formas de adquirir os meios de sobrevivência, seja servindo ao senhor, seja negociando senhorias. Para Georges Duby: “No século XII, o dinheiro volta a ser o nervo da guerra, ou seja, do poder. Penetra em todas as relações de sociedade, e a tudo modifica” (DUBY, 1992, p.162).

Ganelon ouve a pergunta se ele não desejaria se vingar de Roland e que se ele o quisesse, Marsile poderia ser generoso, ao fim ambos concluíram que desejavam em comum ferir e abater o orgulho de Roland além de matá-lo. Logo que chegam à Saragoça, Ganelon vai imediatamente até Marsile, e aqui, o poeta decreta... “Este momento que o conde Roland foi vendido” (v. 638), numa clara alusão ao episódio bíblico da traição de Cristo.

Durante toda a narrativa veremos referência entre Ganelon e Judas Iscariotes, que venderam e traíram, essa relação também está presente na Divina Comédia, no canto XXXII, do Inferno, onde ambos estão no Cócito, o círculo de gelo onde estão presos traidores do próprio sangue, da pátria, dos amigos e dos benfeitores e dos senhores (ALIGHIERI, 1955, p. 244).

Diferente de *Oxford* onde pouco sabemos dos sentimentos de Ganelon, em *Châteauroux*, o vemos ansioso (v.635), nervoso e irado (v.641), essa expressividade se dá à influência do *roman courtois*¹⁸¹, numa evolução narrativa decorrente das transformações sociais que exigiam tramas mais elaboradas, por meio de uma renovação da mentalidade cavaleiresca (DUBY ;MANDROU, 1968, p.133).

Ou seja, de uma produção para outra é visível uma progressão narrativa, no desenvolvimento do enredo, mesmo que em ambas o foco central seja a batalha, agora observamos um avanço substancial no que tange ao detalhamento de cenas anteriores e posteriores ao combate. Há a emergência de um complexo entrelaçamento de estratégias

¹⁸¹ O romance cortês que faz sua aparição no século XII, e se difere das canções de gesta no que diz respeito à sua elaboração, nas suas fontes e nas suas intenções: na sua elaboração, porque os metros, e a rima sofrem modificações; nas suas fontes porque as mudanças socioculturais do período exerceram grande influência na temática dessa literatura narrativa, como por exemplo, os novos influxos do amor cortês na lírica meridional; e nas suas intenções, porque, ao contrário das canções de gesta, que eram poemas destinados a ser cantados ou declamados perante grande público, os romances cortesões eram narrativas versificadas que visavam a um público restrito, mais refinado, um público leitor - não somente um público ouvinte. (SPINA, 2003, p.185).

de poder que espelham a realidade das cortes. Essa evolução busca cativar uma audiência que não mais se contenta com a simplicidade anterior das tramas das gestas.

Voltando à narrativa, Blanzardrin saúda seu senhor evocando a proteção de Maomé, juntamente com a de Apollin, e diz que a mensagem fora transmitida, e que o imperador enviara um de seus nobres barões, e o rei pede que este se manifeste.

Ganelon reproduz a mensagem de Carlos Magno de que ele aceitaria os termos do rei sarraceno, e se Marsile recusasse, seria conduzido como prisioneiro a Paris, morrendo dolorosamente. O rei ouve tudo, fica furioso, e ameaça Ganelon mas o franco é aconselhado pelos pagãos a não reagir pois estava sozinho (v.654-697)

O algalife¹⁸² responde a Ganelon alegando ele está errado, o franco se defende e diz que não se importa se Marsile está com raiva, mas sim com o que Carlos Magno impôs. Nesse momento são demonstradas as qualidades do líder sarraceno, algo inexistente em Oxford, nessa versão mostram Marsile como alguém de grande cultura e inteligência, sendo um erudito na teologia pagã (v.740-741), e um excelente jurista (v.772).

Esse trecho demonstra que Marsile não é um inimigo inconsequente que se move pela ira, mas sim é racional e pondera suas decisões. Marsile dotado de tais capacidades, exerceria, hipoteticamente dentro da sociedade islâmica, a função de *fiqh*:

فقه, originalmente traduzido como "compreensão, conhecimento, inteligência", e aplicada a qualquer ramo do conhecimento, tornou-se o termo técnico para a jurisprudência, a ciência da lei religiosa no Islã. Isso é, como a *iurisprudencia* dos romanos, *rerum divinarum atque humanarum notitia* e em seu mais amplo sentido, abrange todos os aspectos religiosos, políticos e vida civil. Além das leis que regulamentam rituais e observâncias religiosas, contendo ordens e proibições, abrange todo o campo do direito de família, o direito das sucessões, da propriedade e dos contratos e obrigações, em uma palavra disposições para todas as questões que surgem na vida social (*mu'āmalāt*); isso também inclui o direito penal e processual e, finalmente, constitucional e leis que regulam a administração do Estado e da condução da guerra." (LEWIS; PELLAT; SCHACHT, 1991, 886)¹⁸³T.A

Em resposta, a Carlos Magno, ele queima a proposta, e convoca seu conselho, após deliberações, manda chamar Ganelon. E nesse momento a traição foi tramada entre eles (v.791). Marsile fala calmamente com o cunhado do imperador, e se desculpando por sua conduta, oferece presentes valiosos, que Ganelon aceita.

¹⁸² ALGALAFE-s.m- Kalifa (GODEFROI, 1883, p. 222).

¹⁸³ Tal função sofre variações no decorrer da história islâmica e na mudança de dinastias.

Essa profusão de riquezas é uma característica comum aos reis sarracenos descritos nas *Chansons*, assim como seu comportamento desmedido, como diz Aman Nadhiri:

Além de seu lugar como figuras literárias, os monarcas sarracenos também apontam para percepções medievais da Europa Ocidental sobre o mundo muçulmano. O rei sarraceno é a personificação do poder e da riqueza das sociedades muçulmanas do Oriente Médio, Norte da África e partes da Europa durante a Idade Média, particularmente em relação a grande parte da Europa Ocidental. Em um momento em que as imagens da riqueza e sofisticação do mundo muçulmano ainda durou, os sultões sarracenos e imperadores dos romances, com sua arrogância, sua presunção de superioridade sarracena, e seu consistente comportamento agressivo para com os personagens cristãos, pode revelar tanto sobre os sentimentos europeus de inadequação, assim como as maneiras pelas quais os muçulmanos foram satirizados na literatura medieval. De fato, como o escritor Mandeville lembra a seu público, as armadilhas materiais do mundo muçulmano poderiam ser sedutoras para cristãos que não eram firmes em sua fé. No caso dos reis sarracenos, sua eventual derrota nas mãos de heróis cristãos, e a diminuição do poder sarraceno nos textos, serve para minimizar essa ameaça até certo ponto.” (NADHIRI, 2017, p. 110) T.A

Ganelon responde mostrando respeito a Carlos Magno, e por isso tem ciúmes de Roland, além disso, ele é ambicioso, mas a vontade de obter bens, é menor do que o desejo de conquistar as boas graças do rei.

Marsile indaga como mesmo tendo uma idade avançada, o imperador consegue conquistar tanto, e Ganelon diz que que Roland e Olivier o ajudam liderando as forças militares do monarca franco, e sugere que se Roland e Olivier morrerem, a pujança de Carlos Magno cessará. (v.858-860).

Carlos Magno durante toda a narrativa e caracterizado com cabelos e barbas brancas, como se o autor quisesse passar por essa imagem uma aura dos patriarcas do Antigo Testamento, mesmo que à época da Batalha de *Roncevaux*, o rei franco não tenha sequer idade para possuir tal aparência:

Ele é retratado não como poderia realmente ter se parecido num momento particular da história - no ano de 778, por exemplo, na época da batalha de Roncevaux - mas como ele pode parecer aos olhos de Deus, assistido por santos e anjos. É assim que, por um processo de distorção comum ao processo épico, onde imperador se torna notável por seus cabelos e barba brancos esvoaçantes ... É assim que Marsile o caracteriza com a confiança de que seu inimigo tenha mais de duzentos anos de idade embora na época de sua expedição à Espanha, *Li imperador* tivesse não mais de trinta e seis e não teria sido coroado imperador vinte e dois anos depois. ... Ao longo do poema Carlos Magno, patriarca, é imaginado com o respeito devido à sua posição -

uma posição que de acordo com a hierarquia do poema está entre a de Roland e a dos anjos (NILES, 2020, p. 130).

O rei sarraceno pergunta poderiam superar Roland e Olivier, Ganelon explica que se colocassem o sobrinho do rei e seu par na retaguarda quando o exército franco retornasse à França, poderiam atacá-los de surpresa e assim matar aos dois, acabando com a guerra.

Marsile jura sobre o livro, que contêm a lei de Maomé, Tervagante¹⁸⁴ e dos outros deuses (v.896-899), que matará Roland, nesse momento Ganelon decreta: Os doze pares não sobreviverão (v.905).

Os sarracenos se reúnem e nesse momento vemos uma diversidade de cavaleiros que servem a Marsile, como Valebron, o pagão mais perverso de toda a Espanha (v.905-925), Clibouins, brincalhão, sorridente que promete a Ganelon que matará Roland (v.926-937), Brant de More que dá um magnífico corcel ao padasto de Roland, e Bramimonde, a esposa de Marsile, que se aproximando do nobre franco, lhe dá dois braceletes de grande valor e pede que ele entregue a sua esposa¹⁸⁵ (v.938-952). Marsile o toma o franco pela mão, o chama de amigo, e dá a ele muitas riquezas¹⁸⁶, para assim dar andamento ao plano fatal.

3. 2 - Rei dos Francos, Reis Capetíngios

Nas narrativas rolandianas quando é traçada a imagem de Carlos Magno adulto, ele recebe duas associações: a do rei sábio, aproximando-o à figura bíblica, paternal e protetor de todos e a do rei guerreiro, feroz e determinado que lidera e toma decisões.

Na primeira parte de ambas as versões da *Chanson* vemos Carlos Magno mais reservado e mais concentrado em ações decisórias em seu conselho, mesmo que no manuscrito de *Châteauroux* ele apareça mais enérgico e mais altivo, até mesmo autoritário sem perder o ar solene que remete aos grandes patriarcas e juizes bíblicos.

Na segunda parte temos Carlos Magno como um guerreiro implacável, de força e vícios físicos quase incompatíveis com a imagem retratada inicialmente, mas

¹⁸⁴ Segundo Geoffrey Chaucer, Tervagante em tradução do francês antigo de Termaugant ou Termagant, uma entidade que nos romances medievais aparece como deidade maometana, numa associação que os cruzados fizeram dos sarracenos como seguidores dela. T.A (CHAUCER, 2008, p. 1918)

¹⁸⁵ A aparição de Bramimonde e o ato dela entregar presentes, não ocorre em *Oxford*;

¹⁸⁶ Um anel de Cristal cinzelado; dez mulas carregadas de ouro refinado. T.A (SUBRENAT, 2016, p. 134).

condizente com os monarca ideal da época das Cruzadas, um rei que parte para o campo de batalha.

Pode-se dizer que na primeira parte da *Chanson* especificamente no manuscrito de *Oxford*, Carlos Magno se pareça mais com Louis VI, preocupado com assuntos menores como conflitos entre os homens de sua corte e problemas em escala reduzida, mais localizada com Marsile e seu exército sarraceno.

Na segunda parte, podemos fazer um paralelo entre a figura do imperador carolíngio com Philippe Auguste, pois ambos saem de seu espaço de liderança e partem para o confronto armado contra o inimigo que apresenta um exército em escala mais ampla, formado não por pequenos senhores, mais reis e lideranças mais politicamente estabelecidas e organizados. Numa configuração semelhante à Terceira Cruzada na Terra Santa.

Ganelon retorna e mente aos francos dizendo que o rei sarraceno concordara com os termos onde ele iria se apresentar na França com mil jovens que receberiam armas do imperador¹⁸⁷, e que estes só voltariam à Espanha sob autorização.

Ganelon é tão convincente e Carlos Magno acredita (v.996-1023). Isso mostra que Carlos Magno aparentemente apresenta uma dubiedade imagética, ora ele é o rei imbatível, ora apresenta uma certa ingenuidade:

Por um lado, ele é constantemente elogiado. Por outro lado, ele faz muito pouco. Ele procura o conselho de seus senhores e o aceita quando é dado. Ele parece ser enganado por Marsile e Ganelon. Na maior parte do poema, ele parece um pouco mais do que uma figura de proa, enquanto a atenção do público é comandada pelo alto drama da traição de Ganelon e da morte de Roland (NILES, 2020, p.123)

Mas essa imagem se modifica no decorrer da narrativa, principalmente em *Châteauroux*, onde veremos um Carlos Magno com traços mesclados de personalidade à semelhança dos reis Philippe II e seu pai Louis VII monarcas reinantes à época da escrituração de *Châteauroux*.

Essas duas fases de Carlos Magno na narrativa pode-se dizer, mostram o avanço da monarquia capetíngia em sua trajetória de consolidação do poder real de maneira gradativa através de uma série de medidas administrativas, que aglutinavam as estruturas jurídicas e de governança novamente na figura real, que traz para si uma simbologia que demonstra eficiência no campo político, econômico militar e religioso.

¹⁸⁷ Tornando-se assim vassalos de Carlos Magno.

Em *Oxford* vemos um monarca de presença mais discreta, com traços parecidos com o monarca do período Louis VI, um rei que desejava atrelar seu nome ao de Carlos Magno, pois queria sobrepujar as críticas que apontavam sobretudo sua aparência.

Segundo Jean Dufour, ao atingir a idade adulta, Louis VI não mais exibe as características do príncipe elegante e formoso que seu biógrafo Suger descreve no início de sua obra sobre o monarca. Ele certamente ainda impressiona com sua eloquência e imponente estatura, mas seus olhos se tornaram encurvados (*chassiseux*) e ele se tornou corpulento, chegando a um estado de obesidade. Múltiplas fontes reforçam esse fato, atribuindo a ele apelidos como "Grossus," Crassus ou Pinguis. Essa condição de obesidade era hereditária; Bertha da Holanda também sofreu com esse problema, de acordo com Guilherme de Malmesbury, o que supostamente levou Philippe I a abandoná-la em favor de Bertrade de Montfort. O próprio Philippe I, nos últimos anos de vida, estava envergonhado de sua aparência devido à obesidade, o que o deixou sonolento e incapaz de lutar, contribuindo de alguma forma para sua "abdição" em favor do filho antes de sua morte.

Além da herança genética, outras razões contribuíram para a obesidade de Louis VI, incluindo uma alimentação desregrada e voraz, traços que ele aparentemente herdou de seu pai. No entanto, é possível ir mais a fundo na análise dessa condição. Termos como "corpulentus" e "pallidus," usados por Orderic Vital, sugerem que o excesso de peso estava acompanhado de palidez, o que, na perspectiva da medicina moderna, poderia indicar inchaço e problemas hepáticos.

A obesidade de Louis VI teve impactos em sua vida. Sua impotência se tornou tão significativa que ele precisava de apoio de braços fortes para enfrentar terrenos difíceis durante sua expedição a Auvergne em 1126. Além disso, ele enfrentou dificuldades ao liderar a campanha da Flandres em 1127 devido a seu peso excessivo. Esse fator não apenas limitava a mobilidade do rei, mas também era agravado pelas lesões decorrentes de sua dedicação apaixonada ao combate (DUFOUR, 1990, 470-471).

Para mitigar isso, Louis VI, queria associar sua imagem ao epíteto da monarquia forte, crescente e temida de Carlos Magno, além disso também apresentar qualidades de defensor da Cristandade e de compaixão cristã.

Louis VI, às vezes chamado de rex catholicus e christianissimus, liderado como cristão como rei e indivíduo, cuidando das igrejas e protegendo os pobres. Rei

Taumaturgo, ele cura escrófula¹⁸⁸, como Roberto, o Piedoso, e Philippe I fizeram antes dele. Pessoalmente, ao longo da sua vida realizou atos de caridade e de piedade.

Ainda aliando-se à imagem de Carlos Magno, o rei tem como chancelaria ao assumir o trono de *Ego Ludovicus Dei gratia Francorum rex*¹⁸⁹, numa clara alusão ao reinado franco consolidado pelo imperador carolíngio, imagem forjada desde seu nascimento:

Este filho primogênito - recebeu nome de Luis. Ou seja, de Clóvis. Um nome real. Ora, os nomes adotados então eram sempre os de um ancestral, e teria sido falta grave, impensável, tomar um nome de outra linhagem. Mas sobretudo, nas famílias de cepa carolíngia próxima, ninguém ousara ainda retomar o nome de Luis, nem o de Carlos. A decisão tomada em 1078 era, portanto, gravíssima. Seja como for, a coisa equivalia a revestir com um manto de brilhante glória aquele que teria o nome do primeiro rei cristianizado dos francos. -[...] devemos ver nele o iniciador de um retorno deliberado às próprias fontes das mais altas pretensões monárquicas.(DUBY, 1992, p. 129-130)

Tendo em vista tal ascendência, o rei não se desligará de importante referência, usando-a durante seu reinado desde jovem¹⁹⁰ até a vida adulta como uma comprovação prévia de sua eficiência como governante, mesmo que até o fim da vida ele tenha lutado contra insurgências a sua autoridade monárquica (LE BAS, 1841, p.172), ele ainda se mantinha ligado a identificação como sucessor de Carlos Magno: “Os capetíngios sempre se arvoraram em autênticos herdeiros da dinastia carolíngia”. (BLOCH,1999, p. 70)

Louis também será o primeiro rei capetíngio a se proclamar rei da França. Numa carta enviada ao papa Calisto, Louis proclamava-se “rei da França, não mais dos francos e filho particular da Igreja Romana”(DUBY, 1992, p. 135), e esse título passa na

¹⁸⁸ Dom descrito por Guilbert de Nogent :“Que digo eu?! Não temos visto nosso senhor, o rei Luis, usar um prodígio costumário? Com meus próprios olhos , vi doentes que sofriam de escrófulas no pescoço ou em outras partes de corpo ocorrer em profusão, a fim de ser tocados pelo rei [...] Seu pai Filipe, também exercera com ardor esse mesmo poder miraculoso e glorioso. Não sei que erros cometidos por ele fizeram que o perdesse”, Nogent que acrescenta que tal habilidade não é indicio de santidade, mas que tais prodígios são obra de Deus , os homens são instrumentos d’Ele, mesmo que estes sejam ímpios. Guibert de Nogent, *De pignoribus sanctorum*, I. (BLOCH, 1999, p. 53).

¹⁸⁹ Eu Luís, a Graça de Deus, rei dos Francos. T.A

¹⁹⁰ Sobre a juventude desse príncipe, temos apenas os relatos de Suger. Conforme o costume que, de acordo com este historiador, também foi seguido por Carlos Magno e seus herdeiros, ele foi criado e educado na abadia de Saint-Denis. Lá, ele permaneceu até atingir a idade de doze anos, o que ocorreu por volta dos anos 1092 ou 1093.T.A (LUCHAIRE, 1890, p. XII).

narrativa a denominar Carlos Magno (v.1911/v.5192) (SUBRENAT, 2016, p.204 e 428)¹⁹¹, que à sua época jamais tivera conhecimento de tal denominação.

Jean Bradbury ao escrever sobre Philippe Auguste, o neto de Louis VI, reinante à época da divulgação da versão de *Châteauroux*, conta que este também demonstrava manter sua imagem aliada a figura do imperador Franco, que no texto desse período mostra um Carlos Magno mais altivo, respeitável e temível, aos moldes do monarca reinante.

A "*Tours Chronicle*" retrata Philippe nesse período como um homem elegante, com estatura bem proporcionada, sorriso expressivo, calvo, de pele avermelhada, apreciador de comida e bebida, e inclinado à sensualidade. Ele preferia vestimentas simples e comunicava-se com poucas palavras, porém impunha temor. Sua habilidade de tomar decisões rápidas era conhecida, mas também estava aberto a receber conselhos. Geraldo de Gales, ao observar a situação, pensou que Philippe estava ansioso para recuperar terras perdidas, o que o levou a exclamar: "Será que Deus nunca permitirá a mim, ou a outro rei da França, a glória de restaurar ao reino da França sua antiga propriedade e grandeza que existia no tempo de Carlos Magno?"

Embora essa visão seja colorida em retrospectiva, serve como um lembrete de que, na época, as ambições de Philippe pareciam grandiosas para alguns. Os interesses históricos do momento eram marcados pelas conquistas de Carlos Magno, revestidas de um tom glorioso e associadas a um império franco. Por várias razões, os contemporâneos de Philippe enfatizaram sua conexão com Carlos Magno e buscaram paralelos entre os dois governantes (BRADBURY, 2013, p. 107). Avô e neto desejavam ter suas imagens aliadas ao imperador e isso se traduz na confecção dos textos da *Chanson de Roland*, em suas duas versões.

Philippe contrário de seu avô era reconhecido por suas façanhas e admirado por sua capacidade política e vigor em batalha (LE BAS, 1841, p. 176-177), bem semelhante ao Carlos Magno decidido e conhecedor do jogo político expresso no manuscrito de *Châteauroux*.

No decorrer da narrativa, a comitiva franca se prepara para partir, e no caminho, desmantelam fortalezas e destroem inúmeras vilas (v.1026-1027). Enquanto isso, os pagãos se preparam sem fazer barulho. Nesse momento, Carlos Magno tem o primeiro sonho: ele estava na França, em Aix sua casa, onde ele luta com um urso, que rasga seu

¹⁹¹ Se Carlos que governa a França entende/ O rei da França não vai parar T.A.

braço até o osso, um leopardo estava correndo da Espanha, ele estava indo em direção a ele sem hesitação.

Ele descera do palácio ¹⁹² uma imprecisão histórica, pois na época da batalha 778, não havia esse palácio, sendo que Aix, só assume esse caráter em 794, essa cidade está localizada na antiga cidade romana de Aquisgrano, atualmente a cidade se chama *Aachen* e se encontra na Alemanha, bem próxima da fronteira com a Bélgica (BANFIELD, 1988, p.48)

No sonho, Carlos luta contra o urso, quando Roland chega e luta contra a fera lhe cortando a orelha direita, em seguida, ele se volta e luta contra o leopardo. Carlos conta seu sonho aos francos, que não compreendem o que significa. (v.1053-1069)

Sonhos são recorrentes e no Medievo eram vistos com ressalvas, desde a época carolíngia, só reis e homens da Igreja eram totalmente tidos como sonhadores confiáveis, mulheres e pessoas comuns eram quase sempre alvo de dúvidas podendo até mesmo serem acusados de objetos da ação demoníaca:

Advindo das heranças da antiguidade e bíblica, sendo esta a mais preponderante, havia uma desconfiança sobre os sonhos, na qual santos, assim como reis, monges e clérigos tinham maior propensão a sonhos verdadeiros de ordem divina, enquanto homens simples, leigos e sobretudo, mulheres tinham menos possibilidade. Essa configuração se dá principalmente no primeiro milênio, onde há uma maior influência da tendência dualista da Igreja: Deus e diabo, sonhos verdadeiros e falsos, homens da Igreja e leigos simples...A era carolíngia vê uma forte promoção dos sonhos reais, o imperador sonha e seus súditos sonham com ele e para ele, e todos os sonhos acabam definindo um verdadeiro modo de governo pelas informações e “sinais” divinos que dizem respeito ao destino do império em geral e mais ainda, do soberano, em sua existência terrena e na vida que lhe é prometida no futuro.(SCHMITT, 2001, p. 301-302) T.A

Em *Oxford*, o sonho é um pouco diferente e ocorre ao final da narrativa dando a certeza de que o urso seria Ganelon: Carlos Magno estava na França, em Aix, lá surge um urso acorrentado e ele o segura, enquanto faz isso, um grupo com mais trinta ursos aparecem e estes falam com o imperador: "Senhor, entregue-o a nós! Não é justo que vós o segure por tanto tempo. Ele é nosso parente, nós daremos nossa ajuda" (v. 2555-2562).(BÉDIER, 1923, p. 194) T.A. Nesse sonho, os outros ursos são os familiares de seu cunhado, que pedem por ele quando este será julgado.

¹⁹² Uma imprecisão do autor que coloca Aix como palatium, que em seu sentido institucional significaria a comitiva administrativa central do monarca franco, em sentido concreto, lugar de exercício e representação do poder civil, é o edifício ou complexo monumental onde o rei se senta . (BARBIER, 1990, p. 249).

Sobre a manifestação de animais em sonhos, há aqueles mais recorrentes como leões apresentam simbolicamente dupla significação, outros são inteiramente maléficos como serpentes, e há aqueles que exprimem a manifestação do bem como a pomba.

Os ursos são ambíguos, segundo a Bíblia, eles aparecem como traiçoeiros (Lm 3:10: Am 5:19), mas também bondosos [...] a atitude de dar forma aos filhos lambendo-os quando nascem são uma alegoria para a vida cristã, cujo o homem espiritualmente ao nascer e moldado pelo Espírito Santo através do batismo (PAPA SICCA, 2011, p. 249)

Nas versões da *Chanson* vê-se que a aparição do urso se refere ao primeiro caso, como como violento, perigoso, e incontrollável (CHEVALIER, 1982, p.718). Já o leopardo simboliza o orgulho, mas também é um caçador feroz, hábil e forte, pode-se ver neste leopardo monstruoso a imagem de uma calamidade irresistível que se aproxima com rapidez desenfreada (Ibd.,564-565)

A comitiva se prepara para partir e Carlos Magno indaga quem ficará na retaguarda e na vanguarda, Ganelon responde que será Roland e Ogier. Roland se aproxima e diz:

Escute-me, justo imperador, quero dizer-lhe meus pensamentos: por Nosso Senhor que sofreu Sua Paixão, os doze pares foram vendidos. Dê-me o arco, a luva e o bastão. Dou-lhe minha palavra de que não o veremos escapar de mim como fez no Ganelon quando ele fora até o rei Marsile, ele traiu, eu atesto diante de vós. T.A (v.1098-1109) (SUBRENAT, 2016, p.144)

Aqui Roland é ciente do que o aguarda, diferente de *Oxford*, onde Roland parece se dar conta da traição somente no ato da batalha. Vendo isso, indaga-se, por que mesmo sabendo disso, Roland vai para retaguarda, seria seu destemor pelo destino? Ou a preocupação do autor em manter a narrativa apesar do acréscimo sobre o conhecimento da traição?

Acredito que seja pela segunda opção, pois vemos que mesmo todos sabendo do ato traiçoeiro, nenhuma personagem modifica sua ação, mantendo-a em consonância com *Oxford*, apesar de que a todo momento demonstrem ciência da traição, em *Oxford*, somente Carlos Magno sabe de tudo, devido seu contato acentuado com o divino.

O duque Naimés desconfia de Ganelon, pois sabe do ódio e ressentimento deste contra Roland, e por isso recomenda ao imperador que Roland, tenha reforços. (v.1110-1124)

O imperador chama seu sobrinho e demonstrando grande zelo e cuidado com ele, diz:

“Senhor meu sobrinho, escute-me, em nome de Deus, eu vou vos dizer, saiba bem; tu comandarás a retaguarda de boa vontade. Tu terás sob suas ordens todos os melhores meus barões, serás ainda mais temido” T.A. (v.1130-1134) (SUBRENAT, 2016, p.144) T.A

Em resposta, Roland pede que o tio se tranquilize, e que prefere morrer a se humilhar dessa maneira pedindo ajuda, solicita que seu tio atravesse em segurança e que seria errado temer alguém. Nessa fala Roland revela sua insensatez e certa arrogância em se achar imbatível, além de orgulho que o fará pagar um alto preço.

Com Roland, ficam Olivier, seu par, Gérin e Gérier, o conde Oton, o duque Bèrenguer, Hunet, Engelier da Gasconha, Estout de Langres, o conde Gautier. E com eles, o sobrinho do imperador, define a estratégia (v.1156-1189). Carlos Magno também organiza seus homens, e eles seguem pela inóspita paisagem, onde passaram com dificuldade.

Esse tipo de paisagem é comum nas *Chansons de geste*, representando uma visão de mundo vertical, consonante com a dualidade presente na narrativa, lado do erro e lado do acerto, inferno e céu, pagãos e cristãos, esse contraste muitas vezes se manifesta na descrição das altas fortalezas mantidas pelos primeiros e cobiçadas pelos segundos, para Alain Corbellari:

O princípio vertical da *Chanson de geste* não é em nenhum lugar mais evidente do que no texto tradicionalmente considerado o mais antigo do gênero, *La Chanson de Roland*, onde, ao desprezo de todas as probabilidades, Saragoça (que na verdade está, como sabemos, localizada na parte inferior de uma planície) encontra-se empoleirada “numa montanha”, uma verdadeira encarnação do orgulho demasiado humano (portanto diabólico) dos sarracenos; Babel ameaçadora mas já, desqualificada pela certeza da vitória cristã. Uma distorção referencial da mesma ordem também está anexado ao Col de *Roncevaux*, um planalto nu que o texto épico transforma em um desfiladeiro estreito (CORBELLARI, 2012, p. 10) T.A

Ainda no trajeto, Carlos Magno se lamenta com Naimés, e diz que foi visitado por um anjo, o imperador afirma a França será destruída que por Ganelon, e que ainda por ele, Roland não mais exista! (v.1214-1235).

O constante contato entre os anjos e os francos, especialmente com Carlos Magno, mostra a clara intenção do autor em demonstrar “a predileção de Deus por esse

povo”, como se eles fossem os escolhidos Dele na batalha “conta o mal”, assim como a várias figuras bíblicas, os anjos aparecem para revelar algo :

Seres intermediários entre Deus e o mundo, mencionados de várias formas em textos acadianos, ugaríticos, bíblicos e outros. Ou seriam seres puramente espirituais, espíritos dotados de um corpo etéreo aéreo: mas poderiam, cumprir as funções de ministros de Deus: mensageiros, guardiões, condutores das estrelas, executores de leis, protetores dos eleitos.”(CHEVALIER, 1982, p. 43)

Para o Islã, a palavra anjo aparece constantemente no Corão, e equivale ao grego *angelos* -mensageiro. O profeta Maomé falou dos anjos como mensageiros da revelação de Deus aos humanos e das orações humanas a Deus (MARTIN, 2004, p.52-53).

Assim como os francos, Marsile mobiliza a elite de seus cavaleiros e a eles expõe a imagem de Maomé, esse ato espelha a prática cristã de veneração das relíquias, mais uma vez mostrando os pagãos como reflexos opostos dos cristãos, vemos tal representação também em *Fierabras*, tal intenção é bem mais discreta no manuscrito de *Oxford*.

Vale observar que, o Corão não proíbe imagens figurativas. ele castiga a adoração de ídolos, que são entendidas como encarnações concretas das crenças politeístas que o Islã suplantou quando emergiu como uma fé puramente monoteísta na Península Arábica durante o século VII. Se nos voltarmos para a lei islâmica, não há um único decreto legal ou *fatwa* (pronunciamento legal emitido por um especialista em lei islâmica quando existem dúvidas de como proceder em determinada situação) no corpus histórico que proíbe explícita e decididamente a imagem figurativa incluindo imagens do profeta.

Christiane Gruber explica que nos últimos sete séculos uma variedade de textos históricos e poéticos amplamente usados nas esferas sunita e xiita turca e persa - incluem belas representações do profeta Maomé. Essas inúmeras imagens não foram apenas destinadas ao louvor e comemoração do profeta, mas também serviram como em certas ocasiões como peças centrais para as práticas devocionais muçulmanas, assim como as comemorações do aniversário do profeta (*Mawlid*) e as peregrinações ao seu túmulo em Medina.(GRUBER, 2018, p. 38-52) Ou seja, a crítica não se dá exclusivamente à reprodução da imagem do profeta, mas sim de qualquer coisa que pode ser usada como objeto de adoração.

O sobrinho de Marsile, se apresenta a seu tio, e promete matar a Roland e a Carlos, assim os francos se renderiam e Marsile não mais veria a Guerra. E ainda faz um pedido a seu tio: Caro senhor rei, me faça um grande favor. Escolha para mim onze de seus barões, então lutarei contra os doze pares (v. 1259-1261) (SUBRENAT, 2016, p.156) T.A, espelhando o exército franco.

O sobrinho de Marsile constituiu então, seus próprios “doze pares”, eram eles: seu tio Fauseron, irmão de Marsile, Corsabrin, “um bérbere diabólico” (v. 1269), Malprines de Brigart, um emir de Balager “vivo, de rosto claro e agradável” (v.1276), que havia sido cristão, e era formidável.

Historicamente, as motivações para a conversão ao Islã eram diversas, como a fragilidade das comunidades de origem- onde os habitantes para não sucumbirem abraçavam a fé islâmica, recrutamento militar-como por exemplo os turcos Sejúlidas, que se converteram e lutaram no exército de Saladino.(SIMONSOHN, 2020, p. 141-145).

Havia uma concentração de bérberes na Península Ibérica, que chegaram à região no século VII, recrutados por um dos líderes da tomada muçulmana da Península Ibérica Musa ibn Nusayr ¹⁹³, e se espalharam pela região, imigrando rapidamente e ocupando as terras menos férteis.(RUCQUOI, 1995, p. 69)

Dentro da estrutura social muçulmana, os povos convertidos tinham menos privilégios por originalmente não falarem o árabe; essa situação se aplicava geralmente aos povos estabelecidos desde o norte da África ao oeste do Egito:

Por sua vez, e como os romanos antes deles, os árabes, quando estabeleceram um império que se estendia da Península Ibérica à Índia, também tiveram que enfrentar povos com novas línguas e culturas durante sua expansão imperial. Para nomear esses povos, o termo bárbaro surgiu em fontes árabes: era usado para designar a costa leste da África, bem como as comunidades estabelecidas desde o norte da África até o oeste do Egito. Com o tempo, al-barbar passou a ser reservado para as populações não árabes e não bizantinas (os Rūm-s) deste território. É daí que vem o termo "berbere" que usamos hoje para designar aqueles que consideramos serem as populações indígenas do norte da África antes da chegada dos conquistadores árabes e muçulmanos. (FIERRO, 2021, p. 151) T.A

Na narrativa, o exército sarraceno era composto por emires e condes que entre outras características, eram homens pérfidos, traidores e bandidos além de dizerem ‘que Maomé é melhor do que São Pedro’ (v.1303). Mas há também cavaleiros que fugiam

¹⁹³ O conquistador árabe de al Andaluz. (PICARD, 2003, p.100)

do esteriótipo negativo, como o belo e agradável , Margariz de Séville(v.1338), e seu contrário em aparência, Cornuble du Mont Nègre que vem de uma terra desolada onde “o sol não brilha e nem as ervas são verdes, as rosas não desabrocham e a chuva não cai, um lugar onde o diabo pode morar sem medo...”

O grupo de doze anti-pares é evidência de uma ordenação bem planejada de material. No topo da lista está o sobrinho de Marsilhe que é a contraparte do sobrinho de Carlos Magno; o segundo e terceiro anti-pares também têm sangue real, o que é uma homenagem indireta a Olivier e Turpin: o trio de protagonistas francos é colocado contra um trio muçulmano. A ordenação geográfica começa com o quarto antipar: da quarta à sétima e da oitava à décima primeira posições, o poeta consegue cobrir toda a Espanha até a costa sul, e não apenas na Bacia do Ebro. O décimo primeiro anti-par, é o único dos doze com um arquétipo histórico claro, é corajoso e traz um certo talento de sua pátria andaluza, que o torna um favorito entre as mulheres (ele governa a terra de Sevilha até o porto de Cádiz, ou seja, até o extremo sul da Espanha). Ele não é apenas a figura mais brilhante de todas (para o poeta, Margariz não é um 'renegado', mas uma 'pérola',[...] A décima segunda e última posição, por outro lado,nos leva quase exatamente de volta ao centro ideal, Zaragoza. [...] Esta primeira parte da Batalha de Roncevaux está repleta de estrutura, porque o grupo de doze já havia sido introduzido (v. 860–990) e agora é apresentado na mesma ordem no campo de batalha (v. 1178–1337) (BECKMANN, 2023, p. xxxvii) T.A.

Essa descrição da elite pagã com atributos negativos, salvo algumas excessões, tem a intenção de retratá-los como a nêmesis do exército cristão repleto de virtudes, buscando provar quem é mal e quem é bom, no discurso de dualidade tão característico do período.

Dentro de tais obras, os sarracenos individuais (mais comumente nobres sarracenos) exibem um tipo de comportamento que os marca como contrastes para os personagens cristãos, cujos atributos positivos são amplificados pelo contraste fornecido por seus pares sarracenos. As principais características de tais figuras sarracenas são a arrogância e a belicosidade, a arrogância em sua presunção de superioridade militar sarracena e a belicosidade tanto em seu comportamento agressivo em relação aos não sarracenos quanto em seu temperamento geral. Tanto nos romances quanto nas peças de milagre em que aparecem, os monarcas sarracenos tornam-se os déspotas arquetípicos, e sua eventual derrota simboliza tanto o triunfo do cristianismo sobre o islamismo quanto o triunfo do governo justo (encarnado em reis cristãos como Carlos, o Grande) sobre o desgoverno. (NADHIRI, 2017, p. 120) T.A

Essa preocupação do autor em descrever o inimigo sarraceno vem também do interesse do público: em *Oxford* o espaço usado para fazê-la, é bem menor, mas a curiosidade acerca do “outro” amplia-se com as Cruzadas e vê-se em *Châteauroux* os

anseios da audiência atendidos, que mesmo não querendo conhecer acuradamente todos os detalhes da religião (salvo os estudiosos da Igreja que buscavam conhecer o Islã para combatê-lo), o público geral quer ver seu oposto, que ao mesmo tempo apresenta diferenças, e semelhanças devido às diversas retratações dos “pagãos”:

O desenvolvimento de representações multifacetadas de sarracenos coincidiu com o grande impulso de tradução dos séculos XII e XIII. [...] As novas *Chansons de geste*, embora representem uma visão fantástica do sarraceno, parecem inspirar-se nessa corrida pelo conhecimento. Embora o público das *Chansons de geste* não estivesse interessado nas traduções de Galeno e do Corão feitas por homens como Pedro e Marcos de Toledo, eles também ansiavam por saber mais sobre a cultura sarracena. Os modelos franceses invertidos não eram mais suficientes para satisfazer o público das *Chansons de geste*, e contavam-se histórias que incluíam novos personagens (por exemplo, Rainouart e a princesa sarracena) e novas situações. Assim como Pedro, o Venerável, teve o cuidado de comentar em uma carta a São Bernardo que sua tradução do Corão foi encomendada para melhor conhecer e derrotar a heresia do Islã, também as histórias do épico sarraceno tiveram o cuidado de mencionar o sempre presente problema das crenças não-cristãs. Mas, além desse único problema, o sarraceno poderia ser qualquer coisa que sua contraparte cristã fosse e, muitas vezes, até mais. (RAMEY, 2001, p. 38) T.A

Pagãos e cristãos se armam, Roland acredita na vitória, pois Deus está com eles, e os pagãos estão errados (v.1392)¹⁹⁴, Olivier relata a aproximação do grande grupo de pagãos e diz que: “Ganelon, o pérfido, concebeu esta traição, designando-nos perante o imperador”(v.1401-1402), ao ouvir seu par, Roland parte em defesa de seu padrao (GRIMBERG, 2019, p. 248) , e que não quer que ele sofra desonra (v.1404).Assim como Roland, todos os francos acreditam que vencerão, demonstrando fé e força na intervenção divina.

3. 2. 1 - Fé e Simbolismo no Campo de Batalha

Toda a narrativa é repleta de simbolos, que fundamentam uma memória , que buscava resgatar unidade, força e fé tais simbolos vão desde às espadas, passando por orações e até mesmo à gestos que remetem à fidelidade e, a traição, assim como a fé e o amor a Deus.

¹⁹⁴ Frase repetida por Roland (v.1392 e 1473) e Carlos Magno (v.5441e 5492) afirmando a certeza do caminho correto que os cristãos seguem.(SUBRENAT, 2016, p.166, 172, 446,448)

Esse simbolismo aparece na preparação para a batalha, quando na concentração dos exércitos Olivier sobe num monte e de lá observa a formação inimiga e vai contar o que viu aos companheiros, ele descreve a força bélica dos oponentes e diz que haverá uma batalha jamais vista. Essa grandiosidade remete ao que se imaginava ser o campo de batalha Cruzado, amplo e repleto de homens formidáveis.

O preparo dos exércitos muçulmanos era conhecido pelos cristãos e durante os XII e XIII, sua organização era reconhecida, de acordo com fontes ocidentais da época eram assim paramentados:

Os líderes poderiam usar cota de malha sob suas roupas comuns como precaução contra assassinato, mas a armadura normal pesava nos ombros de um homem e só era colocada antes de entrar em ação. A sequência para colocar a o equipamento era basicamente o mesmo que na Europa Ocidental: primeiro veio uma camisa ou acolchoado; depois uma cota de malha e uma couraça, se usada; em seguida veio o cinto de espada, um cinto de tiro com arco separado, uma maça em seu suporte; depois o escudo e a lança. Muitos guerreiros turcos também parecem ter pendurado amuletos contra o 'mau-olhado' de seu corpo ou armamento. Era comum colocar um pequeno punhal dentro da bota de montaria e evidências detalhadas de dois séculos depois acrescentaram uma colher de pau, uma pequena bolsa para sal, um lenço, uma pedra de amolar, facas de comer, um pente em um estojo, um copo de couro e uma capa de feltro à prova d'água para um kit de cavalaria totalmente equipado. [...]Os ferreiros árabes, persas e turcos usavam as primeiras formas de aço descarbonizado para seus melhores capacetes, espadas e lanças (NICHOLSON; NICOLE, 1999, p.119-136). T.A

Olivier percebendo o perigo que correm, pede a Roland que ele toque seu olifante (v.1427), e assim chame seu tio. Roland responde que se o fizer, perderá sua honra na *douce* França, e que ele não poderá dar grandes golpes com Durendal. Olivier insiste para que ele toque seu olifante. Roland continua argumentando que não tocará, que se o fizer, não agradará a Deus;

Avinoam Shalem em seu estudo sobre esse objeto revela que o olifante, que mais tarde foi encontrado ao lado de Roland acabou se tornando uma relíquia sagrada e doada à igreja de St. Seurin em Bordeaux, e se transformou num símbolo para os combatentes cristãos contra o infiel, atribui-se a essa popularidade uma das razões para a fabricação numerosos olifantes na época Cruzada, no período em que o poema foi muito divulgado.

A ligação entre o olifante e o poema dá a esse objeto a função de *aide mémoires* (SHALEM, 2004, p. 5). Mostrando que mais do que apenas um poema, a *Chanson* influenciou modos de pensar e agir em seu auge de alcance de público.

O chifre de marfim de Roland se tornou, assim, o símbolo do herói que enfrentou os sarracenos. Além disso, a história das batalhas entre Carlos Magno e os sarracenos na Península Ibérica no final do século VIII foi equiparada não só às lutas dos cruzados reais entre cristãos e sarracenos na Espanha, mas também à narrativa bíblica da queda de Jericó diante dos israelitas.

Esta analogia é intrigante, pois equipara, por exemplo, os sete dias para capturar Jericó aos sete anos de batalhas entre Carlos Magno e os sarracenos. O cerco e a tomada de Jericó encontram paralelo no cerco da cidade de Saragoça por Carlos Magno em 778 (cujo antigo nome latino era Cesaréia-Augusta), e o som das trombetas durante a conquista de Jericó é comparado ao toque do olifante de Roland.

Portanto, é plausível que durante as Cruzadas, o olifante tenha sido visto como um símbolo essencial do bravo cavaleiro. Isso pode explicar a produção em massa de olifantes nessa época, coincidindo com a alta popularidade desse épico em particular (SHALEM, 2004, p. 103).

Olivier diz que o vale, a montanha, as pastagens estão tomadas pelos pagãos, e novamente pede Soe a trompa, Carlos Magno ouvirá (v.1462) (SUBRENAT, 2016, p. 170) T.A, Roland, se mantém irredutível em seu orgulho e arrogancia, ou confiança em excesso, em não ouvir seu sábio¹⁹⁵ amigo.

Olivier desiste do pedido, pois segundo ele, o rei já estava longe, e os pagãos, perto, se Carlos estivesse próximo eles não seriam prejudicados (v.1475-1477), Roland se prepara e chama seus amigos, diz a eles que serão recompensados, e que se ele morresse, sua espada Durendal passaria para um senhor melhor, pois ela pertencera antes a um nobre cavaleiro.

Antes da batalha, o arcebispo Turpin, se dirige aos francos e os anima a enfrentarem a luta, dizendo que eles devem pelo rei ter uma ação plena e uma bela morte, e serem o apoio dos cristãos (v.1502-1503), pede ainda que todos se confessem e implorem o perdão de Deus, que ele lhes daria a absolvição, e se eles morressem, seriam mártires e ascenderiam à alegria do paraíso.

Essas promessas do arcebispo cristão, são bem semelhantes às prometidas aos mártires seguidores do Islã, por exemplo nos *hadiths Kutub al-Sittah*, como relata Jamir al-Timidhi:

¹⁹⁵ Roland é audacioso e Olivier é sábio (v. 1468) T.A (SUBRENAT, 2016, p. 172)

A1-Miqdam bin Ma'diykarib narrou que o Mensageiro de Allah, disse: "Há seis coisas com Deus para o mártir: Ele é perdoado com o primeiro fluxo de sangue (ele sofre), ele é mostrado seu lugar na Paraíso, ele está protegido de castigo na sepultura, garantido do maior terror, a coroa de dignidade é colocada sobre sua cabeça - e suas gemas são melhores do que o mundo e o que há nele - ele é casado com setenta e duas esposas entre as donzelas puras do Paraíso, e ele pode interceder por setenta de seus parentes próximos. (AT-TIRMIDHI, 2007, p. 140) T.A.¹⁹⁶

Turpin lhes dá a benção e todos se equipam (v.1531), Olivier pede em nome de Deus que sejam corajosos. Momentos como esse os pares animam seus homens são menos frequentes em *Oxford*, em que há uma maior preocupação com a ação no campo de batalha propriamente dito.

Roland é um grande guerreiro, que não teme a morte, tem o porte nobre, o rosto claro e sorridente, um espelho do ideal da cavalaria, mas também será um mártir, um modelo de cristão que morre por sua fé. Ele incentiva a honra feudal na Cruzada contra os infiéis, o que fortalece tanto a política como a religião: "A literatura criava um tipo ideal que a Igreja esperava ver concretizado nas Cruzadas: o herói tornava-se o correspondente laico do santo" (FRANCO JR, 2001, p. 114)

Os francos escutam a missa celebrada por Turpin, Roland faz uma oferenda, adora as relíquias e confessa seus pecados, cumprindo todo o ritual modelar de um devoto cavaleiro cristão, demonstrando sua fé - o que não ocorre no manuscrito de *Oxford*.

Outra mudança digna de nota diz respeito ao arcebispo Turpin, que em *Châteauroux* é mais clérigo do que cavaleiro, ao contrário do que se configura em *Oxford*, em que vemos o arcebispo mais ligado ao campo de batalha.

Os francos se veem frente à frente com o exército pagão e de longe Roland reconhece Marsile por suas armas e seu dragão. Infere-se aqui o símbolo do estandarte do líder sarraceno, apresenta o dragão que na simbologia cristã tem o lado negativo, citado no apocalipse e mais é um símbolo do mal, e de tendências demoníacas, como aquele pisado por São Jorge, também aparece ligado à serpente, ou à armada de Lúcifer oposta ao exército dos anjos de Deus.

A época de Carlos Magno, o dragão também era usado em estandartes: "Sabe-se, por exemplo, que como na legião romana, o exército franco carregava *signiferi* ou

¹⁹⁶ Jami` at-Tirmidhi الترمذي é uma coleção de *hadith* compilada pelo Imam Abu `Isa Muhammad at-Tirmidhi (rahimahullah), sendo essa coleção considera um dos seis livros, (Kutub as-Sittah), possui cerca de 4400 *hadith* (com repetições) em 46 livros, foi iniciada após o ano 250 AH (AD 864/5) e completada em 270 AH (AD 884).

draconarii (bandeiras), uma delas representando a imagem de um dragão reproduzida no saltério de Aachen. (IRUJO, 2021, p. 102-103)

O Epítome *rei militaris* também registra o uso desses sinais ou similares séculos depois, como a auriflama usada pela primeira vez por Louis VI em 1124, que estava na Abadia de Saint Denis, como elemento encorajador contra a ameaça do Sacro Império Romano, e também por Philippe em 1214 na *Batalha de Bouvines*, e mencionada na *Chanson* como sendo carregada pelo exército de Carlos Magno (BRADBURY, 2013, p. 10).

Demonstrando a importância dada a tal símbolo dentro da conjuntura bélica no século XII, e durante toda a narrativa há menções a esse elemento, ligando passado e presente. Vemos o autor em muitos momentos recorrer a elementos de memória dando assim verossimilhança à sua proposta de afirmar estar relatando um fato histórico, mesmo que alguns desses elementos sejam posteriores à época carolíngia.

Sabendo do embate eminente, Roland faz uma prece no esquema denominado credo épico¹⁹⁷ e ao fim dela, vira suas rédeas em direção à *douce* França, vê seus companheiros e a eles se dirige:

Francos, diz Roland, nobres dignos de honra, mais temidos e temíveis que todos os outros, como vos vejo privados de um senhor! Fomos vendidos por nossa desgraça, impossível esconder essa traição! Mas, quão caro ela será paga! Será uma batalha dura e impiedosa. Ninguém jamais imaginou uma batalha tão dolorosa. Deus! O exército que partiu não percebeu! É para sua desgraça que esses incrédulos vieram, mas se for do agrado de Jesus, que soprou em meu corpo a alma que Deus me deu, antes que ela o deixe, eu terei golpeado tão forte com minha espada Durendal que ela será coberta de sangue até o punho. Depois da minha morte, a França será temida. (v.1626-1641) (SUBRENAT, 2016, p.184) T.A.

Nessa fala, Roland dá exemplo de sua liderança, e confiança em seus homens, além de novamente fazer referência à traição que sofreram e como um guerreiro ideal, mostra destemor diante da morte, além da promessa de resistir até o fim, como um homem que luta por seu povo, nunca fugindo da ameaça ou perigo (JOKINEN, 1998, p. 1). Em seguida, anuncia uma jornada dolorosa, cuja a culpa é de Marsile, o inimigo mortal, eximindo Ganelon da culpa, atribuindo-a completamente ao rei sarraceno.

Marsile se aproxima e os doze pares se preparam. Os pagãos e sarracenos “fazem grande tumulto” (v.1678-1798), do lado franco, o arcebispo exorta os guerreiros

¹⁹⁷ “Preces pronunciadas pelos heróis das canções de gesta em circunstâncias críticas para encontrar sua coragem” T.A. (LAGE, 1972, p. 568).

a serem corajosos e promove que: “Quem morrer ali encontrará a alegria eterna no Paraíso diante do Criador” (v.1805).

O autor salienta a oposição entre “a ordem e a organização cristã” contra “o tumulto e a desorganização sarracena”, assim como em diversos versos (v.2683,2748,4640). O que pode ser facilmente contestado, porque além da conhecida ordem de batalha sarracena, entre os exércitos islâmicos existiam registros de manuais de guerra utilizados em diversas eras, demonstrando a preocupação destes em táticas e estratégias militares (NICHOLSON; NICOLE, 1999, p.30)

Marsile se aproxima com seu exército fazendo grande barulho,¹⁹⁸ todos se arrumam, os francos pedem a Deus coragem, e Roland lidera seus homens, vendo o exército pagão mais numeroso, Olivier vendo a gravidade da situação, diz que se Roland tivesse soado seu olifante, Carlos teria ouvido e vindo avidamente em socorro deles.

Roland mantém sua posição de não tocar o olifante, e que os pagãos seriam mortos sem que ele precisasse soar seu olifante, que ele preferia morrer a cometer um ato de covardia. Olivier pede com insistência, pois sabe da complicada situação que enfrentariam, e Roland se recusa, Olivier pede que ele toque o olifante em oito oportunidades, sendo negado sete vezes!

E já compreendendo que Roland não o fará, Olivier argumenta: Não há vergonha em tocar o olifante e se o rei tivesse voltado teriam causado mais danos ao inimigo (v.1928-1940)

Os pares preferem morrer a evitar a luta, Olivier usa *Hauteclaire* e Roland é tão feroz no combate que parece um leão (v.1964-1965)

Para os cristãos, o leão é a própria encarnação do poder da sabedoria, da justiça, por outro lado, o excesso de seu orgulho e sua segurança fazem dele o símbolo do Pai, o mestre, mas também é o sinal do suserano deslumbrado por seu próprio poder, cego por sua própria luz, e que pode, portanto, ser admirável e insuportável, ele também é símbolo de justiça, é como tal garante de poder, material ou espiritual. (CHEVALIER, 1982, p.576-577). Características que definem o herói Roland.

Para o Islã o símbolo do leão é :

¹⁹⁸ Sobre o exército muçulmano durante as cruzadas: Poetas descreveram o som de um exército em repouso como as ondas do mar, enquanto o barulho da batalha consistia no chocalhar de armaduras e arreios, o estrépito de espadas, o estrondo das maças, o assobio das flechas, o tinido dos arcos e os gritos dos homens. (NICHOLSON ; NICOLE , 1999, p. 128).

Uma das bestas de rapina bem conhecidas. É mencionado na tradição (sunna, isto é, um *hadith*) de Umm Zar', [...]Tem vários nomes. Ibn Khalawayh diz que o leão tem quinhentos nomes descritivos dele, e Ali ibn Qasim ibn Ja'far, o lexicógrafo, adicionou um cento e trinta mais para eles ... O fato de possuir vários nomes indica a nobreza daquele que é chamado ...Seus caninos são proeminentes e salientes, porque é o mais nobre de todos os animais selvagens, por sua posição entre deles é a de um rei temido, por causa de sua força, sua ousadia, a dureza de seu coração, sua agilidade, a austera aparência de seu semblante, e a malignidade de sua natureza. Por esta razão também, é empregado em provérbios para expressar força, ousadia, valor, impetuosidade no ataque, bravura e ferocidade.(FOLTZ, 2006, p. 59-60) T.A

Turpin pede que mantenham seu ardor pois tinham dupla missão: pelo rei, e pela Cristandade, e ao lutarem os guerreiros teriam múltiplo reconhecimento, por parte do rei a quem serviam na terra e por parte de Deus, senhor celeste representado pela Igreja, que estava a seu lado durante essa provação. Esse era um discurso comum proferido pelos clérigos durante as Cruzadas de que tudo seria um teste mas que Deus interviria em favor dos soldados Dele:

Tão radical era a noção de uma guerra devocional que é surpreendente que parece não ter havido protestos de clérigos. Se a Primeira Cruzada tivesse fracassado, certamente haveriam críticas a associação da guerra com a peregrinação, mas seu triunfo foi a confirmação para participantes e observadores de que era realmente uma manifestação da vontade de Deus. ‘O Senhor certamente reviveu seus milagres de outrora’, escreveu o Papa Pascoal II. Uma das características mais marcantes das cartas dos cruzados e as narrativas das testemunhas oculares é o crescente sentimento de espanto que prevaleceu no exército que atravessou a Síria em 1097 e prosseguiu para Antioquia e, eventualmente, para Jerusalém, com os céus brilhando com coincidências, mas reais pirotecnia - cometas, auroras, estrelas cadentes - e as noites perturbado por visitas: Cristo, os santos e os fantasmas das cruzadas mortos que voltaram para assegurar aos vivos a validade relíquias ou a certeza de recompensas celestiais. Os cruzados convenceram-se de que a única explicação para o progresso de sua vitória foi que a mão de Deus estava intervindo para ajudá-los fisicamente e que Deus aprovou a associação da guerra santa com penitência e peregrinação. Os cronistas testemunhas da Cruzada passaram a usar dela frases que até então eram usualmente aplicada apenas à profissão monástica - a cavalaria de Cristo, o caminho da cruz, a Jerusalém celestial, espiritual guerra - e a maioria deles foi retomada e refinada por comentaristas, que se debruçou sobre o caráter penitencial da cruzada e enfatizou a maneira única como seu curso havia demonstrado aprovação divina (SMITH, 1999, p. 79-80).

Essa postura do arcebispo, coaduna com a aceitação que a Igreja tinha para com as batalhas contra os “infiéis” e sob sua chancela incentivava a participação dos leigos nela (DUBY, 1994, p. 257) e tem peso maior no manuscrito de *Châteauroux*, do que

em *Oxford*, apesar de se atribuir as origens deste manuscrito a um clérigo (LE GOFF, 2013, p. 210-211), que em sua escrita coloca um membro da Igreja ,mais semelhante a um *belator* do que a um *orator*.

Os franceses recebem a benção do arcebispo e Roland, falando a Olivier, admite que este estava certo em dizer que Ganelon havia enganado a todos (v.1999), que ele os vendera e fizera mal, e pedia a Deus que eles pudessem se vingar (v.2004)

Pronto para a batalha após a oração do arcebispo por ele e por Carlos Magno, Roland marcha entre os seus e diz que naquele dia, os sarracenos correrão para a (vers.2069-2071)

3. 2. 2 -A Morte vem para todos

No que diz respeito ao que acontece após a vida e morte, os cristãos acreditavam que aquele que praticava e seguia os preceitos da Igreja seria salvo sendo enviado ao céu após o ultimo suspiro, destino que não seria dado a aqueles que não acreditavam no Cristo, pois para esses, seria reservado o fogo eterno, assim como para os maus cristãos que também padeceriam na danação eterna.

Para os muçulmanos a concepção de Paraíso como recompensa é semelhante à dos cristãos, em que há abundancia e beleza: “É a descrição do Paraíso, que os justos são prometidos, onde há rios de água inalterados, rios de leite cujo sabor nunca muda, rios de vinho deliciosos para aqueles que bebem e rios de mel purificado, no qual eles terão todos os [tipos de] frutos e perdão de seu Senhor” (47:15) (CORÃO, 2007, p.841).

Já o inferno é o local destinado para aqueles punidos por variadas penas, que iam desde a degradação moral até às pequenas faltas , com uma ampla camada de habitantes o *Jahannan* (جهنم) era lugar dos descrentes e malfeitores , aqueles que são hipócritas, idólatras, os arrogantes,que tratam a religião como um passatempo, zombaram dos Mensageiros de Allah ou na realidade do Dia do Juízo. Além disso, os assassinos, os que se apropriam indevidamente da herança, especialmente dos órfãos, caluniam as mulheres castas ou reivindicam a divindade para si mesmos, residirão no inferno:

Atribuir certos pecadores ao inferno reforçou uma hierarquia moral paralela no mundo inferior. Não é, portanto, surpreendente ver as classes sociais básicas e outras divisões da sociedade muçulmana medieval refletida na estratificação social do inferno, que é povoado por pessoas comuns, membros da cultura elite religiosa e governantes e seus representantes. Tradições que enumeram as punições que os aguardam no inferno podem muito bem ter servido às classes mais baixas como uma espécie de catecismo moral. Juntamente com a sua condenação geral daqueles que se envolvem em beber vinho, fornicação, sodomia, suicídio e assim por diante, escatologistas também incluem entre os condenados aqueles “que falam de assuntos mundanos na mesquita” ou dormir durante a oração. Uma tradição atribui sete tipos de eruditos travessos (‘ulamā’) para os sete níveis diferentes do inferno (LANGE, 2016, p.17) T.A

Na narrativa, a concepção cristã da morte é explorada a partir da batalha e com a queda de membros de ambos os exércitos: as mortes servirão de exemplo de boa morte para os cristãos e danação eterna para os inimigos destes.

A batalha começa: “Este dia que vós vereis os combates entre Francos e os pagãos” (v.2089-2090) No meio da escarniçada batalha o sobrinho de Marsile , além de amaldiçoar os franceses, e reafirma a traição de Ganelon (v.2112-2113) ao ouvir o sarraceno, Roland o mata.(v.2116-2121), vendo a cena o irmão de Marsile Fauseron da terra de Datã e Abiram¹⁹⁹ , sendo considerado o mais pérfido de toda a Espanha (v.2130), tenta atacar Roland, mas Olivier intevem e o mata (v.2136-2143), a luta é dura e vários pares são perdidos na batalha, assim como dez dos doze pares sarracenos são batidos, restando apenas Cornuble e Margariz (2257), que segue a diante e reagrupa seus homens (v. 2258-2267).

A batalha é extraordinariamente dura, Roland empunhando Durendal e os outros pares a seu lado, fizeram um massacre sarraceno²⁰⁰ Os sarracenos recuam, e Marpris vai até Marsile e a tudo relata, o rei estava com seus vinte mil homens que “não crêem em Deus nem em seus anjos, segue através de uma passagem estreita, e lá encontra Gautier. O rei Amauri ataca os francos, e Gautier sabendo que não poderia resistir à ofensiva, clama ajuda a Roland, Gérin e Gérier vão a seu socorro.

A descrença dos islâmicos nos anjos proposta na narrativa é infundada, pois essa crença é notória nas diversas citações no Corão, e estes seres apresentam diversas posições e ocupam espaços distintos dentro da teologia islâmica: há o anjo da morte

¹⁹⁹ Terra considerada maldita, pois no livro bíblico de Números há o relato de que Datan e Abiran homens perversos, se voltaram contra Moisés e Aarão no deserto, e por isso foram condenados que pela justiça divina a serem engolidos pela terra (Nm 16).(VULGATA, 2007, p. 285-289)

²⁰⁰ Toda a descrição da luta tem traços característicos das canções de gesta, mostrando o campo de batalha e as lutas corpo -a- corpo, de forma direta sem qualquer artifício maravilhoso.

(malak al-mawi], os guardiões do Inferno (Zabaniyya), aqueles que oram por Allah dia e noite (al mukarrabun) . (MACDONALD, 1991, 216-217)

O Corão possui até uma surata que trata destes seres celestes é *Fatir* فاطر (O Originador) também conhecida como *Al-Mala'ikah* (الملائكة , 'al-malā'ikah- os anjos); que em seu *ayat* de abertura declara: Louvor a Allah o Criador dos céus e da terra .Que faz dos anjos Mensageiros, dotados de asas: duas, ou três, ou quatro... (CORÃO, 2007, p. 707)

Durante a descrição da batalha, vemos a intenção do autor de mostrar as práticas “erradas” e as condenações que advêm dela, quando ele fala do mago sarraceno morto pelo arcebispo, cujo o nome era Singloriel que “por causa de seu orgulho, acabou no inferno para fazer seus truques. Foi Jupiter que o levou até lá por magia” (v.2390-2393)

Para a sociedade da época, qualquer tipo de prática divinatória, ou mágica seriam condenáveis, se não fossem provenientes de nobres ou membros do clero. E em reforço a essa ideia, no texto, o mago é morto por um membro da Igreja.

Sobre a relação da Igreja com magia a professora Rita de Cássia Mendes Pereira diz:

A Igreja condenava formalmente a prática da magia, mas visando, principalmente, as crenças a ela relacionadas que, naquele momento, cumpria esvaziar de todo sentido. Em período de evangelização, de conversão, lutava-se, antes de qualquer coisa, contra a preservação, danosa à ação doutrinária da Igreja, de crenças consideradas por ela como supersticiosas. Estigmatizadas pela sua estranheza em relação aos princípios de disciplina e hierarquia, que eram apregoados quotidianamente pelas diferentes categorias de clérigos, as atividades e personagens mágicas foram objeto de condenação formal pelo Concílio de Tours, em 813, e pelo Canon episcopi de 906. Os que nelas acreditassem estavam subordinados ao poder de Satã. Tornavam-se, assim, passíveis das mesmas penas que os condenados pelo exercício de cultos não oficiais. [...] Irrealidade dos atos mágicos e ilusão demoníaca foram, portanto, as ideias que nortearam a postura oficial da Igreja frente às práticas e crenças relacionadas à magia, pelo menos até o século XII. Sobre elas se apoiaram as leis, os documentos e os textos que serviram de justificativa para os primeiros atos de repressão e os primeiros processos acusatórios contra as inúmeras categorias de magos, mas, também, contra os simples crentes na magia. Toda ação repressiva apoiava-se, antes de tudo, nos perigos espirituais a que estavam sujeitos os homens aproximados ao universo satânico através de certas crenças e práticas (PEREIRA, 2001, p. 79).

Para os islâmicos tais práticas eram aceitas e estudadas, aparecendo em inúmeros *hadith*:

Os relatos de *Hadith* e do próprio Corão mencionam práticas ocultas, assim como diferentes histórias que remontam à era do Profeta. [...] Juristas muçulmanos e outros intelectuais debateram a natureza e a permissibilidade da magia e, ao fazê-lo, descreveram as práticas contemporâneas. Manuais legais descreviam como regular os negócios de astrólogos e outros adivinhos. Mesmo os registros espanhóis podem contar aos historiadores sobre as práticas mágicas dos mouriscos trazidas à Inquisição na Espanha pós-Reconquista. Bibliografias árabes como a *Fihrist* de Ibn al-Nadim (fl. 987 EC) descrevem escritos ocultos junto com outras obras. Da mesma forma, biografias, enciclopédias também fornecem informações semelhantes sobre escritos e autores mágicos. (FRANCIS, 2011, p. 623) T.A.

O que acontece a seguir, é uma visão escatológica, no momento da morte de milhares na batalha contra os sarracenos, ocorrerá a manifestação dos céus e da terra em lamento à queda dos guerreiros, que eram os escolhidos e abençoados, além de vaticinar a morte do maior dos seus cavaleiros, Roland, tal fenômeno ocorre não em *Roncevaux*, mas na França:

Na França surgiu uma violenta tempestade: trovões, rajadas, chuva e granizo excederam todas as medidas. Os raios continuam caindo e houve um terremoto geral. De Saint Michel a Port Wissant, não há cidade cujas muralhas não desmoronem. Em pleno meio-dia, cai a escuridão e não há mais luz, enquanto o céu não a restaurar. É um pavor geral; dizem que é o fim de tudo, que chegou o fim do mundo. Mas é ignorância e erro, porque se trata da dor pela morte de Roland (vers. 2435-2448) (SUBRENAT, 2016, p. 240) T.A

A ocorrência desses fenômenos trazem a clara de identificação do herói com o Messias, os sinais que antecedem a morte do herói, como uma tormenta violenta, queda de raios e trevas ao meio dia, (v. 2451-2453) fazendo analogia ao Evangelho de Mateus, na passagem que relata a crucificação de Cristo (23:44-45): “ Agora eram quase seis horas houve trevas sobre toda a terra até a hora nona e o sol escureceu” (VULGATA, 2007, p.2308) Relatando os sinais, que aqui são vistos de maneira positiva como uma manifestação divina:

Podemos então falar na sociedade medieval vivendo sob o signo da — para usar a expressão consagrada por Mircea Eliade — hierofania, ou “manifestação do sagrado”. Mas para isso devemos considerar que “sagrado”, do ponto de vista medieval, engloba o “profano”. De fato, na Idade Média ocorriam hierofanias em setores da vida que hoje consideramos profanos, diferenciados do campo “religioso”, como a política ou a economia. Por exemplo, quando o sobrinho de Carlos Magno, Roland, é morto pelos inimigos na Espanha, em toda a França chove, venta, troveja, escurece, a terra treme, fenômenos que continuam a ser considerados naturais, porém revelando algo mais

naquele contexto, a dor pela morte do herói. Ou seja, era o “sobrenatural” se mostrando no “natural”, fenômeno de todas as religiões, mas especialmente importante no cristianismo, centrado na maior hierofania possível — Deus se fez homem.(FRANCO JR, 2001, p. 140)

Mesmo vencendo essa batalha, a França sofre grande dor, pior para os sarracenos que além de perderem o embate perderam inúmeros cavaleiros de elite, além de mais da metade das tropas (v.2529-2536).

Em alguns momentos da narrativa, o autor de maneira intencional ou não, revela as perdas e prejuízos da Guerra, que mesmo justificada ainda é prejudicial, tal conclusão por ventura advinha da observação do movimento Cruzado de seu tempo. A Guerra une e traz de certa maneira, o conhecimento sobre o outro, e abre portas para uma interação de mão dupla.

De um modo geral, e por mais paradoxal que possa parecer, a guerra constitui um intermediário, uma ponte, um meio de contato, tanto quanto um confronto; [...]Se o primeiros cruzados estão todos empolgados, seu ardor combativo diminui e seus costumes sofrem a influência da civilização mais refinada com a qual convivem.(HENTSCH, 1986, p. 521) T.A

Em resposta às perdas, o rei sarraceno não se abate os incentiva a lutar, pois confia que naquele dia Carlos perderia a soberba que o consumia (v.2545) . Já os cristãos ouvem de Turpin ao dar-lhes absorvição diz que: “Homens de Deus, receberão hoje vossa recompensa, vós sereis abençoados no paraíso mas os covardes nunca serão perdoados.” (v.2560-2562) (SUBRENAT, 2016, p. 248).

As ações do arcebispo, “validam” o aval da Igreja na proposta de Guerra Santa ²⁰¹ contra o não cristão, cuja a recompensa é conseguida na terra e no céu (v.2580-2583)

²⁰¹ Aqui utilizando a definição de Jean Flori, onde a Guerra Santa é uma peleja militar, onde seu sucesso está ligado à ação de Deus, justificando o combate dos cristãos contra os pagãos : “O que realmente justifica a guerra santa é precisamente esta ordem direta de Deus (ou mais exatamente a recepção como tal por homens). O extermínio de adversários ímpios, nota, nem sempre é necessária e não é, por si só, uma característica fundamental da guerra santa. Também acontece que a ação de guerra efetiva dos homens está lá secundária, mesmo marginal, no sucesso da empresa, que se baseia principalmente na intervenção Divina. Claro, esse sucesso é geralmente realizado através do "povo de Deus" em armas, cujo compromisso é necessário para a obediência e a confiança, mas mesmo nesses casos O papel efetivo dos homens em armas é muitas vezes considerado segundo: é o próprio Deus quem assegura o triunfo de sua causa”. T.A (FLORI, 2004, p. 342-343).

(Ibd., p. 250)²⁰², vemos essa proposta como forma de sacrifício penitencial amplamente defendido no momento das Cruzadas, mas que também ocorria à época carolíngia;

A Guerra Santa era, no entanto, aceitável, sendo uma luta usada para promover os propósitos de Deus, identificados como ‘santos’ pelas autoridades eclesiásticas ou seculares que acreditavam, que ganhariam a aprovação de Deus, e também poderiam esperar ganhar saque e talvez território.

As Cruzadas para a Terra Santa assim como a luta contra os mouros na Península Ibérica do século XI ao final do XV, eram guerras sagradas. Quem delas participava realizava vários exercícios penitenciais e devocionais durante as campanhas, o que encorajava a lealdade do grupo.

Temos um exemplo posterior a isso, mas que inspirava os cruzados, quando em 791, Carlos Magno partiu em uma campanha contra os ávaros em sua fronteira oriental e antes de iniciar a batalha, o exército orou e jejuou por três dias, e essa prática persiste quando séculos depois em 8 de julho de 1099, antes do ataque final a Jerusalém, o exército da Primeira Cruzada se manteve ao redor da base das muralhas da cidade, rezou e jejuou.(NICHOLSON, 2004, p. 2-3)

O exército sarraceno consegue avançar sobre os francos, e Roland vê seus companheiros morrerem, entre os cavaleiros francos, aparece um célebre personagem de outra gesta, chamada *Gui de Nanteuil*, é Antoine d’Avignon, que aparece também em *Aye d’Avignon*. Mostrando a interligação entre as Gestas e personagens do Ciclo Carolíngio.

As descrições da batalha são gráficas e detalhadas, e aparecem por toda a narrativa, o autor diz que: grandes duelos ocorrem, os campos ficam cobertos de sangue, Roland e Olivier junto a seus homens cortam mãos , pés , cabeças e corpos a fila de cadáveres vai até Marsile (v.2822).

Marsile reúne seus homens, soando sua trompa, entre eles está Abime, o esteriótipo do cavaleiro sarraceno expresso nas gestas, um cultuador de Maomé de alta classificação, que busca façanhas cavaleirescas, é amado por Marsile e carrega suas armas e goza de afetuosa confiança do rei sarraceno é descrito como alguém destituído de bondade : “não passa um dia sem traição em seu coração e ele pensa apenas em fazer o mal hipocritamente”, além de que ele não ama a Deus, e sua carne é mais negra do

²⁰² Homens de Deus, que vos importa a morte? Hoje eu vos farei ser coroados de flores e gloriosamente sentarem no céu, mas os covardes não vão” T.A.

que piche” novamente o autor reúne todos os predicados opostos ao que era considerado perfeito aos olhos da sociedade do período:

O sarraceno é frequentemente (embora nem sempre) visto como o completo oposto do eu cristão, ocidental, francês: dizer "sarraceno" é essencialmente dizer "mal." Os sarracenos perdem toda a capacidade de funcionar como indivíduos. Suas ações são pré-programados por sua "sarracenicidade". Nesses textos, enquanto o cristão é valente e branco como a neve, por exemplo, o sarraceno será covarde e preto como carvão. [...]Ao contrário do argumento comum, os retratos dos sarracenos que emergem dos escritos da Idade Média são conflitantes e ambíguos. Alguns são condenatórios e completamente negativos, enquanto outros mostram admiração ou mesmo desejo. O mesmo sarraceno que pode ser castigado por sua idolatria pode ser louvado como um cavaleiro exemplar (RAMEY, 2001, p.3-4) T.A.

Vendo a situação desoladora, Roland pede conselho a seu sábio amigo (v.2966), de como eles deveriam avisar sobre o grande desastre que sofreram no deserto selvagem, nesse momento, os papéis se invertem, Olivier que resiste, respondendo que será uma vergonha, e Roland diz que soará a trompa.

Olivier fala que se o fizer, Roland será culpabilizado, e completa: “sua linhagem será menos estimada. Se você tivesse tocado sua trombeta quando eu lhe disse, Charles estaria aqui com seus poderosos barões e Marsile nunca teria ousado o suficiente para mobilizar os pagãos contra ele. "Mas, pela minha barba que está sob seus olhos, se eu puder voltar ao reino aonde nasci, você nunca verá minha irmã Aude e nunca dormirá em seus braços” (v. 2990-2998) (SUBRENAT, 2016, p.278).

Olivier vaticina que eles não retornarão com vida. No manuscrito de *Oxford*, em nenhum momento Olivier refuta Roland de que ele deveria tocar o olifante. E quando o conde o toca, Olivier dispara:

Companheiro, É culpa sua, porque coragem sensata e loucura são duas coisas, e a moderação é melhor do que a arrogância. Se nós franceses estamos mortos, foi por sua irreflexão. Jamais Carlos nos terá a seu serviço. Se você tivesse acreditado em mim, meu senhor, seria compensado; essa batalha teríamos conquistado; O rei Marsile teria sido morto ou levado. Suas proezas, Roland, é com infortúnio que as vimos. Carlos o Grande- nunca terá tal homem até o último julgamento! - não receberá mais nossa ajuda. Você vai morrer e a França vai se arrepender. Hoje termina o nosso fiel companheirismo; antes desta noite vamos separar, e será difícil”. (v. 1723-1736) (BÉDIER, 1923, p. 133-134) T.A.

Ao comparar as duas falas, percebemos além da diferença entre as alegações de Olivier, observamos um traço mais cortês em *Châteauroux*, já imbuído do espírito influenciado pelo romance, Olivier faz referência a Aude, noiva de Roland e sua irmã, lembra do amor compartilhado entre eles, algo não dito em *Oxford*, mais envolvido na descrição da batalha.

O início da célebre amizade entre Olivier e Roland, assim como o noivado deste com Aude, é relatado na segunda parte da gesta *Girard de Vienne*²⁰³, e começa por uma animosidade entre os dois na disputa por um falcão e pela oposição entre seus tios, que ao fim se funda na amizade relatada na *Chanson de Roland*.

Em meio a discussão, Turpin age para resolver o desacordo entre amigos, e fala que Carlos naquele momento estava longe para ajudá-los, mas estava perto o suficiente para voltar e vingá-los! (v.3027-3032).

O arcebispo pede que Roland chame seu tio, (v.3045-3047- « Ele volve o bocal do olifante para ele, coloca-o na boca e sopra a trompa com toda a força em um sopro violento. A passagem o retém, o vale o ecoa T.A) (SUBRENAT, 2016, p. 282), Carlos ouve e retorna, Ganelon tenta minimizar a gravidade da situação;

Tocar o olifante trouxe consequências a Roland que sente grande dor, perde suas forças, ao fazer o longo som com seu olifante, sua veia principal de seu coração se rompe, e rasga, o sangue claro sai de sua boca.

Interessante observar que a morte de Roland se dá em consequência do esforço dele em tocar o olifante, e não por qualquer ferimento de batalha, mostrando o quão especial era o cavaleiro, numa aproximação com a figura de Cristo, e como ele, sendo traído, sacrificando-se pelos seus, e pelo seu senhor e que não teve seu corpo violado de forma alguma pelo inimigo.

Essa é a estratégia do autor em atrelar mais uma característica messiânica de Roland, em que buscava-se dar ao herói uma identificação com o Cristo, baseada no Salmo 33:19-23 :“ O Senhor está perto do quebrantado de coração e ele salvará o quebrantado de espírito, muitas tribulações do justo e o Senhor o livrará de todas elas, ele guarda todos os seus ossos, nenhum deles será quebrado, ele matará o perversos com malícia e os que odeiam os justos serão vencidos, o Senhor redimirá a alma dos seus servos e todos os que nele esperam não pecarão por ele” (VULGATA, 2007, p.1239). E

²⁰³ Romance interessante de importância histórica e artística para o estudo da revolta baronial, além de ser considerado um texto de recriação altamente original e influente sobre a vida, relacionamento e façanhas bélicas de um nobre carolíngio.T.A. (NEWTH,1999, p. ix).

no Evangelho de João 19:32-33: “Então os soldados vieram e primeiro quebraram as pernas de outro que foi crucificado com ele, mas quando eles chegaram a Jesus e viram que ele já estava morto, eles não quebraram suas pernas” (Ibd.,2370).

Naimés reconhece a gravidade da situação pelo som da trompa de Roland, e diz: que o conde jamais a tocara se não estivesse em grande dificuldade, (v.3080-3081), Ganelon continua tentando desacreditar o enteado, chamando-o de orgulhoso e pretencioso, de desejos tolos.

Roland toca seu olifante três vezes, Carlos Magno manda fazer soar suas trompas em resposta, e o exército retorna. Nesse momento o imperador, prende Ganelon, consciente de sua traição, e o avisa que se o conde fugir, não haverá indulgência.(v.3132-3134)

Na prisão Ganelon sofre por suas atitudes, arrancam-lhe a barba e o bigode e fazem o bandido montar um animal de carga colocando uma coleira em volta do pescoço. (v.3138-3144). Cortar a barba e o bigode seriam uma espécie de amputação, um rebaixamento em seu status de nobre.

Aqui a traição de Ganelon apresenta dupla significação: primeiro um resquício do significado *felon* advindo ainda do século X, e se referia à relação senhor -vassalo, mas também adquire contornos morais sobre a influência da corte, e a mesma palavra recebe o significado de perverso, mal, aquele que vai contra a bondade, geralmente expressa nas gestas por santos e guerreiros.(DESSAU, 1960, p.23)

A traição de Ganelon servirá posteriormente de inspiração a outras gestas do *Cycle du roi*, em que os traidores advém da parentela do cunhado de Carlos Magno, como uma demonstração de que o inimigo pode ser belo e nobre como o padrao de Roland:

Nas narrativas do *Cycle du roi*, a traição é quase exclusivamente decretada pelos parentes de Ganelon, que repetidamente fazem tentativas contra a pessoa do Imperador e dos seus herdeiros-Roland e Gui. A sensação de traição (aos seus parentes, rei, e Deus) e vergonha nestas narrativas admoestam os belatores a seguirem um ideal cavaleiresco que valoriza o estatuto e o domínio social e respeita as gerações mais velhas e as figuras de poder, independentemente das suas divergências religiosas; que pratica a violência lícita, abordada nestes poemas apenas se dirigiam aos sarracenos, com exceção dos mensageiros que merecem imunidade; e isso vem no seguimento das exigências de lealdade à linhagem e consanguinidade - obrigações familiares explicitadas na Bíblia - e para o monarca como representante da elite de

guerreiros, que sustenta a política medieval (GRIMBERG, 2019, p. 249).T.A.

Enquanto Carlos Magno retornava, Roland vê os mortos e lamenta, pedindo a misericórdia divina por suas almas, para que elas possam estar junto Dele no paraíso, o conde os elogia e diz que graças a eles Carlos Magno conquistou um vasto reino, e que eles foram mortos por ele (Roland), não poder protegê-los...(v.3203-3220)

E voltando-se a Olivier diz que é por todos os francos que eles morrerão, nesse instante Marsile chega, e é amaldiçoado pelo conde, que o ataca e com um golpe decepa a mão direita do líder sarraceno, e com a outra acerta a cabeça de Esclarion, o filho de Marsile, matando-o .

Vendo seu filho morto, e perdendo muito sangue, o rei foge para Saragoça, numa manifestação de outro pecado contra o código cavaleiresco: a covardia.

Vendo a cena, os pagãos choram pedindo a ajuda de Maomé, seu deus, e questionam se ele os abandonara no campo de batalha para morrerem. Vendo-se perdidos sem deus ou rei, a quem recorrer, se rendem e admitem que seu líder estava errado.(v.3311)

John Tolan relata que a ideia de que Maomé é um deus se perpetua e na Crônica do *Pseudo-Turpin* aparece uma “explicação” para esse ato. Nela há um sarraceno relatando que Mauhoumet fez de si mesmo um ídolo na Espanha, e usando necromancia preencheu sua imagem com demônios e o configurou para proteger os sarracenos do ataque cristão.

Assim, quem lia o texto poderia acreditar que Mauhoumet é ao mesmo tempo um homem que os sarracenos aceitam como seu profeta e um ídolo que este falso profeta fez de si mesmo.

Há relatos de que datam até o século XX havia ídolos de Maomé nos festivais de pequenas cidades na Espanha, muitas das quais envolvem encenações rituais anuais da reconquista da cidade das mãos mulçulmanas. Em várias dessas festas de “mouros e cristãos”, há a simulação de uma tomada moura de uma cidadela e estes montam um “Mahoma” – uma efígie destinada a representar Maomé — nas paredes. No cerco que se segue, as tropas cristãs assumem a cidadela e destroem o Mahoma. Essas manifestações foram banidas após o Concílio Vaticano II (TOLAN, 2002, p.133).

3.2.3 A cada um, sua recompensa

Na *Chanson* os sarracenos, “que estavam do lado do mal”, pagam um preço por acreditar nos falsos deuses: são abandonados e traídos, ao contrário do que faz o deus cristão que nunca rompe seus laços de obrigações mútuas com os bons. Essa relação entre esses “dois lados” pode se dizer, seguia a lógica do direito feudal:

Satanás traiu a Deus e se tornou líder supremo do mal e de todos os traidores, que são seus vassallos, no caso, aqueles que não acreditam no Cristo, entre eles os judeus e os sarracenos, mas há excessões, os cristãos que coadunam com o mal a exemplo de Ganelon traem seu rei também são incluídos nesse grupo nefasto (DESSAU, 1960, p. 24). Seguindo essa lógica, de que os traidores são seguidores de Satanás, estes deveriam ser punidos exemplarmente, assim como os leais obteriam altas recompensas.

Durante a luta, Olivier é atingido pelas costas, e mesmo ferido de morte, pega Hauteclair, sua bela espada²⁰⁴, matando seu atacante, e sabendo do fim eminente, chama Roland, que fica extremamente triste, e se aproxima, mas não é reconhecido pelo amigo:

Ao se encontrar diante de seu companheiro, golpeia-o no elmo incrustado de ouro e o corta ao meio, até o nariz, mas sem chegar à cabeça. Diante desse golpe o conde olhou para ele e perguntou-lhe com doçura e ternura: "Senhor companheiro, você fez isso voluntariamente? Sou eu, Roland, que te amo tanto", responde Olivier. "Eu bati em você me perdoe" – “eu não estou ferido” diz Roland, “eu te perdoo aqui e diante de Deus” Eles se curvam, então um na frente do outro e é neste gesto de carinho que eles se separam! Olivier sente que a morte o oprime. Seus olhos estão embaçados, ele perde a audição e a visão. Ele desce de seu cavalo e se prostra voltado para o leste para confessar seus pecados. Ele estende as duas mãos unidas para o céu e reza a Deus para que lhe dê o paraíso e que abençoe Carlos e a doce França, bem como seu companheiro Roland, mais do que todos os outros homens. Seu coração falha, seu elmo cai para a frente. Ele está estendido no chão. O conde está morto, não diremos mais. Roland o vê, ele chora e reclama. Nunca houve homem mais infeliz (v.3351-3384) (SUBRENAT, 2016, 306-308) T.A

Roland sente grande dor, que aumenta quando ele vê seus companheiros mortos, restando poucos, entre eles o arcebispo Turpin, que alerta sobre os diversos inimigos,

²⁰⁴ Cabe aqui tratar do simbolismo dessa arma no contexto da Canção, a espada é tratada como elemento de honra, orgulho e sobretudo glória do povo franco e de meio de ação por defesa da Cristandade, segundo Ramon Llull: Ao cavaleiro é dada a espada, que é feita à semelhança da cruz, para significar que assim como nosso Senhor Jesus Cristo venceu na cruz a morte a qual tínhamos caído pelo pecado de nosso pai Adão, assim o cavaleiro deve vencer os inimigos da cruz com a espada. (LLULL, 2000, p. 77)

que são combatidos bravamente pelos francos restantes, Roland é violento, entra em combate com inúmeros inimigos, mas não é ferido pois Deus o protege (v.3494) ele pensa na noiva, aqui diversas vezes citada, em *Oxford*, Aude aparece somente na parte final da narrativa.

Enquanto isso, o arcebispo luta com sua espada Almace derrotando vários inimigos, e no manuscrito de *Oxford*, há um reforço mais acentuado da persona guerreira do arcebispo, um pouco diferente de *Châteauroux*, há a preponderância de sua função de clérigo, mas Turpin representa uma longa lista de clérigos guerreiros, que possuíam como obrigação fornecer apoio espiritual aos guerreiros, além de pregar para as tropas e abençoá-los quando estes entravam em batalha.

Segundo Helen Nicholson, há relatos de clérigos guerreiros por toda a Idade Média, como o bispo Oto de Bayeux que lutou na Batalha de Hastings em 1066, dentro da configuração de batalha, os eclesiásticos de alto escalão lutavam geralmente como comandantes.

Eles participavam da luta mesmo havendo regras no Direito Canônico sobretudo a partir do século XI, que proibia que membros da Igreja derramassem sangue, mas nunca se conseguiu impedir que o clero se envolvesse fisicamente nos combates.

Há uma pequena mudança a partir do século XII, os únicos clérigos permitidos de lutar legitimamente eram os membros das ordens militares religiosas, e com o objetivo de defender o território e os cristãos. O papel dessas ordens militares tinha sido especificamente aprovado pela Igreja, e como a maioria dos membros não eram ordenados, eles não foram afetados pela proibição de derramamento de sangue. (NICHOLSON, 2004, p. 64).

Roland que já estava resignado com seu destino e diz a Turpin, que aquele era o dia fixado para as suas mortes e lamenta: “Se tivesse vivido tempo suficiente para esperar regressar à doce França, teria vingado Ganelon, que montou uma tal emboscada contra mim. Que Deus o amaldiçoe! (v.3583-3589) (SUBRENAT, 2016, p.329). Ele pede a benção, pois eles não estarão vivos ao fim do dia.

Enquanto isso, o rei sarraceno pede o auxílio de Maomé, e que Tervagante se revele, pois Carlos está chegando. Ao longe, Roland escuta a aproximação do tio, os

pagãos fogem, Marsile teme perder a Espanha, se o emir²⁰⁵ não chegar e ajudá-lo, já que ele não nada poderia fazer pois perdera a mão...

Quanto ao arcebispo, este começa a sangrar, cai de joelhos no chão e Roland vai a seu encontro, e o conde pede uma prece, dizendo que não o abandonaria... assim como a seus outros companheiros, que Roland procura no campo de batalha, e os encontra, enquanto o arcebispo, ora por eles.

Roland, com as poucas forças que possui, tenta chegar até Turpin, que a exemplo do Cristo, entrega sua alma e seu corpo a Deus numa prece: “Senhor Deus Pai, eu vos entrego minha alma e meu corpo (v.3874), em seguida, amaldiçoa todas as supostas forças de Apolin, que trouxera um grande desastre aos franceses de Carlos.

Mesmo dizendo que os “deuses” são ineficientes, os cristãos da narrativa atribuem a eles seus infortúnios, como se estes tivessem algum poder de agir em prol dos sarracenos.

O conde sofre em agonia, não consegue falar, estava morrendo de sede, sua boca inteira estava rachada e seu rosto e queixo estavam inchados. A sua frente vê o arcebispo que estende ardentemente as mãos para o céu, rezando a Deus, para recebê-lo em sua morada no Paraíso, sua alma então o deixa, sem que ele diga uma palavra. Turpin morreu a serviço de Charles, e que segundo o autor: “Na grande batalha e em toda devoção, foi incessantemente seu campeão contra os pagãos”. (v.3889-3914)

Roland se aproxima do clérigo, cruza-lhe as mãos e percebe que de seu corpo exala um doce odor de incenso ou pimenta, em seguida, o elogia por sua fé firme em Jesus, e pediu que São Miguel oferecesse sua alma a Jesus Cristo;

Esse detalhe não aparece no manuscrito de *Oxford*, e vale frisar que o detalhe do doce odor corporal do arcebispo, trazem indícios de santidade: fenômeno ocorrido com a manifestação do perfume milagroso ligado ao santo, exalado em particular à sua morte ou depois dela (BENOIT, 2012, p.73).

O conde está mal, ele recomenda a Deus as almas de Olivier, do arcebispo e de seus amigos, vai até dois pinhos floridos, local que possui duas pedras, de mármore cinza, aonde desmaia....um sarraceno se aproxima dele disfarçado, e sem fazer barulho, quando chega mais perto, reconhece Roland e o ataca, dizendo ao conde, que ele perdera, e que daria a boa espada em tributo a Baligant, o melhor senhor do mundo.

²⁰⁵ Marsile se refere à Baligant, emir da Babilônia, opositor a Carlos Magno na segunda parte da *Chanson*, no Manuscrito de *Oxford*, não há prévia referência dele, que só é conhecido mais nos versos mais adiantados da narrativa

Roland reage, e em meio ao sofrimento, recupera a força física, pega o olifante e atinge o oponente, quebrando seu elmo e esmagando seu crânio, com isso, demônios vivos levam sua alma, que seu corpo seja condenado a cem diabos (v.4032-4033).

Novamente há o reforço da ideia de quem crê no Deus cristão herda o céu, e quem é incrédulo terá como fim a danação na presença do diabo (EDGINGTON, 2012, p.40). Vemos as consequências em diversas obras do Medievo como a *Visão de Túndalo*, e até mesmo nos portais infernais dentro do Islã.

Sabendo que morreria, Roland que tenta quebrar sua espada: que em seu punho possui numerosas relíquias, que eram sinais de proteção, quanto mais relíquias a arma possuísse, maior era a proteção de seu usuário (SMITH, 2011, p.177).

Pode-se perceber que tal valorização das relíquias citado em *Châteauroux*, é inexistente no manuscrito de *Oxford*, mas também muito valorizado em *Fierabras*, pois no século XII a veneração de relíquias exercia uma atratividade maior ao peregrino, que buscava seguir a rota de Roland, podendo assim, ter acesso a esses “bens sagrados”, e buscar por eles proteção e bençãos.

Roland, temendo que Durendal caísse nas mãos inimigas após sua morte, quando percebe que não pode quebrá-la, a joga numa fonte de água poluída cheia de veneno:

Não é aceitável que um pagão te segure nas mãos dos cristãos. Com você muitas batalhas foram vencidas e muitas terras vassalas da França sob a autoridade de Carlos de barba branca. [...] O rei da França vai sentir raiva, porque agora está sozinho, sem proteção. Roland estava no topo de um monte alto, ele bate sua ponta com as duas mãos "Deus, tenha piedade de mim, por tua graça, pelos graves pecados que temo causarão minha queda, miserável pecador que sou desde a hora de meu nascimento até o advento deste dia! Ele estende a luva direita para o céu, o céu se abriu e os anjos vieram para colocar sua alma na alegria da salvação.[...] A morte a oprime e nunca deixa de assaltá-la. Estava à beira da morte, Deitou-se na grama verde chorando, virou o rosto para a vasta Espanha. Ele se comporta assim porque deseja absolutamente que Carlos diga a todos os seus homens: "O nobre conde morreu conquistador". Eu faço uma oferenda a você no topo desta montanha. Roland estendeu o cume, seu rosto voltado para a vasta Espanha. ciente de que ele não pode ir mais longe, que ele o está fazendo morrer aqui agora. Ele bate sua culpa em verdadeiro arrependimento confessando sinceramente seus pecados [...] Ele está bem ciente de que não pode ir mais longe, que está morrendo aqui agora. Ele bate sua culpa em verdadeiro arrependimento confessando sinceramente seus pecados [...] Ele então se apoia em seu rico escudo, mãos entrelaçadas; sua alma parte cantando. Anjos alados então a levaram e a deitaram, sorrindo, diante de Jesus, onde toda alegria é encontrada. Nenhum clérigo, por mais instruído que seja, poderia dizer mais. Roland está morto, o nobre

e renomado conde. (v.4043-4130;4141-4144; 4164-4170) (SUBRENAT, 2016, p.352-364) T.A

Destino diferente dado à Durendal ocorre no manuscrito de *Oxford*, além da declarada presença dos arcanjos Miguel e Gabriel, que aparece inúmeras vezes na narrativa:

Roland sente que a morte tira tudo dele: de sua cabeça, ela desce ao coração. Para abaixo um pinheiro corre; ele deitou na grama verde, virado para baixo. Sob ele, coloca sua espada e o olifante. Ele virou a cabeça em direção à gente pagã: ele o fez, querendo que Charles dissesse: e todo o seu povo, que morreu vencedor, a bela contagem, com golpes fracos e muitas vezes, ele bate sua culpa. Por seus pecados ele estende a Deus sua luva.[...] Roland sente que seu tempo acabou. Ele está deitado em um monte íngreme, seu rosto voltou-se para a Espanha. Com uma de suas mãos ele bate no peito: "Deus, por sua graça, mea culpa, pelos meus pecados, grandes e pequenos, que tenho feito desde a hora em que nasci até neste dia, quando estou abatido!" Ele estendeu a mão para Deus com sua luva direita. Os anjos do céu descem a ele. [...] são Gabriel a pegou da mão dele. No braço ele deixa sua cabeça cair; ele foi em mãos segurado pelos lados. Deus lhe envia seu anjo Querubim e São Miguel do Perigo; com eles veio são Gabriel. Levam a alma do Conde para o paraíso, Roland está morto; Deus tem sua alma nos céus (v. 2355-2365;2389-2398) (BÉDIER, 1923, p. 180-182) T.A.

A morte de Roland mostra o caráter evangelizador e feudal da obra, ele se sacrifica pelo seu povo e por seu rei, e ao fim de sua jornada recebe a recompensa almejada por todos, vinda do Senhor celeste:

O seu fim, narrado nos versos comovidos da *Chanson*, é o de um vassalo de um Deus guerreiro; antes de fechar os olhos, o paladino entoia uma autêntica canção de amor a sua espada Durandal, em cujo punho estão encerradas relíquias preciosas, e depois, num acto supremo de *fidelitas*, oferece a sua luva a Deus, erguendo-a para o céu, que imediatamente se abre para que uma legião de anjos desça e leve o herói até as portas do paraíso. [...] Mas o que é certo é que esses anjos que descem para acolher o conde Roland e o escoltam até ao céu, não são valquírias disfarçadas, são anjos cristãos, revividos, porém, num conjunto de valores conceptuais e de sensibilidade que deve muito a tradição guerreira ancestral, mas que deve muito mais a uma eclesiologia inspirada mais no Velho Testamento do que no Novo Testamento. O S. Miguel guerreiro da tradição épica e o bíblico <<Príncipe dos exércitos do Senhor>> e o Deus cristão de Roland, embora seja muitas vezes evocado como <<Filho de Maria>>, e, na realidade, e acima de tudo, o terrível Deus de Israel, o *Dominus Deus Sabaoth*, senhor da guerra e da vingança.(CARDINI, 1989, p. 60-61)

“O senhor da Vingança” se expressará na figura de Carlos Magno, que chega e lamenta a perda do sobrinho, cheio de fúria, organiza suas tropas e percebendo o avanço da hora, solicita uma graça a Deus, pedindo que o sol pare, para retardar a noite e manter o dia.(v. 4253-4254), algo semelhante ocorre em outra gesta, *La Chanson de Jérusalem*, Deus não pára o sol, mas faz a noite inexistente (SUBRENAT, 2016, p. 371).

O milagre acontece, fazendo o exército cristão atacar e os pagãos novamente recorrerem, sem sucesso, a Maomé e Tervagante.

Outra evidência aqui é apresentada pelo autor sobre Carlos Magno ser abençoado por Deus. Esse milagre remete ao episódio bíblico passado durante a batalha de Josué contra os cinco reis amorreus: " Josué falou ao Senhor no dia em que ele entregou os amorreus nas mãos dos filhos de Israel, e disse em presença dos israelitas[...]"O sol parou no meio do céu, e não se apressou a pôr-se pelo espaço de quase um dia inteiro” (Js 10:12-13) (VULGATA, 2007, p.421). Esse caráter de abençoado e bendito de Deus também é reforçada na Crônica de Pseudo-Turpin:

O Pseudo-Turpin retrata Carlos Magno como tendo um relacionamento favorecido com Deus. Esta relação é facilmente aparente perto do início da história quando São Tiago aparece diante de Carlos Magno e diz: “Portanto, eu [Tiago] quero notificá-lo [Carlos] que o Senhor o fez poderoso acima de todos os reis terrenos, por isso ele te escolheu entre todos os príncipes para preparar através de mim o caminho da fé e libertar minha terra das mãos de sarracenos.” No Pseudo-Turpin, Carlos Magno é o mais capaz e mais favorecido por Deus. A retórica cruzada do século XII continha muitas das mesmas ideias e muitas das mesmas imagens. Os cruzados eram o novo “povo escolhido” que foi chamado por Deus para libertar a Terra Santa. No Pseudo-Turpin, a Espanha torna-se um nova “Terra Santa” e Compostela uma Nova Jerusalém.(LATOWSKY, 2008, p. 160) T.A

Algo semelhante é relatado sobre Philippe Auguste, na obra biográfica *Phillipide*, em que uma série de eventos demonstram a inclinação de Deus e da Igreja ao soberano, como nos diz Jin Bradbury:

Aos onze anos, dizia-se que na missa o Senhor apareceu a Philippe, que com o resultado pôs o rosto em terra, chorou e jurou consagrar vida às boas obras. Em campanha no sul em 1188, em *Leuroux*, foi alegado que Philippe estava lutando justamente contra Ricardo Coração de Leão,

com Deus ao seu lado. A terra estava ressecada, mas caiu uma chuva repentina e, embora o tempo quente secasse todos os rios, um riacho de repente fluía claro e profundo de onde todo o exército, junto com seus cavalos e animais de carga, pôde beber até se encher. O córrego corria em uma torrente como nunca antes no verão, mas secou de novo quando Philippe faleceu. Isso foi claro, interpretado pelos cronistas de Philippe como mostrando o favor de céu, mas eles sabiam que estavam propagando uma visão que Philippe queria divulgar. O próprio Philippe procurou enfatizar o apoio divino para suas ações quando estava prestes a lutar a maior batalha de sua carreira em Bouvines. Assistiu à missa, rezou, e então teve a auriflama carregada diante dele como uma bandeira eclesiástica, proclamando: 'Deus nos conduzirá à batalha e seremos seus ministros. A Igreja nos ajuda com suas orações... lutamos em nome da Igreja.' Mais tarde a vitória foi celebrada com o canto de hinos e a colocação de armas capturadas nas igrejas. (BRADBURY, 2013, p. 171).T.A.

O exército pagão foi massacrado por Carlos Magno e os francos, usando grande agressividade, tal característica é mais presente em *Châteauroux*, mostrando um rei mais aguerrido e seguro, vemos duas qualidades bem definidas em Carlos Magno, o rigor tático e a excessiva religiosidade, refletindo traços de personalidade semelhante às Philippe II, e a de seu antecessor Luís VII respectivamente ²⁰⁶.

Não somente Carlos Magno reproduz os reis capatingios, dentro da narrativa, o próprio exército sarraceno é um “simulacro” a nível de estratégia e estrutura do exército franco.

3. 2. 4 - Exércitos Espelhados

Toda a estrutura do exército pagão, assim como suas esferas de comando e técnicas de batalha são idênticas as dos cristãos, a única característica diferenciadora, é segundo o autor que os cristãos recorrem a Deus e aos santos sem idolatria, enquanto os muçulmanos “são idólatras politeístas que adoram imagens esculpidas de Mahum, Apolin, e Tervagan”, a presença destes marcam o sinal do declínio do poder islâmico, e a “falência desses deuses” derrotados. (AKBARI, 2012, p. 206)

Os francos acampam e o rei vai em busca dos corpos de Olivier e Turpin, e ao encontrá-los, os levará para a França, além de prometer se vingar de Ganelon. Enquanto ele se recolhe, o anjo Gabriel fica toda a noite a seus pés protegendo-o. E enquanto se recrimina por deixar seus homens, tem uma visão: o imperador olha os tronos celestiais,

²⁰⁶ Luís, o Jovem, de dezesseis anos, sucedeu seu pai na 1137 como Luís VII.[...] Tendo sido destinado à Igreja, e educado na escola da catedral em Paris, ele tornou-se rei com a morte de seu irmão Filipe em 1131. Ele foi piedoso e limitado...T.A (BRADBURY, 2013, p.17-18).

e uma série de fenómenos se manifestam: trovões e geadas, granizo, fogo e chamas se precipitam sobre o exército, incendiando as lanças, abrindo elmos e espadas quebrando.

Ele vê ursos, leopardos, serpentes, víboras e dragões, além de trinta mil grifos que atacavam os franceses que choram e pedem ajuda ao rei, que tenta libertá-los, mas um leão avança sobre ele, que fica gravemente ferido, eles lutam e seria difícil dizer quem vencera! (v.4381-4414)

Esse primeiro sonho podemos inferir que os desastres naturais como a tempestade e os trovões são a voz de Deus, a representação de Sua justiça, assim como as turbulências sofridas pela perda dos doze pares, o fogo tem o aspecto negativo de ação diabólica, que aqui destroem as armas do exército, ursos, leopardos, e leão são animais contidos na profecia de Daniel que representavam impérios orientais, especialmente o leão faz sentido dentro da narrativa que representando a Babilônia, aqui governada pelo emir Baligant.

Essa incerteza na vitória, evidencia a caracterização dos muçulmanos como uma ameaça poderosa, que deveria ser combatida, pois sua existência mudaria sobremaneira a conjuntura político-social europeia:

A estratégia de classificar os muçulmanos como ameaça externa, influenciava a concepção da Europa medieval sobre o que era o território além de suas fronteiras, e como viviam esses “outros”, diferentes dos judeus (outros internos, mas não legitimamente europeus), que se expandiam e ocupavam áreas da Europa e interferiam de maneira intensa a região, substituindo a cultura, a língua e a religião,

Essa classificação dos muçulmanos como uma ameaça externa trazia implicações importantes para a concepção medieval da Europa e o que contava e o que não era território europeu. Como o Outro interno, os judeus não eram tão legitimamente europeus; no entanto, a presença de uma comunidade judaica não colocava em causa a europeização de um território. Por outro lado, os muçulmanos representavam uma ameaça externa capaz de mudar aspectos fundamentais de uma sociedade. Como indivíduos, os muçulmanos representavam o potencial de um mundo muçulmano poderoso e confiante, o que os tornava uma ameaça de uma maneira diferente daquela representada pelas comunidades judaicas. Em áreas da Europa com uma presença muçulmana substancial ou com governantes muçulmanos, aspectos fundamentais da identidade medieval da Europa Ocidental – religião, língua e cultura – foram substituídos e/ou abandonados. Assim, como o Outro externo, seguiu-se necessariamente que os espaços muçulmanos foram excluídos das concepções medievais da Europa. As áreas controladas por muçulmanos não faziam parte da Europa; na Espanha medieval, muitos dos termos empregados pelos cristãos para denotar conceitos de fronteira referem-se a fronteiras entre territórios muçulmanos e cristãos. O termo Reconquista é em si instrutivo a esse respeito, pois os

territórios tiveram que ser reconquistados – retirados do controle muçulmano e transferidos para o controle cristão – antes que pudessem ser devidamente identificados como partes da Espanha.(NADHIRI, 2017, p. 83).T.A.

Marsile chega em Saragossa, Bramimonde, sua esposa chora, os pagãos maldizem Carlos e vão até a mesquita “ou mahomerie nome que os franceses chamavam o local imaginário onde os muçulmanos adoravam os ídolos”(RAMEY, 2001, p.69-70). Lá os sarracenos acusam seus deuses de nada fazerem, e o rei pega um bastão que bate em Tervagant , Nero e Maomé.

A rainha Bramimonde com seus cabelos louros e dedos finos, (a descrição física da rainha é somente feita em *Châteauroux*, em *Oxford*, tal detalhe é ignorado) se dirige aos pagãos e diz que se o emir não vier, seus filhos jamais estarão seguros, e se atenderem a Carlos serão feitos prisioneiros e a cidade rendida.

Bramimundie é retratada como uma esposa leal, cumprindo os deveres reais de seu status, mas após o ferimento mortal de seu esposo, Marsile, sua atividade, proeminência e posição representativa, aumentam o verso por verso. E muito depois de seu rei-consorte ter morrido, a Rainha Braminonda está viva, uma convertida digna, muito além da identificação amor-casamento de outras mulheres medievais em outras obras de literatura, como Isolda. Chamar Braminonda de um modelo a seguir é ser cego para a dicotomia pagão-cristã que essa épica tenta ilustrar; é seguro concluir que, para nenhuma mulher cristã francesa, Bramimunde, no mínimo, como inspiração”.(HARRISON, 1981, p. 678) T.A

Novamente temos uma dama sarracena de aparência semelhante às damas cristãs (RAMEY, 2001, p. 49), como ocorre com Floripas na gesta *Fierabras*. Assim como a princesa sarracena, Bramimonde tem voz ativa e ação na narrativa, fugindo do padrão das mulheres cristãs intocáveis e um tanto submissas.

Nesse ponto vemos a virada da narrativa da primeira para a segunda parte, quando Baligant o emir da Babilônia, atende ao pedido de Marsile, e antes de desembarcar de sua frota de navios, acusa Carlos de conduzir a Guerra à Espanha, e que ele conquistará a França, e não se deterá em sua vida, somente se for morto ou vencido (v.4575-4602)

A origem de Baligant tem um significado nefasto, e simbolicamente escatológico, claramente fazendo alusão à Ap.17;5-6 que diz: “Na sua frente estava escrito um nome misterioso: «Babilônia, a grande, a mãe das prostitutas e das

abominações da terra.» Vi ainda que a mulher estava embriagada com o sangue dos santos e com o sangue dos mártires de Jesus”. (VULGATA, 2007, p.2684)

No século XII, os muçulmanos serão atrelados ao discurso cristão como propagadores do fim dos tempos e na narrativa, a chegada de Baligant confirma essa ideia, quando este é ligado a um possível levante de Satanás e ao fim do mundo:

Mas é indubitável que o sentido da História, como vivência móvel da humanidade entre um início e um fim, nasce com o Apocali2684pse, com vaticínios que respeitam a algo que ainda está para vir e que nos diz que a História é o lugar de um contínuo recontro de Deus com Satanás, o combate da Jerusalém Celeste contra a Babilónia. (ECO, 2011, p.32).

O emir envia dois mensageiros a Marsile, para avisar de sua chegada, e para reforçar que o emir mataria Carlos Magno. Após um longo trajeto, a dupla chega até a fortificação, que estava em grande tumulto, no local, os presentes choravam em grego²⁰⁷ e os mensageiros encontram Marsile recolhido, e falam com Bramimonde, que mostra descrença com relação a seus deuses.

Em resposta os mensageiros dizem que Baligant protegerá Marsile, mas a rainha diz que o Deus dos francos é melhor que Tervagant, Apolin e o “imundo” Maomé (v.4732-4733). Nessa fala de descontentamento, já vemos uma inclinação da rainha ao Deus cristão.

Marsile manda dizer ao emir, que fora derrotado e perdera tudo, e que dará a Baligant a propriedade das terras da Espanha, e que a partir daquele momento, Baligant a guardasse dos franceses. Percebemos uma mudança na personalidade do rei de Saragossa, que antes era confidante, arrogante e desmedido, com a derrota, se tornou apático e covarde, ao contrário de Carlos que ao perder Roland e os pares se fortalece e ganha vigor.

²⁰⁷ Língua oriental, ligação entre povos, faz parte das “línguas sarracenas”: A imagem dos sarracenos não é homogênea nem coerente, e apenas consistente, e só em casos excepcionais corresponde à realidade. A complexidade da figura épica do sarraceno é visível nos textos literários. [...] Os bons estão de um lado e os maus, do outro. Os cristãos enfrentam os sarracenos e as forças do bem estão em eterno conflito com as do mal. Esta abordagem dicotômica pode também ser reconhecida na descrição de estrangeiros. Os autores parecem estar cientes da diferença entre a língua dos sarracenos e a língua falada pelos cristãos. No entanto, eles não têm conhecimento profundo o suficiente para ser capaz de diferenciar entre as línguas orientais.[...] No que diz respeito às línguas faladas por eles, mencionadas em os textos das canções de gesta, elas podem ser agrupadas em várias categorias. Os sarracenos que são da África falam línguas africanas (o africano ou o bárbaro), os habitantes do Oriente expressam-se em Línguas de tipo oriental (grego, hebraico, armênio, siríaco, turco, persa, beduíno, indiano, etc.), enquanto um número significativo de dialetos, os ocidentais são dominados por não-cristãos que vivem em solo europeu ou ter passado algum tempo lá (espanhol, aragonês, basco, flamengo, normando, Bretão, Francês, Latim, Romano, Thiois, Borgonha, etc.). T.A (VÖRÖS, 2015, p. 206-210).

Os mensageiros retornam e ao encontrar o emir, relatam do ferimento de Marsile e do massacre dos sarracenos em *Roncevaux*, além da morte de Roland e dos pares o que enfraquecera o imperador. Diante das notícias, Baligant decide atacar os francos!

O emir junto com trinta e três reis e vai até Saragossa, ao chegar é recebido por Bramimonde, que o leva até Marsile, que entrega a responsabilidade sobre Saragossa a Baligant que a recebe, partindo em seguida.

Carlos Magno se prepara para ir à *Roncevaux* resgatar o corpo de Roland e dos doze pares, para retornar à *douce* França e se vingar de Ganelon, no caminho, encontra um peregrino que lhe conta que Baligant está atrás do rei franco acompanhado de mais de cem mil cavaleiros, e que eles vem vingar Marsile (4853-4885)

Os sarracenos se aproximam, um deles sem saudar Carlos Magno o ameaça:

Pois bem, rei pérfido, tu estais fugindo? Nunca mais ouvirás sermões ou canções na França. Perdeste Olivier e Roland, e os doze pares que o protegem, não há pagão da Índia, a grande, até Meca ou até Garillant, nenhum daqueles que carregam armas, e que não venham com esporas: todos estão ansiosos para matá-lo. (v.4898-4906) (SUBRENAT, 2016, p.410) T.A

Ao ouvi-lo, Carlos Magno chama seus homens às armas, especialmente Rabel e Guinemant, a quem ele dá as posições de Roland e Olivier -algo que ele não faz em *Oxford*-, para em seguida, dividir os cem mil homens entre Ogier, Naimés e Richard da Normandia, com os primeiros três corpos de batalha, o quarto com os Alemães – do outro lado da montanha, de barba abundante e vestidos de peles, os Normandos ficaram com o quinto, os Bretões com o sexto, o sétimo ficou com Joçaine e Josué de Clarvent, o oitavo com os homens de Flandres e da rica Frísia, Nayme da Galícia e Joseran de Logne, ficaram com o nono e por fim o próprio Carlos Magno lideraria o décimo, e era formado pelos barões da França.

A formação do exército de Carlos Magno demonstra a universalidade do poder político do monarca, e todos os representantes de suas possessões se apresentam para a luta, uns até voluntariamente, mostrando que estes servem ao rei não apenas pelo dinheiro, mas por lealdade e fidelidade.

Antes de partir, Carlos Magno desce de seu cavalo e ora, implorando a proteção de Deus, para si e para os seus. Historicamente, é notória essa característica pia do imperador dos francos, e de seus homens no campo de batalha:

Os três dias de ladainha e oração realizados na campanha de Avar, famoso pelo relato de Carlos Magno sobre eles em sua carta a Fastrada, é mais um exemplo da preparação espiritual de um guerreiro contida em uma seqüência habitual de orações, missas em tempo de guerra ou do rei saindo para a batalha, ofertando esmolas, fazendo procissões e jejum para obter assistência divina para os seus exércitos. O exército se reuniu para atacar os ávaros “implorou a misericórdia de Deus, para que se dignasse conceder-nos paz, saúde, vitória e uma campanha bem-sucedida”. As orações do exército foram reforçadas por orações em outros lugares do reino. Padres e bispos acompanharam ao exército e serviram às necessidades pastorais dos soldados em campanha, provavelmente incluindo confissão. (MCKITTERICK, 2008, p. 224) T.A

Os pagãos entendem que Deus os exterminará (v.5124), e acreditam ser seu fim, o rei franco obtém vantagem. Enquanto isso, Baligant se arma com sua espada *Precieuse*, arma espelho de *Joieuse*, espada de Carlos Magno que possuía em si numerosas relíquias, assim como Durendal.

Baligant também parece fisicamente com Carlos Magno, apresentando uma barba branca, além de ser erudito em sua religião e intrépido no combate como um leão²⁰⁸, mostrando-se um adversário formidável, tão capaz e valoroso como o próprio imperador.

Seu filho Malprime também é belo, alto, forte, sábio, corajoso, cortês e de espírito cavaleiresco, que traz em si a junção das características de Olivier e Roland, numa união perfeita entre ousadia e comedimento, se fosse cristão poderia ser considerado um cavaleiro perfeito, este acredita que seu pai venceria Carlos Magno.

O que o próprio Baligant responde com cautela que o imperador é um homem de valor, muito conhecido nas gestas assim como Roland, Olivier e seus companheiros. Essa fala demonstra que a fama dos doze pares é reconhecida através dos seus feitos relatados nas canções.

Baligant fala com seu filho sobre a organização dos corpos de batalha francos e expressa seus receios em enfrentar os cristãos, mas promete recompensar o filho e seus homens se estes vencessem Carlos Magno. (v.5231-5251)

E para isso, ele ordena seu corpo de batalha composto em sua maioria por povos orientais considerados ameaças para a Europa cristã: o primeiro corpo formado por Boteroz, onde segundo o poeta, o pérfido Judas era originário, o segundo formados por

²⁰⁸ Tal comentário faz referência ao sonho de Carlos Magno em que ele era atacado por um leão.

Turcos de Montenegro, o terceiro por Nubles e Blos, o quarto por Escocesses e Eslavos, o quinto por Sarracenos de Got (vila sarracena), o sexto por Armenios, o sétimo por homens de Jericó, o oitavo por povos d'Anage (terra sarracena) e Gloz (povo sarraceno), o nono pelo povo de Énoz, o decimo pelos Balides (v.5258-5277).²⁰⁹

Outro grupo de dez corpos é formado para ficar sobre a pradaria, o que não ocorre em *Oxford*, que mostra somente dez corpos de batalha no total²¹⁰. O próprio Baligant possui seu grupo de dez exércitos mimetizando Carlos Magno, ele é assim definido: O primeiro formado por Gigantes do Val de Proisse, o segundo compost pelos Hunos, o terceiro por Húngaros, o quarto por homens da Albania e de Kent (terra sarracena), o quinto, pelos povos do Val Bruiant, por homens de Marmoise e Aiglent, o sexto por Negros do Outro-Oriente (provavelmente do Magreb), oitavo pelos árabes, nono pelos homens de Abilant, e a décima liderado pelo próprio Baligant.(v.5295-5316).

Vemos aqui uma estrutura de guerra islâmica maior do que a dos cristãos, mas semelhante à organização tática feita nos moldes do exército franco. Talvez por desconhecimento ou intencional supressão, o autor não fez as tropas de Baligant no modelo dos eficientes exércitos muçulmanos. Ou tivesse algum receio em citar as avançadas técnicas e estratégias militares do inimigo geralmente melhor organizado do que os cristãos:

Os exércitos medievais muçulmanos superavam os seus adversários cristãos em nível de organização. Algumas das suas táticas e tradições militares tinham origem romano-bizantina, ou persa, a maioria das hostes era composta por soldados profissionais embora voluntários religiosos também fosse importantes. O grosso dessas tropas profissionais era de origem turca ou, subsidiariamente, curda(sendo esses últimos pouco estimados pelos emires), e muitos provinham de famílias de tradição militar, onde os jovens aprendiam o ofício da guerra ao lado de seus parentes[...]”(MONTEIRO; MARTINS; AGOSTINHO, 2015, p.44)

²⁰⁹ Que a autora Lígia Vassalo, em sua tradução da Canção de Roland aponta que; Nubles são os publicanos, membros de uma seita religiosa; Blos os valáquios; Gros os gregos. Os outros povos não foram identificados (VASSALO, 1988, p. 115).

²¹⁰ O Emir monta as fileiras de suas tropas. Seu filho o segue, tem estatura alta. O rei Torleu e o rei Dapamort estabelecem a tempo trinta corpos de batalha: eles têm cavaleiros em número maravilhoso: o menor número de corpos é de cinquenta mil. O primeiro é composto por aqueles de Botentrot, e o segundo de Miscenes com grandes cabeças: nas costas, ao longo das costas, eles têm cerdas, como porcos. E o terceiro consiste em Nubles e Bios, e o quarto de Bruns e d'Esclavons, e o quinto de Sorbres e de Sors, e o sexto de armênios e mouros, e o sétimo daqueles de Jericó, e o oitavo de Nigres e o nono de Gros, e o décimo os de Balide la Forte; é uma raça que nunca quis ser boa.(v. 3214-3231).T.A (BÉDIER, 1923, p. 244).

Os pagãos entram em confront com os cristãos, ocorrendo massacre dos dois lados, Carlos Magno manda atirar com os arcos turcos, armas originalmente de especialidade do exército muçulmano²¹¹, só copiada pelos cristãos durante a Terceira Cruzada, tal detalhe não consta em *Oxford*, haja visto que este for a inscrito anteriormente a esse evento.

Naimes gravemente ferido, pede ao imperador que ele continue, pois ele ficará para trás, pois for a ferido no pulmão, e por isso, seu combate terminaria. Carlos jura que a linhagem de Maomé pagaria caro. (v.5560-5567)

Baligant, um exímio guerreiro mata varios francos e fere Richard de Normandie, vendo isso, os pagãos elogiam *Preciouse* e a nomeiam “protetora”, dando destaque a ela assim como os cristãos valorizam *Joyeuse*.

O nome Joyeuse tem dupla significação, ligada à reliquia de seu punho traz a mensagem da felicidade experimentada pelos seguidores de Cristo ao receberem a salvação por meio do sacrifício de Cristo.

Essa alegria é particularmente relevante para os cristãos que estão dispostos a sacrificar suas vidas em defesa de sua fé, assim como a ligação de seu nome com o grito de Guerra Munjoie (anteriormente explicado).

Já a relação do nome semelhante da espada de Baligant com a de Carlos Magno, o autor deixa implícita uma crença difundida no Medievo, baseada nas passagens de Êxodo 7:11 e 2 Coríntios 11:14, que sugeria que o diabo era capaz de imitar as obras de Deus. Em particular, Baligant, em sua boa-fé, não podia compreender completamente essa distinção e, portanto, agia de acordo com essa crença, (BECKMANN,2023, p.471-472), que reforçava o esteriótipo de que os pagãos eram de origem demoníaca.

Os pagãos lutam bem, e Baligant faz uma prece a Maomé e Tervagant, pedindo que eles sejam seus aliados contra Carlos Magno, pede conselho e ouve de um de seus homens o terrível vaticínio : Tu estás morto Baligant, vosso deus jamais dará segurança”(v.5627-5628).Tal sentença parece ter sido dita por um cristão expondo a superioridade de sua fé, e não por um graduado conselheiro pagão.

Ao fim do dia²¹² de combate entre exércitos, Baligant vê Carlos Magno, e o ataca. O imperador responde e todos sabem que um dos dois ali encontrará a morte!

²¹¹ Referência feita no capítulo 2. Arma sarracena, não cristã ou franca. (SUBRENAT, 2016, p. 449).

²¹² Há uma falta de determinação do autor na definição do tempo dentro da narrativa, fatos correm em espaço de horas, ou até mesmo dias.

O emir provoca o rei franco que exorta Baligant a aceitar o batismo e ser seu vassalo, em resposta o pagão diz que não será nem por todo o monte Calvário²¹³, nem por todo o tesouro. Essa atitude em resistir ao batismo é semelhante ao do *al mirant* Balan na gesta *Fierabras*.

Baligant atinge Carlos Magno, que cai, e a intervenção divina acontece: o anjo Gabriel aparece e Deus age e ele recobra a força e a coragem, atingindo com *Joyeuse*²¹⁴, Baligant do rosto até a barba branca, o que o leva definitivamente à morte.(v.5779)

Os pagãos se enfurecem e seguem em direção à Saragoça, lugar em que Bramimonde descobre o destino de Baligant, a rainha se desespera e diz ao marido que é o fim da Espanha e que jamais os pagãos a reconquistarão.

Ao ouvi-la “Marsile levanta a cabeça quando ouve. Seu coração falha, seus maxilares cerrados, ele entrega sua alma sem mais demora. Trinta demônios o levam para o inferno para colocá-lo na presença de seu mestre. Ele morreu de tristeza; sua alma é entregue aos tormentos”²¹⁵ (v;5798-5825)

3. 2. 5 - Ocupação e Espólios de Guerra

Após tomada a cidade, há pilhagem e destruição, sem distinção de locais particulares, públicos ou sagrados, além da submissão, morte e conversão compulsória dos inimigos.

Sendo essas práticas comuns exercidas pelos exércitos dos dois lados, à época da ocupação da Península Ibérica, em relatos como a *Crônica Mundi* de Luca Tuy, que descreve que quase todos os mouros da Espanha, foram forçados a submissão sob ferro e fogo nas mãos dos cristãos, e que outros povos como godos só escaparam por que fugiram para as alturas dos Pirineus nas Astúrias e na Galia: “E quando estes mouros voltaram com sua faca vingativa, mudaram as torres das cidades antigas, destruíram

²¹³ Vemos novamente um pagão usar como referência sagrada um símbolo cristão.

²¹⁴ A tradição épica francesa torna *Joyeuse* uma arma encantada, irresistível e deslumbrante também “protetora”. Nas mãos de sucessivos governantes: Clovis, Pepino, Carlos Magno, reais campeões de Deus, faz triunfo apenas as causas justas: defesa do território ou luta contra os sarracenos ...A espada *Joyeuse* e o estandarte foram ligados ao grito de guerra por pertencerem ao “país” (gawi), à defesa da qual todos os três concordaram, como o farão mais tarde pela participação em uma mesma “alegria cristã”, que credenciará a falsa etimologia de *gaudia* imaginada pelos clérigos medievais. Quando os combatentes bradavam seu apelo vigoroso, o porta estandarte o brandia diante das tropas a lança ou estandarte, símbolo do “Proteger -país” invocado. T.A. (LOMBARD -JOURDAN, 1993, p. 159-180).

²¹⁵ Marsile é mostrado de maneira exemplar de como a fé no deus errado causa destruição, e é isso que a *Chanson* reforça, ele um homem orgulhoso e poderoso, perde tudo por trair, mentir, e adorar falsos deuses. Numa clara demonstração ao público das consequências sofridas por quem vai contra Deus e o rei, a ruína e a danação eterna.

castelos e mosteiros, queimando os livros da lei sagrada e cometendo más ações”.(MORERA, 2016, p. 47).

Tais atos de queimar igrejas e saquear tesouros eram estratégias psicológicas importantes para aumentar o pavor, assim como transformar templos em mesquitas geralmente serviam além de seu fundo prático, para se vangloriar e humilhar os infiéis. Por isso, quando os cristãos retomavam seus locais, logo reconstruíam as igrejas, para assim devolver aos cristãos sua “pátria”

Os pagãos estão mortos, a batalha está ganha, o exército franco chega a Saragoça, Carlos Magno derruba o portão principal e ocupa a vila. Esse ato é visto como uma demonstração do poder e da força do imperador cristão e sua atitude é característica dos textos do século XII:

Os sarracenos foram enfrentados e derrotados em campo aberto, em terras cristãs. Estas eram terras que haviam sido temporariamente detidas pelos sarracenos, mas ainda assim eram essencialmente cristãs. A literatura do século XII, finalmente levou o cristão à fortaleza dos sarracenos, aos castelos mágicos da Espanha que os sarracenos ocupavam. Não se podia simplesmente caminhar ou cavalgar até um Castelo sarraceno. A viagem assumiu o topos da "aventure merveilleuse". Para dizer que "chegar lá foi metade da diversão" não é exagero ao descrever a caminhos indiretos que levaram o viajante francês a entrar nos domínios de sua contraparte sarracena.(RAMEY, 2001, p. 69)T.A

Bramimonde se apresenta diante dele. Esse é o segundo momento em que vemos a rainha sarracena tomar a iniciativa e ir falar com os monarcas, primeiro Baligant e agora Carlos Magno, essa firmeza e assertividade poderiam ser aceitas por serem qualificantes de uma senhora “pagã”, mas dificilmente seriam aceitas se Bramimonde fosse uma “respeitável dama cristã.”

Nenhuma dessas qualidades de Bramimonde é produzida como boa. Bramimonde, agindo de forma agressiva e barulhenta, quase usurpando o poder do marido na cena da corte com os mensageiros, se encaixa no tipo de megera. Isso é consistente com a visão das mulheres em geral na épica medieval, qualidades assertivas são aceitáveis apenas em mulheres que são santas ou mártires cristãos e, portanto, dissociados da feminilidade comum. [...]Jane Chance diz que rainhas sem santidade religiosa que se comportaram de forma não convencional são marcadas como imorais ou diabólicas.(KAHF, 1999, p. 23) T.A

O imperador toma conta da cidade e manda os francos explorarem e tomar as riquezas, nenhum lugar ficara sem ser pilhado. Essa era uma modalidade de “captação

de recursos”, e esses espólios de Guerra alimentavam o patrimônio de muitas coroas na qual parte dessa riqueza era redistribuída entre a nobreza e a Igreja, além do que era obtido em saques, haviam também os tributos pagos pelos povos submetidos (WILKIN, 2013, p. 219).

Essa atitude não era somente cristã, os islâmicos também faziam algo semelhante e alguns obtinham mais uma fonte de dividendos: escravos como meio rentável para os califados desde as primeiras incursões muçulmanas para o Ocidente e permaneceu até o Império Otomano no século XX.

O tráfico de escravos para os territórios do Islã é atestado já em meados do século VIII: o *Liber Pontificalis* relata a atividade dos mercadores Venezianos que compravam escravos em Roma, homens e mulheres, *quos et in Africam ad paganam gentem mitebantur ducere*. Embora nesta ocasião o Papa Zacarias (741-752) tenha emitido uma proibição para interromper essas atividades, este comércio continuou nos anos seguintes. Em uma carta escrita a Carlos Magno pelo Papa Adriano datado de 776, o pontífice se defendeu acusações de envolvimento no tráfico de escravos com os sarracenos: longe de encorajá-la, ele se justificou, que estava tentando impedi-lo apesar da falta de navios e navegadores; a prova foi a prisão e destruição barcos de certos gregos que, aproveitando a fome que se abateu sobre os lombardos, comprou um certo número deles como escravos ou que simplesmente embarcaram em seus barcos aqueles que, desesperados pelo alto custo de vida, tentaram fugir de seu país. Ao longo da primeira metade do século IX, esse comércio experimentou uma clara expansão no Mediterrâneo Ocidental.(MANZANO, 2013, p. 162-13-63) T.A .

Os sarracenos derrotados e mais vinte mil se recusam a abjurar de sua fé, e sofrem as consequências, já outros aceitam assim como a rainha Bramimonde, que Carlos Magno decide levar para a França para servir numa abadia.

Os francos lamentam as mortes dos soldados, Carlos Magno chora por seu sobrinho, e vai em busca de seu corpo ao encontrá-lo , diz que ele jamais teria alegria em sua vida (v. 5980-6001). Ele chama seus homens e exorta a todos a seguirem a Deus sem medo de morrer, mostrando o caráter evangelizador ainda mais evidente do que o manuscrito de *Oxford*, com clara influência Cruzada.

Essa intenção se reflete na fala do imperador, que após se prostrar no chão fala a Deus: “Sou teu servo, Senhor, até a minha morte, separa os seguidores de Apolim para que os cristãos não se percam. "Uma voz do céu enviou São Martinho para separar os descendentes de Caim: em cada cristão ele fez crescer um espinheiro. Os nobres

peregrinos que seguem o caminho direto para-São Tiago ainda o vêem. Enxuga os olhos com a cauda do arminho ²¹⁶.(v.6061-6074)

Tal discurso traz a ideia de que os cristãos são os escolhidos para a missão de libertação do jugo pagão, bem ao estilo Cruzado, de valorização do guerreiro em prol da defesa da fé. Como remete à passagem do Pseudo-Turpin do Liber Sancti Jacobi “Codex Calixtinus”, no capítulo em que São Tiago visita Carlos Magno e pede que ele liberte seu povo dos sarracenos e visite seu túmulo:

À noite ele apareceu em êxtase, dizendo: "O que você está fazendo, meu filho?" E ele disse: Quem é você? Senhor? Eu sou, diz o apóstolo Tiago, o discípulo de Cristo, o filho Zebedeu, irmão de João, o evangelista, a quem o Senhor estava sobre o mar da Galiléia ele se dignou escolher ser pregado ao povo por sua graça indescritível O rei Herodes matou à espada, cujo corpo repousa desconhecido está na Galícia,que ainda esta sufocada em desgraça, pelos sarracenos . Eu me pergunto além da medida por que de modo algum ainda não livraste minha terra dos muçulmanos, tu que têm tantas e tão grandes cidades? O Caminho das estrelas que você viu no céu, significa que você com tem um grande exército para lutar contra a nação traiçoeira dos pagãos, e resgatar meu caminho e minha terra, e visitar minha basílica e meu caixão, a partir de agora,vais para a Galiza, e depois de ti todo o povo, peregrinando de mar a mar, obtendo do Senhor o perdão dos seus pecados, e indo para lá descrevem os louvores do Senhor e seus milagres e as maravilhas que ele fez.[...]Assim, o abençoado Apóstolo apareceu a Carlos três vezes. Tendo ouvido estas coisas, Carlos, confiando na promessa apostólica, depois de ter reunido muitos exércitos para si, entrou na Espanha para conquistar aquelas nações traiçoeiras.(LIBER SANCTI JACOBI, 2001, p. 13-14). T.A

Essa missão é vista como obrigação, pois Carlos tem os meios terrestres (político e econômico) e divino para cumprir o papel “estipulado” por Deus. Esse argumento move os líderes a agirem, visando aumentar suas riquezas e seu pretígio, e essa narrativa será bem vinda e incentivada com o advento das Cruzadas.

Tinha-se a ideia de que cada um deveria servir ao Senhor de acordo com sua posição: os clérigos deveriam servir a Deus pelo conhecimento que tem Dele, os ricos por que sua riqueza, que vem de Deus, assim como os poderosos que detêm o poder por causa de Deus. Baseando-se na Bíblia, no Antigo Testamento tem-se o exemplo dos reis e profetas, lugar em que os primeiros lutaram contra os filisteus, e os profetas, por não poderem, exortam os lutadores.

²¹⁶ Propaganda pró peregrinação, mostrando a importância de Santiago dentro da narrativa e da história do imperador.

Já no Medievo, usavam o exemplo de Carlos Magno que a pedido de São Tiago, que lhe apareceu duas vezes, vai para a Espanha lutar para expulsar os sarracenos, levando consigo muitos homens em troca de privilégios. O rei dos francos como outros monarcas e autoridades se entregaram a essa obrigação empenhando suas posses e seus homens para a libertação dos cristãos. (BIRD; PETERS; POWELL, 2013, p. 464-465)

A narrativa incentiva o público a esse propósito “libertador” com as ações do imperador dos francos, quando Carlos ainda acrescenta que eles devem aguentar os sofrimentos e continuar a portar suas armas, além de julgar a quem os trair fazendo-os pagar.

No momento em que a narrativa fala dos mortos em batalha, ocorre o momento de iluminação onde anjos levam as almas destes guerreiros e uma maravilha se manifesta: do lugar em que jazem os corpos dos francos, nascem aveléiras.²¹⁷

Roland e Olivier são levados para serem sepultados na França, e no caminho, num lugar chamado Saint Jean, Carlos faz-se erguer um monastério com uma homenagem a Roland. Provavelmente se refere ao monastério de Saint-Jean-Pied-de-Port, última escala do Caminho de Compostela, na França, antes de embarcar na mítica travessia dos Pirineus até Roncesvalles, na Espanha.

Desde o século XII, a vila é ponto de passagem obrigatório para milhares de caminhantes que desejam chegar a pé a Santiago de Compostela, a origem do nome Saint-Jean-Pied-de-Port: “Saint Jean” é em homenagem a Saint Jean Baptiste, padroeiro da vila, presente no campanário da igreja, e “Pied de Port”, porque a vila está localizada na sopé das montanhas em direção a Espanha, o “porto” nos Pirinéus, referindo-se à passagem da montanha (do latim “*portus*”, um dos quais significa “passagem estreita”).

Para compreender mais sobre o sepultamento dos mortos, é preciso levar em consideração as práticas funerárias do período na França, segundo Anne Cury e Glenn Foard, as pessoas consideravam importante ter uma “boa morte”, temendo ainda ir para o purgatório.

E para fugir desse local, era preciso que os soldados antes de lutar, se confessassem e fossem absolvidos, era comum realizarem missas na manhã da batalha, assim como o local do enterro também era significativo, pois esperava-se que o cristão fosse enterrado em solo consagrado, local definido pela Igreja, que por sua vez, controlava os enterros.

²¹⁷ Árvore da constância e da fertilidade, seus galhos eram usados para encontrar ouro, metal experimentado no ventre da terra. (CHEVALIER, 1982, p. 293).

Por quererem a salvação, as pessoas desejavam ser enterradas no local certo, os ricos arranjavam antecipadamente um local a sua escolha, geralmete relacionado ao local de sua residencia ou de devoção religiosa pessoal, as mais pobres queriam ser enterradas em sua comunidade, proximo dos seus, que em tese, ajudariam a livrá-lo do purgatório.

Como prática de sepultamento, era comum o enterro ocorrer três dias após a morte, com os ritos especificos para tal, como lavar o corpo nu e colocá-lo numa mortalha, ser enterrado vestido e sem mortalha era destino dos criminosos executados (CURRY; FOARD, 2015, p. 226).

No trajeto até a França, o rei manda a alguns homens irem até Vienne, local que Girart é senhor, e solicitem que ele e Aude venham até ele, em seguida envia homens até Berta, sua irmã, indicando que ela se casasse com o duque de Milon, um homem leal. Vemos aqui a pouca expressividade da presença da mãe de Roland, que apenas segue as ordens do irmão. Aos dois grupos, Carlos Magno dá a ordem de nada dizerem sobre as mortes (v.6190-6223).

Quando chegam à Sorges²¹⁸, Ganelon escapa, atestando ao traidor mais um vício, a covardia, traço não pertencente a ele no Manuscrito de *Oxford*, em busca do fugitive vai o cavaleiro Oton que o encontra e após vencê-lo o leva de volta.

Girart ouve os mensageiros e manda chamar Aude, que por sua dama de companhia fica sabendo que encontrará o noivo, e aqui diferente de *Oxford*, vemos a descrição fisica da dama, devido sua maior importância na trama.

Tal mudança ocorre em virtude da influencia do *roman couteis*, que valoriza a dama e lhe dá mais destaque dentro da narrativa, em *Oxford* por ser uma gesta mais ligada à batalha vemos Bramimonde (que estava inserida nesse ambiente) ter mais destaque.

Em *Châteauroux*, o foco se amplia, não apenas destacando a batalha, mas também as relações sociais e de corte, Aude ganha mais presença, e por que não, o protagonismo feminino.

Fazendo um paralelo sobre comportamento social entre a noiva de Roland e outra dama de destaque (esta presente no texto *Fierabras*), a princesa sarracena Floripas: Aude se resgarda a seu quarto, já Floripas passeia pelo castelo e vai até mesmo às áreas consideradas interditas para ela.

²¹⁸ Sorges l'Abbaye, ponto de peregrinação no caminho para Santiago de Compostela. (SUBRENAT, 2016, p. 499).

As vezes, colocar uma mulher forte poderia até ser uma estratégia dos autores em busca da audiência feminina, costumaz consumidora dos *romans*, e para não chocar de imediato a sociedade, colocam atributos mais audaciosos nas personagens não cristãs, assim agradavam ao público, sem afrontar o *status quo*:

A poderosa princesa sarracena conseguiu espelhar sua irmã cristã admiravelmente. Ela serviu como a mulher poderosa que os autores cristãos eram hesitante em colocar em suas obras. Como o sarraceno já era marginal, representações do sarrasine exercendo grande poder sobre seus homens não provocar reações negativas. O contador de histórias poderia expressar admiração por um mulher forte sem entrar nas questões do poder feminino que eram correntes na Cristandade naquela época.T.A (RAMEY, 2001, p. 44) T.A

Para as damas medievais na época da escritura de *Oxford*, Aude seria considerada o modelo exemplar, mas essa conjectura começa se modificar e já vemos seu reflexo em *Fierabras* e mais aparente em *Chateauroux*, que não acrescenta uma nova personagem feminina, apenas metamorfoseia a já existente Aude, numa personalidade mais ativa. Isso pode ser feito sem prejuízos ou críticas graças à autonomia conseguida nas cortes já acostumadas com o patrocínio e destaque das grandes damas, sobretudo na Provence, com Eleanor d'Aquitânia.

Aude ao se preparar com o tio Girart, relata um sonho, que poderia ser considerado uma revelação, pois nele ocorre de tudo o que ocorrera em *Roncevaux*, inclusive as mortes de Roland e Olivier. Além de também falar sobre a aparição de ursos, como Carlos Magno, no sonho ela ainda viu seu noivo e seu irmão, além de ver que suas almas deixavam seus corpos.

No trecho em que Aude é destacada, percebe-se uma valorização do romance, da dama e assim como *Fierabras* a gesta apresenta algumas características do roman courtois,: como o espírito de amor cortes e o gosto pelo maravilhoso.(AUERBACH, 1972, p.116)

Ao chegarem à Blaye (cidade presumida historicamente como local dos tumulos de Roland e Olivier) (C JULIAN, 1896, p. 161), Girart e a sobrinha vão até o rei que os encontra num bosque, ao contrário de *Oxford*, a dupla é recebida em Aix.

Oxford tem uma maior valorização do ambiente citadino, ligado ao momento de sua escrituração, em as cortes estão voltando às cidades, que eram pólos de efervecencia

da nova aristocracia ²¹⁹que valorizava a memória de seus ancestrais e viam nas gestas uma maneira de reviver esses períodos gloriosos. Nela os momentos chave se dão em ambientes da cidade que representa autoridade e poder, em Aix local em que a justiça é cumprida e Saragoça a vitória se consolida.

Em *Châteoux*, elas tem seu grau de destaque, principalmente Saragossa, mas além delas, a paisagem ganha mais visibilidade, sendo parte significativa na ambientação, tanto na contagem da passagem do tempo, como na alternância de cenas, essa valorização se dá graças ao desejo de impulsionar as peregrinações, que ocorrem em áreas abertas e vastas (AUERBACH, 2014, p.115), e toda a narrativa traz essa ideia de amplitude e imensidão mostrando os campos, as montanhas e os prados como locais da ação divina e purificação da alma.

Ainda no bosque, o monarca abraça a jovem que logo pergunta pelo irmão e pelo noivo, e em resposta ouve que Roland tomou por esposa uma dama filha do rei de Val Dormant, de quem receberá as terras e Olivier o apoia nisso, além de que o próprio se casaria coma a filha do rei Baligant se tornando um emir.

Vemos aqui a tentativa de Carlos Magno de atenuar a dor da dama, contando uma narrativa menos penosa para os sentimentos de Aude, na perspectiva de fazê-la esquecer e desgostar do sobrinho. Isso poderia funcionar do ponto de vista emotivo, mas no que tange o campo social, poderia ser extremamente danoso para a honra da jovem, e para que isso não ocorresse, o rei sugere que ela se case com o duque da normandia. Essa atitude também de dá no manuscrito de *Oxford*, Carlos Magno oferece seu filho Luis, em “compensação” por Roland.

Aude confiante em seu sentimento, diz que nenhuma mulher tomaria o amor de Roland por ela, e ouvindo-a Carlos percebe que será difícil diminuir a dor da dama com relação à Roland, essa certeza do amor dela pelo noivo, numa característica romântica, mais detalhada, algo inexistente na versão anterior.

Antes de dizer mais alguma coisa, ele chama Ogier e coloca Aude sob seus cuidados e a envia até sua irmã Berta, em seguida se dirige a Girart e lhe conta tudo o que acontecera.

²¹⁹ Vista aqui sobre a interpretação de Joseph Morsel: Etimológicamente, *aristocracia* implica en efecto lá noción de gobierno de los hombres por una minoria considerada (por ella misma o por otros) como la dos “mejores”[...]El término *aristocracia* permite ai integrar esas capas rurales y urbanas superiores que los discursos ulteriores excluyen de la nobleza, pero sin las cuales la aristocracia no hubiera podido reproducirse, por cuanto absorbe sus elementos más dinâmicos;lá cima sólo es cima gracias a la base. (MORSEL, 2008, p.13).

Aude e Berta são as ultimas a saber do ocorrido por Carlos Magno, que se dirigindo à irmã relata a traição de seu marido. Mas por que as mulheres são menos valorizadas dentro da conjuntura das gestas, principalmente no manuscrito de *Oxford*? Georges Duby teoriza que por elas não portarem armas, são consideradas menores dentro das narrativas das gesta (DUBY; MANDROU, 1968, p.129), essencialmente voltadas para a Guerra, acrescento a isso a ideia da pouca participação feminina no patrocínio dos autores inicialmente, e quando elas passam a fazê-lo, logo começam a ser retratadas de maneira mais ativa.

Berta desmaia e quando retoma a consciência, é consolada pelo irmão, e abraçada por Aude, e essa é a ultima passagem da mãe de Roland na narrativa, e ela não tem nenhuma fala, e nada sinaliza sobre a traição do marido ao rei, que causou a morte de seu filho.

Aude solicita detalhes sobre a morte de Roland, e o rei para resguardá-la não o faz, ela pede a Deus a morte e desmaia, quando recobra a consciência, pede para ver o noivo e o irmão, lá Aude usando de sua autoridade de senhora de alta linhagem, manda que a deixem a sós com eles, e é atendida. Sozinha e determinada, Aude fecha a porta.(v.5973-7116)

Ela se ajoelha e chora, e ora longamente e nesse momento, um milagre ocorre: Toda a Igreja resplandece de luz (v.7157) e o autor declara para que não haja dúvidas do que ocorrerá e se descarte a possibilidade de Aude estar tendo um sonho ou uma alucinação : um anjo aparece e se postando ao lado de Olivier que falou como estivesse vivo e garantiu que logo ela estaria na presença de Deus. (v.7177-7192)

E após revelar essas coisas o anjo se vai. Tal situação mostra a ideia da pureza de Aude, e sua íntima relação com os anjos que durante o texto aparecem somente a Roland e a Carlos Magno, a sociedade medieval defendia a ideia de que os anjos eram guardiões das virgens:

“Os anjos são os sustentadores dos mártires; anjos são guardiões das virgens. Há uma afinidade muito especial entre a virgindade santa e a natureza angélica: as virgens são anjos em carne mortal, e a virgindade é tanto mais admirável quanto constitui um estado celeste num corpo frágil. Também vemos com frequência, nas páginas hagiográficas, os anjos descendo familiarmente perto das virgens, enquanto as abelhas pousam nas flores.” (MARECHAUX, 1901, p. 44) T.A

O imperador retorna juntamente com Girart , e Aude se confessa , ela recebe a penitência e em oração pede a morte, se aproximando do tio, pede que ele saude sua

dama e ao fim de sua fala, a jovem cai , e o coração dela pára e sua alma deixa o corpo sendo conduzida por anjos para o alto diante de Jesus.(vers.7243-7245).

Em *Oxford*, Aude tem o mesmo fim, mas em circunstancias menos milagrosas, quando Carlos Magno oferece seu filho em casamento, ela responde: “Essa palavra é estranha para mim. Deus não permita nem seus santos, nem seus anjos, que depois de Roland que eu permaneça viva!” T.A (vers.3717-3719) (BÈDIER, 1923, p. 280) .E com isso, ela cai aos pés de Carlos Magno, morta. Aude é enterrada no altar de um convento (v.3730-3732).

Aude como uma heroína trágica romântica, morre de “coração partido”, sua morte é a benção de Deus por sua vida modelar, cumprindo sua função na narrativa e se não morresse teria o mesmo destino de Bramimonde, o convento, afastada da vida social. Porque para ela só existia um amado, Roland, de quem sua personagem essencialmente dependente.

Mesmo com algum avanço com relação à sua personalidade, e o acréscimo de outras personagens femininas mais ativas, ainda percebemos que as mulheres dentro das gestas, são adendos às figuras masculinas, se eles morrem, elas perdem espaço, fala e perspectiva.

Carlos Magno lamenta que Aude, assim como Roland e Olivier o tenha deixado, Girart aconselha a deixar a dor e enterrar seus mortos, mesmo ele chorando a morte de seus dois sobrinhos (v.7294-7303).E com isso, Carlos Magno se posiciona em fazer cumprir a justiça.

3. 2. 6 - Julgamento e Justiça

O rei ideal é justo, espelho da vontade divina e apaziguador de conflitos, ainda mais se estes ferem a ordem vigente e a legitimidade da missão de defesa da fé. E não seria diferente a representação monárquica da *Chanson*.

Aqui a lei se aplicará numa situação de crime contra a coroa, e toda a sua autoridade, no campo Cruzado vemos outra configuração de julgamentos, contra aqueles que agiam desfavoravelmente com relação ao rei.

Com relação à aplicação da justiça, a monarquia capetíngia, possuiu uma relativa tranquilidade em sua aplicação por diversos fatores, John Cotts atribui a isso fatores como a longevidade de seus monarcas, o que gerava uma estabilidade na linha sucessória impedindo a contestação do direito de legitimidade da monarquia, além da

imagem de sacralidade envolta na pessoa do rei, o que não suscitava oposições à aplicação da lei realizadas por ele.

Os reis franceses demonstraram a sacralidade de sua posição, reforçado por uma imagem taumatúrgica sobre a realeza, alimentada pela ideia surgida no reinado de Roberto II -o Piedoso, de que eles poderiam curar, reverberando o poder do Cristo. Além de uma estrutura administrativa, fortalecida pela escrituração e burocratização iniciadas no século XII, que Louis VI estabeleceu como Prévotés, unidades administrativas captadoras de recursos e asseguravam a constância da presença real nas localidades mais afastadas, além da presença do rei que se tornou mais constante, a partir do reinado de Louis VI, com o rei viajando por seu território (COTTS, 2013, p.58-59).

Esses fatores ajudaram de certa maneira, a forjar uma confiança, no estabelecimento da justiça por meio do rei e aparece na *Chanson de Roland* através das ações de Carlos Magno quando este começa a estruturar o pós-guerra.

O rei se recolhe, passando dois dias em silêncio e ao terceiro dia (referência morte e à ressurreição do Cristo), alinha suas tropas e inicia sua vingança (essa vingança aqui é tratada como justiça) contra Ganelon. Sob a sugestão de um nobre julgamento ocorre em Montloon/ Laon, lugar citado em outras obras do ciclo do rei como possessão de Carlos Magno que é chamado de rei de Montloon (SUBRENAT, 2016, p.574) (no manuscrito de *Oxford*, o processo se dá em Aix).

O imperador dá a Ganelon a chance de se explicar, por sua posição social de alta linhagem, o que poderia ser uma vantagem, mas também um ônus, pois quanto mais alta a posição, se comprovada, pior seria a traição. No caso de Ganelon, ao matar Roland ele indiretamente age contra seu rei:

Ao renunciar a seus laços com Roland, Ganelon indiretamente corta seus laços com Carlos Magno sem realmente rejeitar sua esposa, a irmã do imperador. Embora Ganelon e Roland não “têm vínculo formal feudal” nem são “senhor e vassalo” mas de padraсто e enteado, Ganelon deve estar bem ciente de que não há “apoio comunitário” em sua missão ao rei sarraceno.[...] A traição de Ganelon (e posterior julgamento) não é por causa de qualquer ato realizado diretamente contra seu legítimo senhor, Carlos Magno, mas contra Roland, que Ganelon justifica como vingança legítima, e sua relação familiar. Mas ao abater de Roland (que comanda a retaguarda de Carlos Magno), ele não consegue proteger os parentes de seu senhor (e seus próprios). Além disso, Ganelon atravessa um limite em estabelecer uma aliança com o rei sarraceno à custa do imperador cristão. Enquanto Ganelon não aceita a religião dos sarracenos, ele conspira com o inimigo de seu

rei e o opositor da Cristandade, um ato hostil para o estado - pátria, a terra natal. (GRINBERG, 2019, p. 232-233)T.A

Antes do julgamento, Carlos fala que Ganelon lhe trouxe más querelas, Otoier, conde de Amiens e Bolonha sugere que Ganelon seja levado aos nobres e julgado devido a gravidade do crime, de ter se envolvido na morte de um vassalo do rei.

Em *Oxford* a decisão pelo julgamento só ocorre após longa deliberação, aqui desde o início da narrativa já há a certeza da traição, mesmo assim, Ganelon é trazido e recebido calorosamente por seus parentes.

Nesse momento, surge Gondebeuf com um testemunho de um prisioneiro persa que afirma ter visto Ganelon vender os francos à Marsile, Ganelon por isso, desafia o nobre cristão.

A parentela de Ganelon o defende e os demais alegam que o traidor receberia a punição pelo que fizera. Pois castigar os traidores era um meio de mostrar a gravidade do crime, e exibi-lo em um exercício de poder incontestável. No período, a traição era distinta de outros crimes graves pela punição infligida ao culpado - geralmente uma sentença capital de ser enforcado, arrastado e esquartejado, ou, no caso da nobreza, simplesmente decapitado (TRACY, 2019, p.9).

A Ganelon é dada a oportunidade de defesa por combate, que ele perde, e nesse momento o traidor aproveita amontaria e foge novamente, abandonando os reféns deixados no momento do combate. Assim como os sarracenos abandonaram seus reféns nas mãos dos francos, Ganelon deixa os parentes, reforçando a ideia da má índole do traidor do rei.

A caçada a Ganelon se inicia, e após algum tempo, ele é recapturado e Carlos Magno ordena seu julgamento. O cunhado do rei quando chamado e entra calmamente, dando a essa atitude duas interpretações: ou ele tem uma personalidade orgulhosa e dissimulada, e apesar de ansioso, age como se não tivesse culpa, ou ele realmente acredita em sua inocência, por isso não teme o julgamento. Ao encarar Carlos Magno, ele fala sobre sua fuga :

Certamente, Senhor, sua reprovação é excessiva, pois tenho servido e amado sem cessar. Estou pronto para jurar pelas relíquias que nunca quis ir embora ou fugir deixando meus amigos em apuros. Mas eu queria tentar meu cavalo e depois voltar para minha luta. Tu me paraste, eu faço bem em estar bravo”(v.7618-7625) (SUBRENAT, 2016, p.590).T.A.

A fuga de Ganelon poderia representar covardia ou a certeza de que se fosse submetido ao combate, revelaria a verdade de Deus, que ele consequentemente perderia, e lutar nessa condição sabendo-se culpado, não seria lutar contra o Senhor Celeste? A argumentação dele parece confirmar a segunda hipótese, mas também poderia ser uma estratégia em que Ganelon tentaria subverter a situação a seu favor, e se fosse bem-sucedido, se livraria da presunção de culpa, e talvez assim, do julgamento.

Vemos desde o início, Ganelon usar sua capacidade de manobrar sua situação, algumas vezes sendo bem-sucedido, quando convence os sarracenos de que Roland manipulava e incentivava Carlos Magno a dominar terras.

Carlos Magno não acredita em seu argumento, e o chama de mentiroso, aliás essa é uma característica bem acentuada de Ganelon na versão *Châteaurox*, se colocarmos em perspectiva com *Oxford*, em que a motivação para a traição fora inveja, concretizada em um momento de raiva fazendo-o vítima de uma atitude impensada que termina de uma forma trágica, enquanto aqui, o vemos mais como ambicioso, dissimulado e maquiavélico, que faz de tudo para escapar traindo até mesmo sua parentela, ganhando contornos de antagonista mais perigoso do que os estrangeiros sarracenos, pois age de dentro e do lado do imperador.

O Julgamento começa, cheio de barões, enquanto deliberavam, chega Pinabel, para defender seu tio, o cavaleiro chega com quinhentos homens, e fala diretamente ao rei:

Na verdade, senhor, você está errado e comete um engano. Você prendeu meu tio para julgá-lo. Mas ninguém o julgará: se posso, aos olhos da minha cabeça, não há homem, se estimado como ele está na França, que eu não vou provocar a pé ou a cavalo, se ele alegar que te prejudicou.(vers.7665-7673)(SUBRENAT, 2016, p. 590) T.A

Essa atitude de Pinabel, demonstra orgulho e arrogância, além de um desrespeito à autoridade e figura que Carlos Magno representava. Os franceses ficaram em silêncio, e Pinabel insiste defendendo Ganelon. Em *Oxford*, Ganelon é quem escolhe Pinabel e não ele que se voluntariaria para defendê-lo no chamado Julgamento de Deus²²⁰.

²²⁰ Todavia ,no domínio da justiça, a principal intervenção divina na época da alta Idade Média, “foi o julgamento de Deus”. Para obter a prova da culpabilidade ou da inocência de um acusado , este era submetido a provas...Uma forma especialmente adaptada dos costumes dos guerreiros pagãos recém-convertidos foi o combate singular...Os acusados , particularmente as mulheres ,que quisessem provar sua inocência num combate singular contra seu acusador , podiam recorrer a campeões...Deus dava a esses campeões a força que os faria vencer se a causa que defendiam fosse justa. (LE GOFF, 2007, p.76-77).

Para duelar com ele, vários cavaleiros valorosos se oferecem, entre eles, o escudeiro de Roland, chamado Thierry, que tem o apoio de vários cavaleiros, inclusive do rei. (v.7766-7784).

O rei acompanha seu campeão e leva consigo as mais santas relíquias da Cristandade, para que os duelantes fizessem seu juramento. Carlos firmemente diz: “Aquele que perjura, perde definitivamente toda a honra e será coberto de vergonha esta tarde” (vers.7812-7813). O crime de perjúrio tinha um grande peso na Idade Média:

As punições por crime de perjúrio eram variadas na Idade Média, quem o comete vai contra a verdade, e põe em causa a validade da palavra, arriscando a organização e o funcionamento da sociedade. O perjúrio pertence ao sagrado, sua dimensão religiosa é conhecida desde a Antiguidade. Proveniente de um profundo entrelaçamento das esferas política, jurídica e sagrada, a emanação do perjúrio é a expressão mais consumada de uma rede simbólica rica em ensinamentos sobre a visão e estruturação do mundo da Idade Média.(DEHOUX; UELTSCHI, 2010, p. 319) T.A

Os campeões de ambos os lados são convocados a fazerem o juramento sob as relíquias²²¹, cumprindo as regras do duelo judiciário, com suas regras próprias baseadas no princípio cristão do Deus imparcial, infalível, onisciente e onipresente.

Quanto às origens do duelo judiciário, uma coisa parece certa, que era completamente desconhecida em toda a antiguidade fora das populações cristãs e antes do período franco. Claro que isso não significa que a luta armada não tenha sido uma forma quase normal de resolver os conflitos entre os homens nos diversos meios bárbaros. restrito e limitado pelo costume. Tem um elemento que é apenas a divindade em favor da inocência: a guerra privada, que não é a aplicação da força, admite muito bem a derrota da inocência e da justiça. Eu disse em um trabalho anterior como a própria ideia em que se baseia a prática do duelo judicial implicava uma concepção bastante elevada de um deus, mestre comum dos homens e juiz imparcial entre eles, uma concepção estranha às religiões mais antigas para as quais os deuses, sendo pessoais e muitas vezes corruptíveis, nem sempre apresentam uma garantia suficiente de imparcialidade. (DECLAREUIL, 1909, p. 74) T.A

Thierry o faz sem temor tocando as relíquias enquanto jura afirmando que Ganelon traiu e vendeu Roland, quando chega a vez de Pinabel, este jura o que lhe foi

²²¹ O juramento é juridicamente um ato essencial do julgamento de Deus, “*Jurare Deum testem invocare*” manifestado aqui no duelo judiciário, e cuja presença religiosa é representada pelas relíquias.T.A. (SUBRENAT, 2016, p. 607).

ditado, e garantiria que Ganelon não traiu, nem vendeu Roland, mesmo desejando venerar as relíquias, não as toca por saber que seu tio é culpado (v.7853-7864).

Os cavaleiros começam a luta, e combatem até a exaustão: “A batalha acabou para os dois cavalos, Thierry fica de pé na grama do prado segurando seu escudo bom erguido na frente do rosto. Agora será o duelo cara a cara dos dois cavaleiros.

Pinabel de Sorence pegou de volta sua espada e sentou-se na grama vermelha de sangue, mas ele estava pálido e machucado, toda a sua energia havia acabado. Por causa do juramento falso sua visão está turva. Os dois jovens se atacam violentamente; seus bons cavalos premiados já estavam mortos e suas lanças de abeto quebradas. A luta com espadas de aço foi brutal. Pinabel, com a cabeça abaixada sob o elmo, ficou furioso; ele havia sacado e segurava sua espada com um fino punho de ouro. Golpeou Thierry em seu elmo, sem ser capaz de danificá-lo de forma alguma. Ele envolve seu oponente numa poça de sangue” (v.7925-7936).

Thierry assustado com a perda de sangue e calor , se recupera , e bate em Pinabel que se joga sobre Thierry, e quase o derruba, que em resposta, golpeia o oponente, cortando seu nariz e o queixo, fazendo com que Pinabel caísse...Thierry corre até o cavaleiro, e o golpeia no peito, a batalha termina (vers.7942-7989).

E Thierry que vence contra todas as expectativas, é a imagem modelar da nova cavalaria: ao mesmo tempo preocupado com a honra dos seus e essencialmente bom com as palavras, (representando a nobreza refinada), tanto o quanto é com a espada (tem os predicados do bom guerreiro), vendo sua ascensão e a queda de Roland, percebemos que o sobrinho de Carlos Magno é a representação da descontinuidade da linhagem heroica caracterizada nas gestas, calcada na força da espada, e seu sucessor seria as novas tendencias do romance épico.

“Sem filhos, um herói tão bem definido pelo passado que tanto ele como sua espada estão excluídos do futuro, Roland encarna o medo da aristocracia feudal da França, assombrada - pela perspectiva de interrupção. Ironicamente, as consequências de tal ruptura genealógica não são evidentes no final do poema. Lá há a emergência de Thierry, um homem não apenas delicado, mesmo gracioso, em desenvolvimento, mas refinado em seu tratamento da defesa legal do imperador [...] (BLOCH, 1986, p. 106) .T.A.

Ganelon, ao ver a derrota de seu sobrinho (no manuscrito de *Oxford*, Pinabel é par do traidor) , recebe dupla pena: uma por ter ceifado a vida de um parente do rei, e outra perder um parente, assim como Carlos Magno.

O imperador chama Ganelon que não pode mais negar sua culpa, comprovada com o duelo perdido por Pinabel. E com isso ele se dirige ao imperador e admite a culpa, mas se justifica: “Eu me comportei mal. Sou o responsável pela morte de Roland, não há como negar, cavaleiros, se o dizem, não devem me culpar. Ele me impôs contra minha vontade como mensageiro. Eu me rendi a Marsile, querendo ou não, mas Roland gostaria que ele me executasse.”(vers.8044-8049) (SUBRENAT, 2016, p.620)

Esse discurso tenta fazer de Roland culpado, colocando-o como alguém que desejava a sua morte, e que o acordo com Marsile seria uma estratégia para que ele sobrevivesse...O Ganelon de *Châteauroux* se mostra mais astuto, numa evolução na escrita no manuscrito anterior a batalha era o mais importante, aqui vemos que além dela, há um maior desenvolvimento dos jogos de poder compatíveis com a realidade da corte, numa proposta narrativa mais atraente para a audiência que já não se mostrava satisfeita com a maior simplicidade do enredo das gestas.

E, no entanto, a *Chanson de gesta* é, paradoxalmente, também o gênero do declínio da guerra, uma crônica de sua eficácia decrescente como ferramenta para a resolução do conflito humano. O épico apareceu na França em um momento de crise dentro da aristocracia feudal – no exato momento em que seu poder e prestígio foram ameaçados de cima pela força crescente da monarquia e de baixo pelo crescente papel da burguesia na atividade econômica dos centros urbanos do norte. (BLOCH, 1977, p.51) T.A

Carlos Magno fica indignado com as palavras infames de Ganelon e diz que o cunhado traiu seus homens sem razão, assim como Judas. Ao tramar a morte de Roland e se aliar aos inimigos, Ganelon concretiza duas vertentes de traição, a primeira subjetiva, direcionada a Roland, movida pela cobiça da posição do enteado, que gera a vingança que transcende o material, é algo alicerçado sobre o despeito e a inveja do conde Roland.

A outra é econômica, ligada à primeira, em que ele recebe bens e riquezas por seu ato, cometendo a traição contra seu rei e seu povo. “Quando a ação injusta é voluntária, a injustiça é maior e, por isso, é considerada como uma coisa maior. Por isso há de ter como recompensa uma pena maior, não por uma diferença pessoal, mas, real.” (AQUINO, 2004, p.61)

O imperador diz que as palavras do traidor são insensatas e pergunta a seus homens, qual morte Ganelon deveria ter, e antes que eles respondam, o rei acrescenta

que ele deveria ter a morte mais atroz que existisse (v.8064-8066). Essa fala do imperador é o que São Tomás de Aquino chama de justiça comutativa, em que a pena é uma “retribuição igualitária ao dano que o penalizado fizera.

[...]a justiça comutativa, por sua natureza, exige uma recompensa baseada na igualdade, isto é, que haja uma compensação igual entre a ação e a paixão. Porém ela não seria sempre igual se quem praticou um ato injusto recebesse uma paga especificamente idêntica ao ato praticado. - Pois, primeiro, quando alguém comete uma injustiça contra uma pessoa de maior dignidade, maior é a ação cometida que a recompensa recebida, se esta fosse especificamente a mesma que aquela.[...] Por isso, a sua punição consiste em restituir mais; porque, não só danificou um particular, mas também a república, atacando a segurança da sua defesa. - Do mesmo modo ainda, não receberíamos sempre, nas comutações voluntárias, uma igual compensação, dando o nosso e recebendo em troca o de outrem; porque talvez o bem deste valeria mais que o nosso. E, por isso é necessário igualar, nas comutações, a compensação à ação, de um modo proporcionado; para o que se inventou a moeda. E, assim, a reciprocidade de ação é da justiça comutativa.(Ibd.,p. 61).

Girart sugere que Ganelon seja preso em cadeias e percorra à pé em todas as direções como um urso na coleira e seja chicoteado para sofrer e passe as noites preso²²². O imperador refuta essa sugestão por atrasar deveras a morte de Ganelon.

Depois de muitas sugestões, Carlos Magno aceita a que Ganelon seja amarrado a quatro cavalos rápidos, que correrão em direções opostas²²³, diante dessa sugestão o imperador aceita e ordena que seja executada imediatamente (vers.8130-8143). E essa é considerada uma das penas mais degradantes, principalmente para aqueles de sangue nobre, pois finaliza não somente o corpo como também a honra.

A pior das torturas em termos de crimes políticos é o esquartejamento que os cronistas também designam sob os termos de “aquartelar”, ou “cortar em pedaços”. Porque a separação da cabeça e do corpo, o enforcamento vergonhoso deste último não parece ser suficiente para extinguir o ressentimento da autoridade desprezada.(GONTHIER, 1998, p. 166). T.A.

E dessa maneira, Ganelon é executado:

²²² Essa seria dupla humilhação, ele não seria digno de montar a cavalo, (uma prerrogativa da cavalaria) e seria exposto como uma besta ao ser preso na coleira. (SUBRENAT, 2016, p. 623)

²²³ Esse suplício tradicional, consiste na técnica chamada Desmembramento, onde os membros do condenado são atados a quatro cavalos, aqui Ganelon acaba recebendo uma morte mais violenta do que a imposta a Roland, pois o sobrinho do rei era mais importante do que o mesmo.

Os cavalos estão prontos para terminar a marcha traçada por Ganelon. Havia um criado montado em cada um dos cavalos. Eles amarraram bem o traidor com nós apertados em suas caudas. Os servos estavam todos empolgados, cada um batendo bem em seus cavalos de fogo, destruíram completamente e despedaçaram Ganelon, não demorou muito para castigá-lo. T.A (v.8161-8169) (SUBRENAT, 2016, p. 628)²²⁴

A gesta termina de maneira melancólica, mostrando a solidão do imperador e não sua satisfação por ter “libertado” os cristãos do inimigo sarraceno: O rei suspira, lembrando-se de Roland. Os cavaleiros vão embora, descendo os degraus, enquanto Carlos permanece, triste e oprimido. (vers.8192-8194)

Em *Oxford*, vemos o destino de Bramimonde e novamente a visita do anjo Gabriel convocando-o para continuar mostrando que sua vida é uma luta constante:

“O rei deitou-se em sua câmara abobadada. De Deus, São Gabriel veio até ele e disse: "Charles, através de todo o seu império, levante seus exércitos. Por viver forte tu irás para a terra de Bire, você ajudará o rei Vivien em sua cidade de Imphe, e os pagãos tomaram o assento. Lá os cristãos te chamam e pedem por ti. O Imperador gostaria de não ir lá: " Deus! » disse ele, « que tristezas na minha vida! " Dele olhos derramam lágrimas, ele puxa a barba branca. (v.3987-4001).

Ao fim de *Châteauroux* percebemos no texto em comparação ao manuscrito de *Oxford*, uma preocupação do autor com em descrever de lugares e paisagens, moldando indiretamente um trajeto de peregrinação baseado na rota do exército franco. Vemos um imperador mais ativo, além da extrema valorização dos ritos e práticas cristãs, assim como o reforço das penas daqueles que não fazem parte da Cristandade, assim como uma participação efetiva da mulher revelando até mesmo um determinado grau de liberdade desta.

Além de que há uma readequação da narrativa e cenas à nova configuração narrativa das cortes, e mesmo havendo batalhas, as relações sociais fora dela existem e são exploradas, nas personagens.

Grande parte dessa influência se deve ao movimento da *Chanson de Roland* em áreas mais abertas à circulação de ideias como a Península Itálica, com intensas rotas de comércio e pessoas, ricas em diversidade.

²²⁴ Os cavalos estão prontos para terminar a marcha traçada por Ganelon. Havia um criado montado em cada um dos cavalos. Eles amarraram bem o traidor com nós apertados em suas caudas. Os servos estavam todos empolgados, cada um batendo bem em seus cavalos de fogo, destruíram completamente e despedaçaram Ganelon, não demorou muito para castigá-lo. T.A.

Outro elemento agente de mudança será a corte d'Aquitânia, no sul de pensamento mais artístico e de valorização do refinamento, que se inicia com Guilherme IX, e se fortalece com sua neta Leonor.

Essa influência se expande chegando à Península Ibérica e consequentemente às Américas, e atravessando o Nordeste brasileiro, chega ao Maranhão sendo diretamente referenciado nas manifestações de religião de matriz africana.

CAPÍTULO 4 – AS NARRATIVAS CAROLINGIAS NA PENÍNSULA IBÉRICA E SUA CHEGADA AO NORDESTE BRASILEIRO

4.1-O Ciclo Carolíngio e sua expansão na *Hispaniae*²²⁵

O ciclo carolíngio teve forte influência na cultura francesa medieval, e essa referência chegou a outros países do continente europeu, entre eles Espanha e Portugal, que por sua ligação com Roma apresentam um forte cristianismo, que será intenso motivador para a expansão territorial e combate à ameaças internas, que se personificaram como povos não cristãos.

A vida de Carlos Magno foi tema de muitas narrativas literárias, desde a Idade Média até os dias atuais. Essas narrativas costumam focar nos feitos militares e políticos de Carlos Magno, bem como em sua vida pessoal e seus valores religiosos.

Uma das primeiras narrativas literárias sobre Carlos Magno é a "Vita Karoli Magni" ²²⁶("A Vida de Carlos Magno"), escrita pelo monge Einhard no século IX. Einhard foi um dos biógrafos mais próximos de Carlos Magno e sua narrativa é considerada uma fonte histórica confiável, descreve a vida de Carlos Magno desde a infância até a morte, e destaca seus feitos militares, políticos e religiosos. Essa linha narrativa que visava mostrar a vida do rei dos francos de maneira biográfica será explorada de várias maneiras gerando como resultado produções conhecidas por toda a Europa e além.

²²⁵ Aqui convencionamos usar essa expressão pois, termo "Hispania" é frequentemente usado para se referir à região que hoje compreende a Espanha e Portugal. No entanto, este termo engloba uma diversidade de plurais, e seria mais preciso usar o termo "Hispaniae" para abranger todo o território peninsular que Roma conquistou ao longo de duzentos anos após sua chegada às costas do Mediterrâneo. O singular "Hispania" corresponde ao nome que os gregos deram à Península Ibérica: "Ibéria", um topônimo usado por Estrabão por volta da virada da era. Portanto, a "Hispaniae" romana incluía toda a Península Ibérica, que hoje constitui dois estados: Espanha e Portugal.(Llanza, 2009, p.194)

²²⁶ Ver nota 22.

No escopo temático da vida de Carlos Magno sua passagem por *Roncevaux* é notória no *Vita Karoli*:

Em sua *Vita Karoli Magni*, o autor descreve como os bascos se esconderam no cume da montanha, desceu para o trem de bagagem enquanto viajava por uma passagem estreita, forçou as tropas que estavam na retaguarda em um vale adjacente e os matou até o último homem. De entre os mortos ele distingue Eggihard, superintendente da mesa real, Anselmo, conde do palácio, e Roland, prefeito da fronteira, como o mais proeminente. Mas os relatos cuidadosamente elaborados pelos historiadores do palácio terão pouca influência sobre as interpretações subseqüentes do malfadado de Carlos Magno incursão na Espanha ou da batalha que mais tarde seria identificada com Roncesvalles, o vale onde os príncipes da retaguarda franca foram massacrados (BAILEY; GILES, 2016, p. 1).T.A

Assim como a biografia, outra expressiva produção sobre Carlos Magno e sua passagem pela Península Ibérica foram as gestas, que exerceram um papel significativo nas tradições culturais ocidentais, abrangendo a França, o Império Germânico, a Itália, a Inglaterra e a região de Espanha onde se encontra o cenário de sua narrativa mais famosa.

Por esse motivo, o tema tornou-se popular e suas influências foram preservadas por muito tempo.

As narrativas sobre Carlos Magno adentram na Península Ibérica após o século XI, pois antes desse período ocorria o predomínio de textos que possuíam uma visão mais local, em decorrência da invasão muçulmana, as narrativas dos reinos cristãos da região desejavam retratar um passado glorioso a se apegar de uma Espanha visigótica com o objetivo político e religioso de reocupação do território e restauração dos antigos esplendores do reino.

Os poemas franceses exerceram uma influência maravilhosa em toda a Europa, sendo traduzidos e reformulados em vários países, como Inglaterra, Irlanda, Holanda, Alemanha e Noruega. Eles foram assimilados principalmente pela Itália e Espanha, onde heróis carolíngios se tornaram uma parte importante das tradições locais e genealogia. Na Espanha, a famosa derrota em Roncesvalles retratada nos poemas franceses levou à criação do personagem Bernardo del Carpio, um herói nacional lendário que se juntou a figuras históricas importantes como Fernán González e o Cid. A Espanha sentiu uma conexão natural com o épico carolíngio, pois foi palco das grandes guerras de Carlos Magno contra os Sarracenos T.A.(MENENDEZ PIDAL, 1974, p.32)

Adeline Rucquoi esclarece que integração de matéria “estrangeira” só ocorrerá quando a nobreza de Castela em suas tendencias hegemônicas se intitular *imperatores*

tout Hispaniae, começando com Alphonse VI de Castela e Léon (1065-1109), que em seu reinado dá uma abertura às obras francesas, e às práticas religiosas do rito romano substituindo os ritos visigóticos ou mozárabes, assim como alianças matrimoniais, com famílias toulousanas e borgonhesas.

Além da abertura à peregrinação a Santiago de Compostela, e a adoção da caligrafia dita francesa substituindo a escrita tradicional ou visigótica. Tais medidas teriam um objetivo político, manter a independência de Castela no momento da chegada francesa que visava libertar a Espanha da ocupação muçulmana (RUCQUOI, 1989, p.677-679).

Essa abertura trouxe ao território espanhol cronistas franceses que produziam e trouxeram consigo uma série de narrativas onde Carlos Magno possuía presença marcante, e que passara pela Espanha realizando feitos memoráveis como a descoberta do túmulo de São Tiago, a fundação de inúmeras vilas e a luta contra os infiéis defendendo a Cristandade, tais realizações se infiltram no imaginário da região, criando raízes míticas que somente depois serão contestadas:

Mas aquele quadro começou a sofrer lenta alteração desde o final do século XII nos textos de monges das ordens de Cluny e Cister. Foram estes os principais difusores da matéria carolíngia, e os primeiros a promover a associação da luta dos guerreiros francos com a retomada do túmulo de Santiago de Compostela. Nos escritos de inspiração clerical, como a *Historia Karoli Magni et Rotlandi* – crônica do Pseudo-Turpin –, os heróis são levados a enfrentar perigosos inimigos mouros (MACEDO, 2009, p. 4)

Míquel Dolán Gomés aponta que um dos relatos mais marcantes dessa chegada à Península Ibérica foi registrada por volta do século XIII, num episódio onde o cronista cisterciense francês Alberic de Trois-Fontaines, no seu minucioso e abrangente relato da batalha de Las Navas de Tolosa, ocorrida em 1212 na Andaluzia, onde as forças das cruzadas cristãs obtiveram uma vitória sobre os almóadas, faz uso frequente da expressão "rex parvus" (pequeno rei) ao se referir a Alfonso VIII de Castela, quando questionado sobre o motivo de ser chamado de 'pequeno rei', Alfonso VIII de Castela explicou que herdou o trono em tenra idade após a morte de seu pai D. Sancho, e desde então foi conhecido como tal ao longo de sua vida.

No entanto, a explicação popular era que após a era de Carlos Magno, que restaurou a Espanha, seus antecessores eram chamados de "pequenos reis" para distingui-los de Carlos, o "grande".

Na visão de um historiador francês do século XIII, parecia genuíno o entendimento de que Carlos Magno havia conquistado toda a Espanha, conforme acreditava o público francês da época, inspirado na narrativa da Canção de Roland. A memória histórica das campanhas mais modestas no nordeste da Península Ibérica, que levaram à dominação carolíngia centrada em Barcelona, havia evoluído para uma lenda elaborada que atribuía a Carlos Magno a conquista completa da Espanha.

Nesse contexto, Alberic via a submissão dos líderes cristãos espanhóis ao status de "sub-reis", ou reges parvi, como um reflexo dessa alegada conquista. A descrição de Alfonso VIII como "pequeno rei" por Alberic derivava da integração das lendárias realizações de Carlos Magno em sua crônica, sendo influenciada por essa perspectiva histórica amplamente aceita na França da época.

Na sua crônica, Alberico de Trois-Fontaines amplamente incorporou o detalhado relato lendário das campanhas espanholas de Carlos Magno da renomada "Historia Karoli Magni et Rotholandi", também conhecida como Pseudo-Turpin. O mais antigo manuscrito existente do Pseudo-Turpin é parte do bem-conhecido "Liber sancti Jacobi" (ou Codex Calixtino), datado do segundo quarto do século XII.

A autoria e a origem do Pseudo-Turpin não são claras, mas provavelmente foi criado, pelo menos em sua forma essencial, junto com outros conteúdos do Codex Calixtinus. Essa coleção de narrativas de milagres, peças de propaganda e bulas papais falsificadas foi elaborada para conferir uma herança ilustre ao recém-criado arcebispado de Compostela, que foi aprovado pelo Papa Calixto II em 1120 (DOLAN GOMÉS, 2016, p. 94-95).

Tal narrativa começou a percorrer tanto a Espanha quanto a França a partir da segunda metade do século XII e assim como as narrativas do período achava-se que o texto que tratava da libertação do túmulo de São Tiago das mãos sarracenas por Carlos Magno era autêntico, tal certeza acabou perdurando mais de três séculos (MORRISSEY, 2003, p. 50-51)

Um desses exemplos é crônica atribuída ao Bispo Turpin de Reims, um clérigo do reino carolíngio do século VIII, que, nas lendas, é um dos doze pares de Carlos Magno. Nessa narrativa, Carlos Magno é elogiado por resgatar Compostela dos muçulmanos, elevando-a à posição de igreja principal da Espanha e concedendo-lhe várias prerrogativas.

O Pseudo-Turpin também relata as vitórias militares de Carlos Magno na península, transformando o desastre da campanha de 778 em um feito heroico. O

capítulo 5 lista diversas cidades supostamente capturadas por Carlos Magno nos três anos em que permaneceu na Espanha após salvar Santiago de Compostela, antes de retornar à França.

Nela, um rei africano chamado Aigolandus retoma a Espanha, desencadeando uma série de batalhas entre os francos e os muçulmanos, com Roland emergindo como o principal herói franco. Isso leva Carlos Magno a reconquistar a Espanha, mas sua partida ao norte é emboscada, resultando na famosa batalha de Roncesvalles, onde Roland e outros guerreiros importantes são mortos.

Argumenta-se que as narrativas das ações militares de Carlos Magno contra as forças islâmicas, tanto na Península Ibérica quanto na África, serviram como propaganda para incentivar a participação francesa nas Cruzadas na Espanha.

Essa crônica, conhecida como Pseudo-Turpin, e a famosa Canção de Roland são os relatos mais notórios da lenda das façanhas de Carlos Magno na Espanha durante os séculos XII e XIII. Esses contos épicos se tornaram parte de uma era de ouro celebrada na cultura franca, não apenas como histórias dramáticas, mas também como parte da própria história real. Portanto, a inclusão do Pseudo-Turpin na crônica de Alberic de Trois-Fontaines é compreensível, visto que ele era um compilador sensato e completo da história (DOLAN GOMÉS, 2016, p. 95-96)

Vemos também menção à ida de Carlos Magno à Espanha na conhecida Nota Emilianense, escrito em San Millán (de la Cogolla), próximo a Nájera, na região da Rioja Alta na segunda metade do século XI, no centro-norte da Espanha, a apenas 14 quilômetros do caminho de peregrinação a Santiago de Compostela.

Em cerca de um parágrafo ele resume o texto da *Chanson* de Roland, mas de inovador ele apresenta o nome dos francos hispanizados, assim como o local da batalha Rozaballes(Roncevaux), tal ato sugere a tradição narrativa oral viajou da França para a rota de peregrinação na Espanha e que ao longo do tempo, se fez notada na Nota Emilianense(BAILEY: GILES, 2016, p. 21).

Contudo, é importante notar que nem sempre o objetivo era enaltecer Carlos Magno e os Francos. Alguns estudiosos da cultura medieval ibérica defendem a ideia de que, tanto no Sul da França quanto na Península Ibérica, a memória carolíngia foi contestada em alguns casos (MACEDO, 2009, p.4) ou, pelo menos, interpretada de forma diferente.

A "rejeição" inicial da ideia de heróis francos, surgiu durante um período em que a Península Ibérica estava em uma luta real contra os mouros na guerra de Reconquista.

Entre os séculos XII e XIV, houve uma formação gradual de uma consciência castelhana, e nesse contexto, a França e os francos eram vistos com desconfiança e retratados de forma negativa nas crônicas.

Um desses textos é de relatos que rechaçam Carlos Magno na Espanha, é a *Historia Silense*, uma crônica latina composta por um membro da comunidade religiosa de San Isidro em León, entre 1109 e 1118. Em uma passagem concisa de três parágrafos, o autor combina a narrativa dos eventos históricos com o desafio à rejeição de algumas reivindicações de uma de suas fontes, no caso o *Vita Karolli*. Ela contextualiza a invasão franca dentro de um panorama histórico mais amplo, conferindo-lhe um significado adicional.

Na sequência do relato da conquista muçulmana da Espanha em 711 (datada na *Historia Silense* como 709, 747 da Era Hispânica), atribuída ao poderoso rei Huli de bárbaros de toda a África, liderados inicialmente pelo desonrado Conde Julian e pelos dois filhos despossuídos do falecido rei Witiza, o autor destaca a situação precária dos godos, abandonados por Deus e por outras nações.

Especificamente, o autor rejeita as afirmações feitas pelos francos de que Carlos Magno libertou cidades na Espanha das mãos dos pagãos, antes de narrar a incursão do rei franco até Roncevaux. (BAILEY; GILES, 2016, p. 17) E que este em nada ajudou aos que ali ficaram a se libertar do jugo pagão.

Além disso, nenhuma das nações estrangeiras é conhecida por ter resgatado a Espanha de tal ruína, exceto Deus Pai, que tem os pecadores sob sua proteção. Mas Carlos também não, a quem os franceses alegaram falsamente ter resgatado das mãos dos pagãos certas cidades abaixo das montanhas dos Pireneus. Pois quando a guerra com os saxões se prolongou por 33 anos, como está registrado nas ações do mesmo, um certo mouro chamado Hybinnalarabi veio até ele, a quem Abderrahman, o grande rei dos mouros, havia presidido no reinado de César Augusto, prometendo submeter-se a si e a toda a província ao seu domínio. Então Carlos, o rei, persuadindo o referido mouro, tendo concebido em sua mente a esperança de capturar os estados da Espanha, tendo reunido um exército de francos, marchou pelas montanhas desertas dos Pirineus e chegou em segurança à cidade de Pamplona. Onde o povo de Pamplona o vê, recebe-o com grande alegria. pois estavam de todos os lados encurralados pela fúria dos mouros. De onde ele veio para a cidade de Cesaraugusto, corrompido com ouro à maneira dos francos, sem suor para resgatar a santa igreja do domínio dos bárbaros, ele voltou para seu próprio lugar. Na verdade, Charles ansiava por se banhar mais cedo naqueles banhos que Grani construía tão deliciosamente para esse fim. Além disso, quando em seu retorno tentou destruir a cidade de Pamplona dos Mouros, a maior parte de seu exército pagou um alto preço na própria montanha dos Pirineus. Pois se o exército fosse estendido com uma longa coluna, como permitia a

estreita posição do local, a última coluna que protegia as anteriores atacava os navarros por cima. E eu juntei forças com eles, e matei todos eles, até um. Em cuja guerra Eggihardus foi prefeito no mês do rei Charles, Anselmus, o conde de seu palácio, e Rotholandus, o governador britânico, caíram com vários outros. Este fato permaneceu impenitente até hoje. Tendo dito isso brevemente sobre Charles, volto ao começo. Portanto, depois de tão grande queda dos espanhóis, é digno de um trabalho relatar como a misericórdia divina que fere e cura, como que de uma raiz regeneradora, tornou populosa a nação dos godos (SANTOS COCO, 1921, p.16-17).T.A

A *Historia Silense* é a primeira crônica espanhola a apresentar uma visão negativa da intervenção carolíngia na Espanha, retratando a participação de Carlos Magno ao sul dos Pirinéus como motivada pela cobiça e ineficaz. Os autores das lendas de Roland, possivelmente franceses, são acusados de fabricar os sucessos de Carlos Magno. A crônica tem o propósito principal de exaltar o reino de León e as conquistas de Alfonso VI, que seriam obscurecidos pela narrativa competidora de uma reconquista carolíngia da península, se levar em conta a maneira em que está escrito o *Pseudo-Turpin*.

O autor da *Historia Silense* frequentemente menciona Alfonso VI por seu título imperial, rejeitando reivindicações concorrentes de imperialismo, como a de Carlos Magno. Um debate emerge sobre a motivação das campanhas de Carlos Magno.

Enquanto o *Pseudo-Turpin* e seguramente a *Canção de Roland* atribuem motivação religiosa, a *Historia Silense* argumenta que o desejo de conquista impulsionou Carlos Magno, questionando sua ação em resgatar igrejas da dominação muçulmana. Ao invés disso, o autor destaca os reis de León como defensores e restauradores da igreja. A abordagem propagandística da *Historia Silense* e sua narrativa sobre a campanha de Carlos Magno forneceram a base para os elaborados relatos nas histórias ibéricas do início do século XIII.(DOLAN GOMÈS, 2016, p.100-101).

O território espanhol teve durante muito tempo a presença de juglares (*jongleurs*) (GAUTIER, 1875, p. xlj) que mesmo criticados pelos intelectuais do clero por serem dignos de pouco crédito (CATALÁN, 2001, p. 14) traziam em suas narrativas a plena presença de Carlos Magno e seu sobrinho Roland e suas lendas *très françaises*, que com o passar do tempo foram sendo revistas, e em seu lugar foram produzidas versões legendárias que substituíram os heróis franceses por versões hispânicas.

Um exemplo é a *Cronica Gêneral* Alfonso X (segunda metade do século XIII), precedida pela *Chronica Hispaniae* de Rodrigo de Toledo (f 1247), que apresenta um aspecto diferente da batalha de Roncevaux :

Alfonso, o Casto, reinou por trinta anos. Ameaçado pelos sarracenos, chamou Carlos Magno em seu auxílio; mas os espanhóis, seus súditos, se revoltam só de pensar que serão resgatados pelos franceses, e Alfonse é forçado a deixar Charles saber... que ele passará sem ele. O rei da França, indignado, imediatamente declara guerra aos espanhóis. Em vez de ceder aos odiados franceses, eles buscam a aliança de Marsile e dos pagãos, e é Bernard del Carpio quem conclui essa aliança. Oprimidos por dois exércitos, ou melhor, por duas raças, os franceses são derrotados e Roland morre. É verdade que Carlos se vingou mais tarde de Marsílio. Mas Bernard del Carpio foi o mais feliz. Reconciliado com o grande imperador, foi por ele feito rei da Itália. (Chronica Hispanioe, IV, cap. x e xi; Cronica generai, ed. de 1604, f.º 30-32. Cf. a Crônica anterior de Lucas de Tuy, etc.) == ci L'Office de Charlemagne à Girone » (GAUTIER, 1875, p. 371) T.A

A presença de Bernardo del Carpio e sua vitória sobre Carlos Magno por Bernardo del Carpio, segundo Matthew Bailey e Ryan Giles, também estava sendo recontada por um autor anônimo do Poema de Fernán González (por volta de 1250). Este poema é uma narrativa fundacional castelhana que se concentra nas realizações guerreiras do conde Fernán González, creditado por garantir a independência do condado de Castela em relação ao reino de Leão. A história começa com a conquista da Espanha pelos godos e sua conversão ao cristianismo.

O poema elogia a excepcionalidade do povo castelhano, incluindo Bernardo del Carpio e o rei Alfonso II, que derrotam Carlos Magno em duas batalhas. A primeira batalha ocorre quando Bernardo lidera suas forças contra os franceses, que são impedidos de avançar além do porto basco de Fuenterrabia. Segundo o poema, sete reis e potentados franceses são mortos nessa batalha.

Na segunda, Bernardo busca a aprovação de Alfonso II para atacar os "Doze Pares" franceses e enfrenta Carlos Magno na Passagem Aspe. Os nomes dos guerreiros francos são revelados em um contexto de inspiração de batalha, destacando seu exemplo de abnegação.

No entanto, no Fernán González, os nomes dos mortos franceses não são ligados às batalhas vencidas por Bernardo, e ele e seu exército são enaltecidos como os heróis da narrativa, independentemente da representação heroica dos francos em outros textos tradicionais, como a *Chanson de Roland*. No Poema, Bernardo e seu exército é quem são os verdadeiros protagonistas, e a história se concentra na ação heroica e na fé inabalável, destacando o excepcionalismo castelhano. (BAILEY; GILES, 2016, p.30-32)

Os relatos da chegada de Carlos Magno à Espanha contribuíram para o florescimento de uma épica própria da região, trazendo à tona heróis como o já citado Bernardo del Carpio, e Rodrigo Díaz, o El Cid. Tais narrativas são reflexões críticas de eventos alardeados como verdadeiros, uma contra-história (RICQUOI, 1989, p. 679) sobre as narrativas francas, mostrando um outro lado desses textos que foram à sua maneira, míticos, mas que essencialmente não estão longe dos fatos acontecidos, o rei franco esteve na Espanha, mas não da forma literariamente expressa, e por essa razão foi possível o nascimento de versões hispânicas das aventuras de Carlos Magno. (BAILEY; GILES, 2016, p.13)

No geral a imagem de Carlos Magno é destacada na Espanha o que deu origem a versão castelhana da muito popular *Historia del emperador Carlomagno*, que é diretamente influenciada por Fierabras.

No território espanhol vemos as narrativas perdendo força e em 1605 percebemos seu fim com a primeira edição de *Don Quixote*. (GAUTIER, 1875, xlj) que mesmo marcando o fim dos romances de cavalaria apresenta inspiração nas narrativas carolíngias:

A história de Ogier, o dinamarquês (marquês de Mântua), diz Cervantes, “é conhecida pelas crianças, não ignorada pelos jovens, celebrada e até acreditada pelos idosos. E ainda hoje a Espanha é o único país onde o povo canta com fé e amor Carlos Magno e seus doze pares (PARIS, 1865, p. 216) T.A

O romance "*Historia del emperador Carlomagno y de los dozes pares de Francia*", foi publicado pela primeira vez em Sevilha em 1521, tem origem no Fierabras francês, também conhecido como *Conquête du Grande Charlesmagne*, na edição datada de 1458, a versão posterior à utilizada nesse trabalho.

A variante castelhana reconta as origens dos reis francos e as façanhas de Carlos Magno e os Doze Pares e foca no envolvimento militar do rei dos francos com um exército infiel liderado por Balán e Fierabrás, narrando captura, negociação, conversões e um romance, tópicos comuns em todas as edições de Fierabrás e já analisados no capítulo 2.

Além da entrada de Carlos Magno na Espanha, suas lutas contra mouros e traição em Roncesvalles, adaptado por Nicolás Piamonte, o romance combina fontes medievais francesas e sua influência é vista na literatura, como *Don Quijote*, e a adaptação aborda o tema da conversão no contexto da cristianização de Granada (GILES; 2016, p. 123-125).

Luís da Câmara Cascudo, diz que a tradução da edição castelhana é dividida em três livros do original francês que teve uma edição em Sevilha em 1525, e tem origem no Fierabras francês, numa edição posterior a por nós estudada, conhecida como Conquête du Grande Charlesmagne, editado em 1485.

Os três livros da versão castelhana contêm: a) a crônica da França, desde os primeiros reis até Carlos Magno; b) a batalha de Oliveros com Ferrabrás, rei de Alexandria, filho do grande almirante Balão, escrito em verso francês; c) as obras meritórias de Carlos Magno, a traição de Galalão e a morte dos doze Pares. A fonte da terceira parte é o Speculum Historiale, de Vicente de Beauvais (CASCUDO, 1984, p.266).

É possível que uma edição anterior do romance espanhol tenha circulado, ao menos em parte, entre 1500 e 1503, coincidindo com as revoltas mouriscas discutidas a seguir (Goodman 154). Francisco Marquez Villanueva sugere que "Nicolás Piamonte" soa como um pseudônimo, e até o momento da escrita, a identidade do autor permanece desconhecida. O suposto sobrenome do autor aparenta estar relacionado a terras que agora fazem parte da Itália, mas que foram unificadas sob a Casa de Savoy, um ducado formado em 1416. Durante o início do século XVI, Charles III de Savoy governava a região do Piemonte. Esse duque apoiou os Habsburgos na Europa Ocidental, especialmente favorecendo Carlos V em seu conflito contra Francisco I.

Casou-se com Beatriz de Portugal, filha do cunhado do imperador, mas acabou sendo deposto do poder. Também é notável que o possível sobrenome pseudônimo, derivado do latim "pedemontis", significa "pé de montanha" ou o ponto onde terras altas encontram uma planície. Por essa razão, poderia referir-se a vários lugares e cidades na Espanha, incluindo Granada. "San Nicolás" era um local importante na parte alta do bairro mouro de Granada. Nomeado após uma igreja mudéjar que já foi uma mesquita, oferece uma vista espetacular da Alhambra (GILES, 2016, p. 123-124).

4.2 Carlos Magno e seus Pares em Portugal

A versão castelhana da história de Carlos Magno, com sua barba florida, espada gloriosa e pares invencíveis, chegou a Portugal e foi reimpressa em Lisboa no século XVII (1615) e Coimbra em 1732. Jerônimo Moreira de Carvalho, físico-mor de Algarve

(CASCUDO, 2001, p. 38)²²⁷ traduziu para o português no século XVIII, dividindo em duas partes publicadas em 1728 e 1737, misturando a segunda parte com narrativas de Boiardo e Ariosto. O padre Alexandre Caetano Gomes Flaviense publicou a "Verdadeira Terceira Parte" em 1745, focada em Bernardo del Carpio e suas vitórias. Caetano Gomes escreveu para entreter nas longas noites de inverno.

As edições subsequentes, como a obra de Moreira de Carvalho e Caetano Gomes, foram amplamente reimpressas em Portugal e Brasil. Em 1789, uma edição mais acessível e resumida foi publicada, levando a história de Carlos Magno às classes mais pobres e áreas distantes. Reimpressões frequentemente destacavam episódios guerreiros individuais, exaltando Roldão, Reinaldo de Montalvão ou Oliveiros separadamente (CASCUDO, 1984, p.267)

[..]a traducção portugueza delle foi feita pelo medico Jeronimo Moreira de Carvalho, e publicada por primeira vez em 1728; e tal aceitacao encontrou, que logo em se lhe juntou, uma segunda parte; e pouco depois (1745) uma chamada terceira, da qual se deu por autor o presbitero Alexandre Caetano Gomes; que provavelmente não faria mais que traduzir do castelhano algum dos livros no paiz visinho escripto acerca das apregoadas facanhas de Bernardo del Carpio; (DA LITTERATURA, 1872, p. 38)

A tradução foi tão bem recebida que logo uma segunda parte foi acrescentada, e pouco depois, em 1745, uma terceira parte, atribuída ao presbítero Alexandre Caetano Gomes. Essa terceira parte provavelmente se baseou em algum dos livros escritos no país vizinho sobre as façanhas famosas de Bernardo del Carpio, que autor alega que compôs sua obra para entretenimento e diversão antes de dormir, compilando tudo o que pôde encontrar nos livros espanhóis relacionados a Bernardo del Carpio (PARIS, 1865, p.217).

É a História do Imperador Carlos Magno e dos Doze Pares de França, nas edições de Lisboa, 1723, 1728, 1789, tradução de Jerônimo Moreira de Carvalho, físico-mor de Algarve, e que representam recapitulações e edições dos vários livros sucessivos, antes da forma definitiva que alcançou nos princípios do século XIX.(...) Era uma tradução do francês por um Nicolas de Piamonte, aproveitando a tradição popular de Fierabrás de 1485. História francesa, constando de acréscimos, resumos, modificações de vários episódios, era conhecida desde o século XII, havendo versão provençal, e tudo começara por uma canção de gesta nos finais do século XII. (CASCUDO, 2001, p.51)

²²⁷ Informações sobre Jeronimo Moreira de Carvalho são escassas, diferente do caso de Nicolás Piemonte, que temos mais detalhes sobre sua persona.

A introdução trata da ascendência de Carlos Magno, ligando-o ao povo troiano, atribuindo-o como descendente de Franco, companheiro de Eneas, e que segundo a narrativa fundou uma cidade da Gália e se tornou o primeiro rei dela.(CARVALHO, 1863,v-viii)

O livro primeiro trata de Pepino, chamado no texto como o Primeiro rei Catholico de França, e como este se tornou imperador dos romanos. O segundo, trata dos Doze Pares de França, da batalha de Oliveiros contra o Gigante Ferrabrás, o terceiro narra como São Thiago Menor apareceu a Carlos Magno e a batalha deste contra o Gigante Ferraguz.

Enquanto o livro quatro fala da traição de Galalão, da morte dos doze pares da visão do Arcebispo Turpin da morte de Roldão, e da morte de Carlos Magno, e por fim, o livro cinco, [de origem italiana] relata o nascimento e a vida de Roldão antes de ser armado cavaleiro por Carlos Magno.

Além desses livros, há um adendo de uma narrativa sobre a formação da Hispania, a dominação turca e a retomada de seus territórios, além da vida de Bernardo del Carpio²²⁸, a quem foi atribuída, nas versões hispânicas a derrota de Carlos Magno em Roncevaux/Roncesvalles. As três partes parecem unir novelas menores anteriores.

Os quatro livros da segunda parte detalham eventos que o autor afirma ocorrerem entre os dois primeiros capítulos do livro quatro da parte anterior. A redação, embora possa não ser original, é distintamente em português, sem erros de tradução como na primeira parte.

Esses quatro livros abordam: a ida de Carlos Magno a Paris, seu rápido retorno à Espanha para subjugar Abderraman e sua entrada triunfante em Toledo; a aventura de Roldão na cova Tristefea, novas vitórias e a fuga de Abderraman para a Etiópia; a conquista de Olão de Dinamarca, o retorno a Toledo e a vitória final sobre Abderraman,

²²⁸ “La figura de Bernardo habría surgido del deseo de contrarrestar las hazañas de los héroes épicos franceses con un héroe nacional castellano, según la teoría de Menéndez Pidal, quien plantea también la existencia de dos leyendas separadas: la del Bernardo «francés» y la del Bernardo «castellano». En la primera ocuparía un lugar protagonista la hermana de Carlomagno, Berta, de quien serían hijos Roldán, muerto en Roncesvalles a manos de Bernardo, y también el mismo Bernardo como hijo ilegítimo en sus segundas nupcias con Alfonso II; la segunda, que resalta el protagonismo de Ximena, hermana de Alfonso II, «rompe totalmente con la tradición francesa y desarrolla un nuevo tema de mayor interés humano, rematado por un acertado final de verdadera grandeza trágica». En cualquier caso, parece indiscutible que la fabulación de la trágica historia de los amores entre la hermana del rey Alfonso y el conde de Saldaña, que dio un Bernardo ilegítimo, serviría muy bien para contraponerla al también ilegítimo héroe francés –Roldán–, invención cuyo éxito en la Edad Media y en los siglos posteriores descansó en su intenso poder alegórico para la monarquía hispánica, tradicionalmente enfrentada con su ambicioso vecino” (NISO, 2015, p.79).

que morre; também incluindo os casamentos de Carlos Magno e Roldão. É inegável que a História do Imperador Carlos Magno e dos Doze Pares de França alcançou uma popularidade significativa em Portugal e suas colônias (DA LITTERATURA, 1872, p.39-41).

Gaston de Paris ao se referir à presença das narrativas carolíngias em Portugal observa que eram raras as produções com essa temática, e que comparados com as versões espanholas eram de poesia é menos rígida, menos intensa e menos vigorosa mas no entanto, eles possuem mais graça e frequentemente um charme quase misterioso.(PARIS, 1865, p.216)

No século XIII, o personagem de Roland recebeu atributos semelhantes aos santos nas narrativas, e Carlos Magno, que foi oficialmente canonizado pelo antipapa Pascoal III em 1165, mas teve tal processo anulado, mesmo assim, foi representado como o responsável por restabelecer o culto cristão na Espanha após fazer uma peregrinação ao túmulo de Santiago de Compostela para protegê-lo e reorganizá-lo. Essas novas interpretações contribuíram para alterar a visão dos peninsulares em relação aos francos e a Carlos Magno, tornando-o um herói admirado e associado à luta contra os mouros na Península Ibérica.(MACEDO, 2009, p.4)

Mesmo que durante a Idade Média, os portugueses teriam se inclinado mais em direção aos romances da Távola Redonda do que às canções de gesta. Há um manuscrito onde quase todo o ciclo do Rei Arthur foi traduzido para o português, e se o Amadis teve origem em Portugal, não é difícil imaginar que Lancelot e Tristão foram suas fontes originais.

Neste cyclo carlovingio pouco se assignalou Portugal; contentando - se os seus filhos, como os de suas colonias, com ler, mais que nenhum outro livro, a famosa »Historia de Carlos Magno e dos Doze Pares de França«(DA LITTERATURA, 1872, p. 32)

Em Portugal, Geraldo Sem-Pavor também cumpriu possivelmente esse papel simbólico. De acordo com Carlos J. Rodríguez Casillas, durante o período da Reconquista, surgiu um guerreiro português, conhecido como Geraldo Sem Pavor ou o El Cid Português por suas façanhas que o destacaram enquanto ele abria caminho pelas terras da Estremadura²²⁹. A falta de referências claras sobre sua pessoa, somada às

²²⁹ Extremadura é uma das comunidades autônomas da Espanha, dividida em duas províncias, Cáceres a Norte e Badajoz a Sul, ambas com fronteira com Portugal a oeste, e sua capital é Mérida, foi compartilhada Portugal, ao qual pertenceu uma parte desta comunidade, na época da antiga Lusitânia

atividades bélicas que realizou, fez dele uma figura desconhecida e temida tanto por muçulmanos quanto por líderes castelhano-leoneses.

Geraldo assumiu nomes variados na história devido às diferentes perspectivas que as pessoas tinham sobre suas ações. Ele oscilou entre ser visto como traidor vil até se tornar um dos heróis medievais portugueses. Geraldo, de guerreiro a mercenário, liderou campanhas de conquista na Estremadura com poucas tropas. O mistério que envolve sua figura levou a numerosos estudos sobre sua origem, mais na historiografia portuguesa do que na espanhola.

Era um enigmático líder militar, ganhou fama ao atacar as fortalezas nas alturas da região da Estremadura durante a Reconquista. Suas proezas o tornaram um flagelo para muçulmanos e cristãos-leoneses. Mesmo sem comandar grandes batalhas, sua notoriedade na historiografia militar medieval é inegável, desafiando mitos obscuros sobre o mundo militar da época.

No entanto, as façanhas de Geraldo o tornariam reconhecido como um dos chefes militares da Idade Média que mais respeito e admiração causaram entre seus contemporâneos, chegando a igualar sua fama à do Cid Campeador. Tudo isto, sempre fruto da sua mestria nas técnicas de conquista de castelos e fortalezas. O que, só vem a ratificar a tese anteriormente exposta de que as guerras na Idade Média consistiam, sobretudo, numa luta contínua pelo domínio do território, sendo mais importantes as conquistas dos baluartes defensivos do que as grandes batalhas épicas, das quais Geraldo não capitão (RODRÍGUEZ CASILLAS, 2009, p.709). T.A.

No contexto da política da época, o controle de territórios era fundamental. Geraldo estimulou a futura conquista cristã da Estremadura ao dominar pontos estratégicos. Após a morte de Afonso VII, conflitos internos dividiram os sucessores, beneficiando a ascensão de Geraldo, que liderou ataques eficazes.

A morte de Geraldo por decapitação na prisão e sua origem misteriosa o tornaram uma figura controversa da Idade Média, tanto odiada quanto admirada. Suas conquistas, como a de Alcântara, moldaram a história da região e desafiaram a inércia política.

Em ambos os territórios se percebe a construção e cristalização da imagem de Carlos Magno e seus pares como modelos de justiça, lealdade e defesa da fé:

(província romana que incluía uma parte do que é hoje Portugal (exceto a zona norte), e uma porção do que é hoje a Espanha ocidental).

Ao final da Idade Média, Roland era personagem bem conhecido em Portugal e Espanha, sendo citado em crônicas, romances e cantigas dos trovadores ¹⁶. Nas aldeias próximas aos Pirineus, a tradição identificou o cenário das aventuras do invencível herói: montanhas passaram a ser chamadas de Pedra de Roland ; fendas e buracos de rochas eram atribuídas às marcas de seus pés, ou das patas de seu cavalo. Sua espada, durindana, encontrar-se-ia num rio próximo da cidade de Toledo, significativamente denominado El Rio de la Espada. Na memória coletiva o guerreiro franco ganhou a forma de um gigante visitador de grutas, montes e rios . Data do fim do século XV a extraordinária difusão de romances de cavalaria do ciclo carolíngio na Península Ibérica (MACEDO, 2009, p. 4).

E essa imagem como na *Chanson de Roland* e em *Fierabrás* há a evidente separação entre os cristãos, aqueles que estão certos, e os pagãos, os que estão errados e pagarão por isso.

4.3 Do outro lado do Atlântico, as narrativas rolandianas em terras brasileiras

Sua presença chega à Península Ibérica e encontra ali terreno fecundo para o consumo dessa ideia, que se espalha, quando as expedições expansionistas da coroa portuguesa aportam em terras brasileiras, e trazem consigo exemplares das obras do Ciclo Carolíngio, traduzidas do castelhano para a língua portuguesa, chegando ao sertão nordestino, onde se ressignificam sem perder sua essência principal, Roland, se torna Roldão, Olivier, Oliveiros, e até mesmo o gigante sarraceno Ferrabrás aporta nessas terras, ora como sarraceno, ora como turco:

No início do século XX, mantinha-se viva a afeição pelos personagens épicos e esta pode ser medida por uma experiência do próprio Câmara Cascudo, ocorrida na cidade de Natal, em 14 de dezembro de 1949, quando ele viu o leiloeiro Nival Câmara apregoar dois botes, um pequeno nomeado “Roldão” e outro, um pouco maior, chamado “Oliveiros”. A História do Imperador Carlos Magno podia servir de matriz para os textos da literatura de cordel e forneceu os motivos para os cantadores populares nordestinos, em seus desafios versificados, os quais se aproveitavam de determinados episódios para construir suas narrativas particulares. (ARIAS, 2012, p. 39-40)

Quando surge o cordel em terras brasileiras, e fortemente estabelecido em áreas do nordeste brasileiro que segundo DIEGUES JUNIOR (1973, p.5): “tem raízes lusitanas; veio nos com o romanceiro peninsular, e possivelmente começam esses romances a ser divulgados, entre nós, já no século XVI, ou, no mais tardar, no XVII, trazidos pelos colonos em suas bagagens”, encontra um público consumidor geralmente rural, de áreas afastadas e semianalfabeto, que repassa sua memória a partir

da história oral, aliás traço semelhante à aqueles que ouviam as fabulosas aventuras de Roland e Carlos Magno, nas feiras sendo declamados pelos jograis no Medievo.

As obras e narrativas são ressignificadas perdendo os ares europeus e ganhando características nordestinas:

Fica evidente que mesmo nos casos de adaptação para versos de histórias tradicionais europeias, os poetas populares não transpõem mecanicamente os versos, mas aclimatam, regionalizam, nordestinizam. [...] Assim, o leitor popular, ao viver no ato da leitura estas aventuras, recebe-as como se estivessem acontecendo em algum tempo do Nordeste, apesar das referências a locais europeus contidas no texto (AYALA, 1997, p.162).

Nessa configuração, Carlos Magno, Roland e Olivier se tornam personagens principais, assim como na *Chanson de Roland*, e são embebidos pelo clima da Reconquista ibérica, simbolizando fé, poder e resistência contra os povos mulçumanos.

As narrativas sobre a *Chanson de Roland e Fierabrás* chegaram ao Brasil, e tinham como referência as diversas versões do ciclo carolíngio, que ao entrar em contato com as tradições ibéricas ganham novas variações nas tramas e na personalidade de suas personagens, mesmo assim, ainda remetem a uma corte áurea, vinda de um passado distante, referenciado como modelo de valores que com o passar dos séculos não se modificaram.

Entre essas características, está a sua transmissão, nas feiras em forma de declamação pública, para uma população de iletrados, onde seus modelos serão passados entre sua audiência:

Muitos dos homens da Idade Média são analfabetos, como é o caso da grande maioria dos leigos até ao século XIII. Nesse mundo de iletrados, a palavra tem uma força especial. Das pregações o homem medieval extrai noções, anedotas, instrução moral e religiosa. É certo que o texto escrito tem um grande prestígio baseado no prestígio das <<Sagradas Escrituras>> e dos clérigos, homens de escrita, a começar pelos monges, como *scriptorium* — o lugar da escrita, o aposento essencial de todos os mosteiros — comprova. No entanto, o grande veículo de comunicação é a palavra. Isso pressupõe que a palavra seja bem conservada. (LE GOFF, 1989, p.27)

As pessoas compreendiam melhor a mensagem dos poetas e trovadores graças ao uso de recursos como música, rimas e repetições, instalando em suas memórias vidas de reis, heróis e donzelas, que serviriam de exemplo em sua vida cotidiana:

Nos remetendo às feiras onde os cordelistas faziam sua arte, e que transmitiam suas obras inspiradas nessa literatura medieval, traduzidas de versões castelhanas e

lusas, e que adentravam no imaginário de seus consumidores, que se sentiam identificados com essas personagens com características universalmente modelares de perfeição.

Apesar do tempo afastado, o homem ainda tem que ser corajoso, leal e temente a Deus, defender seu lar e aos seus, e tais valores se mantêm através do tempo, inicialmente, pela oralidade, depois pela escrita, e alcança o público através de versos simples repetidos nas feiras e vendidos em folhetos, e alcança corações nos lugares mais distantes do novo mundo, pregando uma mensagem sobre religião, fé, crença e coragem, que é difundida e reverenciada em várias épocas, contextos e circunstâncias: que alcança do rei francês do século XII ao sertanejo brasileiro do século XX.

Mostra que mesmo de lugares distantes, a religiosidade, cultura e imaginário se entrelaçam e se fundem mantendo assim a memória e os valores do Medievo que ainda permeiam a sociedade atual.

Atenta ainda para o papel memorialista essencial das gestas que alcançam seu propósito de conservar valores da nobreza ideal e que tais características de coragem, honra e lealdade, coadunam com as do homem sertanejo, além alimentar a perspectiva de que aquele que suportasse as provações da vida, receberia a recompensa no céu, e tal espera unia tanto os medievais como habitantes do sertão nordestino.

Ou se vivia para herdar o céu ou se vivia para perdê-lo, no trajeto várias alternativas eram dadas ao cristão que vivia em pecado para reconciliar-se com Deus, como vemos em diversas obras do período, sendo uma das mais contundentes, como a viagem imaginária *Visão de Túndalo*, dando a sua audiência uma lição moral (ZIERER, 2010, p. 7), que em sua narrativa transmite um “aviso” celeste das consequências sofridas por aqueles que não vivem na retidão do caminho cristão.

As gestas à sua maneira fazem isso também e estas são repassadas pelos cordéis, que através de seu caráter dinâmico, e atraente. Essas obras funcionarão como um local de projeção de atitudes coletivas e padrões de sensibilidade, a partir de um microcosmo que expressa a percepção de um elemento da mentalidade coletiva do homem medieval, que em suas devidas proporções também atingem o brasileiro das áreas mais afastadas dos grandes centros urbanos.

O ciclo carolíngio teve forte influência na cultura francesa medieval, e essa referência chegou a outros países do continente europeu, entre eles Espanha e Portugal, que por sua ligação com Roma apresentam um forte cristianismo, que será forte

motivador para a expansão territorial e combate à ameaças internas, que se personificaram como povos não cristãos.

E como na *Chanson de Roland*, há uma evidente separação entre os cristãos, aqueles que estão certos, e os pagãos, os que estão errados e pagarão por isso. Sua presença chega à Península Ibérica e encontra ali terreno fecundo para o consumo dessa ideia. Tal mensagem atravessa o oceano, e se realoca no Nordeste brasileiro sob a arte do cordel, que segundo a pesquisadora Lêda Tâmega Ribeiro:

A literatura de cordel é, sem dúvida, herdeira da tradição medieval, mas não daquela que se criou e desenvolveu no sul da França pela arte dos “troubadours”. Não, suas raízes devem ser procuradas mais ao norte, na Normandia, na Flandres, na Picardia, melhor dizendo, nos cantões de “langue d’oil”, com os “trouvères” criadores das “*Chansons de geste*”, com os poetas que celebraram os feitos heroicos e patrióticos dos nobres senhores, as explorações guerreiras dos heróis nacionais e dos cavaleiros cristãos contra os infiéis (RIBEIRO, 1987, p.80).

Quando surge o cordel, o público consumidor é geralmente rural, de áreas afastadas e semianalfabeto, que repassava sua memória a partir da história oral, aliás traço semelhante a aqueles que ouviam as fabulosas aventuras de Roland e Carlos Magno, nas feiras sendo declamados pelos jograis no Medievo. As obras e narrativas são ressignificadas perdendo os ares europeus e ganhando características nordestinas.

Fica evidente que mesmo nos casos de adaptação para versos de histórias tradicionais europeias, os poetas populares não transpõem mecanicamente os versos, mas aclimatam, regionalizam, nordestinizam. (...)Assim, o leitor popular, ao viver no ato da leitura estas aventuras, recebe-as como se estivessem acontecendo em algum tempo do Nordeste, apesar das referências a locais europeus contidas no texto.(AYALA, 1997, p.162)

No Brasil, os primeiros cordéis vieram em forma de sextilhas, ainda de origem não totalmente esclarecida, uns atribuem ao século XVII, outros ao XIX, mas o que importa é que tais folhetos exprimiam toda uma reminiscência de um imaginário de séculos passados, e esta manifestação cultural teve seu ápice nos anos de 1920, onde estes traziam informação e lazer.

Instrumento de comunicação, alargou-se depois à divulgação dos fatos acontecidos, coisas de que a população não podia ter conhecimento senão por essa forma. Rádio não existia; jornal era raro. Quando este chegava, levado dos grandes centros – Recife ou Fortaleza, por exemplo – com o atraso normal dos meios de transporte de então, já o folheto se

antecipava na divulgação do fato. Tornava-se o folheto o elemento mais expressivo para que os acontecimentos chegassem ao conhecimento de todos, lidos nos mercados, nas feiras, nos serões familiares. (DIEGUES, 1977, p.xvii)

Nessa configuração, Carlos Magno, Roland e Olivier se tornam personagens principais, assim como na *Chanson de Roland*, e são embebidos pelo clima da Reconquista ibérica, simbolizando fé, poder e resistência contra os povos mulçumanos, sendo que a principal adaptação do cordel com a temática da *Chanson de Roland*, é a versão portuguesa de Jerônimo Moreira de Carvalho, que segundo Ademir Aparecido de Moraes Arias assim chegou ao Brasil:

Uma tradução (e remanejamento) portuguesa feita a partir de um escrito castelhano, por Jerônimo Moreira de Carvalho, editada em Coimbra, em 1728, e depois ampliada e reeditada em Lisboa, em 1737. Houve várias edições dessa obra, e a lisboeta de 1863 fixou o modelo impresso nas décadas seguintes, tanto para as terras lusitanas quanto para as brasileiras. Trazida para o Brasil pelos colonizadores portugueses junto com outras bagagens, desde o século XVIII as narrativas incentivaram representações das lutas entre cristãos e mouros, encenadas em vilarejos das mais diversas províncias, em especial no Nordeste canavieiro e pecuário. Viajantes estrangeiros no começo do século XIX anotavam em seus diários as festas nas quais grupos de cavaleiros, divididos em dois partidos, simulavam combates cujo encerramento se dava pela “conversão” de um “rei mouro”(…). Segundo o folclorista Câmara Cascudo, a História do Imperador Carlos Magno foi o livro mais conhecido dos brasileiros do interior, no meio rural das criações de gado e dos engenhos e plantações de cana-de-açúcar, não sendo uma obra apreciada nos centros urbanos. Para esse pesquisador, “Nenhum sertanejo ignorava as façanhas dos Pares ou a imponência do Imperador da barba florida”. No início do século XX, mantinha-se viva a afeição pelos personagens épicos e esta pode ser medida por uma experiência do próprio Câmara Cascudo, ocorrida na cidade de Natal, em 14 de dezembro de 1949, quando ele viu o leiloeiro Nival Câmara apregoar dois botes, um pequeno nomeado “Roldão” e outro, um pouco maior, chamado “Oliveiros”. A História do Imperador Carlos Magno podia servir de matriz para os textos da literatura de cordel e forneceu os motivos para os cantadores populares nordestinos, em seus desafios versificados, os quais se aproveitavam de determinados episódios para construir suas narrativas particulares. Alguns títulos de livretos do cordel referem-se diretamente a determinadas aventuras dessa obra, como A Batalha de Oliveiros com Ferrabrás, Prisão de Oliveiros ou Roldão no Leão de Ouro (ARIAS, 2012, p.39-40)

São diversas as versões do ciclo de Carlos Magno, semelhantes à História do Imperador Carlos Magno e os Doze Pares de França, para esse trabalho escolheu-se as

mais emblemáticas: A Batalha de Oliveiros com Ferrabrás e Roldão no Leão de Ouro, que trataremos separadamente.

Primeiramente nos ateremos à narrativa *História do Imperador Carlos Magno e dos Doze Pares de França*, que é uma obra original atribuída a Nicolas Piemonte, (que se inspirou de versões impressas, curiosamente não partindo das tradições orais), e foi traduzida do castelhano para o português por Jerônimo Moreira de Carvalho.

Comparado à *Chanson* original, alguns fatos se repetem, mas são cronologicamente reprogramados, como a participação do sobrinho de Carlos Magno (Roland/Roldão)²³⁰, aqui os inimigos são os turcos, remetendo aos inimigos ibéricos da batalha de Reconquista.

Nesse clima de embate contra os turcos, outra obra segue essa temática, é a luta dos cristãos contra esse povo é Batalha de Oliveiros com Ferrabrás (BARROS, 2013). O personagem Ferrabrás²³¹, em narrativas europeias é sarraceno, vindo de Alexandria e nesse texto, é turco filho do Almirante Balão.

Nesse cordel de 55 páginas, escrito em 1913, e aonde o protagonista é Oliveiros, um dos doze pares de França, escrito por Leandro Gomes de Barros, na narrativa o exército de Carlos Magno é menosprezado por Ferrabraz, gigante filho do almirante Balão:

O almirante Balão
Tinha um filho-O Ferrabraz.
Que entre os turcos, era o mais
Que tinha disposição
Mesmo em nobreza de acção
Era o maior que havia
Então em toda a Turquia
Onde se ouvia falar,
Tudo havia respeitar
Ferrabraz de Alexendria.

Foi Ferrabraz procurar
Sahiu com uma grande tropa
Vê se achava na Europa
Um rei para pelejar.
Pegou logo a excluir

²³⁰ Roland foi ressignificado, perdendo a importância da *Chanson* original, aqui ele ganha ares sertanejos e de bravura do homem nordestino. “Os cantadores e poetas populares nordestinos ignoram o Roland das *Chansons* de geste ampliadoras e a própria *Chanson* de Roland não deixou a companhia de alguns estudiosos urbanos, leitura que não alcança curiosidade plebeia. O Roldão brasileiro é uma atualidade. Não era possível retirá-lo da lembrança coletiva do meu país”. (CASCUDO, 2001, p.11).

²³¹ “(...) Menéndez Pidal encontrou, em 1917, um fragmento bem antigo (século XIII) de um romance espanhol de Roland; também o “Fierabras” espanhol deriva, provavelmente, do “Fierabras” provençal. (CARPEAUX, 2008, p.216)

Com mais precipitação,
Fazendo uma exclamação,
Insultando os cavaleiros,
Fallando contra Oliveiros
Fazendo accinte a Roldão

[...]Eu sosinho nesta campanha
Contra um exército francez,
Em matal-o de uma vez,
Não digo que isto é façanha.
Um exército não me ganha, (BARROS, op.cit.p.02-04)

O Cordel é imbuído de forte religiosidade, e seus personagens apresentam a mesma tônica da obra original, respeito ao rei, coragem e ousadia, e nele temos Oliveiros (Olivier) é impetuoso, mais semelhante à Roland, na *Chanson*, do que com Olivier que é prudente e referia as atitudes audaciosas de seu par.

O ponto de semelhança entre as personagens é que ambos são humildes, e não querem riquezas, apenas defender seu rei, sua honra e seu Deus. Em consonância à fala de Fábio Fonseca, “(...) *há um enraizamento da ética e da moral cristã na cultura popular nordestina que, de certo modo, direciona boa parte de sua produção cultural e artística, trazendo à tona valores oriundos da Idade Média*”. (FONSECA, 2009, p.09)

Outro assunto de convergência entre o cordel e a *Chanson*, é a precisão no nome das espadas, que no texto do século XII, recebem um certo destaque, e aqui são traduzidas: *Durendal* a famosa espada de Roland, se torna *Duridana*, e *Haute Claire* de Olivier se torna *Alta Clara*.

Todo o peso da religiosidade cristã aparece na narrativa, principalmente durante o embate entre Oliveiros e Ferrabraz, em que existem várias passagens de rogos à Jesus, a Virgem Maria e ao fim do cordel, a conversão de Ferrabraz em seu leito de morte, ao contrário do que ocorre na narrativa original em que Fierabras, sobrevive, e divide a Península Ibérica com Carlos Magno representado por Guy de Borgonha:

O poema começa com a recitação de uma longa luta entre Olivier, o famoso companheiro de Roland, e Fierabras de Alexandria, membro do Império da Espanha. Fierabras e seu pai capturaram Roma e levaram suas sagradas relíquias, incluindo a coroa de espinhos e o bálsamo que servira para embalsamar o Salvador. Daí a guerra entre Carlos Magno e esses saqueadores sacrílegos; daí o jogo, tanto terrível quanto cortês, de Olivier e Fierabras. Termina com a derrota do incrédulo, que abraça a fé cristã; mas o vencedor é surpreendido pelos sarracenos e feito prisioneiro com quatro de seus pares, Bérartde Montdidier, Aubri le Bourguignon, Geoffroi d'Anjou e Guillemer l'Escot. Os outros sete pares, Roland, Gui de Burgogne, Naimés de Bavière, Ôgier le Dane,

Richard de Normandie, Tierri d'Ardenne e Basin de Genevois, enviados por Carlos Magno ao almirante Balan para reclamar seus companheiros, não tiveram sucesso além de compartilhar seu cativo. Felizmente para eles, os prisioneiros estão protegidos pela filha de Balan, a bela Floripas, sim se apaixona por Gui de Borgonha, e, após muitas lutas, são por fim libertados pelo exército de Carlos Magno. Balan é condenado à morte, Floripas casa-se com Gui da Borgonha, e o reino da Espanha é dividido entre Fierabras e seu cunhado. (KROEBER et SERVOIS, 1860, prefácio)T.A

O final de Fierabras se entrelaça com outro cordel, chamado Roldão no Leão de ouro, de autoria de João de Martins Athaide, um cordel de 80 páginas, aonde após o retorno da batalha contra os turcos, o imperador dá uma festa e lá Roldão compra o retrato de uma princesa cativa ,chamada Angélica, de Timorante, filha de Abderaman:

Reuniu-se os doze pares
Na grande festa pomposa
Quando entrou 1 mensageiro
Pela praça luxuosa
Com um baú de retratos
Tudo se dama formosa

Roldão comprou um retrato
Do mais formoso que havia
Da princesa dona Angélica
Filha do rei da Turquia
Que reinava em Timorante
Disse o mouro que vendia

Roldão achou no retrato
Rainha da formosura
Contemplava em seu palácio
Sai e noite tal pintura
E foi lhe tomado amor
Para ser sua uma futura

A festa continuava
Entre pares e corteção
Se cavalheiros estrangeiros
Divididos por nação
Mas os pares estavam tristes
Porque faltava Roldão

Carlos Magno na varanda
So seu palácio recente
Perguntou porque Roldão
Não se achava presente
Responderam os cavaleiros
Que Roldão estava doente

Ricarte da Normandia

Foi ao palácio de Roldão
 Acho-o doente de amor
 Com o retrato na mão
 Aí contou-lhe o segredo
 Que tinha em seu coração

Disse Roldão a Ricarte
 Comprei a um mensageiro
 O retrato duma dama
 Filha dum rei estrangeiro
 Então perdi o sossego
 Que goza 1 príncipe solteiro

Perguntei-lhe se quem era
 O retrato tão galante
 Disse: de dona Angélica
 Princesa de Timorante
 Filha de Abderaman
 O pagão mais arrogante (ATHAYDE,1960, p.3-4).

Roldão decide resgatá-la, enquanto seu tio parte para Toledo para ajudar o rei Galafre. Acompanhado de Ricarte, Roldão em Timorante entra num Leão de Ouro (feito por um ourives que o vendeu a Ricarte), e penetra na fortaleza, lá ele põe a princesa na peça dourada e luta contra o gigante Brutamonte, e é ferido. Depois de muitas aventuras, onde Roldão, a princesa e Ricarte são presos, Carlos Magno chega e os resgata, Abderaman foge, mas é capturado. Brutamonte é morto por Oliveiros e Roldão casa-se com Angélica.

Roldão no Leão de Ouro parece receber inspiração de *Orlando Innamorato*, escrito pelo poeta italiano Matteo de Maria Boiardo, no século XV, alguns anos antes de sua morte, possui 68 cantos e meio (o autor morreu antes de concluí-la), escrita em italiano, foi publicada pela primeira vez em 1495.

A obra traz elementos do ciclo carolíngio e da matéria da Bretanha, transformando as narrativas de Carlos Magno e sua corte, em aventuras com magia e romance. Orlando enamorado conta as aventuras cavalleirescas de Orlando (Roland) e alguns companheiros do exército franco.

Boiardo elegió como objetos de su narración personajes y temas de la épica carolingia y del roman bret[on], una mezcla que ya habia resultado em muchos cantari.(...) Boiardo invierte los valores tradicionales, que otorgaban mayor rigor y seriedad a la caballería de Francia, para situar por delante de ésta a los caballeros de Bretaña.(...)El autor propone como nuevo modelo de comportamiento la actitud de los caballeros artúricos, siempre proclives a correr aventuras y entregar-se con gran intensidad el amor, hasta el punto

de llevar a cabo auténticas locuras em aras de dicho sentimiento(« ¡Ay loco Orlando!»). Em este sentido, la principal novedad de la obra reside en el hecho de que el caballero enamorado que do título al poema sea precisamente Orlando, el heroe épico por excelência, paradigma del milles Christi, ela mejor paladín de Carlos Magno” (AGUILÀ RUZOLA, 2013, p.22-23)

A narrativa principal fala de como Orlando (Roland) se apaixona por Angélica, princesa de Cataio, que numa visita à corte carolíngia se oferece como prêmio a quem vencer seu irmão. o invencível Argalia.

Quem vence é Ferrabrás, que mata o príncipe, assustada, a princesa foge , sendo perseguida por vários cavaleiros, entre eles, Orlando e seu primo Reinaldo, ela vai à floresta de Ardenne, onde bebe da fonte do amor e se apaixona por Reinaldo, que num dado momento, bebe da fonte do ódio. Ela o manda raptar e o prende numa ilha encantada.

Angélica também é perseguida por Agricane, rei dos tártaros, na fortaleza de Albraccá. É salva por Orlando, que mata seu oponente, num combate que dura um dia e uma noite. Enquanto isso, Agramante rei sarraceno cerca Paris em busca de vingança, pois Orlando matara seu pai Troiano.

Reinaldo retorna à França, e Angélica também, lá retornam à floresta, onde o encantamento é renovado, mas ao contrário, Reinaldo ama a Angélica, e ela o odeia. Por ela Orlando e Reinaldo duelam, mas Carlos Magno os separa e a deixa aos cuidados do Duque de Namor, prometendo-a àquele que mais corajosamente lutar contra Agramante. A conclusão ficou em aberto, pois o autor morreu antes de concluir a obra, que foi retomada em 1516, com o título Orlando O furioso, escrita por Ludovico Ariosto.(AGUILÀ RUZOLA, 2013)

Em ambas as narrativas, o romance prevalece sobre a religião, o cavaleiro quer servir à dama, ele prefere a busca pela dama, do que fazer parte da batalha, vemos isso no Roldão e o Leão de ouro quando o cavaleiro prefere socorrer a princesa do que lutar em Toledo, e em *Orlando Innamorato* quando Orlando escolhe ir atrás de Angélica mesmo com o perigo da invasão iminente de Paris por Agramante.

Nesses textos, Roldão/Roland é um homem apaixonado por uma dama, seguindo a tônica do *roman cortois*, diferente do Roland da gesta, que pouco fala, ou parece se importar com seu par, que na narrativa é a doce Aude, irmã de Olivier.

A própria protagonista feminina tem maior relevância, por ela todos lutam e se enamoram, ela não é somente dócil e submissa, e vemos essa participação ainda mais evidente em *Orlando Innamorato*, Angélica trama e cria estratégias em busca do que quer, seguindo uma posição bem próxima das damas da matéria da Bretanha. Os inimigos serão sempre pagãos, e serão derrotados um a um pelos cristãos, que ao fim lutarão pela bela dama.

O inimigo final aqui volta a ser sarraceno, enquanto no cordel, a ameaça também é turca, numa rememoração da herança ibérica daqueles que trouxeram a narrativa para as terras brasileiras:

A História do Imperador Carlos Magno e dos Doze Pares de França, como a conhecemos em Portugal e Brasil, não existe em espanhol e francês. É uma recomposição portuguesa que se fixa nos princípios do século XIX em sua fisionomia movimentada e patética, solidária no amavio emocional. Era lida nas noites de inverno, como outrora o Amadis de Gania, em voz alta, para a família embevecida e concordante com as peripécias dramáticas, fervorosamente comentadas como atuais. Todos os velhos cantadores profissionais a sabiam de cor. Era documento comprovador da "ciência", elemento natural do cantar teoria, sabatina da cultura popular. Não conhecer a História de Carlos Magno era ignorância indesculpável, indigna dos bardos sertanejos, mesmo analfabetos. Faziam-na ler, folha por folha, escutando, aprendendo, entusiasmando-se, decorando, repetindo as façanhas, transformando-as em versos, em perguntas fulminantes e respostas esmagadoras (CASCUDO, 2001, p. 40).

4.3-Carlos Magno na Terra da Encantaria

Carlos Magno e os personagens de seu ciclo chegam em terras maranhenses, de várias maneiras: no cordel, nas danças e em outras manifestações culturais...entre elas se encontravam no tambor de Mina ²³², em que trabalharemos especificamente com Terreiro Turquia, onde seu mando era exercido pelo rei da Turquia (Seu Turquia)²³³

Fundado no final do século XIX, e comandado por liderança da mãe Anastácia Lúcia dos Santos, primeira *yalorixá* do terreiro, que recebia o rei da Turquia localizado no bairro do Oiteiro da Cruz em São Luís.

²³² O Tambor de Mina surgiu na capital do Maranhão, se expandiu pelo Pará, Amazonas, outros Estados do Norte e para as capitais que receberam grande número de migrantes do Norte, como Rio de Janeiro e São Paulo. Embora hegemônico no Maranhão, o Tambor de Mina - Jeje, Nagô, Cambinda, foi sincretizado no passado com manifestação religiosa de origem indígena denominada Cura/Pajelança e com uma tradição religiosa afro-brasileira, surgida em Codó (MA), denominada Mata ou Terecô. (FERRETTI, 1996, p. 3)

²³³ Seu Turquia é conhecido como Ferrabás de Alexandria. Podia ser chamado também pelo nome de seu pai Almirante Balão. (SILVA, 2018,p.24)

Seu contato com as narrativas do ciclo do rei, chega a ela quando esta adquire um exemplar do livro *Carlos Magno e os doze pares de França*, muito conhecida em São Luís, no período, e que a yalorixá²³⁴ possuía guardado e foi passado de geração em geração, Regina Célia de Lima e Silva explica essa conjuntura:

De acordo com a antropóloga e pesquisadora Mundicarmo Ferretti foi descoberto no Terreiro da Turquia, no Maranhão, em 1969, um exemplar em rosa de *Carlos Magno*. Tal livro era guardado por Dona Zeca, filha da fundadora do terreiro e que lhe foi presenteado por sua madrinha, em 1934 (1995). Deduz-se que como o livro tenha sido preservado por cada yalorixá, que o recebeu de herança, ele serviu de matriz para o culto aos encantados naquele lugar específico. (SILVA, 2011, p.2)

Esse livro tinha as danças de batalha de mouros e cristãos como a chegada, realizada antigamente no Terreiro Turquia durante o carnaval (FERRETTI, 1992, p.63). Esse livro dá diversas referências ao terreiro de mãe Anastácia:

Na história contada em São Luís sobre a família de Seu Turquia, são conhecidos não apenas o almirante Balão (o rei da Turquia ou o seu pai) e a princesa Floripes (ali também esposa de Gui de Borgonha, porém, algumas vezes, irmã e outras filha do rei da Turquia). São também mencionados: Ferrabrás (que na Mina além de nome de filho do almirante é nome de uma das famílias por ele constituídas, o que talvez explique por que o rei da Turquia nem sempre é conhecido como o Ferrabrás, irmão de Floripes) e Burlante (comandante do navio de Dom João, que trouxe o rei da Turquia para o Brasil e que deu nome a um dos tambores no terreiro de Anastácia). Também aí se faz referência ao encantamento de Seu Turquia num veado branco (daí os médiuns que recebem turco não comerem carne daquela caça), animal que no romance aparece ajudando os cristãos a atravessar uma ponte (Ibd., p.64).

Mas como Ferrabrás chega ao Terreiro? É explicado por Regina Célia de Lima e Silva em sua Tese que:

Saído das páginas do romance e nas asas da imaginação de muitos, o rei turco e seus companheiros içaram âncora de seu navio encantado para fazer parte para sempre do Tambor de Mina, a religião dos voduns africanos trazidos pela princesa Nã Agontimé.

²³⁴ As religiões de matriz africana, como o candomblé, o xangô e o tambor de mina, são sistemas religiosos, culturais e sociais bastante intrincados. Elas possuem um conjunto único de símbolos e todos os participantes têm uma ligação especial com os orixás. A estrutura dessas religiões segue uma hierarquia estrita na qual cada pessoa desempenha um papel específico de acordo com sua designação pelo orixá. No topo dessa hierarquia, encontramos o babalorixá (para homens) ou a yalorixá (para mulheres), que atuam como mediadores entre os ancestrais, os orixás e os seguidores. Além de suas funções espirituais, eles também lideram suas comunidades, que seguem regras rigorosas para evitar o caos. A yalorixá é a figura central no terreiro e detém o conhecimento e os segredos da tradição, transmitidos oralmente. Seus filhos aprendem as tradições por meio de rituais, festividades, preparação de oferendas e, acima de tudo, pela tradição oral. (SILVA, 2011, p. 07-08)

Do oceano veio o mouro encantado surgido da narrativa do Imperador Carlos Magno, virou dono de um terreiro e chefe de entidades caboclas (SILVA, 2015, p.74).

Ele, juntamente com outras figuras se tornam encantados que segundo Mundicarmo Ferretti:

Vários encantados recebidos no Maranhão em terreiros de religião afro-brasileira são conhecidos em diversas manifestações folclóricas (contos, cantos, danças, representações teatrais, pinturas, esculturas etc.) onde são também considerados seres dotados de existência real, que podem entrar em contato com os humanos. Alguns deles, como a Mãe d'Água e o Rei Sebastião, são muito conhecidos. Outros, como o Ferrabrás de Alexandria, personagem da antiga obra História do Imperador Carlos Magno e os doze pares de França, reproduzida em folhetos de Cordel (BARROS, L. s.d.), nas Cheganças e em outras danças e representações folclóricas que narram batalhas entre mouros e cristãos, nem sempre são conhecidos como encantados fora dos terreiros de mina e de outras denominações religiosas influenciadas por ela.(FERRETTI, 2008, p.02)

Ferrabrás continuou se manifestando até a morte de Anastácia Lúcia em 1971, e após sua morte,

Com o tempo e as dificuldades financeiras, o terreiro foi perdendo o brilho. Com a morte de Mãe Anastácia, em 1971, as vodunsis mais importantes naquele tempo, como Mundica Reis (mãe-criadeira) e dona Zeca (filha adotiva de Anastácia) resolveram que não dariam continuidade ao terreiro. Pai Euclides (2015), da casa Fanti-Ashanti, assumiu os cuidados com a casa (SILVA, 2015, p. 78).

Vale ressaltar que no Maranhão quem ganha mais relevância são os não-cristãos, que aqui se manifestam na linha taipa ou "bêta," como é chamada no interior do Estado, é uma forma de expressão nagô islamizada. Essa linguagem foi adotada pelos encantados turcos mauritanos, um povo nobre e guerreiro, que se incorporou à tradição da encantaria maranhense. Ganhando contorno de bondade e não derrotados, e nos terreiros governam com dignidade e respeito

Segundo Pai Euclides, também já falecido, que herdou o terreiro Turquia após a morte de mãe Anastácia, em seu relato a antropóloga Mundicarmo Ferretti, diz que na tradição narrada em São Luís sobre a família de Seu Turquia, são reconhecidos personagens como o almirante Balão, o rei da Turquia, ou seu pai, e a princesa Floripes, que também é mencionada como esposa de Gui de Borgonha, e às vezes, como irmã ou filha do rei da Turquia. Além disso, figuras como Ferrabrás e Burlante também são citadas, com conexões com o almirante Balão e suas aventuras.

A história da inimizade entre mouros e cristãos, nas narrativas de encantados e pessoas ligadas à tradição maranhense do tambor de Mina, remonta a tempos antigos. A

luta começou quando os cristãos europeus não aceitaram o almirante Balão como rei das terras dos mouros, por ele ser turco, e os turcos recusaram a submissão a um rei português, como Dom Manuel ou Dom João. Essa batalha ganhou intensidade quando uma irmã do rei da Turquia (Floripes?) se envolveu com um estrangeiro, resultando na participação de muitos nobres que não são mencionados na lenda original.

O terreiro da Turquia é definido como "taipa," e os tapas são conhecidos como maometanos, ou seja, seguidores do islamismo. Isso torna evidente que as entidades pagãs não foram sincretizadas com santos católicos no terreiro da Turquia. Apesar disso, o grupo liderado por Anastácia teve que criar uma identidade religiosa que harmonizasse elementos aparentemente incompatíveis, permitindo a adoração dos voduns, orixás e santos católicos, bem como a submissão aos turcos que, embora não cristãos, respeitavam os santos. Apesar de Anastácia ser católica e os voduns²³⁵ maranhenses serem devotos dos santos, o terreiro da Turquia buscou converter os mouros encantados ao cristianismo.

Embora o rei da Turquia tenha aceitado São João, seu filho Jaguarema, que não aparece na narrativa originária e outros continuaram rejeitando o cristianismo, expressando críticas aos santos e àqueles que depositam sua fé neles, o rei da Turquia chegou ao Brasil no navio de Dom João, seu primo, porém, ao perder o contato com ele, estabeleceu residência no outeiro da Cruz, região onde o terreiro da Turquia sempre esteve situado e aonde a batalha contra os holandeses foi marcante.

Em outra versão diz que Seu Turquia teria chegado ao Brasil como prisioneiro ao lado de Dom Luís, rei de França, que liderou a última cruzada contra os mouros. Nessa versão, o almirante Balão, conhecido como rei de Águas Mortas, é associado a uma região no sul da França onde faleceu Louis IX, e que há uma presença significativa de ciganos. Essa versão, de acordo com Marlyse Meyer, poderia encontrar mais respaldo na narrativa do romance de Carlos Magno e os Doze Pares de França (FERRETTI, 1992, p.68-69):

A história de Seu Turquia contada pelo povo de Mina é, em grande parte, uma reelaboração do romance de Carlos Magno e os doze pares

²³⁵ No Tambor de Mina são cultuados voduns e orixás (africanos), gentis (nobres associados a orixás ou entidades africanas com nomes brasileiros) e caboclos (entidades surgidas nos terreiros brasileiros). Essas entidades são organizadas em nações e em famílias, e possuem diferenças de idade bem-marcadas. Mas, embora as mais velhas sejam mais prestigiadas, as mais novas (às vezes crianças) podem ser também “donas da cabeça” e podem ser recebidas em todos os toques, como: os gêmeos Tossá e Tossé e a princesa Sepazim, da família real do Dahomé (recebidos na Casa das Minas-Jeje); e Menino Da Lera (da família do Rei da Turquia). (FERRETTI, 1996, p.3)

de França mas não se reduz à que foi contada naquela obra. Como encantados os turcos não estão mais sujeitos aos condicionamentos temporais e espaciais que aprisionam os personagens históricos, o que possibilita a integração à família do rei da Turquia (Ferrabrás), de personalidades conhecidas muitos séculos depois da morte de Carlos Magno (que combateram com os turcos em épocas e lugares afastados ou que com eles se vincularam).

Os turcos foram recebidos no terreiro da Turquia e integrados à Mina como nobres pagãos e como guerreiros bem sucedidos, o que foi facilitado pelo catolicismo aberto, vivido pelo povo de santo, e pela identificação da fundadora daquela casa de culto com a nação tapa (islamizada). Mas, apesar de guerreiros e revolucionários, não representam uma ameaça à classe dirigente e ao poder constituído uma vez que, além de subordinados às entidades africanas (sincretizadas com os santos católicos) e controlados no seu ódio aos cristãos por respeito a Anastácia e pelas concessões feitas ao cristianismo, pelo próprio Ferrabrás (no romance e na Mina), a atuação dos turcos foi verificada quase sempre em lutas motivadas por questões religiosas (como as que envolveram Carlos Magno, Louis IX, Joana d'Arc) e outras menos conhecidas, que envolveram Pedro Angaço (de Codó) e índios americanos.(Ibid., p. 70)

Não há distinção entre cristãos e pagãos na mina, o que nos leva a inferir que a carga de preconceitos e prejulgamentos forjados no Medievo se diluem através das adaptações e do passar do tempo, mesmo que essa seja uma das poucas variações dessa relação se apresente assim, aonde cristãos e muçulmanos são vistos com igual valorização, o que infelizmente não é regra, e sim excessão, esse pensamento pouco elogioso permanece e se fortalece na atualidade sobretudo após os ataques de 11 de setembro em que os seguidores de Maomé voltam a ganhar destaque como seguidores do mal, e todas as boas manifestações da doutrina islâmica se perdem sobre o véu da intolerância e do ódio.

Usamos a análise da influência das gestas "Chanson de Roland" e "Fierabras" na cultura popular do Nordeste e da religião afro-brasileira Tambor de Mina no Maranhão, sob a perspectiva decolonial, como uma abordagem fundamental por várias razões. Primeiramente, a perspectiva decolonial permite o reconhecimento da diversidade cultural. Isso é especialmente relevante no caso do Nordeste brasileiro, onde a cultura popular é fortemente influenciada por tradições africanas, indígenas e europeias.

Em segundo lugar, as gestas "*Chanson de Roland*" e "*Fierabras*", como produtos da cultura medieval europeia, refletem uma visão de mundo eurocêntrica. A perspectiva decolonial ajuda a desconstruir essas narrativas e a entender como elas foram adaptadas e reinterpretadas na cultura popular nordestina. Além disso, a religião

afro-brasileira Tambor de Mina é um exemplo de resistência cultural e empoderamento. A perspectiva decolonial permite entender essas práticas não apenas como formas de resistência, mas também como formas de reafirmação da identidade cultural e do direito à diferença.

Por fim, a perspectiva decolonial reconhece que as identidades são formadas na interseção de múltiplas categorias (raça, classe, gênero, etc.) e que essas categorias não são fixas ou essenciais, mas são construídas socialmente. Isso é particularmente relevante para entender a complexidade da cultura popular nordestina e da religião Tambor de Mina., assim como uma abordagem crítica e reflexiva que permite uma compreensão mais profunda e matizada da cultura popular do Nordeste e da religião afro-brasileira Tambor de Mina no Maranhão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fim desse longo percurso, e análise aprofundada das fontes e dos textos ligados ao tema, tivemos a percepção que o objetivo de investigar as complexas relações estabelecidas através do contato dos cristãos europeus com os não cristãos vindos do Oriente no final do século XI e todo o século XII na França, são amplas e possíveis de terem sobre si diversos olhares e interpretações, vemos que elas são marcadas por entrelaçamentos que se edificam como discursos construídos sob impressões do outro, se perpetuando por anos, e podendo se apresentar de duas maneiras, uma elogiosa e respeitável, e o outro é visto com alteridade, como igual, que busca seu lugar no mundo e por vezes, tem seus mesmos anseios.

O historiador israelense Edward Said na obra *Orientalismo*, trata da visão de como se deu a construção da imagem do Oriente pelos ocidentais, cunhado após o século XIX, baseada sobre impressões coloniais e limitadas, desprezando aspectos de alteridade cultural e social desses povos.

Ele utiliza diversas fontes e suas formas plurais como crônicas, tratados e obras literárias que apresentam várias interpretações acerca da relação oriente-ocidente, sob intenções variadas entre elas, a *Chanson de Roland*, que vê o oriental como inculto e pagão sob a ótica francesa do século XII, que possuía um contato incipiente com o oriente, restrito ao comércio, às batalhas por território e religião, e pouco se pôde aprender concretamente.

Outras fontes como as crônicas de viagem também são passíveis de críticas por que mesmo pretendendo serem relatórios precisos de determinado local ou fato, têm em seu cerne o ponto de vista determinado por impressões pessoais de seus autores. Geralmente o escriturário era de fora, estrangeiro, os tratados usados também são carregados de impressões superficiais que apontam pontos de vista reduzidos à economia, e à geografia, desprezando aspectos humanos, culturais e sociais.

Ou seja, umas fontes “pecam” pela subjetividade, outras pela reduzida observação de aspectos humanos, deixando de lado a economia e a política, e outras por fim hiperbolizam esses aspectos e deixam de lado o pitoresco, deixando lacunas nesse aspecto, dando a essa e as outras construções de oriente uma configuração parcial, incompleta e destituídas de um sentido mais profundo, formando um sistema europeu de representação de sociedades não europeias embasados em medidas exógenas que como o seu povo de origem, não se enquadram nos moldes da Europa, que ao deparar-se com

o diferente, tenta dar-lhe sentido, intervindo de forma colonialista, ignorando a diversidade de composições humanas, políticas, sociais desses lugares e impondo de forma opressora seus métodos, termos e modelos, numa espécie de dominação ocidental do mundo²³⁶.

A imagem medieval do oriente tinha traços da mentalidade da época, com elementos do maravilhoso, exótico além de bárbaro, inesperado, inextinguível, com julgamentos religiosos aonde suas tradições serviam de parâmetro de definição para modelos genericamente adotados posteriormente, a *Chanson de Roland* foi uma das responsáveis por isso.

Naquele momento o Oriente Próximo estava quase inteiramente incorporado a imagem de mundo comum da cristandade latina- como na *Chanson de Roland*, onde se retrata que a adoração dos sarracenos incluía Maomé e Apolo²³⁷.

Mas também que esse olhar pode vir carregado de prejulgamentos vindos do desconhecimento, de que esse outro é cruel, fanático e essencialmente mal, tais qualificadores se expandem gerando ódio e temor, produzindo uma imagem negativa que dura séculos, chegando até mesmo à atualidade. Esses dois olhares vemos quando fazemos a leitura das duas versões da *Chanson de Roland* e de *Fierabras*.

Fontes que possuem um longo alcance que ultrapassa barreiras territoriais, linguísticas e temporais. Influenciando a literatura, a música e a cultura popular e religiosidade de lugares longínquos de onde esses textos foram produzidos.

E sobre eles vemos também distinções: a *Chanson de Roland*, foi amplamente divulgado e é reconhecido por sua importância dentro da cultura francesa e europeia, já *Fierabras*, passou algum tempo oculto e ganha mais destaque fora da França com suas versões na Ibéricas, onde os povos da região eram mais afeitos à literatura arturiana, mas que mesmo assim usam as narrativas sobre Carlos Magno adotando outra nomenclatura, mas graças a isso, seus elementos primordiais também chegam mais longe e levam não somente o gigante sarracenos como também Carlos Magno e seus pares.

Por conta desse monarca, vemos o apego que a monarquia posterior a Carlos Magno ainda se identifica com ele, que era uma figura retratada como forte, justa, pia e carismática, um epíteto ao governante ideal, o que até hoje percebemos ao lançar os

²³⁶ BARBOSA, Muryatan de Santana. **A crítica pós-colonial no pensamento indiano contemporâneo**. In: Afro-Ásia, Universidade Federal da Bahia núm. 39, 2009, p.60.

²³⁷ SAID, Edward. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**, São Paulo : Companhia das Letras, 2015, p.71

olhos sobre as inúmeras representações do rei franco na atualidade, entre elas a de unificador da Europa.

O estudo do contato entre cristãos e islâmicos emerge de uma necessidade de entender como se deram as interações entre ambos os povos no Medievo, e como a animosidade inicial se perpetuou e se evidenciou após os ataques de 11 de setembro de 2011, acirrando as críticas e preconceitos contra os praticantes da religião islâmica.

Vemos poucas pesquisas que abordam esse tema, usando essas fontes e nessa temporalidade no nosso país, o que trouxe um ineditismo à pesquisa que pode ajudar e incentivar outros pesquisadores a desbravarem essa seara tão profícua e repleta de possibilidades.

Percebemos os resultados do encontro de duas religiões expansionistas, que à primeira vista são diferentes em suas práticas e tradições, mas que apresentam congruências em diversos aspectos, como o culto a um só deus e o incentivo a práticas de bondade e caridade, assim como pregarem que o que fazemos nesse plano terão consequências após a morte.

Construções imagéticas de cavaleiro ideal como guerreiro e seguidor leal também são semelhantes, já que para ambas as doutrinas o portador das armas serviria para a libertação dos oprimidos, defesa das mulheres e inocentes e punição aos injustos, maus e infiéis.

Outro elemento marcante é a relação entre política e religião, onde o bom governante deveria ser um praticante assíduo e leal das tradições e regras de cada uma dessas doutrinas, e como aqueles que não as seguiam eram vistos. Coadunando com o pensamento cruzado em voga na época, que influencia diretamente todo o andamento das fontes usadas, que mesmo sem fazer menção direta ao evento, a todo momento remetem à questão da luta entre cristãos e pagãos, assim como a ideia de libertação de territórios do julgo dos seguidores de Maomé.

Vemos a ainda a importância da cidade nas fontes que as colocam como locais de civilidade, imposição da justiça e punição da maldade, em comparação com os campos abertos que apresentam dupla significância: a primeira é que eles são locais onde as batalhas ocorrem, toda a ferocidade sem limites se manifesta e a fereza humana ganha potência, mas também é nos campos que o peregrino purga as faltas, penitencia o corpo e eleva a alma, para chegar ao fim da jornada de espírito contrito e mais próximo de Deus, e apesar de ser produzida para as cortes, as fontes privilegiam a amplitude da paisagem, dando ao texto uma visão nostálgica, um clima inóspito.

E o que hoje são semelhanças evidentes, eram ainda mais marcantes no Medievo, principalmente ao que concerne ao comportamento e moral feminina, a obrigação da mulher em se resguardar e manter-se obediente ao marido, eram a tônica de ambas as religiões.

As mulheres são mostradas de maneiras distintas, enquanto pagãs tem voz ativa e são voluntariosas, assumindo atitudes masculinas e apresentando sensualidade, tais características são apagadas com a conversão e as mulheres cristãs são aquelas que tem contato com o divino, proteção angélica, obediente vive reclusa, convêm de modelo para a mulher medieval, que deveria ser dócil, flexível e dependente do marido, filho ou qualquer homem que pudesse defendê-la.

Mesmo sendo essa imagem predominante, vemos um tímido avanço, resultado de uma participação mais acentuada das mulheres nas cortes do século XII, e esse reflexo já aparecem nas narrativas onde antes, as damas que tinham uma pequena participação aparecem, e agora surgem com certo destaque e deixam de ser menos acessórios dos personagens masculinos ganhando alguma proeminência, vemos isso na personagem Aude, tão diferentemente representada de um manuscrito para outro da *Chanson de Roland*.

Observando de um plano mais abrangente, percebemos que os olhares lançados de ambos os lados eram dúbios, de desconfiança e admiração, além da intrínseca ideia de concorrência e ao fim, somente um dos dois grupos prevaleceria, o que se provou um equívoco haja visto que ambas as práticas permanecem após séculos de embates, aproximações e distanciamentos.

E que a ideia de que o europeu era bom e o muçulmano era mal cai por terra quando vemos as aparições dos personagens das fontes estudadas na manifestação popular do tambor de mina maranhense, que se despe dos preconceitos e prejulgamentos e representa cristãos e islâmicos com o mesmo grau de deferência e honra.

Muito ainda pode ser observado, como um aprofundamento mais acentuado da organização militar islâmica e cristã, assim como os construtos imagéticos sobre essa temática, do mesmo modo como o desenvolvimento e recepção das fontes dentro do território luso e a vida por trás do tradutor português da História de Carlos Magno e os doze pares de França, a primeira editoração no Brasil e sua relação com Portugal.

REFERÊNCIAS

FONTES :

KROEBER, A et SERVOIS, G. **Fierabras. Chanson de geste**. Publiée pour la première fois d'après les manuscrits de Paris, de Rome et de Londres. Paris, 1860.

BÉDIER. Joseph. **La Chanson de Roland (Manuscrit d'Oxford)**. Paris: L'edicion D'arts, 1923.

SUBRENAT, Jean. **La Chanson de Roland-Le Manuscrit de Châteauroux**. Honoré Champion Éditeur, Paris, 2016 .

ESTUDO :

ABENADARÍ, II, pp.65 i 66. APUD. MILLÀS-VALLICROSA, J.M. **Textos dels historiadors àrabs referents a la Catalunya Carolíngia**. Institut d'Estudis Catalans, Barcelona, 1987.

ABUTHAWABEH, Hamed Suliman. **Why Were Arabs and Muslims Called Saracens in the Medieval and the Renaissance Literature?** European Scientific Journal September 2019 edition Vol.15, pp.139-149.

AGUILÀ RUZOLA, Helena, **El «Orlando enamorado» de M. M. Boiardo traducido por Francisco Garrido de Villena (1555) Edición crítica y anotada con estudio preliminar**, Universitat Autònoma de Barcelona, Departament de Filologia Francesa i Romànica, 2013 [Tese de Doutoramento].

AILES, Marianne. Romance and Epic Elements in the Different French Versions of Fierabras. In : **Olifant vol.10** Nos.1&2. Autumm 1982-Summer 1983.

_____. Ganelon in the Middle English Fierabras Romances. In **Hardman P, editor, The Matter of Identity in Medieval Romance**. Boydell & Brewer. 2002.

_____. "Tolerated Otherness: The 'Unconverted' Saracen in the Chansons de geste." In Languages of Love and Hate: Conflict, Communication, and Identity in the Medieval Mediterranean, edited by Sarah Lambert and Helen J. Nicholson, 3- 20. **International Medieval Research, vol. 15**. Turnhout: Brepols, 2012.

AKASOY, Anna. Paganism and Islam: Medieval Arabic Literature on Religions in West Africa In: **Paganism in the Middle Ages Threat and Fascination** Belgium: Leuven University Press, 2012.

AKBARI, Suzanne Conklin. **Idols in the East European Representations of Islam and the Orient, 1100–1450**. Cornell University Press, 2009.

AL-BUKHARI, Muhanimed Ibn Ismaiel **Sahih Al-Bukhari** translated by Muhammad Muhsin Khan.-Riyadh. DARUSSALAM,, Riyadh-Arábia Saudita, 1997.

ALCORÃO (**Tradução do Sentido do Nobre Alcorão Para a Língua Portuguesa**). Texto árabe e tradução de Helmi Nasr. Medina: Complexo do Rei Fahd para imprimir o Alcorão, 2007.

ALIGHIERI, Dante. **A Divina Comédia**, São Paulo, Atena Editora, 1955.

Al-IMAN Muslim . **Sahih Muslim**. New York, Maktaba Dar-us-Salam, 2007.

ALVARES, Maria C. Daniel. **La Chanson de Roland**. In: **Grandes Epopeias da Antiguidade e do Medievo**. 1ªed. Blumenal: EDIFURB, 2014.

AQUINO, Tomás de. **Suma Teológica. Vol. II**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

ALVARES, Maria C. Daniel. **La Chanson de Roland**. In: **Grandes Epopeias da Antiguidade e do Medievo**. 1ªed. Blumenal: EDIFURB, 2014.

ANNALES METTENSES POSTERIORES, a. 778, ed. de Simson, Hanover ,1905.

ARIAS , Ademir Aparecido. A presença dos traidores na história de Carlos Magno e dos Doze Pares de França In.: **E fizeram taes maravilhas...**, Lênia Marcia Mongelli (org.), São Paulo: Atelier, 2012, pp. 39-54.

- ATHAYDE, João Martins de. **Roldão no Leão de Ouro**. Juazeiro do Norte: Tipografia São Francisco, 1960.
- AT-TIRMIDHI, Muhammad Ibn Eisa. **Sunan At-Tirmidh vol 3**, New York, Maktaba Dar-us-Salam, 2007.
- AUERBACH, Erich. **Introdução aos Estudos Literários**. São Paulo: Editora Cutrix, 1972.
- _____. **Mimesis: The Representation of Reality in Western Literature**. Trans. Willard R. Trask. Princeton: Princeton University Press, 2014.
- AYALA, Maria Ignez Novais. **Riqueza do Pobre. Literatura e Sociedade**, São Paulo, n. 2, p. 160-169, 1997, p.162.
- BAILEY, Matthew and GILES, Ryan D. eds., **Charlemagne and his Legend in Early Spanish Literature and Historiography**, Bristol Studies in Medieval Cultures. Cambridge: D.S. Brewer, 2016.
- BAHILLO Sphonix-Rust, Emma. Identité(s) féminine(s) dans la chanson de geste: la princesse sarrasine: female identity in the medieval chanson de geste: the saracen princess In: **Anales de filología francesa vol. 25** (2017)
- BANCOURT, Paul. **Les Musulmans dans les chansons de geste du cycle du roi, Aix-en-Provence** : Université de Provence, 1982.
- BANFIELD, Susan. **Carlos Magno**. São Paulo, Nova Cultural,. (Coleção Os Grandes Líderes - vol. 10), 1988.
- BARROS, Leandro Gomes de. **Batalhas de Oliveiros e Ferrabraz**. Typografia de Livraia Francesa Recife, 1913.
- BARTHÉLEMY, Dominique. **A cavalaria: da Germânia antiga à França do século XII**; Tradução: Néri de Barros Almeida e Carolina Gual da Silva. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.
- BAYARD, Jean Pierre. **História das Lendas**. Trad. Jeanne Marillier. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1957.
- BECKE, C. H. " ". **The Encyclopaedia of Islam. 1 (2nd ed.)**. Leiden, E.J. Brill. 1986.
- _____. **The Encyclopaedia of Islam. 2 (2nd ed.)**. Leiden, E.J. Brill. 1986.
- _____. **The Encyclopaedia of Islam. 4 (2nd ed.)**. Leiden, E.J. Brill. 1986.
- BECKMANN, Gustav A. **Onomastics of the "Chanson de Roland" Or: Why Gaston Paris and Joseph Bédier were both right**. Walter de Gruyter GmbH, Berlin/Boston, 2023.
- BÉDIER, Joseph. Richard de Normandie Dans Les Chansons de Geste In : **The Romanic Review Vol.1 n.2**, 1910.
- _____. **Les Legendes epiques, 3e edition**. Vol. II. Paris, 1926-1929.
- BENNETT, Philip E. Translating Charlemagne: the Insular French Experience In: **Institute for Advanced Studies in the Humanities**, The University of Edinburgh. s/d.
- BENOIT, Jean-Louis. **Autour de l'odeur de sainté, les parfums dans le monde chrétien**. IRIS, 2012, pp.55-89.
- _____. **Les Legendes epiques, 3e edition**. Vol. II. Paris, 1926-1929.
- BILLARDON DE SAUVIGNY, Edme Louis, **Essais historiques sur les mœurs des François, ou traduction abrégée des chroniques et autres ouvrages des contemporains, depuis clovis jusqu'à Saint-Louis. Tome 5 et dernier**. Paris, Chez Maillard d'Orwelle, 1792.
- BIRD, Jossalyn ; PETERS, Edward ; POWELL, James M.. **Crusade and Christendon : annotated documents in translation from Innocent III to fall of Acre, 1187-1291**. Philadelphia, Pennsylvania : University of Pennsylvania Press, , 2013.

BJUGGFALT-CHATEAUX, Michaela. *Le mythe de la mandragore : portrait et rémanences du Moyen Âge*. U.F.R. de Lettres Modernes, Université Charles de Gaulle – Lille 3-France, 2012.

BLANKS, David; FRASSETTO, Michael. **Western views of Islam in Medieval and Early Modern Europe : perception of Other**. New York : St,Martin Press, 1999.

BLOCH, Marc. **Reis Taumaturgos- o caráter sobrenatural do poder régio: França e Inglaterra**. Prefácio de Jacques Le Goff. Tradução: Júlia Mainard. São Paulo, Cia das Letras. 2 a Reimpressão, 1999.

_____. **A Sociedade Feudal**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

BLOCH. R. Howard. **Medieval French Literature and Law**. Berkeley: University of California Press, 1977.

_____. **Etymologies and Genealogies: A Literary Anthropology of the French Middle Ages**. University Of Chicago Press, 1986.

BODEL, Jean. **Trouvère artésien du XIIIe siècle, Le jeu de saint Nicolas**. Paris: Librairie ancienne Édouard Champion, 1925.

BOSWORTH, .C. E. ; VAN DONZEL, E. ; HEINRICHS, W. P. **The Encyclopaedia of Islam 4**. (3rd ed.). Leiden, E.J. Brill. 1997.

_____. **The Encyclopaedia of Islam** vol.06, Koninklijke Brill, Leiden, The Netherlands, 1997.

_____. AND the late LECOMTE .G . **Enciclopaedia of Islam vol. 09**. Netherlands: Leiden BRILL, 1997.

_____. **The Encyclopaedia of Islam** vol.10, Koninklijke Brill, Leiden, The Netherlands, 1997.

BOYER, Tina Marie, **The Giant Hero in Medieval Literature. (Explorations in Medieval Culture 2.)** Leiden and Boston: Brill, 2016.

BRADBURY, Jim. **Philip Augustus-King of France 1189-1223**. New York, Routledge, 2013.

BRANDIN, Louis. (ed). **La Chanson d'Aspremont", chanson de geste du xii^e siècle**, éd. Louis Brandin, Classiques Français du Moyen Age, 19 et 25 .Paris : Champion, 1919-21.

BRITTON, Dennis. **Becoming Christian: Race, Reformation, and Early Modern English Romance**. New York: Fordham University Press, 2014.

BROWN. Jonathan A.C. **Slavery and Islam**. ONEworld Publications, London, 2020.

BULL, Marcus. **The Western narratives of the First Crusade In : Thomas, David et al. Christian Muslim Relations a Bibliographical History** . Leiden ;: Brill, 2009.

BULLIET, Richard. **Conversion to Islam in the Medieval Period: An Essay in Quantitative History**. Cambridge: Harvard University Press, 1979.

BURY, John Bagnell [Ed.]. GWATTIN, H. M. • WHITNEY, James Pounder . **The Cambridge medieval history. 2: The rise of the Saracens and the foundation of the Western Empire**, The Macmillian Company, New York, USA, 1913.

CAMPO, J. E. (ed.) . **Encyclopedia of world religions, encyclopedia of Islam**. New York, USA: Gordon Melton, series Editor, Facts on File, Inc, 2009.

_____. **Encyclopedia of Islam**, New York: Infobase Publishing, 2009.

CALLAGHAN, Joseph F. **A History of Medieval Spain** .Cornel University Press. Ithaca. New York, 1975.

CARDINI, Franco. “O Guerreiro e o Cavaleiro”. In: LE GOFF, Jacques. **O Homem Medieval**. Lisboa: Editorial Presença, 1989.

CAROZZI et H. CAROZZI-TAVIANI. Pseudo-Méthode, *Description des derniers temps*, Cité d'après Cl. In **La fin des temps. Terreurs et prophéties au Moyen Âge**, Paris, 1999.

CARPEAUX, Otto Maria. **História da Literatura Ocidental vol. I**. Brasília. Senado Federal, Conselho Editorial, 2008.

CARVALHO, J. Moreira de. **História do Imperador Carlos Magno, e dos Doze Pares de França**. Tradução do castelhano ao português. Lisboa: Tipographia Rollandiana, 1863.

CASCUDO, Luis da Câmara. **Literatura Oral no Brasil**. 3ª ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1984.

_____. **Mouros, franceses e judeus: três presenças no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Global, 2001.

CATALÁN, Diego, La épica española: nueva documentación y nueva evaluación, Madrid: Fundación Ramón Menéndez Pidal, 2001. La Épica Española.

CHANDLER, John H.(ed) .The King of Tars: Introduction.Kalamazoo, MI: Medieval Institute Publications, 2015.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. Estudos avançados. São Paulo, v.11, n.5, p.173-191, jan.-abr. 1991.

CHAUCEER, Geoffrey. **The Complete Works of Geoffrey Chaucer in Seven Volumes** Volume V, Notes of Catenbury Tales, New York, Cosimo Inc.2008.

CHEVALIER Jean. **Dictionnaire des symboles : mythes, rêves, coutumes, gestes, formes, figures, couleurs, nombres**. Édition revue et augmentée. Paris: Robert Laffont Jupiter, 1982.

CAROZZI et H. CAROZZI-TAVIANI, **La fin des temps. Terreurs et prophéties au Moyen Âge**, Paris, 1999.

CODERA, Francisco: Narbona, Gerona y Barcelona bajo la dominación musulmana, in: **Anuari del Institut d'Estudis Catalans [ohne Bandzahl]** (1909-1910).

COHEN, Jeffrey Jerome. On Saracen Enjoyment: Some Fantasies of Race in Late Medieval France and England. **Journal of Medieval and Early Modern Studies**, v. 31, n. 1, Winter 2001.

COMFORT, William Wistar. "The Literary Rôle of the Saracens in the French Epic." **PMLA**, vol. 55, no. 3, Modern Language Association, 1940.

CONCILIUM LATERANUM III [1179-1179] Disponível em:
http://www.documentacatholicaomnia.eu/04z/z_1179179_Concilium_Lateranum_III_Documenta_LT.doc.html. Acesso em 22 de agosto de 2023.

CORBELLARI, Alain. Le paysage épique médiéval et sa réception moderne. In: **Le paysage rural au Moyen Âge. Actes du Congrès national des sociétés historiques et scientifiques**, « Paysages », Neuchâtel, 2010. Paris :Editions du CTHS, 2012. pp. 9-15.

CORDONNIER, Romain. **Entre mythe et réalité, l'utilisation de la figure de Charlemagne à la fin du Moyen Âge (XIVe-XVe siècles)**, master 2, Université de Grenoble 2, 2009.

COTTS, John D. **Europe's Long Twelfth Century Order, Anxiety, and Adaptation, 1095–1229 . (European History in Perspective.)**. New York: Palgrave Macmillan, 2013

CRONICAS de GOIMAR, pp.468 i 469. ENNUGUAIRÈ I, p.23 APUD J MILLÀS-VALLICROSA, J.M. **Textos dels historiadors àrabs referents a la Catalunya Carolíngia**. Institut d'Estudis Catalans, Barcelona, 1987.

CRUGTEN-ANDRÉ, Valérie Van. Quand l'autre est roux... In: **Travaux de Littérature. Les Grands Peurs. Vol. 2: L'Autre**. Geneva, 2004.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. São Paulo: EDUSC, 2002.

CURRY, Anne ; FOARD, Glenn. La bataille au Moyen Âge : où sont les morts ? In : **Le cimetière au village dans l'Europe médiévale et moderne** . Toulouse : Presses universitaires du Midi, 2015.

DA LITTERATURA DOS LIVROS DE CAVALLARIAS. – Vienna : Na imprensa do Filho de Carlos Gerold, 1872.

D'ARCAIS, Francesca Flores. Les illustrations des manuscrits français des Gonzague à la Bibliothèque de Saint-Marc », Essor et fortune de la *Chanson* de geste dans l'Europe et l'Orient latin. **Actes du IXe congrès international de la société Rencesvals pour l'étude des épopées romanes, Padoue-Venise, 29 août - 4 septembre 1982**, Modena, Mucchi, 1984.

DAGRON Gilbert. Byzance entre le djihâd et la croisade. Quelques remarques. In: **Le concile de Clermont de 1095 et l'appel à la croisade. Actes du Colloque Universitaire International de Clermont-Ferrand (23-25 juin 1995)** Rome : École Française de Rome, 1997. pp. 325-337.

DAS, Rosamandala. **Islam and the Vedas: The Koran and Vedic literature Reconciled**. Author House, Indiana, US, 2012 pg. 22

DE WEEVER, Jacqueline. **Sheba's Daughters: Whitening and Demonizing the Saracen Woman in Medieval French Epic**. NY and London: Garland Publishing, Inc., 1998.

DECLAREUIL, J. "A Propos de quelques Travaux Récents sur Le Duel Judiciaire." **Nouvelle Revue Historique de Droit Français et Étranger**, vol. 33, 1909, pp. 73–95.

DEHOUX, Esther ; UELTSCHI, Karin. **La main du parjure In : La trahison au Moyen Âge : De la monstruosité au crime politique (Ve-XVe siècle)**. Rennes : Presses universitaires de Rennes, 2010.

DESSAU, Adalbert. L'idée de la trahison au moyen âge et son rôle dans la motivation de quelques *Chansons* de geste . In: **Cahiers de civilisation médiévale**, 3e année (n°9), Janvier-mars, 1960. pp. 23-26.

DE LLANZA, I. R. Hispania en las provincias occidentales del Imperio durante la república y el Alto Imperio: una perspectiva arqueológica. Hispania: las provincias hispanas en el mundo romano. **Anais...Institut Català d'Arqueologia Clàssica (ICAC)**, 2009.

DIÉGUES JÚNIOR, Manuel. Características dos ciclos temáticos. In: **Literatura popular em verso: estudos**. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura / Fundação Casa de Rui Barbosa, 1973,tomo I.

_____. Literatura de cordel. Apresentação a BATISTA, S.N. **Antologia da literatura de cordel**. Natal: Gráfica Manimbu, 1977. pp. I-XXVI.

DOLAN GOMÉS, Miguel. Rex Parvus and Rex Nobilis? Charlemagne and the Politics of History (and Crusading) in Thirteenth-Century Iberia.In **The Legend in Medieval Latin Texts**, edited by Wilain J.Purkis and Matthew Gabriele, .Cambridge : D.S.Brewer, 2016(92-114).

DUBOST Francis, **Aspects fantastiques de la littérature narrative médiévale (XII-XIIIe siècles) : L'Autre, l'ailleurs, l'Autrefois**, tomes I et II, Paris, Honoré Champion, 1991.

DUBY, Georges et MANDROU, Robert. **Histoire de La Civilisation Française, Tome 1- Moyen Âge-XVI^e siècle** ,Paris : Librarie Arman Colin, 1968.

_____. **Idade Média na França (987-1460):De Hugo Capeto à Joana D'Arc**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

_____. **As três ordens ou o imaginário do Feudalismo**. 2ªed. Lisboa: Estampa,1994.

_____. **Idade Média, Idade dos homens: do amor e outros ensaios**, São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

DUFOUR Jean. Louis VI, roi de France (1108-1137), à la lumière des actes royaux et des sources narratives. In: **Comptes rendus des séances de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres**, 134^e année, N. 2, 1990. pp. 456-482.

DUGGAN, J. J.. **The Hero Roland and the Question of Intentionality**. Electronic Antiquity. Virginia Polytechnic Institute and State University. 14(1), 2010, pp.97-108.

DUVAL, Frédéric. **Lectures françaises de la fin du Moyen Âge**. Librairie Droz, Genève, 2007.

ECO, Umberto. (org). Idade Média. Bárbaros, cristãos e muçulmanos. Lisboa: Dom Quixote, 2011.

EDDÉ, Anne M. **Saladin**, Normandia, Ed. Flamarion, 2008.

EDGINGTON, Susan B. **‘Pagans’ and ‘Others’ in the *Chanson de Jérusalem* In Languages of Love and Hate: Conflict, Communication, and Identity in the Medieval Mediterranean**, edited by Sarah Lambert and Helen J. Nicholson. International Medieval Research, vol. 15. Turnhout: Brepols, 2012.

EGINHARDO. Vida de Carlomagno (trad. de Alejandra de Riquer). Barcelona: Gredos, 1999. Introdução.

EINHARDI. **Vita Karoli Magni**, in bibliopolio aulico Hahniano, 1829.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador vol. 1**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.
_____.; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

ENNUGUAIRÈ I, p. 23. APUD MILLÀS- VALLICROSA, J.M. **Textos dels historiadors àrabs referents a la Catalunya Carolíngia**. Institut d’Estudis Catalans, Barcelona, 1987.

FAGIOLO, Sofía. San Guillermo de Gellone, caballero y monje .In: **Revista digital de iconografía medieval, Vol. 10, Nº. 20**, 2018.

FALK, Avner. **Franks and Saracens: Reality and fantasy in the Cruzades**. Londres: Karnac Books, 2010.

FARIA, Ernesto. **Vocabulário Latino-Português**. Livraria Garnier-Belo Horizonte-MG, 2001.p.79.

FARNSWORTH, William Oliver, **Uncle and nephew in the Old French chansons de geste; a study in the survival of matriarchy** . New York, Columbia university press, 1913.

FAURIEL, Claude. Fierabras .**Histoire Littéraire de la France**, 22, 1852, Reprint Krauss 1971.

FERRETTI, Mundicarmo. Repensando o turco no tambor-de-mina. **Afro-Asia**, 15, 1992, (56-70).

_____. Tambor de Mina e Umbanda: o culto aos caboclos. **CEUCAB-RS: O Triângulo Sagrado**, Porto Alegre, ano 3, n. 39, 1996.

_____. Encantados e encantarias no folclore brasileiro. **Anais seminário de ações integradas em folclore**, 6, (pp. 1-6). São Paulo: Comissão Paulista de Folclore/Abaçai Cultura e Arte, 2008.

FIDENTIUS of Padua, Liber recuperationis terrae sanctae, in Girolamo Golubovich, ed., **Biblioteca bio-bibliographica della terra santa e dell’ oriente francescano**, 5 vols. (Quaracchi: Collegio di S. Bonaventura, 1906–27)

FIERRO, Maribel. "Decapitation Of Christians And Muslims In The Medieval Iberian Peninsula: Narratives, Images, Contemporary Perceptions." **Comparative Literature Studies**, vol. 45, no. 2, 2008.

_____. "Histoire de l'Islam, des Berbères et de l'Occident islamique". VALERIAN, Dominique. In: **Les Berbères entre Maghreb et Mashreq (VIIe-XVe siècle)**. Madrid: Casa de Velázquez, 2021.

FLORI, Jean. "La caricature de l'Islam dans l'Occident médiéval. Origine et signification de quelques stéréotypes concernant l'Islam," in **Aevum** 66 (1992): 245-256.

_____. **Pour une redéfinition de la croisade**. Cahiers de civilisation médiévale, n.188, 2004.

_____. **El islam y el fin de los tiempos: La interpretación profética de las invasiones musulmanas em la Cristiandad medieval**. Madrid: Ediciones Akal, 2010.

FOLTZ, Richard C. **Animals in Islamic Tradition and Muslim Cultures**, Oneworld Publications Oxford, England, 2006.

FONSECA, Fábio. **O triunfo do bem sobre o mal no sertão nordestino**. XXV Simpósio Nacional de História. Anais ... Fortaleza: UFC, 2009

FRANCIS, Edgar. **Magic and Divination in the Medieval Islamic Middle East**. History Compass, 9, 2011.

FRANCO JR, Hilário. **A Idade Média: nascimento do Ocidente**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2001.

FRASSETO, Michael; BLANKS, David. **Western Views of Islam in Medieval and Early Modern Europe: Perception of Other**. New York : Palgrave Macmillan, 1999.

_____. **Christans and Muslims in the Middle Ages from Muhammad to Dante**. Lexington Books, London-UK, 2020.

FREIDENREICH, David.M. Muslims in Western canon law, 1000-1500 In : Thomas, David et al. **Christian Muslim Relations a Bibliographical History** . Leiden: Brill, 2009.

FRIBERG, Aemilius. **Corpus Iuris Canonici**. The Lawbook Exchange, Union New Jersey, 2000.

FRIED, Johannes. **Charlemagne**. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 2016.

FRIEDMAN, Yvonne. **Encounter between Enemies : Captivity and Ransom in the Latin Kingdow of Jerusalém**. Kölninklijke Brill NV, Leiden, The Netherlands, 2002.

GABRIELE, Matthew ; STUCKEY, Jace. **The Legend of Charlemagne in the Middle Ages: Power, faith, and Crusade** .New York, Palgrave Macmillan, 2008.

GABRIELI, Francesco. **Arab Historians of the Crusades** .Routledge Revivals, Trans. E.J. Costello, London: Routledge, 2009.

GARCÍA, Elena González-Blanco. Sarracín, sarraceno y su campo semántico. Un problema léxico abierto. *Interlinguística*, n. 17. 2007.p.p.445-454.

GASSMANN, Jürg. “East meets West: Mounted Encounters in Early and High Mediaeval Europe.” *Acta Periodica Duellatorum* 5, no. 1 (2017): 75–108.

GAUTIER, Leon .**La Chanson de Roland- Texte critique et commentaire**. Tours, Alfred Mame et Fils, 1875.

GEREMECK, Bronislaw. “O Marginal”. In: LE GOFF, Jacques. **O Homem Medieval**. Lisboa: Editorial Presença, 1989.

GERRITSEN ,W. P., VAN MELLE A. G. and GUEST ,T., **A Dictionary of Medieval Heroes: Characters in Medieval Narrative Traditions and Their Afterlife in Literature, Theatre and the Visual Arts** , Boydell & Brewer, UK,1998.

GILES, Ryan D. Converting the Saracen: The Historia del emperador Carlomagno and the Christianization of Granada. In: BAILEY, Matthew e _____, _____. (ed). **Charlemagne and his legend in Early Spanish literature and historiography**. Cambridge: D. S. Brewer. 2016, (p. 123-148.).

GODEFROI.Frédéric. **Dictionaire de L’ancienne Langue Française du IX^e au XV^e Siècle tome Premier**, Paris : F. Vieweg Librairie Editeur,1883.

GONTHIER, Nicole. Chapitre III. À tout crime, un châtiment **In : Le châtiment du crime au Moyen Âge : xiie-xvie siècles**. Rennes : Presses universitaires de Rennes, 1998.

GOURLAY, Kristina ‘Faire Maide’ or ‘Venomous Serpente’: The Cultural Significance of the Saracen Princess Floripas in France and England, 1200-1500”,2002 , **thesis For the degree of Doctor of Philosophy Graduate Department o f the Centre for Medieval Studies University o f Toronto**.

GOURMONT, Rémy de. **Le latin mystique. Les poètes de l’antiphonaire et la symbolique au Moyen Âge**, Paris, 1913.

GOUVEIA, L. B. (2010). **Par penitence les cumandet a ferir: A legitimação do combate contra os pagãos na Chanson de Roland e na Chanson de Guillaume**.

GRABOÏS, Aryeh. Charlemagne, Rome and Jerusalem. In: **Revue belge de philologie et d’histoire**, tome 59, fasc. 4, 1981. Histoire médiévale, moderne et contemporaine — Mitteleeuwse, moderne en hedendaagse geschiedenis. .

GRIFFE, Élie. La razzia sarrasine de 793 en Septimanie. Bataille de l’Orbieu ou Bataille de L’Orbiel ? . In: **Annales du Midi : revue archéologique, historique et philologique de la France méridionale**, Tome 53, N°211, 1941.

GRINBERG, Anatolly A, « The lady, the giant, and the land: the monstrous in Fierabras », **eHumanista**, 18, 2011.

_____. (Un)stable Identities : : Impersonation, Conversion, and Relocation in **Historia del emperador Carlo Magno y los doce pares**. eScholarship, University of California, USA,2013.

_____. Religious Identity, Loyalty, and Treason in the Cycle du roi **In : Treason: Medieval and Early Modern Adultery, Betrayal, and Shame. Explorations in Medieval Culture 10.** Leiden: Brill, 2019.

GRUBER, Christiane. Images of the Prophet Muhammad: Brief Thoughtson Some European-Islamic Encounters. **In : Seen and Unseen: Visual Cultures of Imperialism.** Leiden, The Netherlands: Brill, 2018.

GUICHARD, Pierre(dir);MENJOT, Denis. **Pays d'Islam et monde latin, Xe-XIIIe siècle: textes et documents.** Lyon: Presses Universitaires de Lyon, 2000.

_____. "Islā". In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude (Coord.). **Dicionário Analítico do Ocidente Medieval.** Vol. I. Traduzido por Hilário Franco Júnior et alii. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

HARRISON,Ann Tukey. Aude and Bramimunde: Their Importance in the Chanson de Roland In: **The French Review.** Vol. 54, No. 5 (Apr., 1981).

HAWTING, G.R **The Idea of Idolatry and the Emergence of Islam: From Polemic to History** Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

HENG, Geraldine. **The Invention of Race in the European Middle Ages.** Cambridge: Cambridge University Press, 2018.

HENTSCH, T. **L'Orient méditerranéen du Moyen âge chrétien : La rencontre de l'Islam.** *Études internationales*, 17(3), 1986, 509–533.

HERDE, Christopher Michael, "A new fantasy of crusade : Sarras in the vulgate cycle." (2019). Electronic Theses and Dissertations. Paper 3226.

HIFDIL, Muhammad. Islam And Civilization (Analysis Study On The History Of Civilization In Islam) In: **Al-Insyiroh: Jurnal Studi Keislaman Vol 5, No 1 (2019)**, STAI Darul Hikmah Bangkalan,Indonesia,

HITTI, Philip K. **History of the Arabs from Earliest Times to the Present.** London: MACMILLAN PUBLISHERS LTD, 1970.

HURVITZ, Nimrod, C. Sahner, Christian, SIMONSOHN, Uriel and YARBROUGH ,Luke, eds. **Conversion to Islam in the Premodern Age: A Sourcebook.** Oakland, California: University of California Press, 2020.

IBN Shaddād, Bahā' ad-Dīn [1228]. **The Rare and Excellent History of Saladin.** Richards, D.S. (trans.). 2nd ed. Ashgate Publishing,2004.

IRUJO, Xabier. **Charlemagne's Defeat in the Pyrenees: The Battle of Rencesvals, Amsterdam:** Amsterdam University Press, 2021.

J. BARBIER, « **Le système palatial franc : genèse et fonctionnement dans le nord-ouest du regnum** », *Bibliothèque de l'École des Chartes*, 148, 1990.

J. D. LATHAM and Lt. Cdr. W. F. PATERSON, **Saracen Archery, an English Version and Exposition of a Mameluke Work on Archery (ca. A. D. 1368)**, Holland Press, London. 1970.

JESON. NG. Women of the Crusades: The Constructedness of the Female Other, 1100–1200. **Al-Masāq: Journal of the Medieval Mediterranean**, Cambridge, UK, 2019.

JOKINEN, Anniina. "**Heroes of the Middle Ages.**" *Luminarium*. 3 Feb 1998.

JONES.C.M The Conventional Saracen of the Songs of Geste. **Speculum**, 17 N.2 (Abr.1992), pp.201-225. The University of Chicago Press on behalf of the Medieval Academy of America, <https://doi.org/10.2307/2856363> .

JULLIAN, C. La tombe de Roland à Blaye. In: **Romania**, tome 25 n°98, 1896.

KAHF, Mohja. **Western Representations of the Muslim Woman: from Termagant to odalisque** .Austin, TX, University of Texas Press, 1999.

KELLER, , Hans-Erich. Saint Sylvester in 'La Chanson De Roland. **Olifant**, vol. 11, no. 3/4, 1986, pp. 189–203.

KHANMOHAMADI, Shirin A. (2017), "Durendal, Translated. Islamic Object Genealogies in the chansons de geste", in: **Postmedieval** 8, 321–333.

KINOSHITA, Shannon ; CALKYN, Siobhain Bly. Saracens as idolaters in European vernacular literature. In: **Christian -Muslims Relations A Bibliographical History vol ,4 (1200-1350)**. Leiden, The Netherlands: Brill, 2012.

_____, "Saracens as idolaters in European vernacular literatures", in: **Christian-Muslim Relations 600 - 1500**, General Editor David Thomas.

KÖNIG ,Daniel G.: Charlemagne's ›Jihād‹ Revisited. Debating the Islamic Contribution to an Epochal Change in the History of Christianization. In: **Medieval Worlds . 3** (2016),

KOSTO.Adam. **Hostages in the Middle Ages**, Oxford, Oxford University Press, 2012.

KREUTZ ,Barbara M., **Before the Normans : Southern Italy in the Ninth and Tenth Centuries**, University of Pennsylvania Press, 1996.

LAGE, G. Raynaud de. "L'inspiration de La Prière « Du Plus Grand Péril »". In : **Romania** 93, no. 372 (4), 1972, 568–70.

LANGE, Christian. **Locating Hell in Islamic Traditions**. Leiden: BRILL, 2016.

LANKILA ,Tommi P., The Saracen Raid of Rome in 846 : An Example of Maritime Ghazw. In **Sylvia Akar ;Jaakko Hämeen-Anttila ; Inka Nokso-Koivisto. Travelling through Time : Essays in honour of Kaj Öhrnberg**. *Studia Orientalia*, vol. 114, 2013.

LATHAM,J. D and. PATERSON,W.F., **Saracen Archery, an English Version and Exposition of a Mameluke Work on Archery (ca. A. D. 1368)**, Holland Press, London. 1970.

LATOWSKY, Anne. "Charlemagne as Pilgrim? Requests for Relics in the Descriptio qualiter and the Voyage of Charlemagne" in Matthew Gabriele and Jace Stuckey, eds. **The**

Legend of Charlemagne in the Middle Ages: Power, Faith, and Crusade. New York & London: Palgrave MacMillan, 2008.

_____. **Emperor of the World. Charlemagne and the Construction of Imperial Authority 800–1229.** Cornell University Press: Ithaca / New York 2013.

LE BAS. **Historia de Francia** Tomo I, Barcelona, 1841.

LE CADET, Nicolas 1980-. "Le Monde De L'édition Humaniste Et La Naissance De Pantagruel (ch. Xxx)." **Réforme, Humanisme, Renaissance** 82/83, no. 1/2 (2016): 25-44.

LE GOFF, Jacques. **A Civilização do Ocidente medieval vol. II** 1ªed...Lisboa: Ed. Estampa, 1994.

_____. **Os Intelectuais na Idade Média.** Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

_____. **A Civilização do Ocidente Medieval.** São Paulo: Edusc, 2005.

_____. TRUONG, Nicolas. **Uma história do corpo na Idade Média.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

_____. **O Deus da Idade Média.** Conversas com Jean-Luc Pouthier. Tradução de Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

_____. **Heróis e Maravilhas da Idade Média.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

LE JAN, Régine. Famille et pouvoir dans le monde franc (VIIe-Xe siècle) : **Essai d'anthropologie sociale.** Nouvelle édition. Paris : Éditions de la Sorbonne, 2003.

LE PERSON, Marc. **Fierabras : chanson de geste du XII siècle.** Éditions Champions, Paris, 2003.

LECOUTEUX, Claude. **The Hidden History of Elves and Dwarves : Avatars of Invisible Realms, Inner Traditions,** Rochester-Vermont, 2018.

LEVILLAIN, L., 'Essai Sur Les Origines Du Lendit', *Revue Historique*, 155 (1927), 241-276

LEWIS, Bernard. **Os Árabes na História.** Lisboa: Ed. Estampa, 1990.

LEWIS.B, PELLAT, CH AND SCHACHT, J. **Enciclopaedia of Islam vol.II.** Netherlands: Leiden BRILL, 1991.

LIBER SANCTI JACOBI. **Codex Calixtinus. Libro IV. Historia Turpini.** Transcripción latina de K. Herbers y M. Santos Noia. XUNTA DE GALICIA, 2001.

LOYN, H.R. (Org.) **Dicionário da Idade Média.** Trad. de Álvaro Cabral, 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.

LLULL, Ramon. **O Livro da Ordem de Cavalaria.** Tradução Ricardo da Costa. São Paulo: Giordano, 2000.

LOMBARD-JOURDAN, Anne. Les foires de l'abbaye de Saint-Denis: *Revue des données et révision des opinions admises*, **Société de l'École des Chartes** 145 (1987): p.273–337.

_____. «Munjoie !», Montjoie et Monjoie. Histoire d'un mot. In: **Nouvelle revue d'onomastique**, n°21-22, 1993.pp. 159-180.

LOT, Ferdinand. Quelques mot sur l'origine des Pairs de France In : **Revue historique,- Tome LIV.** Paris : Presses Universitaires de France, 1893.

LUCHAIRE. Achile. Louis V I le Gros. *Annales de sa vie et de son regne (1081-1137)* avec une introduction historique, Paris Alphonse Picard, 1890.

LUCKEN, Christopher. Les Sarrasins ou la malédiction de l'autre. In: **Médiévales en ligne**, Vincennes, v. 46, 2004. Disponível em: <<http://medievales.revues.org/1600>>. Acesso em: 17/08/2023.

MACDONALD .D.B. **The Encyclopaedia of Islam.6** . Leiden, E.J. Brill. 1991, vol. 6.

MACEDO, José Rivair. *A Mulher Na Idade Media*. 5º. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

_____. Mouros e cristãos : a ritualização da conquista no velho e no Novo Mundo », **Bulletin du centre d'études médiévales d'Auxerre | BUCEMA** [En ligne], Hors-série n° 2 | 2008, mis en ligne le 25 janvier 2009.

MANDACH, André. **Naissance et développement de la chanson de geste en Europe, Volume 5**. Geneve : Librairie Droz, 1987.

MANDEVILLE, J. (1900). **The travels of Sir John Mandeville: the version of the Cotton manuscript in modern spelling with three narratives in illustration of it**. London: Macmillan.

MANZANO, Eduardo. Circulation de biens et richesses entre al-Andalus et l'Occident européen aux viii-e-xe siècles. In : FELLER, Laurent (dir.) ; RODRÍGUEZ, Ana (dir.). **Objets sous contrainte : Circulation des richesses et valeur des choses au Moyen Âge. Nouvelle édition**. Paris : Éditions de la Sorbonne, 2013.

MARECHAUX, Bernard-Marie. **La Réalité des apparitions angéliques**. Paris, Bibliothèque des sciences psychiques, 1901.

MARTIN Georges. Un récit (La chute du royaume wisigothique d'Espagne dans l'historiographie chrétienne des VIIIe et IXe siècles). In: **Annexes des Cahiers de linguistique hispanique médiévale, volume 11**, 1997. Histoires de l'Espagne médiévale (historiographie, geste, romancero) pp. 11-42;

MARTIN, Richard C., ed. **Encyclopaedia of Islam and the Muslim World**. New York: Macmillan USA. 2004.

_____.et al, - **Encyclopedia of Islam and the Muslim World**-Gale, Farmington Hills, Mich, 2016.

MCKITTERICK. Rosamond. **Charlemagne: The formation of a European Identity**. New York, Cambridge University Press, 2008.

_____. The papacy and Byzantium in the seventh- and early eighth-century sections of the Liber pontificalis In : **Papers of the British School at Rome 84**, 2016.

MELY de, F. “Les Reliques de La Sainte-Couronne D’épines D’aix-La-Chapelle et de Saint-Denis.” **Revue Archéologique**, vol. 35, Presses Universitaires de France, 1899.

MENENDEZ PIDAL, Ramòn. **La epopeya castellana a través de la literatura española**. (1945). Madrid: Espasa-Calpe, 1974.

MERI, Joseph W.(ed) Bacharach[et.al]. **Medieval Islamic civilization : an encyclopedia** Routledge, New York, NY, EUA, 2006.

MERRILEES, Brian. **The Latin-French dictionarius of Firmin Le Ver (1420-1440)** in: ZüriLEX '86 Proceedings: Papers read at the EURALEX International Congress, University of Zürich, 9-14 September 1986, 1988.

MGH, SRG in usum scholarum, vol. 6, p. 50. **Carolingian Chronicles: Royal Frankish Annals and Nithard's Histories**, trans. Bernhard Walter Scholz with Barbara Rogers (Ann Arbor, MI: University of Michigan Press, 1972).

MICHARD, Laurent & LAGARDE, André. **Moyen Age** . Paris: Ed.Bordas,1963.

MILLÂS- VALLICROSA,J.M. **Textos dels historiadors àrabs referents a la Catalunya Carolíngia**. Institut d'Estudis Catalans,Barcelona, 1987.

MOFFAT, Marjorie. **The Châteauroux Version of the "Chanson de Roland" : a Fully Annotated Critical Text**. Berlin: de Gruyter Mouton, 2013.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. São Paulo: Cultrix, 1997.

MOLINIER, Auguste. Molinier Auguste. **Les Sources de l'histoire de France - Des origines aux guerres d'Italie (1494). I. Époque primitive, mérovingiens et carolingiens**. Paris : A. Picard et fils, 1901.

MONTEIRO,João Gouveia;MARTINS,Miguel Gomes; AGOSTINHO, Paulo Jorge. **Guerra e Poder na Europa Medieval: das Cruzadas à Guerra dos Cem Anos**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra,2015.

MORERA, Dário Fernández .**The Myth of the Andalusian Paradise Muslims, Christians, and Jews under Islamic Rule in Medieval Spain**. Wilmington, Delaware, ISI Books, 2016.

MORRISSEY,Robert.Charlemagne and France: A Thousand Years of Mythology. Translated by, Catherine Tihanyi. The Laura Shannon Series in French Medieval Studies. Notre Dame, IN: University of Notre Dame Press, 2003

MORSEL, J. **La aristocracia medieval. El dominio social em Occidente (siglos V-XV)**. Universitat de València, 2008.

M.Ph LE BAS. **Historia de Francia** Tomo I, Barcelona,1841.

NADHIRI, Aman Y. **Saracens and Franks in 12th- 15 th Century European and Near Eastern Literature'Perceptions of Self and the Other**. New York: Routhledge ,2017..

NASCIMENTO, Maria Filomena Dias. Ser mulher na Idade Média. Textos de História, v.5, nº1, p.

NICHOLSON, Helen; NICOLE,David. **Gods Warriors Crusaders. Saracens and The Battle for Jerusalem**. New York: Oxford University Press, 1999.
_____. **Medieval Warfare: Theory and Practice of War in Europe, 300–1500**. New York: Palgrave Macmillam, 2004.

NILES, John D.. "The Ideal Depiction of Charlemagne in “La *Chanson de Roland*””. In: **Viator** vol. 7, Berkeley: University of California Press, 2020, pp. 123-140.

NIMER, Miguel. **Influências Orientais na Língua Portuguesa: os vocábulos árabes, arabizados, persas e turcos: etimologia, aplicações analíticas**. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

NISO, Rebeca Lázaro. La Leyenda de Bernardo del Carpio y su proyección en la Literatura. In: **Cuadernos de Aleph**, 7, 2015, (pp.79-95).

O'HARA, Ruth. **An Assessment of the Notitia Dignitatum as a Historical Source for the Late Roman Bureaucracy**. PhD thesis, National University of Ireland Maynooth, 2013.

OTTEWILL-SOULSBY, Samuel. **Those same cursed Saracens’: Charlemagne’s campaigns in the Iberian Peninsula as religious warfare**. Sidney Sussex College, Cambridge 2016.

PAPA SICCA, Amália. “Animais Domésticos, selvagens, imaginários”: In: ECO, Umberto. **Idade Média, Bárbaros, Cristãos e Muçulmanos**, Trad. Bonifácio Alves, Alfragide: Dom Quixote, 2011.

PARÉ, Moussa et al. Stéréotype et Image de l’autre> L’Espagne musulmane à travers la Chanson de Roland. In: **RSS -PASRES Revue des Sciences Sociales**, Côte D’Ivoire, 2011.

PARIS, Gaston. *Historie Poétique de Charle Magne*. tese de doutorado apresentada na Universidade de Sorbonne em dezembro de 1865,

PARIS, Paulin. **Histoire littéraire de la France. Vol. XXVI**, Paris, 1873.

PAVIOT, Jacques. **Projets de croisade(v.1290-v.1330.)**. Académie des Inscriptions et Belles-Lettres, Paris, 2008.

PEREIRA, R. C. M. Práticas de Magia e Personagens Mágicas nas Fontes Eclesiásticas do Ocidente Medieval. **Politéia** (Vitória da Conquista), Vitória da Conquista- BA, v. 1, n.1, 2001, pp.69-87.

PICARD, Christophe. “Le Passé Antique et l’histoire d’al-Andalus Chez Les Auteurs Arabes.” **Pallas**, no. 63, 2003.

PONCEAU, JEAN-PAUL(ed). **Estoire del saint graal**, Paris: Honoré Champion, 1997.

RABANIS, Robert François. **Essai Critique sur les Merovigiens d’Aquitaine et la chartre d’Alon**. Bordeaux: H.Faye, 1841.

RAMEY, Lynn. **Christian. Saracen and Genre in Medieval French Literature**. New York: Routledge, 2001.

REINAUD, Joseph Toussaint. **Invasions des Sarrazins en France et de France en Savoie, en Piémont et dans la Suisse, pendant les 8e, 9e et 10e siècles de notre ère, d’après les auteurs chrétiens et mahométans**, Paris, 1836.

REY, Alain (dir.), **Dictionnaire historique de la Langue française**, Paris, Dictionnaires Le Robert, 2011.

RIBEIRO, Lêda Tâmega. **Mito e poesia popular**. Rio de Janeiro: FUNARTE / Instituto Nacional do Folclore, 1987.

RICHARDS, Jeffrey. **Sexo Desvio e Danação**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

ROBERT THE MONK, **The Historia Iherosollimitana of Robert the Monk**, A tradução em inglês de Edward Peters, ed., *The First Crusade: The Chronicle of Fulcher of Chartres and Other Source Materials*, 2nd ed. Philadelphia, 1998.

RODRÍGUEZ CASILLAS, Carlos J.: “Geraldo ‘Sempavor’: las hazañas de un guerrero portugués por tierras extremeñas”, em **Coloquios Históricos de Extremadura**, Trujillo, 2009. (693-715)

ROLAND, Alex. “Secrecy, Technology, and War: Greek Fire and the Defense of Byzantium, 678-1204.” **Technology and Culture**, vol. 33, no. 4, The Johns Hopkins University Press, Society for the History of Technology, 1992.

ROGUET, Yves. Gloutonnerie, gourmandise et caquets In : **Banquets et manières de table au Moyen Âge. Aix-en-Provence** : Presses universitaires de Provence, 1996.

ROSSI, Marguerite. La prière de demande dans l'épopée In : **La prière au Moyen Âge : Littérature et civilisation. Aix-en-Provence**: Presses universitaires de Provence, 1981, pp.449-475

RUCQUOI Adeline. La France dans l'historiographie médiévale castillane. In: *Annales. Economies, sociétés, civilisations*. 44^e année, N. 3, 1989. (pp. 677-68), p. 677-679

_____. **História Medieval da Península Ibérica**. Lisboa: Estampa, 1995.

RUGGIERI, Ruggero M. Expressivité et polymorphisme dans l'onomastique de l'ancienne littérature chevaleresque française et italienne -In: **Le Moyen Âge vol. 71** (1965).

SABBATINI, Ilaria. **The physiognomy of the Enemy: The image of Saracens** in: *Travel Literature in Travel Poetics*, International Journal of Travel Writing v.4, 2015.

SÃO Bernardo, **De laude novae militiae**, s/d

SAID, Edward. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SANTOS COCO, Francisco. **Historia Silense** Edición preparada por F. Santos Coco. Junta para ampliación de estudios e investigaciones históricas. Centro de Estudios históricos, Madrid, 1921.

SAVAGE-Smith, Emilie (ed.), **Magic and Divination in Early Islam, The Formation of the Classical Islamic World 42**. Wiltshire, UK: Ashgate Variorum, 2004.

SCHMITT, Jean Claude. **Le Corps, Les Rites, Les Rêves, Le Temps : Essais D'anthropologie Médiévale**. Paris, Gallimard, 2001.

_____. **O corpo das imagens: ensaios sobre a cultura visual na Idade Média**. Bauru, SP: EDUSC, 2007

SEGESVARY, Victor. **L'Islam Et Le Réforme: Etude Sur L'Attitude Des Réformateurs Zurichois Envers L'Islam, 1510-1550.** Lausanne: L'Age d'homme, 1977.

SETTON, Kenneth M.A. **History of the Crusades, vol.II The Later Crusades, 1189-1311.** The University of Wisconsin Press, Madison, Milwaukee, and London, 1969.

SHAHÎD, Irfan. **Rome and the Arabs: A Prolegomenon to the Study of Byzantium and the Arabs.** Pp. xxxi+193. Washington, D.C.: Dumbarton Oaks, 1984.

SHALEM, A. **The Oliphant.** Leiden, The Netherlands: Brill, 2004.

SILVA, Regina Célia de Lima e . O poder da memória e da voz da yalorixá no Terreiro da Turquia. Contações da narrativa de Carlos Magno no Tambor de Mina maranhense.. In: **V Enletrarte. Territórios da Memória: Nas dobras da imaginação.**, 2011, Campos dos Goytacases.. V Enletrarte.. Campos dos Goytacases: Essentia Editora, 2011.

_____. **História do Imperador Carlos Magno e dos doze pares de França na Encantaria do Tambor de Mina maranhense: do livro à voz no Terreiro da Turquia** -Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, 2015.

SIMONSOHN, Uriel. The Islamic Commonwealth (ca. tenth–thirteenth centuries) **In: Conversion to Islam in the premodern age : a sourcebook.** Califórnia : University of California Press, 2020.

SMITH. Jonathan Riley. **The Oxford History of The Crusades.** New York. *Oxford* University Press, 1999.

SMITH, Katherine Allen. **War and the Making of Medieval Monastic Culture. (Studies in the History of Medieval Religion).** Woodbridge, UK: Boydell, 2011.

SPINA, Segismundo. **Manual de Versificação Românica Medieval.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

STERZA, Valentino. **Plantas Mágicas no Medievo: Mulheres, Magia e Igreja,** (monografia) UFPB/PB João Pessoa, 2019.

STRANGERS, John A. The significance of Bramimonde's Conversion in The Song Of Roland IN : **Romance Notes Vol. 16**, No. 1 (Autumn, 1974), pp. 190-196.

STUCKEY, Jace. "Charlemagne as Crusader? Memory, Propoganda, and the Many Uses of Charlemagne's Legendary Expedition to Spain" in Matthew Gabriele and Jace Stuckey, eds. **The Legend of Charlemagne in the Middle Ages: Power, Faith, and Crusade.** New York & London: Palgrave McMillan, 2008.

The Song of Girart of Vienne ,Bertrand de Bar-sur-Aube, a twelfth-century *Chanson de geste* translated by Michael A. Newth, Tempe, Arizona Center for Medieval and Renaissance Studies (Medieval and Renaissance Texts and Studies, 196), 1999.

THOMAS, D., and A. MALLETT. "La *Chanson De Roland*". **In Christian-Muslim Relations. A Bibliographical History. Volume 3 (1050-1200).** (Leiden, The Netherlands: Brill, 2011.

- TOLAN, Jonh. Muslims as Pagan Idolaters in Chronicles of the First Crusade In: BLANKS, D. R. e FRASSETTO, M. **Western views of Islam in medieval and early modern Europe: perception of other**. New York: St. Martin's Press, 1999.
- _____. **Saracens: Islam in the Medieval European Imagination**. New York: Columbia University Press, 2002.
- _____. Super explanationem Lamentationum Ieremie prophete, 'Commentary on the Lamentations of the prophet Jeremiah' In **Christian Muslim relations : a bibliographical history Volume 3 (1050-1200)**. Koninklijke Brill NV, Leiden, The Netherlands, 2011.
- _____. « Au-delà des mythes de la coexistence interreligieuse : contacts et frictions quotidiens d'après des sources juridiques de l'Espagne médiévale », in **Cahiers de la Méditerranée 86**, 2013.
- TRACY, Larissa , **Treason: Medieval and Early Modern Adultery, Betrayal, and Shame. Explorations in Medieval Culture 10**. Leiden: Brill, 2019.
- TRUITT, Elly R. "The Virtues of Balm in Late Medieval Literature." **Early Science and Medicine 14**, no. 6 (2009).
- VASSALO, Lígia. **A Canção de Roland**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.
- VAUCHEZ, André, SÈRE, Bénédicte, « **Les chrétiens d'occident face aux juifs et aux musulmans au Moyen Âge. XIe-XVe siècle** », Recherches de Science Religieuse, 2012, 2 (Tome 100).
- VÖRÖS, Zsófia. "**La langue comme outil ou obs-tacle de communication entre Orient et Occident dans les Chansons de geste**.", 2015.
- VULGATA. WEBER, Robert. *Biblia Sacra Iuxta Vulgatam Versionem* Deutsche Bibelgesellschaft, Stuttgart, © 1969, 2007.
- WALKER, Judith Margareth. **The Saracens in the Thirteenth-Century Chansons de Geste and Romances**, London University (Thesis), London-UK, 1962.
- WALSHAM, Alexandra .**Introduction: Relics and Remains, Past & Present, Volume 206, Issue suppl.5**, 2010, pp. 9–36.
- WALTER, Ph. L'inceste de Charlemagne et de sa soeur. Essai d'herméneutique d'une rumeur historique au Moyen Âge. **HERSETEC: Journal of Hermeneutic Study and Education of Textual Configuration**, 4-1, 2010.
- WATT, W. Montgomery. *The Influence of Islam on Medieval Europe*. Edinburg: Edinburg University Press, 1972.
- WILKIN, Alexis. Quelques réflexions sur la circulation contrainte des objets au haut Moyen Âge Entre contrainte institutionnelle ritualisée et pillage. In : FELLER, Laurent (dir.) ; RODRÍGUEZ, Ana (dir.). **Objets sous contrainte : Circulation des richesses et valeur des choses au Moyen Âge. Nouvelle édition**. Paris : Éditions de la Sorbonne, 2013.
- WRITE, Thomas (ed) **ARCULF et al. Early Travels in Palestine Comprising the Narratives of Arculf, Willibald, Bernard, Sæwulf, Sigurd, Benjamin of Tudela, Sir John Maundeville, de la Brocquière, and Maundrell**, George Woodfall and Son, London, 1848.
- ZAKARIA An-Nawawi. **Os Quarenta Hadith (Ditos)**, tradução para o português de Rodrigo Abu Abdurrahman. 2007.
- ZIERER, Adriana. Oralidade, Ensino e Imagens na *Visão de Túndalo*. **Domínios da Imagem**, Londrina, v. 3, v. 6, p. 7-22, 2010.
- _____. ; DUARTE, Andreia K; CAMPOS, João Vitor N.de. O imaginário medieval: as representações do diabo no teatro vicentino. **Todas as Musas - Revista de Literatura e das Múltiplas Linguagens da Arte**, vol.11. São Paulo, Jul-Dez 2020.